UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

EMANUEL DE ANDRADE FREIRE

Dom Helder Camara:
Igreja e Imprensa durante a Ditadura Militar

São Paulo
2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

EMANUEL DE ANDRADE FREIRE

Dom Helder Camara:
Igreja e Imprensa durante a Ditadura Militar

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo,
como exigência para obtenção do título de doutor em
Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Reimão

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura: _____ Data ____/____/____

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Freire, Emanuel de Andrade
Dom Helder Camara: Igreja e Imprensa durante a Ditadura Militar / Emanuel de Andrade Freire ; orientador, Sandra Reimão. -- São Paulo, 2020.
185 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Dom Helder Camara 2. Igreja 3. Ditadura Militar 4. Imprensa 5. Comissão da Memória e Verdade I. Reimão, Sandra II. Título.

CDD 21.ed. - 070

EMANUEL DE ANDRADE FREIRE

Dom Helder Camara: Igreja e Imprensa durante a ditadura militar

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutorado em Ciências da Comunicação.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Reimão

Instituição: USP Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À memória de Dom Helder Câmara, de minha avó Olivia
Andrade e de meu pai Manoel Freire

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa que resultou na construção desta tese para conclusão do doutorado - em caráter de Dinter entre a USP e a Universidade do Estado da Bahia(Uneb), de todas as maneiras, contribuiu para uma nova etapa de conhecimentos na minha caminhada no horizonte da academia e de meu papel como jornalista que sempre atuou no impresso. Foi uma nova imersão na história recente do Brasil, alinhando jornalismo, política e cultura, sobretudo, ao debruçar-me em diversas leituras para descrever um dos capítulos da trajetória do arcebispo emérito de Olinda e Recife, Dom Helder Pessoa Camara (1909-1999), durante o governo militar - personalidade que conheci em poucos encontros, dentro e fora da Igreja das Fronteiras onde ele viveu a maior parte de sua vida, no bairro da Boa Vista no Recife, desde que desembarcou no tenso anos de 1964. A pesquisa só ganhou forma e conteúdo, graças as parcerias que renderam troca de ideias e diálogos, principalmente, colegas jornalistas e professores que ajudaram no mapeamento de materiais entre livros, jornais, revistas, discos, documentários, artigos, outras pesquisas acadêmicas, proposta de nomes de profissionais e personalidades que conviveram com o arcebispo - tudo espalhado na rota entre Recife, São Paulo, Petrolina(PE), Juazeiro (BA) e Salgueiro(PE), minha terra natal.

A lista de agradecimento seria imensa, mas aponto aqui o papel fundamental de pessoas que estiveram direta e indiretamente colaborando do início ao fim, dando-me suporte para conclusão da pesquisa. Em primeiro lugar à professora Sandra Reimão, orientadora que manteve paciência a cada encontro em São Paulo e disponibilizou leituras importantes, inclusive, em sua turma de mestrado onde marquei presença em algumas aulas. Ao longo da jornada, o apoio coletivo e direto dos colegas de turma do Dinter, dos companheiros da Uneb/ DCH III e de sua biblioteca através do arquivo Dom José Rodrigues, em Juazeiro; das bibliotecas da ECA e da Mário de Andrade, em SP, do Arquivo Público do Recife, das funcionárias do Centro de Documentação D.Helder Camara (CEDOHC), da Companhia e Editora de Pernambuco (Cepe), pelas doações de livros e disponibilização do acervo digital.

Aos jornalistas Ricardo Noblat, Sheila Borges, Félix Filho, Evaldo Costa, Tereza Rozowykwiat, Divane Carvalho, Raimundo Carrero, Andrea Cristiana Santos, à historiadora Lucy da Silva Pina Neta, o professor e pesquisador Nilton Gomes - que conviveu com o arcebispo até seu último suspiro. A cada um dele, retribuo com gratidão por ter contribuído com generosidade e apreço, acrescentando depoimentos, indicação de leituras, documentos e parte de seus escritos com memórias e passagens de episódios das relações com o personagem estudado.

À minha família, principalmente em nome da minha mãe Maria Irenilde

Andrade Freire, ligada por inteira às atividades da Igreja Católica, no Sertão de Pernambuco. Em especial, agradecer também à professora, ativista católica, ex-prefeita e deputada federal socialista, Cleuza Pereira do Nascimento, por ter me repassado no campo da história oral, diversas passagens da vida de Dom Helder, e por ter me concedido parte de seus livros e proporcionar conversas enriquecedoras sobre o arcebispo de Olinda e Recife, motivo maior para a realização deste trabalho.

RESUMO

Apesquisa analisa a trajetória do arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Pessoa Camara, no período da ditadura civil-militar entre os anos 1964-1985, considerado um dos mais importantes personagens e figura pública integrante da ala progressista da Igreja Católica no século XX. Perseguido pelos militares e sob censura da imprensa durante sete anos, foi chamado de "bispo vermelho", "comunista de batina" e "santo rebelde". A partir de uma pesquisa histórica e documental, foram utilizados documentos da Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Camara, reportagens da imprensa e correspondências pessoais do arcebispo. Recorreu-se a pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas com jornalistas e integrante dos movimentos de resistência ao regime militar. Verifica-se que manteve atuação pública em defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana, combateu o regime militar e denunciou as violações aos direitos humanos, prisões e tortura. Constatou-se o trajeto do religioso como figura pública que atuou como padre, arcebispo, comunicador e intelectual em defesa das classes menos favorecidas, na garantia pela inviolabilidade dos direitos humanos e a favor da liberdade de expressão.

PALAVRAS-CHAVE: Dom Helder Camara; Igreja; Ditadura Militar; Imprensa. Comissão da Verdade.

ABSTRACT

The research analyzes the trajectory of the archbishop of Olinda and Recife, Dom Helder Pessoa Camara, in the period of the civil-military dictatorship between the years 1964-1985, considered a most important characters and public figure in the progressive wing of the Catholic Church in the 20th century. Persecuted by the military and under censorship of the press for seven years he was called "red bishop", "communist in cassock" and "holy rebel". From a historical and documentary research, documents were used of the Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Camara, press reports and correspondence archbishop's personal details. Qualitative research with interviews was used semi-structured with journalists and members of the resistance movements to the regime military. It appears that it maintained public action in defense of the fundamental rights of human person, fought the military regime and denounced violations of human rights human rights, prisons and torture. We can see the path of the religious as a public figure who served as a priest, archbishop, communicator and intellectual in defense of the lesser classes favored, in guaranteeing the inviolability of human rights and in favor of freedom of expression.

KEYWORDS: Dom Helder Camara; Church; Military dictatorship; Press. Truth

LISTAS DAS SIGLAS

ARENA - Aliança Renovadora Nacional
AI-5 - Atos Institucional nº 5
CCC - Comando de Caça aos Comunistas
CEPE - Companhia e Editora de Pernambuco
CIE - Centro de Inteligência do Exército
CCML- Centro Cultural Manoel Lisboa
CEMVDHC - Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Camara
CEDOHC - Centro de Documentação Dom Helder Camara
CFCH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CJP - Comissão de Justiça e Paz
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPM - Código Penal Militar
CPT - Comissão Pastoral da Terra
D.A - Diretório Acadêmico
DCDP - Divisão de Censura de Diversões Públicas
DETELPE - Departamento de Telecomunicações de Pernambuco
DOI-CODI - Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS - Departamento de Ordem Política e Social
DP - Diário de Pernambuco
FAFIRE - Faculdade Frassinetti do Recife
FETAPE - Federação dos Trabalhadores de Pernambuco
IDHeC - Instituto Dom Helder Camara
INAMPS - Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
JB - Jornal do Brasil
JC - Jornal do Commercio
JEC - Juventude Estudantil Católica
JEC.I - Juventude Estudantil Católica Internacional
JMJ - Jornada Mundial da Juventude
LP - Long Play
LSN - Lei de Segurança Nacional
MCI - Movimento Comunista Internacional
MDB - Movimento Democrático Brasileiro
M.I.E.C - Movimento Internacional dos Estudantes Católicos
MPB - Música Popular Brasileira

MRT - Movimento Revolucionário dos Trabalhadores

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

ONU - Organização das Nações Unidas

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PCR - Partido Comunista Revolucionário

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PF- Polícia Federal

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UNE- União Nacional dos Estudantes

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 - Trajetórias: O padre, o bispo, o comunicador e interlocutor dos pobres	18
1.1 Queridos amigos: crônicas e críticas no rádio	28
1.2 Interpretação do discurso político nas canções da MPB	39
2 - Na rota do Rio de Janeiro e Recife: relação com os jornalistas	45
2.1 Foto na revista <i>Manchete</i> com crianças e explicações aos militares	
2.2 Entrevista ao Jornal do Brasil: liberdade de expressão	50
	63
3 - 1978: Fim do AI-5 e os caminhos da abertura política	
3.1 Dom Helder, Elis Regina e Henfil: em defesa de Cajá	69
3.2 Missa dos Quilombos: o protesto social de Dom Helder, Milton Nascimento e Pedro Calsadáliga	72
	80
4 - Arcebispo no centro das divergências entre militares, imprensa e igreja	98
4.1 Censura e perseguição aos padres estrangeiros no Brasil	
4.2 Memórias do arcebispo e revelações da Comissão da Verdade em Pernambuco	104
	113
4.3 1979: Bombas e explosões nos caminhos da abertura política	
4.4 Aproximação com o governo, aposentadoria e a morte aos 90 anos	123
	127
5 - Considerações finais	133
Referências	137
Anexos	140

INTRODUÇÃO

Um velho e conhecido monsenhor da Arquidiocese de Olinda e Recife, no final dos anos 1960, fazia questão de expor publicamente suas divergências ideológicas com Dom Helder Camara. Não faltavam, logicamente, pessoas que procuravam o arcebispo para reclamar e pedir punição ou censura ao religioso. Era tanta a insistência que o arcebispo resolveu, em um final de tarde, fazer uma visita inesperada ao monsenhor. Surpreso, o padre ficou sem saber o que fazer. A presença do arcebispo em sua casa só podia ser para aplicar um tipo de punição, quem sabe a transferência da paróquia que administrava há anos, pensou. De estilo tradicional e conservador, ainda assim, ficou comovido com a visita do arcebispo.

- A que devo a honra de sua visita?, perguntou, sem conter sua admiração pela inesperada chegada.

- Meu irmão, eu vim aqui porque me contaram que você não gosta de mim, além de criticar meu trabalho à frente da Arquidiocese.

Antes que o monsenhor pudesse falar qualquer coisa, Dom Helder complementou: - vim aqui pra dizer-lhe que não acredito no que andam me contando. Eu não posso imaginar que um irmão no sacerdócio tenha algo contra mim e não venha me dizer pessoalmente. Desconcertado com o rumo da conversa, o monsenhor ficou sem palavras. Depois desse episódio, até o final de sua vida, tornou-se um amigo e confidente do arcebispo.

Essa história é uma das narrativas “de bastidores contadas por pessoas próximas” sobre Dom Helder Camara, presentes no livro *Além das Ideias*, do jornalista e ex-padre Félix Filho (2012). Tomando como exemplo esse diálogo, assim era a maneira do arcebispo buscar soluções para as pedras e espinhos - com ou sem flores- como gostava de dizer - encontrados no seu caminho desde que desembarcou na capital pernambucana para conduzir a Arquidiocese de Olinda e Recife, e com mais veemência no percurso de suas divergências com o governo militar e a imprensa.

Duas décadas após sua morte, em 1999, Dom Helder Pessoa Camara é lembrado como um personagem importante cujo conhecimento de sua trajetória pode trazer esclarecimentos a respeito dos acontecimentos históricos importantes relacionados à atuação como religioso e a participação na imprensa.

Helder Pessoa Camara nasceu em Fortaleza, em 1909, e, aos 14 anos, entrou no Seminário da Prainha de São José, em Fortaleza(CE), para cursar filosofia e teologia. Com 22 anos, foi ordenado sacerdote. Nessa fase, exerceu o cargo de diretor do Departamento de Educação do Estado do Ceará, função mantida por cinco anos, até ser transferido para o Rio de Janeiro, então capital do país. Foi no Rio de Janeiro que desenvolveu obras sociais ao fundar a Cruzada São Sebastião, destinada a atender favelados, e também o Banco da

Providência. Ele também colaborou com revistas católicas, além de exercer funções na Secretaria de Educação do Rio de Janeiro e no Conselho Nacional de Educação. Em 1946, foi assessor do arcebispo do Rio de Janeiro e responsável pela fundação do Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que o elegeu Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro. Na década de 1960, foi transferido para Recife e, como Arcebispo de Olinda e Recife, teve participação ativa na defesa dos direitos humanos e no combate à ditadura militar.

Até o fim da vida o "Dom da Paz" ou o "Artesão da Paz", como foi descrito por admiradores, expôs seus conceitos e opiniões sem temor. Também foi um religioso crítico dos próprios encaminhamentos e resoluções da Igreja Católica. Apesar de ter participado de momentos importantes da história recente do país, existem poucos trabalhos acadêmicos sobre dom Helder Câmara e os que se encontram disponíveis trazem esclarecimentos sobre o diálogo com o marxismo, a construção da educação libertadora de dom Helder à luz da pedagogia de Paulo Freire e perfil intelectual a partir de suas bibliotecas, defendido pela historiadora e pesquisadora Lucy Pina, em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Assim, verifica-se ausência, nestes trabalhos, a participação na imprensa e o combate em defesa da liberdade de expressão e dos direitos humanos no país.

Dessa forma, a problemática que norteou esta pesquisa foi identificar de que forma o arcebispo atuou em favor da liberdade de expressão e dos direitos humanos no Brasil, seja na função de religioso, comunicador e intelectual reconhecido nacional e internacionalmente. Este problema nasceu a partir das evidências de que ele desafiou a censura institucionalizada no país, pois foi proibido de se expressar livremente, e travou o bom combate a favor da justiça social e em defesa dos presos políticos. A hipótese de pesquisa é de que a trajetória de Dom Helder Camara foi se consolidando como religioso progressista diante do recrudescimento da ditadura militar e do cerceamento à liberdade de pensamento e de expressão que o conduziu a uma tomada de posição em favor da defesa dos direitos humanos e a não transigir com a violação a esses direitos fundamentais.

Assim, esta pesquisa tem como objeto de estudo analisar a trajetória de Dom Helder Camara e as inter-relações que desempenhou no campo político, social e cultural. Para tanto, propus-me a realizar um perfil biográfico que demonstre as relações estabelecidas na imprensa e na igreja no contexto da ditadura civil-militar. A perspectiva biográfica encontra relação na dimensão histórica e cultural na perspectiva da “pluralidade do passado”, conforme pontua Loriga (2011), no livro *O Pequeno X da Biografia*, ao adotar o conceito de que “a vida histórica é criadora. Age constantemente produzindo bens e valores, e todos os conceitos desses bens e valores, não são mais que reflexos de suas atividades”. Assim, a perspectiva da criação resulta da interação dos indivíduos nos sistemas culturais em que participam, interagem e colaboram.

A tese também surgiu por uma série de influências como a recente produção bibliográfica a respeito do regime militar, especificamente a inter-relação com a censura, uma vez que o arcebispo foi proibido de ter o nome e suas ideias compartilhadas pelos meios de comunicação, assim como o interesse que tenho por biografias de personagens da história recente, sobretudo nas artes e na área de comunicação. Contudo, o fato decisivo que originou esta pesquisa foi a finalização dos trabalhos da Comissão Estadual da Memória e da Verdade Dom Helder (CEMVDH), que disponibilizou parte dos documentos dos órgãos de segurança do Estado, que demonstram como o sistema de controle e vigilância do Estado atuou no período de 1964-1985 e atingiu religiosos como Dom Helder.

O relatório final foi compilado em dois volumes, sendo compostos por cerca de 70 mil documentos, digitalizados e publicados pela Companhia e Editora de Pernambuco (CEPE). Estes documentos compreendem material produzido pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), perfis dos mortos e desaparecidos, biografias de militantes partidários, prontuários de Dom Helder Camara e Miguel Arraes de Alencar, relatórios a respeito de prisão de religiosos, bem como o histórico dos vários tipos de violações aos direitos humanos.

Assim, emergiu deste material a figura de Helder Camara que atuou de forma combativa para cessar as violações aos direitos humanos e perseguições contra cidadãos. Graças a ele, tornaram-se públicas as cenas de torturas contra o líder comunista Gregório Bezerra que o poeta Ferreira Gullar, um dos escritores também exilados por força do governo Militar, o batizou de "o homem feito de ferro e de flor". Três anos após a tortura pública contra Gregório, em 1967, Dom Helder, acompanhado do governador de Pernambuco, Nilo Coelho, visitou a Casa de Detenção do Recife, onde Gregório se encontrava preso desde 1964. Naquele dia foi convidado a celebrar a páscoa dos detentos e já na primeira fila irritara as autoridades, ao denunciar ali mesmo, que a penitenciária construída para 120 presos, abrigava mais de oitocentos, situação que transformava o aparelho público em "uma masmorra desumana, uma vergonha para o governo".

Dessa forma, a intenção de estudar a trajetória do religioso demonstra o interesse pela história recente do país, revelando outras efemérides a partir da recente documentação da Comissão Estadual da Memória e da Verdade Dom Helder. Disto, resulta o perfil biográfico como membro eclesiástico, o comunicador e aspectos da memória política, social e cultural do país no processo de reconstituição dos acontecimentos históricos.

Para delimitar o percurso teórico e metodológico desta tese, trata-se de uma pesquisa histórica e documental, pois se utiliza de uma série de documentos: prontuários oficiais dos órgãos de segurança, material jornalístico e arquivo pessoal a partir da

correspondência e produção intelectual de Dom Helder e 200 crônicas radiofônicas, veiculadas no programa “Um olhar sobre a cidade”, rádio Olinda, no período de 1974 a 1983. Também foi realizada pesquisa qualitativa com realização de quatro entrevistas semiestruturadas com jornalistas e integrante do movimento social para compreender aspectos da personalidade do arcebispo e reconstituir acontecimentos históricos.

No decorrer do levantamento de dados, constitui-se uma relação entre o passado e o presente, resultando em uma pesquisa transdisciplinar, proporcionando um diálogo entre a história e as dinâmicas da comunicação (especialmente, no período vigente da censura oficial). Nesse caso, o estudo aproxima os estudos de história e comunicação, pois “a história dos sistemas dos meios de comunicação deve envolver uma interpretação que descortine processos comunicacionais produzidos e vividos (e transformados) pelas práticas de múltiplos atores sociais”, como esclarece Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart (2011). As autoras ressaltam ainda a necessidade da “observação a partir dos rastros e vestígios que chegam do passado ao presente”.

Para reconstruir a trajetória de Helder Pessoa Câmara foram utilizadas fontes como livros, jornais, revistas, documentários e documentos pessoais pertencentes ao acervo do Instituto Dom Helder Câmara (IDHeC) e de instituições públicas. O livro mais abrangente e de caráter biográfico consultado foi Dom Helder Câmara, o profeta da paz, de Nelson Pillet e Walter Praxedes(2008), Dom Helder: O artesão da paz, organizado por Raimundo Caramuru Barros e Lauro de Oliveira(2011), Os Caminhos de Dom Helder (perseguições e censura) de Marcos Cirano (1980) e os artigos reunidos por Zildo Rocha (1999) em: Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil.

A pesquisa se complementa com a análise das suas Cartas Circulares Conciliares, Interconciliares e Pós-Conciliares, como parte das obras completas dele, contendo registro de acontecimentos durante o Concílio Vaticano II. Até 1964, as cartas eram dirigidas à “Família São Joaquim”, um círculo de amigos no Rio de Janeiro. Quando arcebispo de Olinda e Recife, a partir de março de 1964, ele passou a enviar suas cartas, à “Família Mecejaneense”, um grupo de colaboradores no Recife.

Também serviram de fonte as entrevistas concedidas pelo arcebispo aos diversos meios de comunicação do país, a exemplo das revistas *Manchete*, *Veja*, os jornais *O Pasquim*, *O Estado de São Paulo*, *Diário de Pernambuco*. Foi feito mapeamento de matérias e entrevistas selecionadas entres os anos de 1964 e 1984, sobre o personagem, e verificamos as diferentes abordagens considerando o período de censura a que foi submetido.

Dessa forma, a construção desse perfil biográfico de Helder Câmara significa adotar um caminho para compreender aspectos da sua atuação e do comportamento. No entanto, não temos a pretensão de encerrar o tema e extinguir as discussões, mas de indicar novas

possibilidades de análise desse personagem que marcou profundamente a estrutura do campo religioso brasileiro, ultrapassando as instituições e as ideologias que as compõem.

A tese se apresenta em quatro capítulos que dialogam entre si, de maneira a integrar a trajetória e o perfil do personagem estudado - Dom Helder Pessoa Camara, no recorte de sua caminhada como integrante da ala progressista da Igreja Católica e os embates com o governo militar, as relações amistosas e também agressiva com a imprensa, para defender os direitos, sempre em favor das classes menos favorecidas.

No primeiro capítulo, aborda-se a formação como religioso, a formação intelectual e a trajetória de comunicador que transitou pelo jornalismo na condição de entrevistado e apresentador, cuja retórica lhe permitia dialogar com intelectuais e pessoas pobres. Ainda analisamos as crônicas, escritas para programa de rádio Um olhar sobre a cidade, quando estava censurado pela imprensa sob ordens dos militares e passou a ocupar os microfones da Rádio Olinda, pertencente à Igreja.

O segundo capítulo reconstitui parte de sua temporada no Rio de Janeiro e aponta as mediações que estabeleceu como religioso e figura pública junto aos meios de comunicação. Reconstituímos acontecimentos referentes à publicação da foto na revista *Manchete* abraçando crianças, que fez o Exército convocar os responsáveis pela publicação a prestar esclarecimento e a histórica entrevista ao *Jornal do Brasil*, no contexto de defesa da liberdade de expressão na imprensa, após ter sido censurado por sete anos.

No capítulo terceiro, analisa-se a trajetória de Dom Helder com o fim do AI-5, o episódio da polêmica prisão, em 1978, do líder estudantil e comunista estudante Edval Nunes, o Cajá, integrante da Comissão de Justiça e Paz, organizada por Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife (PE). O episódio foi alardeado no país inteiro e mobilizou personalidades como Elis Regina e o cartunista Henfil que saíram publicamente em defesa de Cajá, pedindo sua liberdade. Também se investiga os bastidores da Missa dos Quilombos criada em 1981, em uma parceria coletiva entre o cantor Milton Nascimento, os arcebispos Dom Helder Camara e Pedro Calsadáliga, além do poeta Pedro Tierra.

Fechando a tese, o capítulo 4 demonstra o comportamento e a militância do arcebispo no cenário após o golpe de 1964 com a chegada do AI-5, sobretudo o papel que exerceu em defesa dos direitos humanos, levando-o a denunciar a situação de padres estrangeiros perseguidos e expulsos do Brasil. A rotina de Dom Helder e a vigilância do Exército são observadas a partir de seu prontuário registrado no Dops, por meio de um

conjunto de documentos que se tornaram públicos a partir do levantamento documental da Comissão Estadual da Memória e Verdade em Pernambuco. O começo da abertura política e seu entusiasmo pelas Diretas, a aproximação com o governo, a aposentadoria, a visita de artistas e autoridades até sua morte aos 90 anos, também são apresentados no horizonte das memória biográfica do personagem.

1 Trajetórias: O padre, o bispo, o comunicador e interlocutor dos pobres

Antes mesmo de entrar aos 14 anos para o Seminário São José, conhecido como Seminário da Prainha, em Fortaleza, Ceará, dirigido pelos padres lazaristas, o menino Helder Pessoa Camara tinha consciência de que sacerdócio e egoísmo não combinavam. Tinha na ponta da língua os argumentos sobre sua decisão: “Ser padre” exige da pessoa o “colocar-se a serviço”. “Significa não buscar honras, aplausos, fama, vaidades pessoais de nenhum tipo”.

Quando criança, com nove anos, o pai João Eduardo Torres Camara Filho lhe disse algo inesquecível que sempre procurou viver: “Filho, você está crescendo e continua a dizer que quer ser padre, mas você sabe de verdade o que significa ser padre?”. O menino ficou quieto, acabrunhado com o questionamento do pai, que prosseguiu: “Você sabia que, para uma pessoa ser padre, ela não pode ser egoísta, não pode pensar só em si mesma?”. Mesmo atento, no primeiro momento o garoto não sabia o que dizer. “Os padres acreditam que, quando celebram a eucaristia, é o próprio Cristo que está presente. Você já pensou nas qualidades que devem ter as mãos que tocam diretamente no Cristo?”. Helder disse de pronto: “Pai, é um padre como o senhor está dizendo que quero ser”. “Deus o abençoe! Você sabe que não temos dinheiro, mas, mesmo assim, vou pensar como ajudá-lo a entrar no seminário¹”.

Ao entrar para o seminário, o futuro padre já se comportava como um intelectual através de seus pensamento alinhado com a educação, comunicação e as artes, sobretudo a paixão por literatura, música e teatro. No Seminário, o estudante realizou seus estudos no ensino médio e superior em filosofia e teologia. Em 15 de agosto de 1931, foi ordenado sacerdote, na solenidade litúrgica da Assunção de Nossa Senhora. Cinco anos depois, foi transferido para a arquidiocese do Rio de Janeiro. A sua experiência pastoral foi o “passaporte” para o Papa Pio XII o nomear bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio e titular do Salde. Em 1952, participou da fundação da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB). Na capital carioca, desembarcou. Trazia na bagagem, conhecimento de mundo, a partir das diversas leituras que fizera em sua rotina como religioso e intelectual.

O senso crítico do bispo se mostrava aguçado nas das entrevistas que concedia à imprensa, palestras e conferências e nos textos que escrevia nas madrugadas de insônia, sejam cartas e reflexões. Ao longo da vida, publicou livros inclusive com tradução para vários países. A maior parte de seus textos ganhou o formato de cartas, gênero textual valorizado à época e que, para ele, era de estimado valor sentimental e denominou os

¹Passagem do artigo escrito por Ivanir Antônio Rampon, “Dom Helder: Um testemunho para os presbíteros”, publicado no portal digital Vida Pastoral, 2016. Acesso em 2 de Maio de 2019. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/dom-helder-um-testemunho-para-os-presbiteros/>.

escritos de circulares². As cartas eram endereçadas “à família messejanense” - referência a Messejana, no Ceará, e de São Joaquim, no Rio de Janeiro -, e a um terceiro grupo denominado “confiança”.

As narrativas funcionavam como um diário, no qual expunha argumentos pessoais sobre a rotina nas missões de evangelizador, as ideias em defesa das classes sociais menos favorecidas e denúncias sobre tudo que ocorria ao seu redor e que lhe causava indignação. Eram crônicas nas quais o autor inseria observações e comentários sobre os fatos que acompanhava através dos meios de comunicação ou em suas visitas às comunidades periféricas e áreas rurais.

A família foi a primeira a receber as cartas manuscritas durante o Concílio do Vaticano II, onde ele narrou os bastidores do conclave, considerado documento de inestimável valor divulgado após a sua morte. Segundo o escritor e teólogo Frei Betto, “Dom Helder nunca cedeu às pressões de quem pretendeu torná-lo, como JK, prefeito do Rio, senador e até presidente da República. Com certeza, nenhum brasileiro foi tão biografado³”. Para o amigo, o arcebispo conseguiu o “milagre de ser profeta em sua própria terra”.

Sem gravador nem câmara filmadora, Helder conseguiu documentar os acontecimentos que mais lhe instigavam, como se fosse um repórter em busca do furo de reportagem, pois lhe davam pautas para denunciar as mazelas que presenciava pela frente. Fosse na TV ou no rádio, dando entrevista, ele tinha desenvoltura de comunicador, mais do que no papel de entrevistados. Vários momentos da trajetória do arcebispo reforçam suas habilidades de comunicador com poder de persuasão independente das pregações bíblicas ou sermões.

Frei Betto recordou uma história sobre a participação do arcebispo em um programa dominical de TV no Rio de Janeiro, em 1963, no empenho para trazer benefícios às obras sociais e urbanizar favelas através da Cruzada de São Sebastião. No palco, centenas de prenda, de alfinetes a eletrodomésticos.

Sorteado, seu Joaquim, um trabalhador de baixa renda, ficou trancado em uma cabina de vidro opaco.

- Seu Joaquim - perguntou Dom Helder - o senhor troca isso (apontou um abridor de latas) por aquilo (e apontou pra uma geladeira)?

- O homem respondeu sem ideia de barganha proposta: - Sim.

O auditório aplaudiu. Dom Helder agora apontou a geladeira:

- E isso por aquilo?, indagou ao apontar uma lâmina de barbear.

- Sim. respondeu o homem.

²Transferido para o Recife em abril de 1964, continuou escrevendo à família carioca, ampliando-a idealmente com os colaboradores do Recife (CAMARA, 2009a, p. XXI).

³Artigo publicado na Folha de São Paulo, em 28 de Agosto de 2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc28089921.htm>>

O público lamentou. De prenda em prenda, ora "sim" ora "não", Joaquim fixou-se em um lápis, repetindo "não" quando o bispo apontava fogão, rádio, televisão. Por fim, ao deixar a cabina, recebeu decepcionado o lápis das mãos do âncora do programa, enquanto a Dom Helder foi repassado um polpudo cheque para suas campanhas. Ágil, o bispo virou-se pra o infeliz premiado: - Seu Joaquim, o senhor troca esse lápis por este cheque? Sem vacilar, o homem respondeu afirmativamente. No dia seguinte, comentamos com Dom Helder sobre sua compaixão para com os pobres superara o bom senso. Com um sorriso esperto ele retrucou: “Perdi o cheque, mas ganhei muito mais com publicidade para as minhas obras⁴.”

O jornalista francês José Broucker⁵ definiu Dom Helder como "uma celebridade midiática, ao microfone e na tela. Celebridade nacional: todos os governos brasileiros, civis ou militares, democráticos ou ditatoriais, tiveram de levá-lo em consideração". Também o considerou um personagem de relevância internacional, “por força de sua palavra e de seu testemunho, em púlpitos e tribunas sem conta”. Foi também uma celebridade eclesial, desde o “Congresso Eucarístico Internacional de 1955 até o Concílio Vaticano II e além do mesmo, passando pela criação das primeiras instâncias de colegialidade episcopal, em âmbito nacional e continental”.

No Recife, tão logo assumiu a arquidiocese na segunda metade dos anos 1960, apresentou o programa *Semente de Meditação*, na *TV Jornal do Commercio*. Seguindo suas ideias de âmbito social e a proposta do programa televisivo que conduziu, Helder foi taxado por alguns comunicadores de “criatura católica midiática”. Liderou diversas campanhas sociais em favor dos pobres contra a violência e combate à fome, mobilizando a sociedade para levantar donativos destinados aos flagelados da seca no Nordeste entre os anos 1960 e 1970, e às vítimas das enchentes quando do estouro do açude de Orós, no Ceará, que ele batizou com o lema "Orós precisa de nós”.

Em 1966, se engajou para ajudar os desabrigados da cheia do rio Capibaribe, no Recife. O jornalista Félix Filho (2012) lembrou, no livro *Além das Ideias - histórias de vida de Dom Helder*, que, como consequência da luta em defesa dos direitos humanos e das denúncias de torturas no Brasil, sua atuação sofreu restrições nas emissoras de rádios e televisão. Impasses foram criados e, aos poucos, o programa televisivo foi tirado do ar. Quanto mais a repressão se fechava no Brasil, no exterior Dom Helder se tornava um combativo comunicador como porta-voz dentro da Igreja, apontando as regras e efeitos do

⁴ A história sobre a participação de Dom Helder no programa de auditório na televisão em 1963 é contada no texto *Dom Helder*, um jovem de 90 anos, assinado por Frei Betto, e faz parte do livro *'Helder, o Dom'* (Uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil), contendo vários depoimentos organizados pelo escritor Zildo Rocha, e lançado em 1999, para comemorar a passagem dos 90 anos do arcebispo

José de Broucker, jornalista francês, foi redator-chefe da revista *Informations Catholiques Internationales* e diretor de *Actualité Religieuse dans Le monde*. Escreveu a biografia *Dom Helder Câmara. La violence d'un pacifique*, Editora Fayard, 1969. Ele e sua esposa Françoise são autores de um opúsculo ilustrado para crianças: *Dom Helder Câmara, Le Cerf*, editado em 1983, e colaborou para edição francesa de várias obras do arcebispo, bem como hospedou e acompanhou o brasileiro durante a maioria de sua viagens à França.

estado de exceção de seu país. Por onde andasse, interagiu entre seus interlocutores e tornava público as denúncias que lhe chegavam sobre perseguições e torturas de presos políticos através dos movimentos sociais ou dos integrantes do clero.

Na Europa, colhia os frutos por meio de suas articulações no papel de um líder progressista católico. Atuou como se fosse um repórter correspondente, livre para falar de qualquer fato que considerasse conveniente. "Dom da Paz" e "Artesão da Paz" foram duas das diversas alcunhas que ganhou através de seguidores e até da imprensa. Normalmente, além das informações que absorvia através dos jornais e do rádio, rastreava a rotina dos pobres e oprimidos, ao mesmo tempo, que estava de olhos abertos à truculência da repressão. Para a ira dos militares, em 1970 ganhou novo respaldo no exterior, com destaque na imprensa internacional. Em defesa dos direitos humanos, recebeu o prêmio Martin Luther King⁶ nos Estados Unidos.

Em maio do mesmo ano, desembarcou em Paris para fazer uma conferência. Na bagagem, o roteiro da prelação tinha o título "Responsabilidade da França em Face da Revolução". A ideia era provocar o governo francês sobre o posicionamento dos franceses em relação ao mote liberdade, igualdade e fraternidade. Ao entrar nos corredores do Palácio dos Esportes para a conferência, grupo de amigos franceses fez um pedido. "O senhor tem toda liberdade de falar sobre problemas internos da França. Mas se hoje não tiver coragem de dizer que há torturas no país, você perde a força moral de denunciar os nossos erros"⁷. O argumento fez Dom Helder pensar um pouco e abandonou o texto original. Discorreu, na forma do improviso, sobre o tema "Quaisquer que sejam as consequências".

Na exposição feita aos franceses, destacou o relatório da Associação Internacional dos Juristas Mundiais. "Não se trata de um trabalho feito por inimigos do Brasil, não há aqui nenhum rancor, nem paixão política. Não vou ler este relatório. Mas, vos direi que ele enumera 12 mil prisioneiros políticos no Brasil e descreve nove tipos de tortura diferentes". Ao dar exemplos de alguns episódios de pessoas próximas vítimas de tortura, Helder citou a situação do padre dominicano Tito de Alencar, que também era cearense, de Fortaleza, e após ser preso foi forçado a denunciar o nome dos companheiros. Foi submetido às sessões de tortura no "pau de arara" e na "cadeira do dragão", como narrou em uma de suas cartas entregue por um provincial ao arcebispo. "Fui pendurado nu, as mãos e os pés amarrados, recebi choques elétricos provenientes de pilhas secas, na sola dos pés e na cabeça". Depois, descreveu a "cadeira do dragão", quando ligaram "uma

⁶Martin Luther King Jr nasceu em 15 de janeiro de 1929 na cidade de Atlanta (estado da Geórgia). Foi pastor protestante e ativista político. Tornou-se um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, e no mundo, com uma campanha de não violência e de amor ao próximo. Foi assassinato em 4 de abril de 1968.

⁷Jornal da Cidade, Recife, nº 238, 1981.

corrente elétrica, esse fios e placas metálicas, enviavam-me choques nas mãos, nos pés, orelhas e cabeça" (CIRANO, 1983, p.74).

A imprensa internacional registrava, pela primeira vez, denúncia feita pelo arcebispo a respeito da prática de torturas aos presos políticos brasileiros. O episódio se transformou rapidamente no maior atrito já ocorrido entre Dom Helder e as Forças Armadas brasileira, sendo o ponto de partida para que os militares viessem a adotar uma série de medidas punitivas contra o arcebispo. Depois da conferência, o arcebispo recebeu uma cópia da gravação com toda a palestra feita em Paris. O Boletim Arquidiocesano - órgão oficial a Arquidiocese de Olinda e Recife – publicou, naquele ano, a justificativa em denunciar as torturas em seu país, ao mesmo tempo que respondia às acusações, críticas e ofensas que continuou a receber com maior frequência após o encontro na França.

A respeito da decisão considerada corajosa ao descrever as etapas, formas e nomes de torturados, Dom Helder foi direto:

As torturas são uma calamidade. Elas devem parar. Mas esse primeiro resultado não deve nos bastar. O que todos nós queremos e não somente para o Brasil, ou para a América Latina, mas para todos os países subdesenvolvidos do mundo é que eles chegam a sair do subdesenvolvimento e da miséria. Ou se nós desejamos aprofundar o nosso raciocínio, nós devemos nos perguntar: será que realmente a violência dos pacíficos chegará a obter mudanças como essas? Será que para um trabalho tão profundo nós teremos a necessidade de apelar para a violência armada? Antes de responder assim a uma pergunta tão grave, é necessário, eu creio, tomar bem consciência que uma tal revolução presume um trabalho paciente(CIRANO, p. 77)

Diante do clima de perseguições e ameaças que recebia ao longo de 1970, o arcebispo não esteve sozinho em sua missão de chamar a atenção da opinião pública. Jornais estrangeiros - o inglês *Times*, o americano *New York Times* e o francês *Le Monde* e órgãos ligados ao Vaticano - divulgavam, reiteradamente, notícias de torturas impostas a terroristas ou a suspeitos de terrorismo. Denúncias de arbitrariedades praticadas pelos órgãos de segurança eram feitas por políticos, pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e associações civis. Mas a voz de maior alcance na defesa dos direitos humanos pela repercussão internacional de suas denúncias ainda era a Igreja que organizou as comunidades eclesiais de base - unidades pequenas e paroquiais, cada qual encarregada de discutir os problemas da população.

Como porta voz na luta pelo fim das torturas, estavam Dom Helder, em

⁸Frei Tito de Alencar Lima foi preso duas vezes: em 12 de outubro de 1968 no sítio onde teve início o XXX Congresso da UNE, na cidade de Ibiúna (SP), depois em 4 de novembro de 1969, em companhia de outros dominicanos acusados de terem ligações com a Ação Libertadora Nacional (ALN) e seu dirigente, Carlos Marighella, assassinado pela equipe do delegado Sérgio P. Fleury, do DOPS/SP, no mesmo dia. Ver: Direito à memória e à verdade, 2007, p. 392-393. Mais informações disponíveis no portal: <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/mortos-desaparecidos/tito-de-alencar-lima>

Pernambuco, e Dom Pedro Calsadáliga, bispo de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, que, em 1972, foi chamado a depor pela polícia, por integrar setores da Igreja acusados de atuarem no campo, defendendo posseiros. Em 1969, Helder foi proibido pelo Vaticano de fazer viagens internacionais, como narrou ao jornalista Jean Guitton (1966), no livro *Diálogos com o Papa VI*.

Toda vez que Dom Helder lia uma obra, sublinhava frases, destacava parágrafos e fazia anotações a respeito do que lhe chamava a atenção. Com caneta de tinta azul, o arcebispo desabafou: "Agora entendo ainda mais uma carta autografada que tive a honra e a tristeza de receber numa Sexta-feira Santa. 1969, Julho: agora a Providência me torna membro da Igreja Silenciosa"⁹, desabafou. A correspondência a que se refere tinha sido enviada pelo cardeal Giovanni Benelli (1921-1982) e dizia para ele se ocupar com a arquidiocese, porque o peregrino da Igreja é o Papa.

Para a historiadora e pesquisadora Lucy Pina, autora da dissertação de mestrado *Helder Pessoa Camara: Elementos de seu perfil intelectual a partir de suas bibliotecas*, defendida em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Dom Helder vivia, naquela ocasião, o momento de maior inquietude com relação à figura do pontífice. Segundo a pesquisadora, o arcebispo conheceu Paulo VI antes de ele ser papa (1963-1978) e não entendia como ele concordava com a proibição. "Compreendi o significado das notas quando achei e li a carta de Benelli, datada de 1969. Os comentários revelam o homem sob a batina. É Dom Helder por ele mesmo, o esqueleto que possibilitou o ser político e religioso".

Desde então, as críticas e proibições, para além da Igreja e da política sobre seu comportamento, reverberavam nos bastidores da imprensa. Nessa fase, até 1973, jornais publicavam artigos contra o arcebispo assinados por intelectuais como o sociólogo Gilberto Freyre, o jornalista Gustavo Corção, e o escritor Nelson Rodrigues. Quando era chamado de militante de esquerda com os pés no comunismo, Dom Helder não costumava dar respostas pontuando política partidária, senão fazendo a relação de seu papel dentro da igreja na relação com os pobres.

Em uma de suas viagens à França, declarou à revista *La Vie* que recolheu preciosas lições e ressaltou que foi um erro a Igreja ter estado ligada ao poder em certas ocasiões. Assim, sobre o comportamento dele e do clero no campo da esquerda ou direita, declarou:

Chamo a atenção para o fato de que estou usando palavra poder, sem

⁹As práticas de leituras do arcebispo foram analisadas pela pesquisadora Lucy Pina, na dissertação “Helder Pessoa Camara: Elementos de seu perfil intelectual a partir de suas bibliotecas”, defendida no bibliotecas”, defendida em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

qualificar ideologicamente. A bem da verdade nem sempre é fácil, em nossos países, estabelecer clara diferença entre esquerda e direita. A verdadeira distinção que devemos fazer é entre mais ou menos democracia, mais ou menos oligarquia, autoritarismo e ditadura. Os governos com os quais a Igreja, e eu mesmo, estivemos bastante ligados no Brasil abrangiam todas as formas e todas as colorações. Minha experiência me ensinou que a Igreja, caso deseje manter-se livre para seguir o Evangelho, livre para compreender e servir a Cristo, que vive entre os pobres, não deve de modo algum subordinar-se a qualquer tipo de poder, seja ele de esquerda ou direita¹⁰.

Após escrever um manifesto de apoio à Ação Católica Operária, em Recife, ele foi acusado de demagogia e comunismo, sendo proibido de se manifestar publicamente. Gilberto Freyre, por exemplo, autor de *Casa Grande e Senzala*, foi publicamente um de seus desafetos. Em entrevista ao jornalista Geneton Moraes Neto, para o livro *Cartas ao Planeta Brasil*, no início da década de 1980, o sociólogo criticava a postura do religioso e suas atividades públicas, no combate à censura e defesa dos direitos humanos: "O temperamento de Dom Helder não afina com o meu e nem o meu com o dele. Mas realmente não tenho nada de particular, politicamente e nem teologicamente contra ele, embora desejasse que ele fosse mais padre e menos político¹¹".

Em artigo para o jornal *O Estado de São Paulo* de 23 de agosto de 1966, Freyre o comparou a Paul Joseph Goebbels, político alemão e Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista entre 1933 e 1945, "até pela semelhança física". A revista *Continente*¹² descreveu episódio ocorrido um ano antes, quando o sociólogo fez elogios chamando o arcebispo de "desbravador e pioneiro". Dom Helder expôs, em carta publicada em 8 de maio de 1985, o que pensava sobre o escritor: "Como seria bom que ele abandonando o reacionarismo terrível que deu provas - e que fez mal a tanta gente -, passasse a atitudes mais largas". O arcebispo ainda acrescentou que "confiando na Graça Divina, escolhi os temas que me pareciam mais capazes de ajudá-lo a desfazer-se de equívocos, preconceitos, posições odientas e mesquinhas".

O também escritor pernambucano radicado desde jovem no Rio de Janeiro, Nelson Rodrigues, que ganhou fama por suas crônicas e peças teatrais que abordavam com frequência os conflitos entre casais, traição, prostituição, incesto e ninfetas, era outro crítico ferrenho. Vez ou outra, soltava impropérios contra o arcebispo, sem jamais oferecer

¹⁰ A entrevista à revista *La Vie* foi, posteriormente, publicada no livro *Indagações sobre uma vida melhor* (Ed. Civilização Brasileira, 2ª edição, 1986). Prefácio José Broucker e tradução do francês Ênio Silveira.

¹¹ O livro *Cartas ao Planeta Brasil* foi editado pela Revan, em 1988. O livro traz o pensamento dos entrevistados Dom Helder Camara, Gilberto Freyre, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas, entre outros.

¹² Reportagem especial especial de capa intitulada 100 anos: Dom Helder - Um conspirador no Vaticano, publicada em Pernambuco, pela Editora Cepe, Edição n° 98, de 2009.

uma atitude de desagravo. Quando atuava no *Jornal do Brasil*, o autor de Engraçadinha, segundo relatou Motta (2017), no livro *Até a última página - Uma história do JB*, era ainda mais ácido com colegas jornalistas como o colunista Alceu Amoroso Lima¹³, o pensador católico que defendia a ala renovadora da Igreja.

Com argumentos sempre sarcásticos, o escritor atacava o arcebispo verbalmente ou por escrito, geralmente nas redações por onde passou. Certa vez, disse, entre baforadas de fumaça de cigarro, que “o religioso só olhava para o céu pra saber se ia chover”. Nelson também atacava: “*O Jornal do Brasil* não concede uma só linha ao Papa, mas sempre põe Dom Helder na primeira página”. Ele também criou o personagem “Padre de Passeata” para ridicularizar Dom Helder e os padres de esquerda que adotaram a Teologia da Libertação. “O padre de passeata era um hipócrita, um esquerdista tolo e populista, e que se afastara da doutrina. Se a Igreja católica se preocupar com o temporal, quem vai cuidar do transcendental, do sobrenatural?” (MOTTA, 2017, p.161).

Quando Dom Helder foi proibido de se pronunciar através da imprensa e diante das acusações de intelectuais e até de integrantes da Igreja, preferiu omitir, por um tempo, suas opiniões e declarou para amigos próximos e para imprensa: “Decretaram que eu não mais existia”. Imbatível defensor da paz, pregava a não violência ativa e acreditava que a união dos oprimidos era a forma correta de luta pelos seus direitos, como observou a jornalista Tereza Rozowykwiat (2016), repórter do *Diário de Pernambuco* que cobriu a agenda da Arquidiocese de Olinda e Recife, com ênfase nos trabalhos das favelas, nas questões de Direitos Humanos e da Comissão de Justiça e Paz, no período de 1978 a 1981.

Tereza ressaltou, na apresentação do livro *Meus queridos amigos - As crônicas de Dom Helder*, que suas considerações sobre Helder são baseadas na convivência pessoal. A jornalista lembra que ele surpreendia a todos a cada decisão que tomava à frente da arquidiocese: “foi viver numa pequena casa, ao lado da Igreja das Fronteiras, onde cultivava um perfumado jardim. Lá, entre rosas e jasmims, gostava de meditar até de madrugada, buscando explicações para fatos, às vezes incompreensíveis da vida”.

No minúsculo ambiente onde viveu até o fim da vida, recebia, constantemente, a visita de autoridades religiosas de outras regiões e até do exterior, estudantes universitários, teólogos, artistas e intelectuais - a exemplo do cantor e compositor Chico Buarque e do escritor Ariano Suassuna. Moradores de rua e desvalidos batiam à sua porta para pedir ajuda, em busca de comida ou uma palavra de esperança. As comparações que Helder fazia entre pobres, opressão e opressores eram um antídoto a tal revolução de 64, como observa Rozowykwiat (2016, p 7):

A luz dos olhos dele lembrava sempre o olhar de uma criança. Sua

¹³Alceu Amoroso, crítico literário e polígrafo, adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde. Foi o Quarto ocupante da Cadeira 40, eleito em 29 de agosto de 1935.

defesa da não violência ativa não era uma teoria. Era uma prática da qual não se descuidava. Segundo afirmava, a luta pelos direitos sociais precisava ser levada adiante, pois era possível acabar com a submissão dos pobres diante dos opressores. Contudo as armas a serem usadas eram a união e a persistência daquelas cujas vidas foram ou estavam sendo esmagadas pelos poderosos.

Não demorou muito depois para a censura militar atingir o religioso, impedindo-o de se expressar livremente. Em 1967, o panorama se fechou ainda mais quando o Congresso Nacional promulgou, em 9 de fevereiro, a Lei 5.250, ou Lei de Imprensa, sancionada pelo então presidente Castelo Branco, que considerava crimes contra a pátria abusos na liberdade de informar e de expressar o pensamento.

Os crimes de imprensa, depois do golpe de 1964, foram processados e julgados pela Lei de Segurança Nacional ou pelo Código Penal Militar (COM). Jornalistas foram atingidos pelo poder arbitrário “porque exerciam as suas funções de maneira mais imparcial possível. Alguns periódicos não pretendiam outra coisa do que serem órgãos informativos de determinadas áreas” (MARCONI, 1980, p.192 e 193). Em 1968, com o Ato Institucional Nº 5, promulgado em 13 de dezembro, o regime se tornou mais rígido contra as artes e às comunicações, sobretudo, contra a liberdade da palavra e de expressão. Em meados dos anos 60, a efervescência jovem se espalhou por vários continentes. Lutava-se contra o stalinismo nas ruas de Praga, na Tchecoslováquia. Nos Estados Unidos, contra o racismo. No Vietnã, enfrentava-se o inimigo ianque. Após o assassinato de Che Guevara, focos guerrilheiros promoviam a Revolução na América Latina. No Brasil, lutava-se contra a ditadura militar.

Nesse período, o radicalismo jovem se apropriou do lema “é proibido proibir”, um princípio de rebeldia nos protestos contra o conservadorismo e a favor da liberdade, atitudes que se espalharam pelo mundo e motivaram os jovens no Brasil. De norte a sul, associou-se a um combate mais organizado contra o regime: intensificou-se a onda de protestos mais radicais, especialmente o dos universitários nos grandes centros. Por outro lado, a chamada "linha dura" providenciava instrumentos mais sofisticados e planejava ações mais rigorosas contra a oposição.

Em 1968, Dom Helder mantinha-se ativo e resistente em suas atitudes. Reportagem do jornal *O Globo*¹⁵ registrou:

Um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

¹⁵Reportagem publicada no Blog do Acervo - espaço dedicado a resgatar fotos e reportagens publicadas pelo O Globo, com o objetivo de estabelecer um diálogo entre o passado e o presente - lembrar os 50 anos desse episódio sob o título 'Devemos ensinar o povo brasileiro a lutar por liberdade', disse Dom Hélder Câmara durante ditadura, há 50 anos. Link: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/devemos-ensinar-o-povo-brasileiro-lutar-por-liberdade-disse-dom-helder-camara-durante-ditadura-ha-50-anos.html>..

(CNBB), Dom Hélder Câmara foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife no dia 12 de março de 1964, cerca de três semanas antes do golpe militar que instalou uma ditadura no país. A partir de então, o religioso estabeleceu resistência ao regime, denunciando violações de direitos humanos cometidas pelos homens de farda. Devido a essa oposição, foi acusado de ser comunista e censurado. Mas não se calou. Dom Hélder aproveitava as viagens ao exterior para botar a boca no trombone, como fez no dia 11 de abril de 1969, há exatos 50 anos, durante um discurso a jovens de 32 países reunidos em um congresso estudantil em Manchester, no Reino Unido.

Os meios de comunicação registraram à época que, aproveitando sua visita a Inglaterra, Dom Helder buscou inspiração na música dos Beatles para conversar com os jovens, cerca de 1.300 delegados: "Vocês devem completar a mensagem dos Beatles. Os jovens colegas dos Beatles protestam contra a forma monstruosa em que vivemos hoje, com nossos falsos valores, contra a ridícula mecanização de tudo, inclusive do dinheiro", completou ele, que teceu críticas ao racismo em seu discurso e elogiou o movimento hippie.

Conforme destacou o jornal *O Globo* na mesma edição da época, o guitarrista George Harrison, dos Beatles, e sua esposa, Pattie, foram condenados por posse de maconha pouco antes da chegada de Dom Helder ao país. Um dos líderes da banda inglesa, John Lennon, e sua companheira Yoko Ono, por sua vez, tinham sido presos pelo consumo da mesma erva. O arcebispo não ignorou o tema e associou o consumo de entorpecentes à conjuntura mundial. "Podemos por acaso deixar de entender os hippies, seus lemas e seus excessos psicodélicos e sua terrível amargura?", questionou Dom Helder, em referência às mazelas do mundo. E salientou: "vocês devem mudar fundamentalmente a norma do comércio internacional, eliminar o neocolonialismo e fomentar o desenvolvimento de toda a humanidade".

A passagem do religioso brasileiro pelo Reino Unido, ainda segundo *O Globo*, não passou despercebida na imprensa britânica. Em entrevista ao jornal *The London Times*, criticou a ditadura brasileira e suas conseqüências e defendeu mudanças imediatas no país a favor da população. Para ele, no entanto, os dirigentes de farda impediam qualquer progresso em nome do anticomunismo. "A única saída, portanto, seria a mobilização popular", registrou o jornal. O *The Guardian*, periódico progressista do Reino Unido, que definiu Dom Helder como "o mais turbulento dos padres", em referência ao seu histórico de resistência ao autoritarismo do regime militar.

Uma ala da Igreja da qual pertencia Helder Camara, ainda em 1968, teve uma ação mais expressiva na defesa dos direitos humanos ao passo que lideranças políticas cassadas continuavam a se associar nos movimentos que visavam um retorno à política nacional e o combate à ditadura. A marginalização política que o golpe impusera aos antigos rivais -

Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart - tivera o efeito de uni-los na Frente Ampla, cujas atividades foram suspensas pelo Ministério da Justiça.

Neste contexto de censura, Dom Helder traçou estratégias disponíveis para se comunicar com o povo da forma que mais gostava, usando a linguagem popular acessível aos ouvidos de todos, principalmente as pessoas mais simples. O Dom Helder, comunicativo e comunicador, decidiu não se calar em hipótese alguma, nem sequer mediu as consequências das permanentes ameaças que lhe atingiam. Para continuar com sua voz militante nas causas populares, compreendeu que lhe restavam o púlpito e o microfone da Igreja como instrumentos para suas celebrações e os boletins produzidos pela arquidiocese. Resolveu, ainda, assumir o papel de apresentador do programa Um Olhar Sobre a Cidade, que foi ao ar de segunda a sábado, na Rádio Olinda. De imediato conquistou boa audiência, sem escapar das antenas dos militares.

1.1 Queridos amigos: crônicas e críticas no rádio

Os anos 1970 foram uma vertigem, conforme descreveu por vários ângulos, a edição especial do Almanaque Centenário (1915-2015), da Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco - 100 anos, ao destacar a década em que a cidade do Recife foi invadida pelo rock'n'roll e pelas águas do Capibaribe que cortam o centro do Recife. A capital entrou em pânico com o boato de que a barragem de Tapacurá ia estourar, num alarme falso que hoje ultrapassaria as barreiras das "fakes news". Foi o ano em que se cantou 'Pra frente, Brasil' embalada pelos feitos de Pelé & cia. Nessa década, a terra do frevo ultrapassou a barreira de um milhão de habitantes, dobrando a população em 20 anos.

A juventude politizada, a maioria branca, universitária e de classe média - cindiu-se entre a guerrilha nos movimentos de esquerda e a contracultura. No Bar Mustang, coração do bairro da Boa Vista, em meio aos versos do poeta pernambucano Carlos Pena Filho, "30 homens sentados bebiam 30 copos de chope", sob o olhar atento de tiras disfarçados, jovens politizados discutiam as revoluções do momento. Na famosa Pracinha do Diário, point de encontro intelectual, em frente ao histórico e antigo prédio do jornal *Diário de Pernambuco*, o mais antigo em circulação da América Latina, pertencente aos Diários Associados, do empresário Assis Chateaubriand, populares divertiam-se assistindo à Lolita (Ivo Alves da Silva) e cantavam Babalu.

Anos da visita do "milagre econômico" que não tardou a mandar a conta: uma urbanização alucinada, perversamente alimentada de desigualdade social, onde se incubavam as sementes do colapso urbano. O centro da cidade regurgitava de passantes apressados. No centro, população de pedintes e menino de rua crescia. "Os subúrbios se transformaram em periferia, em cujo ventre depauperado se geraria o monstro da

violência e da insegurança futuras. Distraída, a cidade não percebia a ameaça de predadores à espreita, que viriam a subjugar-la mais adiante: o espigão e o automóvel¹⁶.

No Nordeste, Recife foi uma das capitais que mais se destacou como um importante polo da radiodifusão no Brasil. O relatório da Comissão Estadual da Memória e Verdade (2017, p. 256) esclarece que as rádios Olinda¹⁷ e Universidade, pertencente à UFPE, fundada em 1963 por iniciativa do educador, pedagogo e filósofo Paulo Freire, "desempenharam um papel relevante na década de 60, seja pelo caráter educativo predominante, na sua programação com relação à alfabetização de jovens e adultos, seja pela valorização da cultura popular local e regional". Na prática, defenderam reivindicações populares e denunciaram as violências contra os presos e perseguidos políticos.

Em sua trajetória na condição de rádio popular ligada à Igreja, além de promover a prestação de serviços, dar destaque ao jornalismo e aos esportes, a Rádio Olinda fazia a difusão da programação do Movimento de Educação Popular, criado pela CNBB, com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos do meio rural. Para evitar uma intervenção policial em função da militância de Dom Helder Camara em defesa dos presos políticos, que redundou no monitoramento permanente do arcebispo pelos órgãos de segurança, a administração da emissora foi transferida para as Edições Paulinas, salvaguardando-a desse imprevisto.

De abril de 1974 a abril de 1983, Dom Helder se fez presente todos os dias da semana, exceto aos domingos, para dialogar com seus ouvintes assíduos do programa "Um olhar sobre a cidade". Comedido, diante dos microfones, não chegou a externar todas as suas opiniões, temendo que este único espaço midiático que lhe restava fosse confiscado pelos censores. Ainda assim, havia rigorosa censura do Serviço Nacional de Informação (SNI) e do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) que requisitavam cópias em fita cassete das edições para avaliar o conteúdo, ameaçando fechar a emissora, caso não se cumprissem as ordens expressas.

A cada edição, o bispo comunicador abria o programa com uma crônica, muitas delas criticando as mazelas do país. Com voz mansa, cumprimentava os ouvintes com o bordão "Meus queridos amigos". Ao longo dos nove anos ininterruptos de programa, foram 2.549 crônicas produzidas e lidas no ar, a maioria, com temáticas voltadas para injustiças sociais, política, religião, sentimentos e reflexões.

Além de servir de material para a memória do rádio, as crônicas revelam um Dom

¹⁶ Almanaque Centenário, publicado nas versões on line e impressa, em 2015, pela editora Cepe, para comemorar o primeiro centenário da Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco, sob a organização e edição do jornalista Ricardo Melo, fazendo uma espécie de retrospectiva de 1915 a 2015

¹⁷ A Rádio Olinda foi fundada em 1953 pelo empresário Arlindo Cardoso Moura. Impossibilitada de competir com as outras emissoras existentes nesse período, face às dificuldades de ordem financeira, foi vendida à Arquidiocese de Olinda e Recife em 1960.

Helder familiarizado com os fatos da época por meio do noticiário nacional e local. Em grande parte, as abordagens pontuadas nos textos se tornam atemporais, ao mesmo tempo que coincidem com o momento de recessão econômica, violência, injustiças sociais e a crise política na qual o Brasil atravessou desde que os militares tomaram o poder em 1964. Manifestou a preocupação política no programa radiofônico, mesmo ciente da censura.

Nos meios de comunicação e nas artes, o monitoramento do Exército só crescia. Sobre o apogeu da censura à liberdade de se expressar nos meios de comunicação, o jornalista e professor colaborador da ECA/USP, Manuel Carlos Chaparro (2014) pontuou que é possível se fazer uma analogia entre o passado e presente, sobretudo considerando as várias formas de se comunicar nos meios. Dom Helder, no entanto, muitas vezes, na condição de religioso e comunicador, era duro em seus discursos ao dissecar problemas sociais sem perder o fio da meada em torno das denúncias que lhe eram apresentadas.

Para o arcebispo, evidentemente, não era na palavra "censura" que estava o medo. Chaparro (2014, p.61) discute as situações em que a palavra se dispõe nas diversas formas do discurso: "A palavra existe para definir uma quase infinidade de situações, várias delas convenientes à democracia e à cultura, inclusive o arbítrio jornalístico de publicar ou deixar de publicar. O perigo está no estabelecimento ou no consentimento do poder arbitrário de censura" (CHAPARRO, 2014, p.61).

Helder cumpria seu papel de se comunicar com o ouvinte e desejava ser entendido por todas as classes sociais que o seguiam. O "radialista" de voz compassada não temia tal poder em hipótese alguma e emitiu, em suas narrativas radiofônicas, opinião contestadora e pertinente aos assuntos abordados em que houvesse rastros de injustiça. Naturalmente, as opiniões emitidas no ar, iam de encontro ao governo. Nas crônicas, a imparcialidade acentuava o tom da indignação com comentários diretos. O objetivo era conscientizar os ouvintes sem rebuscamento intelectual, para os problemas que atingiam a todos.

Na crônica O que os turistas não veem, apresentada em 5 de maio de 1974, argumentou que os visitantes só vivenciam a agenda positiva da cidade, points turísticos, passando despercebidas as mazelas, como crianças e adultos catando comida à céu aberto e em latas de lixo. "Seria errado e injusto dizer que o governo falta em tudo", indagou. Em seguida, acrescentou: "há uma parte grande de responsabilidade que cabe a ele, e devemos ter serenidade e coragem para emprestar voz aos sem voz, e cobrar o que não é favor, mas obrigação do poder público". Inflação foi o tema da pauta do dia 15 de julho de 1976, ao questionar os preços do feijão, farinha, charque, café, açúcar e pão. "Quando sobe o preço do uísque e dos vinhos importados, quando sobe o preço dos perfumes ou dos charutos, ou mesmo dos cigarros, não se compara com o aumento do preço do leite ou do pão. Leite é problema sério para todas as crianças. Pão é problema para todo mundo".

Nesta mesma crônica, narrou, como um repórter que foi às ruas, histórias e

lamentos de fontes populares, a exemplo de um taxista e uma dona de casa, que sofreram com o custo de vida a partir dos preços exorbitantes no supermercado. "Já se lembrou alguma vez de visitar a casa onde mora sua empregada? Imagine as despesas indispensáveis de uma família, de um casal e três filhos". Ao final, justificou: "Com estas e outras numerosas perguntas a intenção não é atacar ninguém: Nem Governo, nem ricos, nem ninguém. Não interessa blá blá blá. Agitação e subversão não resolvem". O cronista do rádio, afirmava: "o importante é nós todos, do menor ao maior, nos convenceremos de que o mundo assim não vai e de que é urgente, juntos com o pensamento em Deus trabalharmos para construir um mundo menos egoísta, mais justos e mais humano".

Constante observador das coisas simples do cotidiano, ao questionar sobre as atitudes capitalistas do poder econômico, Dom Helder estava munido de informações concretas e como expôs Caetano Veloso na canção Sampa¹⁸, o religioso endossava as palavras "a força da grana que ergue e destrói coisas belas". Na narrativa de *A matemática da vida*, definiu a palavra "dividir", conforme seja, como "verbo divino". Para ele, compartilhar o pão com um irmão faminto é divino, mas dividir, quando se trata de somar, desunir e intrigar, é diabólico. "Não vale multiplicar riqueza de quem é rico, multiplicando a pobreza de quem é pobre", disse, em referência aos conglomerados empresariais.

Nas crônicas radiofônicas, referiu-se ao déficit de moradia que sempre foi um problema social no país e insinuava que os técnicos, geralmente, avaliavam quanto valeriam os terrenos ocupados pelos mocambos dos pobres: "Onde vai dar o egoísmo de ir varrendo os pobres sempre para mais longe e porque o progresso dos ricos vai sempre ser feito à custa do sofrimento dos pobres?". As críticas, que ele contextualizava no ar, por diversas vezes eram interpretativa e utilizavam das metáforas para facilitar o entendimento dos ouvintes, Foi o caso da crônica *O besouro na garrafa*, na qual comparou um inseto como um "pobre besouro metido na garrafa, debatendo-se, inutilmente, contra sua prisão de vidro, lutando por lutar, sem entender a luta, sem motivo de esperança, sem sombra de estímulo".

A partir desse exemplo, o arcebispo, em seu papel de cidadão e comunicador, defendeu o direito à moradia, ao contar como um repórter profissional em campo, a história de uma senhora com que teve a casa destruída em uma cheia que atingiu o Grande Recife. A mulher conseguiu um empréstimo de 80 mil cruzeiros (moeda da época) para reconstruir sua casa. "Cada mês podendo ou não tinha de pagar perto de 4 mil. Mas com juro e correção monetária está devendo 250 mil cruzeiros. Só acreditei porque, além de ser uma senhora séria, ela me mostrou a papelada toda", narrou Dom Helder, ao acrescentar

¹⁸Sampa, é considerada como símbolo da cidade de São Paulo, a música "Sampa", escrita por Caetano Veloso, completou 40 anos em 2018. Foi composta para um programa de TV no aniversário de São Paulo em 1978 e gravada no disco *Muito - Dentro da Estrela Azulada*.

que a cidadã escreveu até para o presidente, sem obter resposta.

Com a precisão de dados, ele esboçou a crítica ao problema da habitação popular. “Banco faz qualquer negócio: não pode é deixar de ganhar. A senhora parecia um besouro se batendo dentro da garrafa de vidro”. Na sequência da narrativa, deu exemplo de outra vítima do sistema, o senhor Gaspar, 42 anos, que não conseguia mais emprego pela idade e vivia de biscates, “também se batendo no fundo de uma garrafa qual um besouro desesperado”.

Nem sempre os temas escolhidos pelo apresentador do programa eram de problemas sociais ou políticos em tom de denúncia. Letras de música, poesias, reflexões filosóficas e diversas passagens bíblicas a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo, muitas vezes davam o mote para outras narrativas dirigidas ao ouvinte. Fosse em tom de informação sobre os acontecimentos da semana no Brasil e no mundo, ou de alerta e conscientização, Dom Helder falava com vocabulário simples para que todos entendessem como se estivesse evangelizando pelas ondas do rádio. Quando achava conveniente, uma letra de música servia para fazer analogia negativa ou positiva com realidade do país. No programa de 2 de abril de 1982, quando o regime militar já havia dado a largada para a abertura política, e já se fazia campanha pelas Diretas Já, ele contextualizou na crônica Entrada Proibida, a música *Cidadão*, do cantor e compositor mineiro Zé Geraldo, lendo a letra com a música ao fundo e, ao final, aproveitou para tecer suas críticas diante outra realidade que é o sacrifício do trabalhador da construção civil, conforme os versos da música:

"Tá vendo aquele edifício moço? /Ajudei a levantar/Foi um tempo de aflição/Eram quatro condução/Duas pra ir, duas pra voltar/ Hoje depois dele pronto olho pra cima e fico tonto/Mas me chega um cidadão/E me diz desconfiado, tu tá aí admirado ou tá querendo roubar?/Meu domingo tá perdido/Vou pra casa entristecido/ Dá vontade de beber/ E pra aumentar o meu tédio/Eu nem posso olhar pro prédio/Que eu ajudei a fazer /Tá vendo aquele colégio moço?/ Eu também trabalhei lá/ Lá quase me arrebento/ Fiz a massa, pus cimento e ajudei a rebocar/ Minha filha inocente vem pra mim toda contente: Pai vou me matricular../Mas me diz um cidadão, criança de pé no chão, aqui não pode estudar/ Esta dor doeu mais forte/Por que eu deixei o norte/ Eu me pus a me dizer/ Lá a seca castigava/ Mas o pouco que eu plantada tenha direito a comer/ Tá vendo aquela igreja moço onde o padre diz amém? Pus o sino e o badalo/Enchi minha mão de calo/Lá eu trabalhei também, lá sim valeu a pena/ Tem quermesse, tem novena. E o padre me deixa entrar / Foi lá que Cristo me disse: Rapaz deixe de tolice, não se deixe amedrontar / Fui eu quem criou a terra/ Enchi o rio e fiz a serra/ Não deixei nada faltar/ Hoje o homem criou asas e na maioria das casas eu também não posso entrar/.

Ao pontuar as queixas do compositor expressas na letra, Helder elogiou o artista

dizendo que ele foi generoso com a Igreja. No entanto, ressaltou que, nas entrelinhas, havia um oportuna e necessária reflexão sobre a realidade das cidades grandes, assim, alinhou as críticas até mesmo aos templos suntuosos. “Há igrejas de mármore, cheias de vitrais e de lustres tão belos, com tapetes ricos, que pobre de pés descalço ou sapato velho, sujo de lama, fica com medo de entrar”. Mas o ponto alto da canção, conforme reiterou, estava no trecho em que o pedreiro expõe sua fé e dialoga com Cristo. “É ou não uma canção digna de ser ouvida e meditada?”

No contexto dos assuntos que levava para a bancada do programa também interpretava como injustiças sociais o comportamento de profissionais de algumas áreas específicas. Um exemplo ficou claro na crônica Os médicos e a pobreza, apresentada na edição de 15 de julho de 1982. No ar, ele anunciava que celebraria à noite uma missa de formatura dos novos médicos da UFPE. Comparou os avanços da tecnologia a da eletrônica (“quando há recursos”), que tornam bem fácil e seguro o diagnóstico do que se passa com quem buscava o socorro da medicina. E provocou: “Os médicos de nossos dias não podem esquecer as condições terríveis para a saúde, criadas pelo egoísmo que reduz mais de 2/3 da humanidade a uma condição sub-humana. Quem sabe que hoje a tuberculose é perfeitamente curável?”.

Sobre o mesmo assunto, Dom Helder prosseguiu argumentando sobre as condições curáveis da tuberculose para a medicina no começo da década de 1980, e deu como exemplo as condições das crianças que chegam aos consultórios sem saber qualquer que seja a doença, sendo que a segunda é a fome. “Que saúde pode haver para multidões sem casa ou sem casebres, mergulhados na lama, sem água, nem esgoto ou com água poluída, sem emprego, sem alimentação adequada?”.

Política era um dos assuntos que ele não temia em falar nem se preocupava se iria sofrer retaliações de aliados ou adversários, mas também levava para a “tribuna do rádio” questões envolvendo os representantes do povo, na sua concepção administrativa, caso estes cometessem arbitrariedades contra as classes menos favorecidas. Vez ou outra, assuntos polêmicos surgiam nos script, em meio às interpretações dos fatos expostos, seguidos de comentários que ele esboçava com veemência. Os mesmos temas circulavam nas pregações do arcebispo onde quer que fosse, dentro ou fora da Igreja, sem jamais fazer alusão às legendas partidárias.

Para o programa do dia 1º de abril, quatorze anos após o golpe de 1964, leu no ar a crônica Conscientização política, no qual chamou a atenção do ouvinte para não temer a reflexão crítica. “Como é possível chamar de comunistas a quem se entrega ao trabalho de conscientizar, se o comunismo, ditadura de esquerda, teme tanto a conscientização quanto às ditaduras de direita?”. Como se estivesse antecipando a volta da democracia pelos caminhos da abertura política, Dom Helder “proclamou” que o povo já estava cantando. E

leu com seu espírito de entusiasmo os seguintes versos:

"Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo/ Eu quero ver todo mundo acordar/ E descobrir dentro da realidade/ Que a semente da verdade/Está querendo germinar(...) Eu quero ver todo povo caminhando/ Se libertando do medo que tem do tubarão/ Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo/ Todo povo tem boca pra falar/ Ainda tem gente que se faz de muda/ Fica num canto calada sem se mexer do lugar/ Ouvi um grito, mas não sei de quem foi/ Grita sem medo, grita, grita minha gente/ Quem morre calado é sapo debaixo do pé do boi(...)/ Quero ver todo povo em união/ A consciência não se ganha sem esforço/ Vamos abrir nossos olhos pra enxergar a situação/ O povo não é mais caranguejo/ Eu quero ver todo povo consciente/ Descobrindo que é gente e caminhando pra frente".

O alerta para que o povo ficasse de olhos e ouvidos abertos era endossado em suas argumentações feitas na sequência de cada leitura. Ao final dos versos, provocou: "o povo ainda é muito caranguejo, ainda anda é para trás. Vamos nos unir para apressar a hora em que, como gente, o povo caminhe para frente".

Em pelo menos três crônicas lidas na mesma semana de novembro de 1978, esclareceu trechos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Na crônica A tortura, ressaltou que era necessário recordar o documento aprovado em 1948, pelas Nações Unidas, sobretudo o artigo 5º: "Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante".

Sem perder o tom da indignação, não media palavras para alfinetar as táticas do Exército ao conduzir as perseguições seguidas de torturas e mortes. Ao repercutir o mesmo tema na crônica A prisão e o exílio, citou outro artigo da Declaração Universal: "Ninguém será arbitrariamente preso, detido e torturado. Aí está a brecha enorme que se abre e por onde passam tranquilos os governos autoritários. Eles jamais agem arbitrariamente, pois, tem sempre razões para prender, deter e exilar". Dom Helder acrescentou: "Quando alguém estranha, vem o comentário que, a meu ver, não prova nada de nada. O comentário que vem é este: Estão achando ruim porque nem imaginam os absurdos, as barbaridades, que se fazem na Rússia e na China".

A cada diálogo o apresentador fazia a ponte com seus ouvintes, provocando-os a entender que, quanto às prisões, era preciso unir vozes para clamar não só pelos presos políticos, mas também pelo tratamento humano e digno aos presos comuns. "Se os cristãos praticassem mais esta grande e bela obra de misericórdia, se acompanhassem mais de perto a situação dos presos comuns, desaparecia da face da terra, a vergonha das prisões com condições desumanas".

Na crônica Vida Vigia, do dia 22 de novembro de 1978, é possível identificar indícios para entender o momento digital atual com pessoas conectadas a um computador

ou celular, cujo ambiente é marcado por ofensas, ameaças, preconceito e até a defesa da volta dos militares ao poder ganham espaço. Se ele atuasse no rádio atualmente, que lições daria ao ouvinte? Na crônica de 1978, ele reforçou a defesa de que "ninguém está sujeito à interferência em sua vida privada, na sua família e no seu lar ou na correspondência, nem ataque à sua honra ou reputação". Os mais próximos entendiam que Helder se referia à vida vigiada que lhe perseguiu durante anos, sob as ordens dos militares.

Por meio de analogias, Helder insinuou que "a xerox tira cópia em cinco segundos. A carta segue, mas a documentação fica perfeita, irrefutável. E quem não sabe que, hoje, de um carro parado em frente a uma casa, é possível captar tudo o que se conversa [...] na intimidade do lar?" Em seguida, enfatizou: "Não nasci para conspirar. Prefiro até que tudo que eu diga seja gravado, porque eu respondo pelo que eu digo e não pelo que dizem que eu digo. Mas não deixa de ser triste que a vida íntima, a vida privada, esteja sujeito a tantos assaltos e tantas agressões".

Helder Camara fazia críticas contundentes à sociedade em decorrência das práticas atuais que passou a expor publicamente a vida dos cidadãos nas redes sociais, principalmente a disseminação de notícias falsas (fake news), intrigas e agressões. A avalanche de notícias falsas contra ele também foi uma constante, através dos articulistas que lhe faziam oposição na imprensa do Rio de Janeiro. No Recife, além das matérias negativas, as pichações feitas nas paredes da cidade, com ofensas direcionadas a membros da igreja e até ameaça pública de morte também provocavam Helder.

Com o poder do rádio nas mãos, o arcebispo praticou, através de suas reflexões, amplo debate diante das circunstâncias de censura. De alguma maneira, correspondeu às colocações de Benedetti (2009), de que o jornalismo ganhou o reconhecimento de ser uma instituição social em função dos papéis que passou a desempenhar: o de dar visibilidade aos acontecimentos da atualidade, mediando as informações entre os indivíduos e os outros campos sociais, e o de ser o espaço onde esses acontecimentos tomam formas de debates.

Não foi só no programa radiofônico que ele usou dos meios de comunicação para propagar suas ideias. A função de comunicador foi exercido nos anos 50, ao se transformar em uma das principais estrelas da nascente TV brasileira, na década em que, como bispo auxiliar do Rio de Janeiro, apresentou o programa religioso "Nas trilhas de Deus", que foi ao ar aos sábados, no horário nobre. Por conta da força da televisão no Brasil e seu jeito especial de falar, conseguiu apoio para os projetos da Cruzada São Sebastião e o Banco da Providência.

No rádio, Helder comentava fatos da época, questões políticas, econômicas e, sobretudo, a exploração de trabalhadores rurais da cana de açúcar. Em O gosto amargo da cana, da edição de 8 de outubro de 1979, ele se apropriou de uma nota distribuída à

imprensa pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda, para fazer críticas severas aos patrões e donos de usina e proprietários de terra:

Dói-nos constatar que homens tão humildes arrostam tão ingentes perigos e incompreensões de empregadores e governos, apenas pra conseguir direitos trabalhistas tão elementares como a assinatura da carteira profissional, no ato da admissão, o fim das jornadas semanais de trabalho ao meio dia do sábado, o fornecimento de equipamentos de trabalho ou até mesmo a simples inscrição nos envelopes de pagamento, dos créditos e descontos efetuados. Os dois hectares de terra que reivindicam para as suas roças, até isto já esta garantido em lei, impunemente descumprida até aqui.

Em defesa dos canavieiros, no mesmo texto, ele caracteriza como "estranha e dolorosa situação esta que, para cumprir a lei, precisa-se recorrer à greve". No mesmo dia, denunciou que 80% desses trabalhadores ganhavam salário mínimo, tendo de ficar desempregados três ou quatro meses no período da entressafra, fato que continua a ocorrer quatro décadas depois em Pernambuco não só na indústria da cana de açúcar, mas também como ocorre na fruticultura irrigada do Sertão do Francisco. E prosseguiu em busca de respostas:

Até quando assistiremos omissos ao desrespeito absurdo da própria lei? Até quando testemunharemos impassíveis o extermínio lento, mas seguro, de quase meio milhão de trabalhadores? Nossa consciência de cidadãos, e de cristãos, força-nos a engrossar o clamor de trabalhadores da Zona da Mata. Mais que simples reivindicações econômicas, eles pedem apenas que se cumpra a lei, e se respeite seu direito à vida.

O período de longa estiagem entrou na temática do programa do dia 20 de abril de 1982, no qual abordou o Encontro chamado Nordesteão, que ocorreria dois meses depois reunindo os bispos na cidade de Baturité, no Ceará, para fazer um "balanço corajoso do problema da seca". As secas, argumentou, se sucediam, e desde Dom Pedro II, não havia meios de superá-las, contudo, a esperança foi a criação da Sudene, "que coitada, não pode corresponder às esperanças do nordestino". O cronista Helder reverberou no ar as críticas às políticas assistencialistas, pois "o Nordeste continuava a aparecer como mendigo, e quando a seca aperta, o governo se vê obrigado a medidas de emergência". Diante do quadro, lastimou que houvesse flagelados que, perdendo a paciência, recorriam aos assaltos em algumas cidades. "O nordestino não pode aceitar a perpétua condição de mendigo diante a maldita indústria da seca".

¹⁹Composição de Venâncio/Corumba/João Guimarães, foi gravada por Raimundo Fagner, no LP intitulado Manera, Fru Fru, Manera (1973), e depois por dezenas de intérpretes, entre eles, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Zé Ramalho.

Ao concluir a leitura do texto, usou da intertextualidade, dando o exemplo dos versos pujantes da canção O Último Pau de Arara¹⁹, cuja abertura diz: "A vida aqui só e ruim quando não chove no chão/ Mas se chover dá de tudo, fartura tem de montão/ Tomara que chova logo, tomara meu Deus tomara/ Só deixo meu Cariri no último Pau de Arara". No horizonte de seu senso crítico para com as questões sociais, a seca continuou na pauta do programa, e denunciou o desvio de verbas públicas, na crônica Projetos faraônicos, no dia 3 de fevereiro de 1983. "No século em que o homem já desembarcou na lua, faz com o computador elétrico o que parece mentira, dispõe de bombas para acabar com a vida na Terra inteira, anunciar anos seguidos de seca parecia gozação".

Os comentários seguintes abriram brechas como de costume para ele exercitar a força do discurso consciente ao repudiar apropriação dos recursos políticos nas situações de emergência como as secas ou nos projetos para a região. "E tenham cobertura para poder provar como nos projetos grandiosos, onde o dinheiro some e não serve para o povo humilde. É preciso que os técnicos tenham cobertura para desnudar escândalos como o da mandioca²⁰ e das favelas".

Mais uma vez usando da intertextualidade e das práticas de leitura que tinha acesso, citou o poeta Carlos Drummond de Andrade, um dos poetas de sua preferência que, no *Jornal do Brasil*, publicou o texto com as palavras: "Iremos todos cortar na carne para Itaipu, Carajás, Tucuruí, a Ferrovia do Aço, as usinas nucleares, que já pesavam tanto no bolso do contribuinte e do usuário".

O assassinato do padre Antônio Henrique Pereira Neto, uma das provas de perseguição e recado dos militares endereçados a Dom Helder Camara, em um dos capítulos mais cruéis da ditadura militar em Pernambuco, também virou pauta de seu programa, anos depois do episódio violento que parou Recife e Olinda. Para a edição do dia 11 de fevereiro de 1982, o arcebispo preparou a crônica Sepultamento do padre Henrique, talvez, como forma de relembrar o fato que jamais seria esquecido e denunciou com mais rigor e indignação, o que não se pode fazer à época, diante da censura.

A respeito do velório, lembrou de todo trajeto até o cemitério da Várzea, no

¹⁹Composição de Venâncio/Corumba/João Guimarães, foi gravada por Raimundo Fagner, no LP intitulado Manera, Fru Fru, Manera (1973), e depois por dezenas de intérpretes, entre eles, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Zé Ramalho.

²⁰Considerado o maior crime financeiro já ocorrido em Pernambuco, segundo o Diário de Pernambuco, o Escândalo da Mandioca chegou ao conhecimento do grande público em julho de 1981. No entanto, desde o ano anterior, políticos, fazendeiros, comerciantes e personalidades do município de Floresta, distante 433 quilômetros do Recife, já estavam envolvidos no esquema que desviou Cr\$ 1,5 bilhão do governo federal, por meio do Banco do Brasil. Em valores atuais, o prejuízo à União seria de R\$ 34 milhões. O golpe consistia na obtenção de documentos falsos para conseguir créditos agrícolas para o plantio de mandioca utilizando cadastros frios, propriedades fictícias e agricultores fantasmas. Por conta das denúncias do caso, o procurador Pedro Jorge foi assassinado, em Jardim Atlântico, Olinda(PE). Sete pessoas foram indiciadas pelo crime, entre elas o ex-major da Polícia Militar José Ferreira dos Anjos, apontado como mandante da execução.

Grande Recife, e do hino “Prova de amor maior não há, que doar a vida pelo irmão” que, segundo ele, surgiu na hora da morte do padre. Lembrou que por duas vezes o cortejo foi interrompido, mas sem exaltação. Nem pânico nem sombra de medo. Os cânticos continuaram sem provocação, sem covardia. “Jamais pude esquecer o milagre da partida silenciosa. Era realmente o mais alto clamor contra as impunidades de um crime bárbaro que continuava clamando ao céu como o sangue dos mártires sem número da Igreja de Cristo!”.

Não só os militares e a imprensa deixaram rastros de atritos com o religioso. Dentro da Igreja Católica, bispos e padres teciam críticas ao conhecido arcebispo de Pernambuco. Quando se sentia acochado pelos colegas, não se intimidava em expressar seus sentimentos de repulsa contra quem tentava prejudicar a imagem sem provas. As crônicas do programa na *Rádio Olinda* abordavam temas religiosos, muitas vezes, contrários aos setores eclesiais, inclusive ao Vaticano.

Diversos artigos escritos sobre o arcebispo na imprensa e em livros apontam que a cúpula do Vaticano não via com bons olhos o posicionamento ao defender a Teologia da Libertação, baseada nas doutrinas do Concílio do Vaticano II e nas Conferências dos Bispos, realizadas em Medellín, na Colômbia, e em Puebla, no México²¹. Nos anos 70, apesar dos elogios ao Papa Paulo II, Dom Helder percebia traços extremamente conservadores em suas atitudes. Tais observações foram confirmadas quando por ocasião da sua aposentadoria compulsória, foi nomeado para ocupar o seu lugar um bispo com pensamento diametralmente oposto ao seu.

A Janela do Vaticano foi o título da crônica que escreveu para o programa do dia 21 de outubro de 1975, na qual não deixou escapar seu olhar de reprovação a certos comportamentos na sociedade e até mesmo dentro da Igreja. No texto, ressaltou que, altas horas da noite, os romanos e peregrinos percebendo luz dentro da janela mais famosa, em Roma, sabem que o Santo Padre está desperto, trabalhando ou orando. “Quantas outras janelas no mundo sem terem a fama da janela que corresponde aos aposentos da janela do Papa, guardam ao menos para alguns olhos e alguns corações, uma história, um romance, uma saudade...”.

Sobre esse sentimento, assinalou, na crônica, a percepção sobre o comportamento de alguns Papas a partir da janela do Vaticano:

Sabem, quando penso no Papa João XIII e no Concílio Vaticano II, a impressão mais forte que me fica é de que Deus confiou ao bom e querido Papa João, o encargo de abrir janelas na igreja de Cristo.

²¹ A Conferência de Puebla (México) ocorreu em 1979 e seguiu as do Rio (Brasil), em 1955, e Medellín (Colômbia), em 1968. O Papa João Paulo II participou deste evento em sua primeira viagem ao México, que teve como fruto o documento de Puebla.

Janelas que andamos fechando... Janelas de ferrolhos enferrujados dado ao tempo grande que não eram movidas, João XIII abriu janelas! E como abriu! Ainda hoje há quem reclame de tanta luz, e tanta corrente de ar. Olhos já poucos afeitos à luz, viciados na penumbra, sentem a pupila dilatar-se... Os olhos chegam a doer... A claridade parece insuportável! Janelas fechadas! Há pessoas que nem se contentam em fechar janelas e ainda vedam as frinchas.

Ao final da crônica, comentou que não basta abrir portas e janelas de madeira das igrejas de pedra, deixando subentendido nas entrelinhas, a aversão à distinção de classes sociais entre fieis nos espaços católicos. “O ideal é abrir portas dos templos vivos que somos nós, criados não para as delícias do nosso egoísmo... que todos se sintam criados para Deus e para o próximo, para Deus e para os outros. Pois todos são nossos irmãos”.

1.2 Interpretação do discurso político nas canções da MPB

Ao longo dos anos em que manteve o programa no ar, o arcebispo discorreu sobre arte sacra, natureza viva, ecologia, poesia, música e tecnologia. Composições clássicas da MPB deram o mote para algumas das crônicas com teor sentimental, pois ele fazia questão de abrir reflexões junto aos ouvintes. Apaixonado por música clássica e brasileira autêntica, Helder tinha bom gosto, segundo os amigos mais próximos. Apreciava os compositores e intérpretes da geração que eclodiu nos festivais de música do final dos anos 1960, a exemplo de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Geraldo Vandré, Luiz Gonzaga, além de outros artistas que surgiram nas décadas seguintes como Zé Geraldo e Osvaldo Montenegro. "Se eu perder contato com os artistas, não serei eu", costumava dizer.

Dom Helder sempre abriu caminho de aproximação com as artes, pois entendia que serviam de instrumento de construção de diálogo entre a igreja e a sociedade, a partir das leituras de mundo que as linguagens artísticas possibilitavam, fosse na música, teatro, pintura e dança. A sensibilidade criativa dos artistas, as metáforas, os discursos poéticos, os sons e as palavras também inspiravam o arcebispo fazendo com que ele se engajasse na criatividade coletiva. Dessa forma, a música, genuinamente brasileira, deu margem a muitas crônicas do programa.

Uma das canções emblemáticas dos anos 70 que Helder levou para refletir no programa foi Maria, Maria, de Milton Nascimento e Fernando Brant, na crônica É preciso ter raça. Ao ler o trecho Mas é preciso ter manha/É preciso ter graça/É preciso ter sonho sempre/Quem traz na pele essa marca/Possui a estranha mania/De ter fé na vida, ele acrescentou que "mesmo sem saber, Maria tem um bocado de fé no coração". Após os versos finais, lembrou a visita do Papa João Paulo II ao Recife, no início da década de 80:

"Quando João de Deus esteve aqui olhando nossa gente sofrida, disse: sua gente tem pouca ideologia na cabeça, mas tem muita fé no coração! Ter fé e nos transmitir coragem, esperança. e alegria de viver.

No programa de 4 de abril de 1982, na crônica Quem não sabe dar, dialogou com a música Fica Mal com Deus, de autoria do compositor paraibano Geraldo Vandré, um dos artistas perseguidos pelo regime militar torturado e exilado após o AI-5. Sempre comedido para com seus comentários sobre criações artísticas, antes de falar sobre a obra musical de Vandré, enfatizou:

Os poetas verdadeiros, os autênticos criadores de canção, acabam nos dando a impressão de que os poemas que eles criam e as canções que ele nos ensinam a cantar, acabam sendo um bocado nosso. Claro que não temos o direito de alterar o que eles criaram de melhor. Mas o que eles criam de melhor acabam não sendo apenas dele, fica sendo um bocado nosso. E por aí a gente vai metendo a colher.

O religioso, então, adiantou que acordado ou dormindo, sempre arrebatava dentro dele a canção icônica do autor de Para dizer que não falei das flores. “Eu ouço o que ele cantou como ele canta, mas depois vou cantando como acho que dá mais certo com a minha filosofia. Geraldo diz: Fica mal com Deus quem não saber dar/ Fica mal com Deus quem não sabe amar”. Na inspiração dos versos, mandou um recado no ar para o compositor:

Geraldo, Deus gosta de quem sabe dar. Quem não sabe se tem desejo sincero de saber dar, esteja certo da ajuda de Deus. Ele chega a perfeição de ensinar a dar do modo belíssimo do ensino de Cristo: dar sem que a mão esquerda saiba o que faz a direita. Fica mal comigo quem não sabe amar? Sei que é tão infeliz quem não sabe amar, que longe de eu ficar mal com quem não sabe amar, entra de cheio nas minhas preces: que Deus que é amor, faça com que todas e todos aprendam a amar

Em 1980, a Rede Globo de Televisão retomou a era dos festivais ao realizar o projeto Festival da Nova Música Popular Brasileira – MPB 80, no qual revelou novos talentos vindos de várias partes do país. Dom Helder gostava de assistir às eliminatórias e às finais. Um dos vencedores que lhe chamou a atenção foi o carioca Osvaldo Montenegro que conquistou o troféu e o prêmio de 1 milhão de cruzeiros (moeda da época) pela canção Agonia. O título da canção foi o mesmo da crônica que o arcebispo escreveu para o programa do dia 4 de outubro de 1980. “Repare-se de início que o título já é sugestivo: Agonia”. E leu os versos da canção:

Se fosse resolver/ iria te dizer/foi minha agonia/se eu tentasse

entender/por mais que eu me esforçasse/eu não conseguiria/e aqui no coração/eu sei que vou morrer/um pouco a cada dia/e sem que se perceba/a gente se encontra/pra uma outra folia/eu vou pensar que é festa/vou dançar, cantar/é minha garantia/e vou contagiar/diversos corações/com minha euforia/e a amargura e o tempo/vão deixar meu corpo/minha'alma vazia/e sem que se perceba/a gente se encontra/em outra folia²².

Ao término da música, o arcebispo fez sua interpretação, reforçando a força das palavras evidenciado que “a grande agonia é ir morrendo um pouco a cada dia, a grande agonia é mesmo fazendo de conta que é festa, dançando e cantando, mesmo tentando contagiar diversos corações com a aparente euforia, a amargura e o tempo vão deixando a alma vazia”. Para Dom Helder, a música fazia alusão ao clima repressivo que se arrastava no país, quando discos, livros e filmes no começo da década de 1980 passavam pelo crivo da censura. “A grande agonia é que mesmo anunciando sem que se perceba, a gente se encontra pra outra folia, é folia para esconder uma invencível agonia”.

O arcebispo demonstrava conhecimento a respeito da cena musical e canções do festival, destacando que o segundo lugar coube à interpretação de Foi Deus quem fez você, defendida por sua conterrânea, a cearense Amelinha, com a canção de Luiz Ramalho; e o terceiro para o baiano Raimundo Sodré, que animou com o samba de roda A Massa, feita em parceria com o letrista Jorge Portugal. “O primeiríssimo lugar coube à juventude por haver conseguido penetrar na maior TV do país e transmitir uma homenagem digna de sacudir, profundamente a consciência nacional”.

Por outro lado, no programa do dia 15 de abril de 1982, ele incorreu em um erro na crônica A vingança de Clara Nunes. No rádio, declarou que gostava da cantora mineira, da voz linda que recebeu de Deus. “Daí, em ficar meio aflito com uma canção de Clara que temo como título Vou festejar. Fico torcendo para que seja só desabafo, ameaça de faz de conta. Gostara de ver Clara, sem gosto de travo no coração”. A letra da canção diz:

Chora, Não vou ligar (não vou ligar)/ Chegou a hora/Vais me pagar/
Pode chorar pode chorar/Mas chora/ Chora, Não vou ligar (não vou
ligar)/Chegou a hora/Vais me pagar/Pode chorar pode chorar/ É, o teu
castigo/ Brigou comigo/Sem ter porquê/Eu vou festejar vou
festejar/O teu sofrer/O teu penar/Você pagou com traição/A quem
sempre lhe deu a mão. (Vou Festejar, composição de Neoci Andrade,
Jorge Aragão e Edel Lima)

A canção Vou Festejar não foi gravada por Clara Nunes, mas pela cantora e sambista carioca Beth Carvalho, quatro anos antes no LP De pé no chão, de 1978. O samba fez muito sucesso no carnaval daquele ano e caiu na graça do público em anos seguintes com execuções continuadas nas emissoras de rádio do país, principalmente do Rio de

²²A canção Agonia é composição de Mongol, interpretada por Osvaldo Montenegro.

janeiro. Mas o locutor de Um olhar sobre a cidade queria dar seu recado e acertou ao frisar, mais adiante, um disco e canção conhecida na voz da cantora mineira. "Receio de que o ouvinte tomasse as ameaças ao pé da letra. Entendo, e como, uma das suas obras primas: O Canto das Três Raças".

O arcebispo declarou que chamava atenção o lamento triste que sempre ecoou no canto do Brasil. "Lamento triste que vem desde que o índio guerreiro foi pro cativo e de lá cantou. E recorda o canto do negro, no Quilombo dos Palmares, onde ele se refugiou. E não esquece o canto dos inconfidentes". Finalizou a crônica comparando Clara como "a irmão que Deus deu a Francisco de Assis!". Clara Nunes faleceu em 2 de abril de 1983 e Beth Carvalho, em 30 de abril de 2019.

Chico Buarque de Holanda foi um dos artistas que despertou o interesse do religioso por suas canções já no final dos anos 60. As canções líricas e de protesto do artista e o engajamento do arcebispo em defesa dos Direitos Humanos aproximaram os dois numa amizade que fez Buarque visitar o religioso em várias de suas turnês pelo Nordeste, quando passava por Recife. Em um dos programas de rádio de abril de 1982, Helder pescou do fundo do baú a canção Roda Viva, classificada em terceiro lugar no III Festival de Música Popular Brasileira, ocorrido entre setembro e outubro do ano de 1967.

Na crônica, mostrou-se na intimidade ao dialogar com o cantor: "Querido Chico, em tua Roda Viva, que a gente não consegue esquecer, levanta no meio da alta poesia o problema grave e difícil do destino", como sugerem os versos da canção:

Tem dias que a gente se sente/Como quem partiu ou morreu/ A gente estancou de repente/Ou foi o mundo então que cresceu/A gente quer ter voz ativa/No nosso destino mandar/Mas eis que chega a roda viva/E carrega o destino prá lá /Roda mundo, roda gigante/Roda moinho, roda pião/O tempo rodou num instante/ Nas voltas do meu coração/A gente vai contra a corrente/Até não poder resistir/Na volta do barco é que sente/O quanto deixou de cumprir/Faz tempo que a gente cultiva/A mais linda roseira que há/Mas eis que chega a roda viva/E carrega a roseira prá lá. Roda mundo...(...)/A roda da saia mulata/Não quer mais rodar não senhor/Não posso fazer serenata/A roda de samba acabou/A gente toma a iniciativa/Viola na rua a cantar/Mas eis que chega a roda viva/E carrega a viola prá lá/ Roda mundo...(...)/O samba, a viola, a roseira/Que um dia a fogueira queimou/Foi tudo ilusão passageira/Que a brisa primeira levou/No peito a saudade cativa/Faz força pro tempo parar/Mas eis que chega a roda viva/E carrega a saudade prá lá/Roda mundo, roda gigante(...)
(Trechos da letra de Roda Viva, composição de Chico Buarque de Holanda, 1967.)

Com a canção tocando ao fundo no modo BG, o apresentador fez comparações com outras músicas da safra inicial do artista no final dos anos 1960, a exemplo de A Banda e Carolina, ao cruzar trechos dos versos com a realidade do povo brasileiro, principalmente

os mais humildes. Diante da expressividade política de Roda Viva, ele fez o desfecho observando que "na casa do Pai não há rotina. A gente vê, ouve, vive tudo pela primeira vez". Contudo, confessou na primeira pessoa, dirigindo-se ao compositor que, em relação a cada música dele, a impressão era de ouvi-la pela primeira vez.

Em diversas edições do programa, o apresentador fez questão de revelar seu gosto pessoal na poesia ou na música. Uma das últimas canções para a qual fez sua interpretação sentimental foi do cantor e compositor Roberto Carlos, na crônica Um milhão de amigos, do dia 12 de fevereiro de 1983, quando faltava dois meses para encerrar o programa. Neste dia, o arcebispo esboçou toda sua afetividade para um de seus artistas favoritos que já admirava desde o movimento da Jovem Guarda.

A canção escolhida foi Eu quero apenas, uma das centenas da parceria com Erasmo Carlos. Conhecida do grande público e dos fãs, a letra da dupla diz:

Eu quero apenas olhar os campos/Eu quero apenas cantar meu canto/Eu só não quero cantar sozinho/Eu quero um coro de passarinho/Quero levar o meu canto amigo/A qualquer amigo que precisar/Eu quero ter um milhão de amigos/E bem mais forte poder cantar/Eu quero apenas um vento forte/Levar meu barco no rumo norte/E no caminho o que eu pescar/Quero dividir quando lá chegar/Quero levar o meu canto amigo/A qualquer amigo que precisar/Eu quero ter um milhão de amigos/E bem mais forte poder cantar/Eu quero ter um milhão de amigos(...)/Eu quero crer na paz do futuro/Eu quero ter um quintal sem muro/Quero meu filho pisando firme/Cantando alto, sorrindo livre/Quero levar o meu canto amigo/A qualquer amigo que precisar/ Eu quero ter um milhão de amigos(...)/Eu quero amor decidindo a vida/Sentir a força da mão amiga/O meu irmão com sorriso aberto/Se ele chorar quero estar por perto/Quero levar o meu canto amigo/A qualquer amigo que precisar/Eu quero ter um milhão de amigos/E bem mais forte poder cantar/Eu quero ter um milhão de amigos(...)/Venha comigo olhar os campos/Cante comigo também meu canto/Eu só não quero cantar sozinho/Eu quero um coro de passarinhos/Quero levar o meu canto amigo/A qualquer amigo que precisar/Eu quero ter um milhão de amigos/ E bem mais forte poder cantar.

Apesar da canção Eu quero apenas, trazer uma ideologia pessoal do artista no sentido de comportamento e relações sociais, Dom Helder não deixou de lado sua percepção aguçada, crítica e contundente, ao enxergar em alguns versos um viés das perseguições que sofreu a partir de 1964. "Está longe de ser vaidade querer ter um milhão de amigos. Parece até que o ideal era ter milhões de milhões de amigos, porque o ideal é que só haja amigos, sem sombra de inimigos". Mesmo com a leveza de seu discurso, endossou sua mensagem, deixando transparecer referências às barreiras impostas pelo governo militar até aquele ano de 1983, quando a abertura política já estava consolidada em parte, porém o debate na imprensa e na sociedade civil pelas *Diretas Já*, ainda

enfrentava resistência de setores conservadores da política. Para Helder:

O ideal é ter a humanidade inteira, sem exclusão de ninguém, com multidão mais do que de amigos - de irmãos e de irmãs. Que belo sono, que grande ideal para alimentar a paz no futuro, querer ter um quintais sem muro! E ter o filho pisando firme, cantando alto, sorrindo firme... continua o canto profundamente humano e cristão: quer o irmão com sorriso aberto, mas se ele chorar, querer estar por perto.

Ao longo dos nove anos em que manteve o programa no ar, Dom Helder Camara escreveu 2.500 crônicas que foram lidas, comentadas e socializadas com os ouvintes, englobando uma diversidade de temas abordados. Na maioria das crônicas, mantinha a opção prioritária pelos trabalhadores, a situação social e política, a defesa dos direitos humanos, cenário cultural e discutia avanços que consideravam necessários para que a Igreja continuasse a servir aos católicos fiéis: os pobres e oprimidos.

2 Na rota do Rio de Janeiro e Recife: relação com os jornalistas

Na segunda metade da década de 1950, o cearense Dom Helder Camara transitava nos bastidores católicos bem como na sociedade carioca, como bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Antes de seguir para o Recife em 1964, Dom Helder Camara se despediu de amigos que atuavam na cultura, na imprensa e no meio empresarial. O religioso concedeu entrevistas para revistas e jornais cariocas a respeito dos projetos sociais que desenvolvia em comunidades pobres e favelas do Rio¹. No curso de sua temporada na "cidade maravilhosa", referência à marchinha carnavalesca de que gostava de assobiar, era convidado a participar de eventos festivos promovidos pelos conglomerados de comunicação da época.

Com a expansão do sistema de telecomunicações na região Sudeste, houve a inauguração de diversos canais de televisão, no Rio e São Paulo, embora as emissoras de rádio dominassem a audiência nas grandes cidades e interior. A TV Tupi, canal 6, do Rio de Janeiro, reinava absoluta, enquanto a Tv Record, teve sua autorização de funcionamento assinada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, em novembro de 1950, junto com a Tv Paulista e a TV Jornal do Commercio, do Recife. Contudo, a Record entrou no ar três anos depois. O jornalismo era considerado precário, segundo Motta (2018, p.68). O suicídio do ex-presidente Getúlio Vargas, ocorrido em agosto de 1954, por volta das 8h, não foi noticiado porque as emissoras de televisão entravam no ar às 16h.

O rádio reinou absoluto na cobertura da tragédia que mudara os rumos da política a partir daquela década, antes dos leitores lerem as edições extras dos jornais de maior circulação. Motta (2018) destacou como se deu a expansão na largada e profissionalização da televisão brasileira:

"A televisão foi ganhando mais terreno e, em julho de 1957, foi a vez de entrar no ar a Tv Rio, Canal 13, do Rio de Janeiro, de propriedade de João Batista do Amaral, e Paulo Machado. A TV Rio pôs no ar uma programação de boa qualidade que passou amplamente a ser comentada na cidade, como a Noite de Gala, um musical apresentado por Flávio Cavalcanti, e os humorísticos Noites Cariocas, que lançou o cearense Chico Anysio e o Riso e o Limite. Em 1956, o empresário Assis Chateaubriand, o Chatô, inaugurou emissoras de tevê em Belém, São Luiz, Goiânia, Campina Grande(PB), Fortaleza, Recife, Curitiba e Porto Alegre (MOTTA, 2018, p.69)

¹Em 29 de setembro de 1955 fundou-se, por iniciativa de Dom Helder Camara, a Cruzada São Sebastião, que procurava dar solução racional, humana e cristã ao problema das favelas do Rio de Janeiro. Concebida durante o 36º Congresso Eucarístico Internacional, evento realizado no Rio em julho de 1955, a Cruzada surgiu em um cenário desenvolvimentista pós-guerra onde a igreja reinventava sua relação com o Estado. Além das ações catequéticas esperadas de uma instituição católica, seus esforços se dirigiram para a realização de justiça social, inclusão dos favelados em um modo de vida que fosse socialmente aceito. Jornais propagandeavam a erradicação das favelas cariocas em até 12 anos, data em que se comemoraria o IV Centenário do Rio de Janeiro

Em São Paulo, os telespectadores comemoraram a inauguração da TV Excelsior, de propriedade dos empresários Celso Rocha Miranda e Mário Wallace Simonsen, donos da extinta empresa de aviação aérea Panair do Brasil. A Excelsior foi inaugurada com promessa de altíssima qualidade. Na abertura das transmissões, houve as bênçãos e apresentações do então bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Dom Helder Camara, como sugestão dos empresários e suas esposas.

O país vivia um período de perspectivas econômicas com uma política nacionalista, populista e de apoio à industrialização. Helder tinha respaldo no percurso católico e era respeitado por sua trajetória e compromissos sociais. Nessa fase, criou o primeiro movimento de alfabetização e educação popular do país através do rádio, organizou o 36º Congresso Eucarístico Internacional e ajudou a criar a CNBB, da qual se tornou o primeiro secretário-geral (1952-1964), além da função de assistente nacional da Ação Católica, cargo oferecido em 1947.

Ao longo dos "anos de ouro" no Rio de Janeiro, como assinalava a imprensa, o religioso mantinha uma boa relação com os meios de comunicação, considerado progressista, acessível, articulador, intelectual e de inegável retórica para além dos temas ligados ao catolicismo. Em 1964, o país enfrentava clima de tensão política com a chegada dos generais ao poder. Em meio a esse cenário, Roma indicou Dom Helder Camara para a Arquidiocese de São Luiz, no Maranhão, como sucessor de Dom José Delgado, deslocado para a Arquidiocese de Fortaleza (CE). Ele já estava de malas prontas para assumir sua nova missão no Nordeste. Antes da nomeação ser publicada, o então arcebispo de Olinda e Recife, Dom Carlos Coelho, com sérios problemas de saúde, faleceu após sofrer complicações durante um procedimento cirúrgico. De imediato, o núncio apostólico e diplomata da Santa Sé, Dom Armando Lombardi, telefonou para o Vaticano e sugeriu que Dom Helder fosse transferido para arquidiocese que acabava de ficar vacante.

Quando desembarcou na capital de Pernambuco, foi recebido com festa por políticos, militares, empresários e religiosos de vários estados. No dia 12 de abril de 1964, Helder tomou posse como arcebispo metropolitano de Olinda-Recife. Seu discurso foi considerado por cronistas e colunistas sociais da imprensa, “uma pérola em termos estéticos”, redigido em linguagem acessível ao povo, texto simples, objetivo e incisivo em termos da nova situação nacional. Foi uma mensagem programática que retomou elementos importantes da carta aberta - de cunho eminentemente profético - que ele dirigiu aos padres conciliares durante a primeira sessão do Vaticano II².

As relações do novo arcebispo com a imprensa foram cordiais, antes e durante sua

²Informação no preâmbulo “Perfil e trajetória de Dom Helder no século XX” no livro Dom Helder: O Artesão da Paz, organizado por Raimundo Caramuru Barros e Lauro de Oliveira.

posse, na terra onde o amigo e conterrâneo, o ex-governador Miguel Arraes de Alencar, natural de Crato (CE), foi deposto do seu primeiro mandato dias antes pelos militares³. Apesar de terem se desencontrado por força das circunstâncias do regime militar, a amizade entre os dois ganhou força em meio à turbulência política em que vivia o país, por meio de correspondência que compartilharam. Miguel Arraes foi acusado de ser comunista e ateu por “opositores e do campo mais conservador da política”, como registram documentos do Instituto Miguel Arraes.

Apesar das acusações, o ex-governador não costumava jogar lenha na fogueira, deixando no ar a resposta para quem questionasse sobre o real pensamento ideológico e religioso do político, que retornou ao Palácio do Campo das Princesas, em 1986, para o seu segundo mandato. Durante o tempo em que ficou exilado, segundo o *Diário de Pernambuco*, “Miguel Arraes manteve o contato com lideranças políticas no Brasil e no mundo por meio de cartas para se manter vivo politicamente⁴”. Entre os anos de 1964 e 1979, trocou correspondência com personalidades como o ex-líder da Autoridade Palestina, Yasser Arafat (1929-2004), o ex-ditador cubano Fidel Castro (1926-2016), o papa Paulo VI e Hortensia Bussi (1914-2009), viúva do ex-presidente do Chile, Salvador Allende (1908-1973), assassinado no apogeu das ditaduras na América Latina, e o novo amigo, Dom Helder Camara, a quem defendeu até em Roma, junto às autoridades eclesiais.

Uma de suas correspondências foi endereçada ao Vaticano, destinada ao Papa e remetida ao cardeal Giovanni Benelli (1921-1982), na qual o socialista alertou sobre as artimanhas do regime militar ao perseguir o arcebispo e denunciou o assassinato do padre Antônio Henrique, ocorrido em 1969. “Eles visam Dom Helder Camara, cuja eliminação talvez não seja querida (porque é politicamente perigosa), mas cujo afastamento do Nordeste conviria enormemente aos interesses do regime”, escreveu Arraes. Antes de embarcar para o exílio forçado, quando o político estava preso no Quartel dos Bombeiros, no Recife, ele enviou carta ao arcebispo, datada de 18 de março de 1965, arquivada no Centro de Documentação Dom Helder Camara (Cedhcc).

Os escritos revelam um político indignado com a situação do pai e um homem de fé católica. Segundo os filhos, a religiosidade do socialista era vivida de maneira discreta. “Ele nunca quis misturar a vida política à vida religiosa”, revelou seu filho, o médico Lula

³A gestão de Miguel Arraes foi marcada pelo apoio à população mais pobre e enfrentamento aos abusos trabalhistas de usineiros na região. Preso e enviado à detenção na ilha de Fernando de Noronha por 18 meses, teve acatado pedido de habeas corpus no Supremo Tribunal Federal (STF). Daí partiu para o exílio na Argélia, no norte da África, em 1965, onde permaneceu por 14 anos. Foi condenado à revelia, pela Justiça brasileira pelo crime de “subversão”, em março de 1967. A pena prevista era de 23 anos de prisão. Disponível no Portal Memórias da Ditadura: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/miguel-araes/>

⁴Reportagem sobre Miguel Arraes em *Diário de Pernambuco*. Acesso em 5 de Outubro de 2018. Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/especiais/politica/memorias-da-ditadura/capa_memoria_da_ditadura/

Arraes, na carta-confissão ao arcebispo. Arraes entendia, de maneira contundente, não ter “o direito de explorar esses sentimentos (religiosos) num sentido político, nem de invocar em vão as coisas sagradas”.

Entre as lembranças religiosas, o ex-governador pediu, em 1969, a sua esposa Madalena Arraes, para ler Jó - livro do Antigo Testamento. “Fiquei espantado com a história daquele homem que só fazia sofrer, mas que no final de tudo surge a esperança”, ressaltou o médico. No texto datilografado, Arraes declarou: “quis a Providência que assim fosse e acredito que tudo o que ocorreu e está ocorrendo tem seu imenso lado positivo”. As referências à religião estão presentes ao longo dos 14 parágrafos da correspondência de quatro páginas. Ele trata Dom Helder como “amigo e pastor transparente”, à medida que se assume como uma de suas ovelhas mais cétricas. No seu caso, cétrica não por rebeldia, mas por estar afastado da igreja. Introspectivo, naquele momento de extrema reflexão por parte de um preso político ainda sem rumo, afirmava não entender “serem de um católico as atitudes de submissão ao rito, com ignorância dos fundamentos do cristianismo e dos ensinamentos mais profundos do Mestre”.

Em outro trecho, Arraes comparou a prisão com um período de retiro espiritual, pois estava lhe possibilitando “viver a injustiça, de entrever o terror e de olhar de perto a intolerância e depor à prova a capacidade de não odiar”. Prova essa que, segundo ele, nem sempre foi fácil de praticar nas exatas condições determinadas por Cristo, e no caso dele, por ter “nascido no sertão do Araripe”. Com característica de carta-confissão, o texto se transformou em espécie de carta-sermão: “O papel político que o arcebispo pode desempenhar no Brasil é, muitas vezes, mais pesado e difícil do que o dos padres que lutaram pelas liberdades e foram pendurados nos postes do Recife”, escreveu Arraes que definiu-se como um “pobre pecador” e, apesar da intenção da carta, “não declina os pecados”.

Depois de receber a correspondência, Dom Helder fez questão de identificar, diante da assinatura de difícil compreensão do autor, que se tratava do governador que acabara de ser afastado de suas funções no rol repressor do golpe de 1964. No verso da última página, o arcebispo escreveu de próprio punho: “Carta de Miguel Arraes” e identificou o ano de 1965. O arcebispo deixou evidente sua posição em favor dos pobres e oprimidos e condenou o círculo vicioso da miséria. “Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido”. Por conta do clima cada vez mais tenso sob as garras de um regime de exceção, sua oposição consistente, carregada de críticas, tornou-se pública dentro e fora do Brasil, através dos meios jornalísticos. Nos anos seguintes, os conflitos se alargaram ao bater de frente com o regime por combater as torturas e mortes de cidadãos.

Nos anos mais tensos do regime civil militar, o trabalho da imprensa, era feito sob o fogo cruzado da censura, por meio do mapeamento do Serviço Nacional de Informação

(SNI). Jornalistas trabalhavam em um clima de cautela e apreensão, desde a produção de pautas, definição de fontes e construção das matérias que seriam apuradas e, possivelmente, veiculadas. Redações recebiam telefonemas ameaçadores, intimações para depor em dependências do Exército ou Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), recomendações para não se publicar assuntos que não interessavam ao governo, matérias censuradas retiradas das páginas dos jornais, convivência com os censores e a constante angústia sobre o paradeiro de colegas presos como subversivos.

A partir de 1964, o exercício do jornalismo sofreu pressões com os militares coibindo a prática da liberdade de expressão, inclusive com a prática da mordada. No campo político, pessoas da classe média e pobres percebiam na Igreja um abrigo frente a um Estado cada vez mais arbitrário e repressor. Nos anos 1970, integrantes do clero confrontaram publicamente o regime vigente. Para Soares (1998), as reformas do Concílio produziram frutos de renovação, bem como crises existenciais com muitos seminaristas, religiosos e sacerdotes se afastando dos projetos iniciais na busca de novos espaços pastorais. Coronéis e generais responsabilizaram grupos progressistas cristãos (católicos e evangélicos) de desestabilizar a "ordem social".

Por outro lado, as contradições que marcaram as atitudes das classes dominantes, após 1964, não se refletiram imediatamente no comportamento do episcopado conservador, que a princípio se pronunciou, favoravelmente, dando respaldo ao novo curso, reformulando, completamente, em consequência, a cúpula diretiva da CNBB (SOARES, 1988, p. 265-268). Com isso, o núcleo de bispos progressistas, capitaneado por Dom Helder, foi desarticulado momentaneamente.

Em setembro de 1970, o governo impôs o silêncio que passou a ser chamado de "Lei do gelo", ao despachar para as redações de imprensa de todo país, ordem do ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, enviada pela Polícia Federal, com o seguinte teor: "Ficam proibidas quaisquer manifestações, na imprensa falada, escrita e televisada, contra ou a favor de Dom Helder Camara". A proibição foi extensiva aos horários de televisão reservados à propaganda política. O policial deveria ler a ordem oficial para o diretor dos órgãos de imprensa e manter consigo o telegrama⁵. A lei se manteve por sete anos, buscando ocultar a personalidade carismática e combativa do arcebispo.

Fiel defensor da liberdade de expressão e dos direitos humanos, em carta enviada ao jornal o Estado de São Paulo, em 13 julho de 1970, Helder posicionou-se contra a violência do Exército que, para ele, fazia o jogo do "colonialismo interno, mantendo marginalizados, em situação sub-humana, milhões de brasileiros", sob a alegação do anticomunismo. Paolo Marconi (1980) fez relatos sobre as proibições da Polícia Federal

⁵Trecho extraído do livro O caminho Espiritual de Dom Helder Camara, de Ivanir Rampon, Ed. Paulinas, 2013.

em torno dos atos da CNBB e de bispos como Dom Helder, Dom Ivo Lorscheiter, Dom Pedro Calsadálgia e Dom Evaristo Arns⁶. Perreira (1980, p.127) ao discorrer sobre A Igreja e a censura política à imprensa no Brasil, discorreu:

- (Polícia federal) reitera proibição de divulgação de quaisquer notícias ou comentários em torno das supostas torturas de presos políticos denunciadas por sacerdotes ou pela CNBB. Igualmente está proibida a divulgação de notícias ou comentários em torno do cerco pela PM do Mato Grosso à prelazia de São Félix do Araguaia e as residências de religiosos.
- É proibido divulgar as denúncias do Senador Edward Kennedy sobre torturas no Brasil e a do jornais Whashington Post, de 30.6, também sobre torturas, denunciadas, principalmente, pelo clero brasileiro.

A partir das ordens expressas do governo aos veículos de comunicação, foi como se construísse um paredão entre Dom Helder e os profissionais da imprensa. Aos poucos, o clima ficou conturbado e se encerrou o diálogo entre os dois lados. Editor chefe do Jornal do Commercio, Ivanildo Sampaio, em entrevista para o documentário Dom Helder: Pastor da Liberdade, revelou que as recomendações eram, inicialmente, não publicar notícias de Dom Fragozo, bispo de Crateús (CE), que também mantinha a linha crítica e oposicionista aos militares nem nada que fosse de caráter positivo sobre Dom Helder Camara. Ele relata ainda que a matéria sobre a morte do Padre Henrique (1969) foi publicada na revista *Fatos e Fotos* e na *Manchete*. “Na terceira matéria, começaram os telefonemas ameaçadores”, contou Sampaio. A editora Bloch o transferiu do Recife para o Rio de Janeiro. Chefe da Sucursal de *O Estado de São Paulo*, em Pernambuco, o jornalista Carlos Garcia era alvo permanente de vigilância pelas matérias que contrariavam o governo. “Fui intimado a depor mais de 10 vezes. Era em forma de convite com local e hora marcada para esclarecer fatos e fontes. Na última, não houve intimação, foram me buscar em casa armados⁷”.

2.1 Foto na revista *Manchete* com crianças e explicações aos militares

Na edição de número 933, a *Manchete* publicou, em duas páginas, fotografia em preto e branco do arcebispo na companhia de duas crianças que corriam para dar-lhe um abraço. Helder já vivia sob a mira do governo como ardiloso inimigo da ditadura sob alcunha de “arcebispo vermelho”. A imprensa mal podia mencionar que já surgiam constrangimentos ao religioso. Assim que a revista *Manchete* chegou às bancas, a fotografia dele ao lado das crianças surtiu o efeito esperado por repórteres e editor.

Depoimento concedido para o documentário Dom Helder: Pastor da Liberdade, produzido pelos jornalistas Marcos Cirano, César Almeida e Ciro Rocha. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rQB5SIgaAk0&t=60s>

A desavença não demorou, desta vez, envolvendo a Igreja e a imprensa. O jornalista pernambucano Ricardo Noblat, radicado há décadas em Brasília, era o repórter especial da publicação, cujo fato ocorreu em meados de 1970, quando viveu no Recife. Pivô do incidente, ele mesmo narrou os desdobramentos em seu livro de memórias *O que é ser jornalista* (NOBLAT, 2004, p.104-111).

Em 1967, ao conquistar a função de repórter da sucursal do *Jornal do Brasil*, em fevereiro, foi destacado para cobrir a rotina pública do arcebispo de Olinda e Recife. "A condessa Pereira Carneiro, dona do jornal carioca, era amiga dele. Se Dom Helder desse um espirro, virava notícia no JB. E bispo algum espirrava tanto e tão forte quanto ele", descreveu Noblat ao lembrar que ganhou a confiança de "Dom", pois era assim que o pessoal mais próximo do religioso o tratava. Ele ressaltou ter sido mais amigo dele que dos leitores. "Nada escrevi que pudesse embarçá-lo. E tudo que escrevi sempre o deixou muito bem. [...] Eu ia à missa e comungava. E tanto quanto ele eu queria ver a ditadura no chão".

Segundo o jornalista, não foi tão fácil obter a fotografia "que seduziu os editores da *Manchete* e enfureceu os militares naqueles anos conturbados em que a liberdade de expressão estava sendo liquidada com rigor nos meios de comunicação". Noblat descreve, em detalhes o passo a passo para a produção da foto que ilustrou as páginas da revista. "Imagine a cena":

Numa rua deserta sob a sombra projetada na calçada pela copa de uma árvore, Dom Helder se inclina na direção de duas crianças que avançam ao seu encontro. Ele abre os braços com as mãos côncavas num instante exato que se preparava para abraçá-las. E exibe um sorriso doce, radiante e espontâneo. Iluminado pela claridade das primeiras horas da manhã, o sorriso é o ponto forte da cena - embora toda ela parece ter sido fabricada, para aumentar o eleitorado do arcebispo. A criança à esquerda de Dom Helder que aparece na imagem era uma menina de cinco ou seis anos. A da direita, um menino da mesma idade. A menina usava um vestido estampado e o garoto uma calça curta branca e camisa cinza. Quem examina a fotografia vê as crianças de costas quase coladas ao peito do arcebispo, e portanto, fica face a face com ele. Como se por ele, também pudesse ser abraçado (NOBLAT, 2004, 105).

Quase 50 anos depois da publicação da reportagem com a imagem censurada após sua publicação, Ricardo Noblat avaliou a cena como bem movimentada, na qual as crianças estendem os braços para tocar em Dom Helder. O pé esquerdo da menina está suspenso no ar e a mão direita do menino quase alcança o ombro esquerdo do arcebispo. Publicada em duas páginas com o título *Dom Helder - Um instante bíblico*, a fotografia ganhou em dois parágrafos um texto legenda descritivo e informativo, sem depoimento do personagem, escrito pelo redator Narceu de Almeida, pontuando a concepção interpretativa da imagem e informações sobre a agenda do religioso naquela semana:

É bastante raro que uma fotografia consiga reunir na mesma foto, a um só tempo, elementos como a espontaneidade, a beleza e o movimento, o interesse jornalístico e a riqueza do símbolo - e foi exatamente isso o que fez no Recife, com o trabalho ao lado, o profissional Carlos Weik, da Sucursal de Manchete. Ao captar a irresistível alegria de Dom Helder no encontro com duas crianças, ele sugere imediatamente legendas de inspiração bíblica, a mais óbvia das quais é a referência a "Deixar vir a mim as criancinhas. O arcebispo de Olinda e Recife acaba de regressar de uma longa viagem à Europa e os Estados Unidos, onde pronunciou conferências em diversas universidades. No Vaticano, esteve por mais de uma hora com o Papa Paulo VI, a quem apresentou um relatório sobre a situação do clero brasileiro. Enquanto intelectuais e religiosos lançam seu nome como candidato ao Prêmio Nobel da Paz, Dom Helder recolhe-se à sua casa de um quarto e uma sala, nos fundos de uma velha Igreja do Recife e conclui seu segundo livro, intitulado *Inspirado da Violência*.

No livro *Dom Helder - o Bispo da Esperança*, publicado em 1978, o jornalista Marcos de Castro registrou o episódio, justificando com adjetivos elogiosos o valor da imagem para o fotojornalismo da época. À época, ele trabalhava na revista, quando recebeu da sucursal do Recife a foto. O editor, Zevi Ghivelder, percebeu a relevância do instantâneo fotográfico. "Embora não houvesse nenhum gancho - para usar o jargão jornalístico - que justificasse a publicação naquela semana. Mas, no caso bastava a foto. A foto falava por si. Ela teve a maior repercussão (CASTRO, 1978, p.23).

Em sua capa colorida, a revista trazia quatro chamadas destacando as reportagens internas: o artilheiro Pelé e os caminhos para a Copa de 1970, as coleções da Moda em Paris e a Expo-70 sobre a Feira de Osaka, e a primeira exposição mundial a se realizar na Ásia, envolvendo 70 nações inclusive o Brasil. Nenhuma nota sobre Dom Helder. A única matéria sobre o governo militar editada em duas páginas e sem chamada de capa apareceu no meio da edição intitulada "Os compromissos da Revolução", com a agenda do presidente general Médici, evocando aos chefes militares o sacrifício dos que morreram lutando contra o fascismo na Itália. Em seu pronunciamento, como registrou a *Manchete*, na Vila Militar, sobre os túmulos dos soldados que morreram na Itália, declarou: "as instituições democráticas não foram assaltadas pelos militares porque de fato foram sustentadas por eles".

Os exemplares da *Manchete* com a foto de Dom Helder e as duas crianças ganharam as bancas de jornais. Os censores entraram em cena e questionaram os responsáveis pela publicação. Um dos diretores da empresa, Murilo Melo Filho, foi chamado ao Ministério do Exército. "Quando Murilo voltou, foi rodeado pelos redatores e contou que estivera reunido numa sala com vários coronéis, e que as recomendações tinham sido várias", disse Noblat (2004), que narrou um trecho dos diálogos entre os militares e o jornalista:

- Mas e Dom Hélder? - perguntaram os redatores.

- Dom Hélder ocupara realmente boa parte da conversa, explicou Murilo, contando que um dos coronéis, o da cabeceira da mesa, encerrou o assunto assim: Olha, doutor, desse arcebispozinho comunista a revista não deve publicar mais nada, hein! Nem contra!.

A menina da fotografia era filha da trabalhadora doméstica que trabalhava na casa dos pais do jornalista Ricardo Noblat (2004). "Nunca mais tive notícias dela. O menino é meu irmão caçula, Pedro Luiz, economista, radicado em Brasília, e funcionário público do Ministério do Planejamento". Na visão dele, a foto que provocou o exército foi a primeira da história do fotojornalismo pernambucano a passar pelo crivo da censura. A imagem foi montada para satisfazer um desejo do jornalista Ronald Carvalho, chefe de redação da sucursal da Manchete no Recife.

Noblat, que passou por vários veículos impressos do país, resgatou ainda em seu livro, o diálogo do momento da reunião de pauta com o chefe na Manchete:

- Precisamos pôr Dom Helder nas páginas da revista - disse-me Ronald no início de fevereiro de 1970.

- Você está maluco? A censura não deixa. E a Manchete não tem peito para desafiar a censura.

- A revista não resiste à tentação de publicar uma bela foto. Vá por mim e tente fazer - insistiu Ronald.

- Mas fazer como? O fotógrafo vai ficar atrás de Dom Hélder até o dia em que “aparecer” uma grande foto?

- Não sei. Pense. Dê um jeito.

Ronaldo Carvalho se sentia em débito com o arcebispo por causa do batizado do seu filho e do padrinho que escolhera para ele, segundo Noblat. O menino Sérgio nascera no Recife em março de 1969 e foi batizado um mês depois. O padrinho dele atendia pelo nome de Sérgio, tinha Miranda de Carvalho no sobrenome, era conhecido como Sérgio “Macaco” e estava preso desde dezembro de 1968 no Hospital da Aeronáutica do Recife.

O batismo ocorreu às escondidas, no quarto de dormir de Dom Helder. O padrinho compareceu depois de escapar da prisão com a cumplicidade de alguns amigos. Terminada a cerimônia, voltou à prisão. Ronald conhecerá o futuro padrinho do seu filho em outubro de 1968, no Parque Nacional do Xingu, na Amazônia. Fora até lá fazer uma reportagem para a revista Fatos & Fotos.

Com detalhes, Ricardo Noblat descreveu os passos que teve de arquitetar ao lado do fotógrafo para seguir Dom Helder por toda parte durante três semanas - e nada de pintar uma fotografia que valesse a pena:

"- E aquela da freirinha emocionada olhando para o “Dom”? - perguntei.

- Está desfocada - desculpou-se Weick.
- E a fotografia dos meninos catadores de lixo com arcebispo ao fundo?
- Os meninos são feios e estavam imundos. Só e você quiser que seu Adolpho coma os negativos. (O dono da revista Manchete, Adolpho Bloch, rasgava negativo com os dentes quando detestava as fotos. Miséria e miseráveis só saíam na revista se parecessem bonitos.)
- Então, o jeito será montar uma foto - conclui.

De acordo com Noblat, foi fácil conceber a fotografia, pois teve o estalo quando viu em sua casa, Pedro Luiz e a filha da empregada correrem para abraçar sua mãe que chegava do trabalho. Menos fácil foi convencer Dom Helder a colaborar:

- E se alguém souber que fizemos isso? - perguntou quando lhe expus a ideia na sala de sua casa e diante de Zezita, a secretária dele.
- Ninguém saberá, Dom. Somente o senhor, eu, o fotógrafo e agora Zezita.
- E se alguém nos vir na rua fazendo essa encenação? - insistiu.
- A gente faz bem cedinho. E faz tudo rápido.
- Dom Hélder pediu tempo para pensar. E dois dias depois me disse sim.

Um dia antes da encenação, ficou mais de uma hora em sua casa ensinando as crianças a correrem na mesma velocidade. Às 7h, Noblat procurou Dom Helder e o fotógrafo Weick ficou na esquina da rua, junto com as crianças. "Levei o arcebispo até o ponto que o fotógrafo escolhera, a poucos metros de distância da porta da igreja de Nossa Senhora das Fronteiras. Reuni-me com as crianças e dei a última instrução". No momento em que estava pronto, o fotógrafo Weick avisou ao repórter. "Olhei, Dom Helder parado em seu lugar, e ele me olhava muito sério".

- Vai ser agora - gritei para que me ouvisse. Me acocorei atrás das crianças e ordenei: Corram.
- Elas correram mais rápido do que deveriam. Weick só pôde clicar sua Nikon duas vezes. Quis repetir a cena, com receio de que as fotos não tivessem ficado boas. Dom Helder não quis. Despediu-se das crianças e voltou para casa com seu passinho miúdo.

Ao encerrar o assunto no livro *O que é ser jornalista*, Noblat questionou a si mesmo "o que pensariam de mim os leitores da Manchete informados acerca da fotografia montada de Dom Helder com as crianças - o que pensariam eles de mim e do arcebispo?". Para Noblat, os leitores "aceitariam a desculpa de que tudo vale a pena se o objetivo é causar danos a uma ditadura?"

A convivência e a relação ética do arcebispo com grande parte dos jornalistas da capital se constituíram independente dos militares, da Igreja e dos meios de comunicação. Pernambucano nascido no Recife, formado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco(Unicap) e em Teologia, pelo Instituto de Teologia do Recife (ITER), Félix

Filho (2012), autor do livro *Dom Helder - Além das Ideias* - teve uma amizade diferenciada com Helder. Quase nunca o havia entrevistado quando passou pelos jornais para os quais trabalhou. Mas, nos bastidores da imprensa, serviu de ponte para outros profissionais que cobriam a arquidiocese. Com passagens pelo *Diário de Pernambuco*, sucursal do *Estado de São Paulo* e *Jornal do Brasil*, além da extinta *TV Manchete* e *Rede Globo Nordeste*, Filho começou sua aproximação com o arcebispo nos espaços católicos de Recife e Olinda como seminarista.

Ainda jovem, no final dos anos 1960, sua família tinha aproximação com o padre Henrique Pereira Neto, na época em que ele foi torturado e morto em uma emboscada. Félix chegou a ser ordenado diácono e presbítero por Dom Helder. Sua tia Maria Tereza Cavalcante, era amiga do ex-reitor do seminário de Olinda, então colaborador do arcebispo, padre Marcelo Cavalleira, que depois se tornou bispo de João Pessoa (PB). Daqueles anos, o que o menino, que queria ser padre não apagou da memória, foi o cenário de violência que culminou com a trágica morte do pároco Henrique, em 1969. A vítima costumava frequentar sua casa por cauda dos trabalhos sociais com jovens. “O padre Henrique esteve em minha casa dois dias antes de morrer. No domingo, chegou a fazer o batizado da filha de minha prima. Depois juntou-se à nossa família e almoçou com todos. Dois dias depois fomos surpreendidos com a notícia de sua morte”, conta Félix (2012).

A ideia de ser padre se mantinha em seus ideais, por isso, tinha contato com grupo de jovens da Igreja de São Bento, em Olinda. Por onde andava, fosse nos salões paroquiais, nos eventos de pastorais e até mesmo nas missas que costumava frequentar encontrava, vez ou outra, o arcebispo por quem nutria admiração.

A partir de 1978, já envolvido com o jornalismo, decidiu abrir novos caminhos no campo da teologia. Seminarista da Arquidiocese de Olinda e Recife, na mesma época passou a trabalhar no *Jornal do Brasil* e depois no *Diário de Pernambuco*. “Nessa fase não ficávamos tempo integral no seminário, havia liberdade para trabalhar”. Mas no mesmo período, teve de pedir demissão do jornal para continuar os estudos exigidos para a conclusão do sacerdócio.

Graduado em jornalismo, foi trabalhar no setor de comunicação da CNBB Regional Nordeste, que compreende os estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte. Conviveu diretamente com Dom Helder Camara, mas na condição de assessor da Conferência. “Fazia parte do setor de comunicação, às vezes por necessidade de alguma ações que envolvia muita gente, fazia a ponte entre Dom Helder e os jornalistas durante as assembleias e outros eventos da agenda anual”. Na rotina de trabalho, os repórteres que cobriam os eventos procuravam Félix Filho para saber sobre os temas a serem abordados e quais religiosos fariam conforme a programação de atividades. “Diante daquele clima ainda tenso de censura que prevalecia, todos queriam ouvir Dom

Helder, embora indicássemos os bispos de outras regiões, mas ele estava sempre na pauta de cada veículo como fonte e personagem principal”.

Para Félix, o arcebispo sempre teve uma peculiaridade que era a se relacionar bem com a imprensa. Às vezes, se recusava a falar sobre determinados assuntos e argumentava: “não, não vou falar porque esse assunto não interessa agora”. Diante do vasto conhecimento, retórica, nível intelectual e poder de articulação que tinha, segundo o jornalista, quando o assunto eram os meios de comunicação e seus critérios de noticiabilidade no período de censura, o arcebispo demonstrava características importantes como objetividade, clareza e precisão, pois era um meio no qual sabia se comportar. Fizera, anos antes, televisão no Rio, e rádio no Recife. Além disso, era constantemente assediado por jornalistas estrangeiros quando viajava para outros países. “Qualquer entrevista que ele fosse conceder aqui, censurado ou não, perguntava logo quanto tempo teria para falar. Dessa forma, organizava as ideias sobre os temas que seriam tratados”. Ao compreender sobre a dinâmica dos editores, Helder enfatizava: “eu sei que vão editar tudo. Se eu falar demais vão cortar ao jeito deles e terminam cortando o que é mais importante, às vezes dizendo o que não falei”.

O religioso transitava por todos os setores da sociedade e sabia qual assunto, a hora certa, onde deveria ser abordado e para qual tipo de público falaria, como sublinha Félix:

Por que ele fazia isso? Por uma estratégia de se comunicar de uma forma direta com os fiéis. O que ele queria que saísse? O que na cabeça dele fosse importante para evitar problemas com os militares. Ele era muito simples na resposta e não demorava, não era prolixo. Um dos motivos para ele se comportar dessa forma, era transmitir a mensagem que queria e não a do editor para evitar que a mensagem fosse distorcida ou mal interpretada. Dom Helder sofreu muito na década de 70, com a perseguição do governo, sem contar com as inúmeras notícias com depoimentos deturpados que colocavam na boca dele. Hoje ainda reproduzem uma espécie de fakes news associadas a ele, o que nunca foi verdade. No auge da censura, havia quem queriam fazer a maldade, numa espécie de campanha difamatória. Então, quando ele pode voltar a falar e dar entrevista, a partir da matéria do Jornal do Brasil, passou a ser muito mais comedido do que era no passado⁸.

Desde sua passagem pelo Rio de Janeiro entre os anos 1950 até o começo de 1964, Dom Helder conquistou o respeito dos donos dos meios de comunicação, a exemplo de Roberto Marinho, fundador do Sistema Globo de Comunicação. Em Recife, só costumava falar a jornalistas com quem já tinha certa proximidade e havia concedido entrevistas mais de uma vez. Uma das secretárias do arcebispo, que todos a chamavam de Zezita, dificultou

⁸Entrevista concedida ao autor desta tese.

o acesso de profissionais quando entendia, por conta própria, que o momento não era propício para que o assunto a ser abordado fosse comentado. "Quando isso ocorria, eu chegava a negociar pela amizade com os colegas de profissão. Nunca fui assessor dele, mas por conta de meu trabalho na CNBB, conseguia abrir esse acesso", relembra Félix.

No final da década de 1970, repórter da *Rede Globo Nordeste* agendou entrevista negociada inclusive com o aval da secretária. O arcebispo combinou o horário das 16h na Igreja das Fronteiras. Na hora exata, deu confusão, porque a secretária pessoal pediu para não falar sobre o assunto da pauta que era a Constituinte, alegando que poderia prejudicá-lo. "A repórter me ligou da casa dele me pedindo para intervir. Na mesma hora, pedi para passar a ligação e fiz um apelo direto a Helder usando como argumentos de defesa, outra entrevista que havia dado no mesmo período", conta. Como Dom Helder sempre foi uma fonte acessível à imprensa, concedeu a entrevista.

Outro episódio que marcou a amizade com o arcebispo foi mais delicado ainda. O fato envolveu o padre alemão Conrado Weber que vivia pelo Brasil, como integrante da Congregação Verbo Divino⁹ e criou uma produtora de cinema instalada na casa provincial deles em São Paulo. A produtora passou a fazer filmes que eram disponibilizados aos interesses das pastorais e suas comunidades de atuação, inclusive distribuídos para a CNBB. A ideia era usar os meios de comunicação para catequizar através da linguagem cinematográfica. O padre alemão, revelou, certa vez, a vontade de fazer um filme tendo Dom Helder como personagem principal. Seminarista à época, Félix gostou do roteiro. Faltou apenas garantir a adesão de Helder que não fez cerimônia, e ordenou a vinda do alemão a Pernambuco.

Na data marcada, padre Conrado desembarcou no Recife com sua equipe de produção e vários equipamentos de trabalho. As primeiras tomadas de imagens e diálogos em ambiente interno seriam no Palácio dos Manguinhos, no bairro da Boa Vista, e depois as externas em Olinda e Zona da Mata. Quando a produção estava para se iniciar, receberam a notícia: o arcebispo não pretendia mais participar do filme-documentário. Irredutível no primeiro momento, sua desculpa era a de que não seria importante e oportuno fazer sobre ele, mas falaria se fosse sobre a arquidiocese. Mais uma vez, Félix teve que intervir no caso. "Deus do céu, Dom Helder, lembre-se que o padre Conrado veio de São Paulo para cá, uma viagem longa com um objetivo sobre o qual tratamos antes", alegou, na tentativa de convencê-lo a voltar atrás. Como repetia que não queria falar sobre ele, Félix apelou para estratégia usada em situações semelhantes.

⁹A Congregação do Verbo Divino - SVD, foi fundada em 1875 como uma comunidade missionária, em Steyl, na Holanda. Os primeiros missionários chegaram ao Brasil em 12 de março de 1895. Com a autorização e as providências do bispo de Petrópolis, missionários visitaram as colônias de língua alemã. De acordo com sua Constituição, os Verbitas consideram como dever o anúncio da Palavra de Deus a todos os povos, a criação de novas comunidades do Povo de Deus e a promoção do crescimento e a união entre si e com a Igreja inteira.

De imediato, Félix lembrou-lhe: “o senhor aceitou fazer um filme, não me lembro qual era o país, e agora quando é um negócio daqui, de pessoas ligadas a Igreja o senhor está se negando. Com certeza não vai ter censura”, disse. Ao terminar de falar, o jornalista percebeu que o argumento “o tocou de certa forma e, em poucos minutos, o impasse estava desfeito”.

No mesmo dia, o arcebispo foi ao convento dos capuchinhos filmar o momento da distribuição de uma sopa. Sentou-se no chão e tomou a iguaria de macarrão e frango, com os pobres. Dos vários momentos que teve com o arcebispo, o que mais envaideceu Félix Filho aconteceu em 1983, quando recebeu o convite para ir ao Palácio dos Manguinhos. Dom Ihe fez o pedido. “Oh meu filho, você podia me dar uma ajuda? Devo ir receber um prêmio no Japão - Prêmio Niwano Peace Prize (Prêmio Niwano para a Paz - da Fundação Niwano para a Paz, em Tóquio) e me pediram umas fotos”. As imagens eram para um cartaz. “Como não sei escolher isso, pensei em você”, argumentou Helder.

Três caixas com registros fotograficos de vários momentos de sua trajetória foram repassadas a ele por suas secretárias. "Havia fotos maravilhosas, valiosas e históricas não só para ele e Igreja, mas para a memória do país. Era Dom Helder em quase todos os continentes”, conta. Ele escolheu uma foto do arcebispo no estádio de Milão e um microfone grande no qual soltava seus discursos combativos. A foto foi feita de perfil e o estádio de futebol lotado. Quando a encontrei, disse-lhe: “Dom Helder, esta é a imagem perfeita”. Na hora, ele aprovou. Mandaram as escolhidas pelos Correios. Quando ele voltou da viagem à Ásia, no primeiro encontro me disse: “aquela foto que você escolheu foi a principal que divulgaram lá, você acertou em cheio, muito obrigado. Então, nossa relação era nesse tom”.

Historicamente, o percurso das relações entre a imprensa e o governo militar atingiu outros profissionais e setores. Felipe Quintino, em sua tese defendida na USP, sobre a trajetória do jornalista e escritor Zuenir Ventura¹⁰, afirma que “a atuação da imprensa brasileira durante a ditadura militar revelou um perfil complexo de resistência, omissões e negociações”. Em alguns momentos, convivência com o mundo político foi “harmoniosa” e favoreceu a expansão do sistema de comunicação, “com o investimento em publicidade nos órgãos de mídia e facilidades nos financiamentos em bancos e instituições estatais para a compra de equipamentos”. Como tendência geral, o regime de 1964 “foi benéfico aos setores dominantes da imprensa e, no final das contas, o AI-5

¹⁰Com o tema 'Zuenir Ventura, jornalismo e testemunhos: interpretações da cultura', a pesquisa de Felipe Quintino, sob orientação da professora Dr^a Sandra Reimão, compreende o estudo da trajetória do jornalista, com ênfase no período da ditadura militar, na qual buscou mapear as origens sociais, formação, relações de amizade, trabalhos na imprensa, reconhecimentos da comunidade jornalística e inserção em grupos de sociabilidade intelectual no Rio de Janeiro, interligando com a conjuntura política. A pesquisa relacionou o processo de construção de brasilidade, associação aos valores do nacional-popular, identidade de oposição ao regime militar e o papel do intelectual nos movimentos de mediação

funcionou como um fator impulsionador e facilitador das mudanças estruturais da mídia, fazendo com que o processo em curso se acelerasse”, segundo Quitino (2017).

A história comprovou que a maioria dos órgãos de imprensa ajudou a derrubar o presidente João Goulart, participando do discurso da pregação anticomunista no país. Felipe Quintino endossou em sua pesquisa sobre Zuenir Ventura no auge da censura:

Ao longo do período militar, marcado pelo controle das forças autoritárias, censura e aumento da repressão, as posturas dos veículos de imprensa se diversificaram e, alguns deles, participaram do campo oposicionista ao regime, dando espaço aos manifestos, aos textos de caráter mais crítico e aos debates de teor cultural. (QUINTINO, 2017, p.27)

Nos anos de cerceamento da imprensa, a relação do arcebispo com os jornalistas foi afável e surpreendia a todos pelo bom humor, embutido na personalidade de Dom Helder até em situações delicadas. Em *Além das Ideias* (2012), Félix Filho relatou que circulava entre os radialistas e jornalistas a anedota comum que “o cearense de voz mansa” gostava de contar em rodas de conversa como seria sua chegada ao céu:

- São Pedro estava esperando com todos os anjos e santos. Ao chegar lá, estranhamente, ele ficou aguardando na porta, sem entrar, do lado de fora. Impaciente com a demora, o santo resolve interpelar:

- Dom Helder seja bem vindo, estamos todos à sua espera. Não entendo porque insiste em ficar aí do lado de fora.

O bispo continuou parado. Olhou para todos os lados e pediu mais tempo.

- Eu agradeço muito São Pedro, diz meio sem jeito, mas o problema é que ainda não estou vendo a imprensa para documentar a minha entrada no céu. Vamos aguardar mais um pouco.

Na concepção de Félix Filho, o arcebispo tinha um perfil midiático porque sabia se comunicar, tinha desenvoltura, era bem informado sobre os acontecimento do país e do mundo, e construía argumentos sólidos em qualquer circunstância:

Para muitos, principalmente seus inimigos, essa anedota revelava, simplesmente a extrema vaidade do arcebispo. Interessado em denegrir sua imagem, eram incapazes de perceber a enorme habilidade que tinha de lidar com os modernos meios de comunicação. Dom Helder foi o primeiro bispo do Brasil a descobrir, ainda na década de 1950, a força desses meios. E soube como poucos utilizá-los para divulgar seus projetos e ideias. Logo, se transformou numa das principais estrelas da nascente televisão brasileira, nos anos 1950 (FILHO, 2016, p.49)

Outros assuntos como sexo e as tentações humanas, Dom Helder tratava com

delicadeza, poesia e bom humor. "Há pessoas que se angustiam porque vêem as tentações a ameaçá-las por todo o canto, particularmente, a tentação sexual e se esquecem da reserva de segurança que Deus lhe dá", dizia. Só que isso não o impedia de falar sobre a beleza de Deus em todas as criaturas, inclusive nas mulheres. Félix Filho descreveu que, quando Helder ainda era bispo auxiliar do Rio de Janeiro e passava de carro pela praia de Copacabana acompanhando o cardeal-arcebispo Dom José Jaime Câmara, considerado bastante conservador, uma banhista morena saía do mar, a água escorria pelos cabelos e usava um biquíni¹¹ - eram os primeiros a aparecer nas praias cariocas. Dom Helder ficou embevecido, mas notou que o cardeal se comportara inquieto e desconfortável, com olhar de "beatitude e sorriso de apreciação", como ele mesmo contou anos depois. E abordou o colega:

veja meu cardeal, como é difícil julgar. Ao seguir essa moça com os olhos, juro-lhe pelo Senhor, pensei que deve ser com a mesma beleza interior e exterior que nos sentimos ao fim da missa. Ela nos permite mergulhar no espírito de Deus e a graça escorre pelos nossos dedos, pela nossas mãos, por todo nosso corpo. Acho admirável o corpo humano, pois é a obra prima da criação. A imagem que essa moça me trouxe, repito, foi a da alegria total que a missa nos proporciona. O cardeal meio sem graça não teve como contestar. (FILHO, p.28-39).

O ano de 1977 no Brasil começou sem grandes acontecimentos noticiados pela imprensa. Treze anos após os militares tomarem o poder, o país arquitetou uma nova reviravolta antidemocrática no dia 1º de abril, e os brasileiros acordaram sem o Congresso Nacional. O presidente da República, general Ernesto Geisel (1974-1979), tirou da gaveta o Ato Institucional 5 (AI-5), que não era usado desde 1969, para colocar o Parlamento em recesso. Duas semanas depois, anunciou um conjunto de medidas conhecido como Pacote de Abril, composto por uma emenda constitucional e seis decretos, e reabriu o Congresso. O objetivo era dar ao partido do governo, a Arena, o controle do Legislativo, com o aumento das bancadas do Norte e do Nordeste na Câmara dos Deputados e a eleição indireta de um terço dos senadores, que seriam escolhidos por um colégio eleitoral constituído por deputados das assembleias legislativas e por delegados das câmaras municipais.

Quarto presidente militar dos cinco que comandaram o país após 1964, Geisel assumiu o governo com a promessa de conduzi-lo à transição democrática, o que só veio se concretizar nos anos 1980. No mês seguinte, ampliou a censura aos veículos estrangeiros

¹¹O biquíni foi inventado por um estilista francês, chamado Louis Réard – que o batizou com o nome do pequeno atol de Bikini, no Pacífico, onde os americanos haviam realizado uma série de testes atômicos. O primeiro traje de banho do mundo foi criado em 1946 e causou um escândalo, sendo até condenado pelas autoridades religiosas e proibido em muitos países

de imprensa no País. Na literatura, os brasileiros se despediam da escritora Clarice Lispector, e a cearense Raquel de Queiróz, também conterrânea de Helder, reconhecida, como a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras e autora do clássico *O Quinze*, cuja narrativa encantava o arcebispo.

O clima de tensão e violência entre sociedade civil e militares ocorreu no mês de junho em Belo Horizonte (MG), quando os universitários tentaram reorganizar a União Nacional dos Estudantes (UNE), dissolvida em 1968. Em dezembro, o presidente sancionava a lei que regulamenta o divórcio, assunto para o qual o religioso torcia o nariz.

No Recife, o que movimentou a imprensa da capital pernambucana que ostentava o título de a "Veneza Americana do Nordeste" - cortada por suas pontes e seu rio Capibaribe - foi a visita da ex primeira-dama dos Estados Unidos, Rosalynn Carter. A visita acabou expondo a ditadura militar e a luta da igreja para combater a pobreza nas periferias. Quarenta anos depois, o episódio foi rememorado nas páginas do *Diário de Pernambuco*¹², em reportagem publicada no dia 15 de julho de 2017, para lembrar a ocorrência da prisão e tortura do padre Lourenço Rosebaugh e do missionário Thomas Capuano, e a situação em que se expunha o conflito entre a Igreja e o governo ao longo dos anos 1970.

Durante a abordagem policial, os dois religiosos estavam sujos quando puxavam a carroça com restos de alimentos que seriam distribuídos para matar a fome de pobres e pessoas em situação de rua que não tinham moradia, comida nem acesso à água potável. Liurenço e Thomas foram detidos por não estarem, conforme a comissão especial do inquérito, vestidos compatíveis com a condição social que alegavam. Após o caso ter sido noticiado pela imprensa local, ganhou repercussão internacional por causa da visita da primeira-dama dos Estados Unidos a Pernambuco que durou dois dias - 8 e 9 de junho de 1977. Na agenda de compromissos organizada meses antes, havia um encontro marcado com membros do governo de Moura Cavalcanti (1975-1979). Por conta do incidente, Rosalynn Carter quebrou o protocolo do compromisso oficial para dialogar com os religiosos.

O encontro contribuiu, naquele ano, para que a CNBB acatasse o pedido de Dom Helder Camara e desse o sinal verde para a criação da Comissão de Justiça e Paz¹³ da Arquidiocese de Olinda e Recife, que se tornaria o braço do bispo em defesa dos direitos humanos, como registrou a reportagem do *Diário de Pernambuco*:

Quinze minutos apenas, na época, foram reservados à conversa de Rosalynn com os dois religiosos. O encontro ocorreu no Consulado

¹²“Prisão e tortura de padre e missionário revelados ao mundo pela primeira-dama do EUA, Rosalynn Carter” foi o título da reportagem publicada no dia 17 de julho de 2017, assinada pelo repórter Jailson da Paz, para lembrar os 40 anos do episódio da prisão e tortura do padre Lourenço Rosebaugh e do missionário Thomas Capuano, que expunha o conflito entre a Igreja e o Regime Militar à pobreza das periferias nos anos 1970.

¹³A Comissão foi criada em 1977 e contou com a participação de advogados, profissionais liberais, católicos e não católicos que se comprometeram com a defesa dos direitos humanos.

dos Estados Unidos, ainda hoje na Rua Gonçalves Maia, na Boa Vista. Além de ouvir relatos do que os religiosos sofreram na cela da Delegacia de Roubos e Furtos, Rosalynn recebeu uma carta reveladora das condições péssimas a que outros 19 detentos, os presos políticos, enfrentavam na Penitenciária Professor Barreto Campelo, em Itamaracá. Parentes dos presos políticos, obrigados a se despir para puderem entrar na penitenciária, assinavam a carta. Diante de si, a primeira-dama tinha elementos perfeitos à bandeira da defesa dos direitos humanos, empunhada pelo governo Jimmy Carter. No Brasil, de 1968 a 1976, 109 bispos, padres, seminaristas e freiras já haviam sido presos pela ditadura militar¹⁴.

Ao término do encontro, Rosalynn Carter não concedeu entrevista aos jornalistas durante sua rápida permanência na terra do frevo. De animação, só mesmo a presença no aeroporto de 60 crianças de escolas públicas do Recife e Olinda, que se apresentaram ao som de uma fanfarra com direito ao clássico Vassourinhas para recepcionar a ex-primeira dama dos EUA. Sua visita a Pernambuco foi agendada, segundo a Embaixada americana, "pelo valor sentimental para a primeira-dama que antes do marido ser presidente havia visitado a cidade duas vezes".

O silêncio de Rosalynn em relação à imprensa se manteve, como registraram outros veículos. Por outro lado, o encontro dela com o padre e o missionário contribuiu para pressionar o governo do presidente Ernesto Geisel, como registrou o jornal, a viabilizar a promessa de uma distensão lenta, segura e gradual do regime militar

Passada a visita, os militares favoráveis à manutenção do regime prosseguiram com a repressão, contudo, havia a ala que abria os caminhos para o debate e a pressão popular em prol da Lei de Anistia, processo que durou quatro anos. Em maio de 1977, defensores da anistia realizavam o primeiro ato, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. No mês de agosto, o professor Goffredo da Silva Telles leu a "Carta aos Brasileiros" na USP. O documento, assinado por 93 pessoas, pedia a volta do país ao estado democrático de direito e garantia de convocação da Assembleia Constituinte¹⁵.

O próximo passo foi o Movimento Feminino pela Anistia que organizou mobilizações em São Paulo e se expandiu para outros estados, ganhando a adesão de diversos setores, entre eles, a Igreja Católica, o Comitê Brasileiro pela Anistia, a OAB e Associação Brasileira de Imprensa. Dom Helder declarou-se, à época, entusiasta diante da iniciativa popular. Oficialmente, a anistia só foi formalizada no Brasil, dois anos depois, em 28 de agosto de 1979.

¹⁴ Reportagem de Jailson da Paz, *Diário de Pernambuco*, Caderno 3, 15-16 de julho de 2017

¹⁵ A Assembleia Nacional Constituinte foi instalada no Congresso Nacional, em Brasília, a 1º de fevereiro de 1987, resultante da Emenda Constitucional nº 26, de 1985, com a finalidade de elaborar uma Constituição democrática para o Brasil, após 21 anos sob regime militar. Sua convocação foi resultado do compromisso firmado durante a campanha presidencial de Tancredo Neves (1910-1985), primeiro presidente civil eleito, pelo voto indireto, após a ditadura. O presidente, entretanto, morreu antes de assumir o cargo. Ficou nas mãos de José Sarney assumir o Palácio do Planalto e instalar a Assembleia.

2.2 Entrevista ao Jornal do Brasil: liberdade de expressão

Para surpresa negativa dos militares, em agosto de 1977, aquele mesmo "arcebispo comunista de batina", crítico ferrenho do sistema desde o golpe, combativo e para muitos "*persona non grata*", Dom Helder Camara retornou à cena midiática nas páginas do *Jornal do Brasil*. Fundado em abril de 1891, passaram pelo JB, nomes que se consagraram no jornalismo literário, também perseguidos pelo governo, a exemplo de Alberto Dines, Elio Gaspari, Millôr Fernandes, Zózimo Barroso e Carlos Castelo Branco. Diante do clima permanente de tensão, o AI-5 completava nove anos, contudo, jornalistas e veículos de comunicação, na maioria dos casos, procuravam se precaver na hora de pensar e produzir suas pautas para evitar as garras da censura.

De segunda a domingo, os jornais continuavam monitorados desde a capa até a última página. A mais atuante sucursal do JB no Nordeste ficava no Recife, e foi de lá que partiu uma das entrevistas mais comentadas e polêmicas do ano, que provocou ruídos entre os militares dentro dos quartéis, grupos políticos, artistas, membros da igreja, intelectuais de diversos setores e formadores de opinião de norte a sul do país. Depois de várias tentativas, o arcebispo de Olinda e Recife concedeu entrevista à repórter Divane Carvalho, quebrando o hiato de sete anos de silêncio na grande imprensa.

Vários impasses ocorreram no trajeto das negociações, como desencontros, indisponibilidade na agenda do religioso, respostas negativas, falta de espaço em suas páginas. Finalmente, no dia em que a chefia de redação garantiu a liberdade de expressão para o principal representante da Igreja Católica no Estado, Dom Helder concordou em ser sabatinado no Palácio dos Manguinhos, residência onde ele morava. A repórter conta que foi sozinha e munida apenas do gravador. Ao retornar ao jornal, o chefe lhe disse: “senta aí, tire a gravação todinha do jeito que estiver. O jornal quer agora, não vai ter nem abertura. Era o medo de não conseguir dar, entendeu, era o cuidado do jornal em imprimir e colocar a edição na rua e assim foi feito”, contou Divane Carvalho¹⁶.

Publicamente, o silêncio foi rompido no dia 24 de abril de 1977, quando a entrevista amanheceu estampada no JB, com o título em letras grandes “Quanto mais negra é a noite, mais carrega em si a madrugada”, na qual Dom Helder discorreu sobre sua militância política, atritos entre Igreja e Estado, relações com a imprensa, o papel do clero, as acusações de suas possíveis ligações com comunistas e os problemas sociais brasileiros. Ao todo, cinco páginas com desabafo, indignação e contestação por causa dos rumos de violência que o país tomou a partir de 1964.

Na edição do jornal, a entrevista teve direito a chamada de capa em uma coluna

¹⁶ Entrevista concedida ao autor desta tese.

com o seguinte texto: "Nunca me senti um pastor simplesmente de alma. Sou um pastor de homens, de criaturas humanas com alma, corpo e todas as suas consequências", afirmou Dom Helder Camara, ao Caderno Especial. O arcebispo rememora 46 anos de vida sacerdotal 25 de sua sagração como bispo e como político, na acepção de "pessoa preocupada com os grandes problemas humanos".

Tudo o que foi gravado pela repórter, no ato da entrevista, mesmo sob clima de apreensão, saiu na íntegra. Ela lembra que começou a escrever no início da tarde e mandou para a redação na capital carioca no mesmo dia, para que não houvesse nenhum problema e a pauta corresse o risco de cair, como se diz no jargão jornalístico. "Às 8h da noite, a gente ainda estava no telex encaminhando o texto, mas deu tudo certo, com toda ansiedade coletiva dentro da sucursal".

O texto foi distribuído por blocos temáticos: Sobre Integralismo, Capitalismo e Comunismo; Sobre Igreja e Estado; Sobre 1964 e Depois; Sobre o papel da Igreja e do Padre; Sobre as críticas às suas viagens, e finalmente, Sobre suas relações com a imprensa. Quanto à repercussão da entrevista, ao chegar às mãos dos leitores, Divane Carvalho relatou que ainda está em sua memória a recepção do impresso pelos leitores

A repercussão no Recife foi absoluta, uma coisa de louco. A quantidade de exemplares, não lembro números exatos, não deu para todo mundo que queria ler. Vendeu tudo logo cedo e esgotou. Começaram a pedir mais ao jornal no Rio. Para que as pessoas não ficassem sem ler os argumentos de Dom Helder no JB, a Arquidiocese providenciou datilografar a entrevista e depois mimeografou para multiplicar entre seus seguidores. Veja que trabalho danado, mas o objetivo foi atingido. Já pensou que loucura? Aí começaram a distribuir nas igrejas, ao final da missa, e nos encontros das pastorais. No caso do formato da entrevista, não tinha como a gente fazer ping-pong (pergunta e resposta), o jornal queria uma coisa de impacto. Já a ideia da título da matéria não fui eu que sugeri. Foi o editor, baseado numa fala dele que o jornal reproduziu entre aspas¹⁷

A entrevista do arcebispo teve repercussão no exterior, e mais uma vez, provocou a ira do governo. A correspondente do jornal, lotada na sucursal pernambucana, lembra que os bastidores da imprensa era de completo nervosismo quando se imaginava nas pautas que ainda pudessem desagradar os censores. Dom Helder, oficialmente, continuava proibido por decreto de aparecer. As negociações para convencer o arcebispo a falar foram, de certa forma, delicadas e demoradas, segundo relato de Divane:

Dom Helder evitava conceder entrevistas fosse para qualquer veículo, senão nos microfones da Rádio Olinda, onde conduzia seu

¹⁷ Entrevista concedida ao autor.

programa Um olhar sobre a cidade. No JB, um dia, eu disse na redação: Vamos tentar uma entrevista com Dom Helder? Sabemos que ele não falava porque estava censurado no país e mais ainda aqui no Recife. Daí comecei a levantar a ideia, chegando a falar com ele dias depois que agradeceu muito, mas sempre recuava dizendo que não faria porque a censura não deixava, poderia complicar a vida dele e do veículo. Passamos três meses tentando. Em certa ocasião, quando ele queria, o jornal desistia e foram três meses sem emplacar a conversa nem gravar uma só pergunta. Quando o jornal dizia agora vamos fazer, ele não queria. Na persistência dos diálogos, coincidiu que um dia, talvez, aconselhado por alguma pessoa muito próxima, o jornal insistiu e o arcebispo concordou, então essa foi a única entrevista gravada da minha vida. Nunca gostei de trabalhar com gravador era uma matéria grande, importante, não gosto de usar gravador até hoje. Como vivíamos em plena ditadura com a censura presente o tempo todo nos jornais, era preciso muito cuidado com o que ia a gente escrever. Você não podia distorcer, o registro dos áudios era uma prova. Então gravamos com todo cuidado a cada pergunta¹⁸.

Considerada histórica para o JB e para imprensa de Pernambuco, a entrevista começou a diminuir as restrições impostas ao seu pensamento e a censura que perdurou por sete anos nos caminhos do arcebispo. Aos poucos, Dom Helder foi reconquistando, naturalmente, espaço em outros veículos. Em nenhum momento, porém, houve qualquer determinação oficial para o fim da censura ao arcebispo. Na prática, a censura prévia à imprensa acontecia de duas maneiras: A primeira consistia com a presença de dois ou mais representantes do governo - designados como censores-observadores que acompanhavam a rotina das produções jornalísticas da grande imprensa - que ficavam de plantão nas redações, liam os jornais, ouviam rádio e assistiam à tv. Ao ter acesso ao material produzido, só então determinavam o que poderia ser publicado. A outra forma de censura funcionava com o envio de mensagens, geralmente por telex, às redações dos meios de comunicação estabelecendo que matérias estavam proibidas de ser publicadas ou sugerindo alguma mudança na narrativa de determinado texto.

Depois da veiculação da entrevista ao JB, a repórter Divane Carvalho esteve com o arcebispo que expressou satisfação pelo resultado da entrevista e achou bonita a forma como foi editada, incluindo o título Quanto mais negra é a noite, mais carrega em si a madrugada. Dom Helder não pensou que sairia tudo que falou à repórter, por isso, ficou surpreso, principalmente, porque a reportagem tinha ganhado destaque de capa e ocupado várias páginas. Por conta da repercussão pública, a jornalista avaliou que pode ter sido um dos motivos que fez ruir "o paredão" entre o arcebispo, a censura e setores da imprensa. No ano seguinte em outro encontro, Dom Helder lhe presenteou com o exemplar de seu livro Mil razões para viver (meditações do Padre José), com a seguinte dedicatória: "À Divane,

¹⁸Entrevista concedida ao autor desta tese.

a quem devo a quebra do gelo da Imprensa. Saudação fraterna pelo 16 de outubro de 1978".

Na mesma semana em que a edição chegou aos leitores, a redação do jornal carioca recebeu diversas cartas de leitores tecendo comentários de elogios ou repulsa contra o religioso. Uma das cartas publicadas foi do leitor Pedro Callado, de Niterói (RJ), que escreveu: "Parabéns pela entrevista com Dom Helder Camara. É mais que uma entrevista: É um livro de Ciência política, vale dizer, de humanismo, de cristianismo. Pela coragem de publicar palavras desse enorme brasileiro". No final da carta, afirmava. "Gratos, por todo nós, que como o arcebispo de Olinda e Recife, acreditamos que até o Deserto é fértil"¹⁹, referido-se a um dos livros publicados pelo arcebispo na década de 1970.

O Centro de Artes e Comunicação da UFPE publicou, em maio de 1978, nota de página inteira nos jornais de grande circulação do Recife, com mosaico de fotos do arcebispo no alto e no rodapé, para comemorar os seus 25 anos de consagração episcopal, fazendo inclusive referência à entrevista:

"Nós estudantes da UFPE achamos que não poderíamos deixar passar em branco, esta data principalmente em se tratando de um homem cuja luta em defesa dos humildes e explorados, não é apenas reconhecido por nós, mas em todo mundo. Prêmio mundial da paz, em 1974, a imprensa não pode divulgar o ato no Brasil. Convidado, frequentemente, a proferir palestras no exterior, Dom Helder tem recebido distinções de universidades europeias e africanas. Porém, em sua pátria, tem sido alvo de difamações e injustiças por parte daqueles que tem acima de tudo as transformações das estruturas injustas em que nós vivemos. Temido pelas mentalidades retrógradas e amado pelos humilhados e ofendidos, a forma que encontramos para homenageá-lo foi a transcrição da entrevista concedida ao Jornal do Brasil, e que veio quebrar o tabu de que tem sido vítima durante esses anos de pregação pela justiça social. O texto aqui reproduzido adquire maior importância pelo fato de que a edição daquele jornal encontra-se esgotada, não só pelo número de pessoas que adquiriram o jornal, mas também pelos muitos pedidos feitos que se tomou conhecimento desta entrevista"²⁰.

Em entrevista, Divane Carvalho lembrou que, mesmo depois da matéria do JB, o religioso continuou sendo visado pelos militares e criticado por alguns setores da sociedade, incluindo da imprensa. "Entre os militares nada era feito por debaixo dos panos, desde 1977 já se sabia quem era a favor e contra a abertura do regime". Antes de ir trabalhar no JB, a repórter passou pelo *O Estado de São Paulo* cobrindo a área de Justiça e Direitos Humanos, temas sobre os quais falou com o arcebispo que era uma das fontes de informações mais importantes para tratar do tema no Estado de Pernambuco. A última

¹⁹ O Deserto é Fértil - Roteiro para as minorias Abraâmicas foi lançado em 1985 pela Editora Civilização Brasileiras, com 111 páginas. Em sua apresentação o arcebispo argumenta: "Acredito nessas minorias capazes de compreender a "Ação, Justiça e Paz" e de adotá-la como campo de estudo e de atuação. Chamo-as "Minorias Abraâmicas" porque, como Abraão, esperamos contra toda esperança."

²⁰ Nota da Unidade - Centro de Artes e Comunicação da UFPE, publicada nos jornais do Recife, em 1977.

reportagem que Divane Carvalho escreveu sobre Helder Pessoa Camara foi a cobertura de seu velório em agosto de 1999 para o *Diário de Pernambuco*.

Para a jornalista, são muitas as impressões que guarda até hoje do "homem mais humanista" que já conheceu no horizonte da Igreja Católica:

Dom Helder era, claro, um cristão aberto para qualquer assunto e um ser político e carismático, ao mesmo tempo, um cara que não tinha medo de nada. Quem o conheceu de perto sabia que ele só andava a pé ou de carona. Qualquer pessoa que parasse o carro e oferecesse uma carona ele pegava. Era pequeno, mas tinha coragem. Andava sempre vestido numa batina bege e uma cruz de madeira bem pobre pendurada no pescoço. Só conheço padre que anda de preto. Não gostava de comer muito não. Uma vez perguntei à freira que cuidava dele: O que o danado Dom come? Ela respondeu: Nada, é um inferno, mas ele prefere queijo prato com bolacha Cream Cracker tipo água e sal. No almoço era complicação para ele as comidas de panela. Aí sempre comia uma sopinha. Só imagino como jornalista que teve aproximação com ele que caso não existisse, tinha que ser inventado, minha descrição é só essa.

No clima de mobilização social e de luta por liberdade de expressão, não demorou muito para que outros veículos procurassem o arcebispo com o objetivo de repercutir a entrevista, inclusive, para abordar a abertura política. Antes de falar ao JB, o último depoimento de maior relevância concedida no Brasil foi concedida ao jornal *O Pasquim*²¹, o mais debochado e provocador semanário alternativo da época que manteve, apesar das perseguições, uma influente voz de contestação no combate à ditadura. A edição semanal de número 40, de 26 de março/1º de abril de 1970, estampou uma foto do arcebispo em toda capa apenas com o nome "Helder". A entrevista completa (Ver anexo) foi no formato ping-pong, com uma abertura de texto informal, estilo próprio do jornal com características de humor:

Negócio é o seguinte: poucas pessoas tem desempenhado na atual fase papel tão importante quanto essa figura notável do padre Helder Camara. O PASQUIM se orgulha de apresentar a entrevista do Padre Helder que se constitui num documento que precisa ser analisado por tantos quantos se interessem pelo destino do homem e seu papel dentro de uma sociedade, como a nossa que enfrenta sua hora de opção. Assim, apresentamos a entrevista de Dom Helder, coordenada por Cristina Tavares Correia, Jeová Franklin e Frederico Vasconcelos, como a entrevista de um irmão da turma²².

²¹O Pasquim foi um gesto corajoso de um grupo de jornalistas que resolveu responder ao sufoco implantado pelo Ato Institucional nº 5, de dezembro de 68, com uma publicação, que sob o disfarce do humor, procuraria driblar a censura do regime militar. O jornal teve articulistas como Paulo Francis, Ivan Lessa e Sérgio Augusto e o humor afiado de nomes como Millor Fernandes, Jaguar, Tarso de Castro, Henfil e Ziraldo. Ver Artigo Pasquim combateu a ditadura com muito bom humor e malícia', assinado por Jomari França. O Globo, 21 de março de 2006.

²²Chamada da entrevista ao jornal *O Pasquim*, edição nº 40, abril, 1970.

Um mês depois, no mesmo Pasquim, a entrevista de capa foi com o ex-centroavante Tostão, com passagem pelo Cruzeiro, América e Vasco da Gama. O atleta também se posicionou contra a ditadura e as restrições a liberdade de expressão imposta pelo regime, fazendo inclusive referências ao arcebispo de Pernambuco, em uma das perguntas do icônico jornal da chamada imprensa nanica da época. Ele declarou que estava mais para a linha de Dom Helder, um homem que sempre lutou pela defesa dos pobres e a favor dos direitos humanos. “Se a gente faz o bem, não importa que a gente vá à igreja, que a gente reze, isso é um pouco secundário, mas nós temos que seguir uma forma de vida para que isso seja realmente uma rota da nossa vida”. Por fim, concluía que era um homem de fé, acreditava em Deus. “Nós não conseguimos nada sem Deus. Agora, essa questão de ir à igreja, de rezar, comungar, confessar é uma questão de rotina, de natureza e como eu disse antes, eu não sou um católico fervoroso de ir à igreja, de confessar”.

Capítulo 3

1978: Fim do AI-5 e os caminhos da abertura política

Mil novecentos e setenta e oito foi o ano considerado um divisor de águas na política nacional e, ao mesmo tempo, o início do processo de abertura democrática. Em 4 de agosto, o então presidente general Ernesto Geisel assinou decreto de lei proibindo a greve nos setores de segurança nacional e serviços públicos do país¹. No mês seguinte, foram eleitos os primeiros senadores biônicos do país - quase todos pertencentes à Aliança Renovadora Nacional (Arena). Através da promulgação da emenda nº 11 da Constituição de 1967, o governo decretava extinto o AI-5 com a promessa de conduzir a transição lenta e gradual.

Em 15 de outubro, aconteceram as eleições indiretas para presidente. Durante a campanha para sucessão presidencial, Geisel conseguiu impor o nome de seu sucessor, o general João Figueiredo² com 61% dos votos contra os 39% do candidato do MDB, o general Euler Bentes Monteiro³. No meio de toda a atmosfera política e das tensões entre situação, oposição e opinião pública, a Justiça responsabilizou a União pela morte do jornalista e cineasta Vladimir Herzog⁴, ocorrida em 25 de outubro de 1975, nas dependências do DOI-CODI de São Paulo. O episódio repercutiu no Brasil e exterior. Em Pernambuco, Dom Helder Camara manifestou sentimento de repulsa e indignação relacionado ao assassinato que teve repercussão internacional e, no contexto de suas

¹O decreto não atingiu apenas os setores de segurança e serviço de primeira necessidade, mas todos os segmentos, usando do mesmo precedente e da mesma lei.

²Nascido no Rio de Janeiro em 1918, João Figueiredo foi secretário Geral do Conselho de Segurança Nacional no governo de Jânio Quadros e participou do movimento que originou o golpe militar de 1964. Exerceu a chefia da agência do SNI, no Rio de Janeiro (1964-1966). No dia 15 de março de 1979, assumiu a presidência da República, propondo-se a continuar a abertura política iniciada por Geisel.

³Diferentemente do ano de 1973, quando o MDB lançou a antecandidatura de Ulysses Guimarães, o partido da oposição almejava dividir os militares. Vinculado ao chamado “setor nacionalista” das Forças Armadas, o general fez carreira no Exército sem ter apoiado o golpe militar de 1964, e foi presidente da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) no governo de Costa e Silva. Fonte: Memorial da Democracia. Acesso em 1 de Agosto de 2019. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/mdb-lanca-o-seu-candidato-general>.

⁴Vladimir Herzog nasceu em 27 de junho de 1937 na cidade de Osijek, na Croácia (na época, parte da Iugoslávia) e se mudou com os pais para São Paulo em 1942, naturalizando-se brasileiro. Estudou Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e iniciou a carreira de jornalista, em 1959, em *O Estado de S. Paulo*. Trabalhou na revista *Visão* e foi professor de telejornalismo na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) e na Escola de Comunicações e Artes da USP. Em 1975, Vladimir Herzog foi escolhido pelo secretário de Cultura de São Paulo, José Mindlin, para dirigir o jornalismo da TV Cultura. Em 24 de outubro, foi chamado para prestar esclarecimentos na sede do DOI-Codi sobre suas ligações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Sofreu torturas e, no dia seguinte, foi morto. A versão dos militares foi a de que Vladimir Herzog se enforcou com um cinto, e divulgaram a foto do suposto enforcamento. Jornalistas presos no local testemunharam que ele foi assassinado sob tortura. Fonte: Memória da Ditadura. Acesso em 7 de Julho de 2019. Disponível em <http://memoriasdadtadura.org.br>.

homilias, denunciou as atrocidades que ainda aconteciam nos porões da ditadura.

O ano foi marcado ainda pela sucessão dramática no Vaticano, que experimentou a eleição dos papas Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II em um intervalo de dois meses⁵. Ao longo da década de 1970, a cultura brasileira dividia espaço de sua produção de conteúdos principalmente na música e no cinema, com os chamados enlatados americanos, como eram chamadas as produções que vinham de fora. No tempo em que a onda disco fervia através do filme *Os Embalos de Sábado à Noite*, estrelado por John Travolta, a novela brasileira *Dancin Days*, de Gilberto Braga, fez sucesso através dos 14.818.000 televisores em preto e branco e em cores⁶ e alçava definitivamente a carreira da atriz Sônia Braga que brilhou na pele da personagem Júlia Matos.

Nos campos de futebol, a Argentina, terra de Diego Maradona, conquistou a taça da Copa 78, que entrou para história pela polêmica de uma partida suspeita diante do Peru, na qual o goleiro Quiroga, um argentino naturalizado peruano, foi acusado de entregar o jogo em um caso jamais confirmado. Na mesma época, o movimento As Mães da Plaza de Mayo denunciou aos jornalistas, que cobriam o evento esportivo, as mortes nos porões da ditadura argentina que transcorreu de 1976 a 1983.

Retomando ao cenário brasileiro neste ano, o arcebispo Dom Helder Camara estava novamente sob os holofotes da imprensa, conquistando visibilidade e espaço em todo o país, após o fim da censura às suas opiniões. A revista *O Cruzeiro*⁷, edição de 7 de janeiro de 1978, publicou sua primeira entrevista com o religioso, com a seguinte chamada em caixa alta (letras maiúsculas): "DOM HÉLDER: ATAQUE E DEFESA NO FIM DO SILÊNCIO". Ao repórter Ricardo Ferreira Pinto, ele frisou, contudo, que o "rádio e a televisão brasileiras ainda estão proibidos de conceder espaço diante da censura imposta pelo governo". Na reportagem, relembrou de sua atuação política como sacerdote, denunciando as injustiças que ocorriam no país e declarou que o movimento militar de 31 de março de 1964 "não tinha sabido ou podido fazer as reformas de base, que a transformariam em revolução de fato".

Em um anexo, a revista publicou texto "Nossos apartes a Dom Helder", assinado pelo editor Joaquim José F. Lacreca, acusando o arcebispo de "demagogo" e "pombo-correio das esquerdas internacionais". O editor afirmou que o religioso buscava apenas

⁵O jornalista italiano Giovanni Maria Vian descreveu no jornal *Vaticano* que, entre 6 de agosto e 16 de outubro 1978, a Igreja viveu 70 dias extraordinários. Giovanni Montini, o Papa Paulo VI, faleceu e foi substituído pelo patriarca de Veneza, Albino Lucini, que adotou o nome de João Paulo e morreu 33 dias depois de eleito pontífice. Foi substituído pelo arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyła, que ficou conhecido como João Paulo II.

⁶Informações contidas no Perfil da TV Brasileira (40 anos de história: 1950-1990), de Sérgio Mattos, *A Tarde*, 1990.

⁷Lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 10 de novembro de 1928 por Assis Chateaubriand, *O Cruzeiro* circulava semanalmente em todo o país, como parte da rede de comunicação dos Diários Associados, que tinha 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão, dentre as quais a TV Tupi. Fonte: Hemeroteca Digital. Acesso 10 de setembro de 2019. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br>.

"difamar o Brasil no exterior" e que nunca denunciou opressões praticadas nos países comunistas". Os segmentos mais autoritários do regime, entre 1978 e 1980, tratados de "militares da linha dura", sufocados pela estratégia de abertura e insatisfeitos com os avanços rumo à democracia, continuaram se manifestando através de atentados violentos, como os ocorridos na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. A reação da sociedade favorável a abertura também crescia e operários do ABC fizeram as primeiras greves, criando o novo sindicalismo.

O descontrole econômico do país vinha se desenhando desde o final da gestão militar do presidente Geisel com o déficit das contas nacionais financiado por volumosos empréstimos internacionais, em meio a uma economia mundial em recessão. Isso elevou a dívida externa a cerca de 50 bilhões de dólares na travessia de 1979. Para o economista Ladislau Dowbor⁸, exilado pela ditadura militar por 11 anos, a situação "pegou o Brasil de calças curtas". A reação de Geisel foi a construção de hidrelétricas, como Itaipu e implantação de usinas nucleares em Angra dos Reis (RJ).

Para alguns historiadores, as iniciativas liberalizantes assinadas de Ernesto Geisel e Golbery foram uma tentativa de conduzir os militares de volta aos quartéis e combater a desordem que, àquela altura, tomava conta das Forças Armadas. Na opinião do professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Rogério Schmit (2009), não houve consenso sobre se o papel dos militares "foi um projeto bem sucedido porque não houve ruptura das regras impostas pelo próprio regime. Por outro lado, houve vários sobressaltos que detonaram reações em cadeia que os militares não pretendiam".

Meio século após o golpe de 1964 e dos 40 anos da abertura política, segundo o jornalista e editor Rogério Schelegel, ascendeu um novo espírito no nosso tempo e os métodos de reconstituição histórica procuraram trazer novos esclarecimentos a respeito deste período da história do país. Contudo, somente nos anos 2000, os chefes militares concederam testemunhos graças ao trabalho de pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas e do jornalista Elio Gaspari⁹. Assim como, estudos históricos se debruçaram sobre a trajetória de personagens da intelectualidade e da sociedade civil para conhecer a participação neste período, principalmente em defesa dos direitos sociais e políticos dos cidadãos.

⁸Economista brasileiro e professor da PUC-SP, foi militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e participou, em março de 1970, do sequestro de Nobuo Okuchi, cônsul do Japão em São Paulo. Menos de um mês depois da libertação do diplomata (em troca da liberação de cinco presos políticos), foi preso e torturado. Nos primeiros dias de 1971, foi para o exílio incluído no grupo de 40 militantes libertados em troca do embaixador suíço Giovanni Bucher, também sequestrado, numa operação comandada por Carlos Lamarca.

⁹Elio Gaspari, jornalista e escritor publicou vários livros-reportagem investigando a trajetória da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), entre os títulos estão: A Ditadura Acabada, A Ditadura Envergonhada, A Ditadura Escancarada e a Ditadura Derrotada.

3.1 Dom Helder, Elis Regina e Henfil: em defesa de Cajá

Dom Helder Pessoa Camara, embora tenha retomado seus direitos à liberdade de expressão, após entrevista histórica ao *Jornal do Brasil*, em abril de 1977, voltou a emitir opiniões na imprensa. As denúncias contra perseguições e torturas articuladas pelos militares ganharam novo episódio, tendo o arcebispo no front, desta vez com o apoio de estudantes universitários, educadores, do cartunista Henfil e até da cantora Elis Regina, que passava pelo Recife durante a turnê de *Transversal do Tempo*¹⁰, um dos shows mais politizados de sua carreira, com viés de resistência e transgressão, apresentando questionamentos sobre política, sociedade, meio ambiente e o contexto cultural brasileiro na época.

O episódio teve como personagem central o estudante de sociologia, o paraibano, natural de Cajazeiras, Edval Nunes da Silva, "Cajá", apelido criado por Dom Helder. Membro da Comissão de Justiça e Paz, criada pelo arcebispo para defender famílias que lutavam por moradia e terra além de presos políticos comuns, Cajá foi sequestrado em 12 de maio de 1978 sob monitoramento do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) pela Polícia Federal, ao deixar a Cúria Metropolitana, na movimentada avenida Conde da Boa Vista, sob a acusação de tentar reorganizar o PCR, que atuou clandestinamente durante a ditadura. Capturado, foi levado para a sede da Polícia Federal do Cais do Apolo, onde foi torturado e mantido em solitária por 12 meses. A prisão ganhou as páginas dos jornais e resultou em protestos de universitários, provocou ruídos em Brasília, diretamente no gabinete do comando militar, e respingou até no Rio e São Paulo, provocando a opinião pública a exigir o fim das torturas e a libertação do estudante.

Recém chegado da Paraíba, Edval Nunes lembra que foi, em 1972, o primeiro encontro com Dom Helder. "Estudava no Ginásio Pernambucano, o celeiro da resistência, onde me tornei amigo do padre cearense Ivan Teofila e Dom Helder. Ivan tinha um trabalho muito importante e era poeta". Padre no Salesiano, Ivan tinha uma sala chamada 'O Balaio', na qual recebia jovens para os saraus de música. "A sala era ambientada com a capas de discos de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque, ou seja, um ambiente de resistência", recorda Cajá que, nesse período, tornou-se presidente do grêmio e organizou uma homenagem em memória de Jonas José Albuquerque Barros, morto em 1 de abril de 1964 quando participava de uma manifestação de rua contra a deposição e prisão do

¹⁰Com direção de Aldir Blanc e Maurício Tapajós, o show *Transversal do Tempo*, o show tinha a pretensão de propor uma reflexão do que tinha acontecido mundialmente em 1968, ano em que o mundo viveu uma grande primavera e, em terras tupiniquins, culminou com a instauração do Ato Institucional nº5, decreto que endureceu ainda mais o regime militar. Outra questão que transparece no espetáculo foi o clima de tensão e expectativa com a possibilidade de abertura política da ditadura no país.

governador pernambucano Miguel Arraes, no centro do Recife.

À época, o movimento estudantil estava reunido na Faculdade de Engenharia de Recife quando o Exército invadiu o prédio. Em passeata pelas principais ruas do Recife, os estudantes alertavam a população sobre o golpe militar. No momento em que os militares avistaram-no, realizaram disparos para o alto. Os jovens revidaram com pedras e cocos vazios e entoavam palavras de ordem em defesa da legalidade democrática. Os militares fizeram disparos diretamente para os estudantes, resultando em feridos e na morte de José de Albuquerque Barros, de 17 anos, secundarista do Colégio Estadual de Pernambuco, e Ivan Rocha Aguiar, de 23 anos, acadêmico de Engenharia¹¹.

Na década de 1970, Pernambuco tinha uma organização de base na área da arquidiocese, diretórios acadêmicos e de grêmios estudantis se multiplicando. Para Cajá, os trabalhos de conscientização eram levados aos pontos que a igreja observava como "terra de ninguém", sobretudo nas periferias da Região Metropolitana do Recife e Zona canavieira, por meio da Operação Esperança, um projeto organizado por Dom Helder, com o dinheiro de dois prêmios internacionais¹². O arcebispo ganhou a alcunha de o "Dom da Paz", e realizou, com a ajuda de assessores voluntários, experiências de reforma agrária. "Ele começou a buscar saídas e provar aos governantes que era possível emplacar a reforma agrária, fazendo a titulação e demarcação através de um processo de seleção voltado às famílias de agricultores sem terra", relembra Cajá.

As ações filantrópicas de Dom Helder foram pioneiras e resultaram na criação do Engenho Ipiranga, no Cabo de Santo Agostinho, Grande Recife, onde dezenas de famílias produziram toneladas de cana de açúcar, vendidas para usinas espalhadas na Zona da Mata, além de coco, banana, batata, macaxeira e inhame¹³. Mais dois engenhos, adquiridos pelo arcebispo, foram entregues aos trabalhadores rurais em outras regiões: Taquari, na área rural do município de Sirinhaém, zona da mata de Pernambuco; e Guaratema, em Bonito, na região do Agreste, totalizando 1.300 hectares.

Diante dos novos acontecimentos e as tensões entre os militares e a sociedade civil, Dom Helder e Edvald Nunes se aproximaram em clima de mútua confiança, proteção e cordialidade. Na escalada de sequestros e prisões que amedrontavam estudantes considerados comunistas para o sistema, dois auxiliares de Dom Helder caíram nas garras dos militares, por terem colaborado na Operação Esperança. Cajá lembra que, em 4 de setembro de 1973, Manoel Lisboa de Moura, então estudante de medicina da UFAL, por

¹¹Relato de Oswaldo de Oliveira Coelho à Comissão Nacional da Verdade. Fonte Memória da Ditadura. Acesso 16 de Julho de 2019. Disponível em <http://memoriasdaditadura.org.br/memorial/jonas-jose-albuquerque-barros/>.

¹²Os prêmios foram concedidos a Dom Helder Camara, em dólares, pela Noruega e pela Alemanha, ambos em 1974, pela sua atuação em defesa da paz. Com o recurso, o religioso realizou experiência pioneira de reforma agrária em Pernambuco

¹³Caderno Especial *As Sementes do Dom*, publicado pelo Jornal do Commercio, em 7 de fevereiro de 2009, pela passagem de 100 anos de Dom Helder Camara.

sua firme atuação em defesa dos trabalhadores e da revolução, foi preso no DOI-Codi do IV Exército do Recife, após ser capturado quando passava por uma praça do bairro Rosarinho, na zona norte da cidade, em uma ação conjunta das polícias políticas de Pernambuco e São Paulo. Manoel Lisboa foi morto após sofrer torturas¹⁴. Caja relata ainda que “um dos dirigentes do PCR pediu para ir até Dom Helder solicitar que ele pudesse fazer uma intervenção num sentido de sensibilizar a opinião pública para que os militares não matassem os jovens capturados”. Apreensivo e preocupado com a radicalização do regime, Edval conta que recorreu ao arcebispo no sentido de buscar proteção para ele e demais companheiros:

Ao falar com Dom Helder, entreguei minhas credenciais para que não restassem qualquer dúvida quem era que estava falando com ele. Minha carteira do ginásio pernambucano, de seminarista em Cajazeiras e a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS). Consciente do que estava acontecendo no Recife, o Dom da Paz foi solícito e, de imediato, com aquela voz mansa, disse não precisava. Foi direto ao ponto e foi logo dizendo: 'Meu filho, diga o que você deseja eu não exijo burocracia, não peço atestado ideológico de ninguém'. Essa frase me marcou ao longo de toda minha conversa com ele. Depois que fui perseguido e preso e alguns tentaram colocar uma alcunha entre mim e Dom Helder para que ele não visse minha defesa. Eu ainda disse que era militante do PCR, estava lá a pedido da direção e dos sobreviventes para que pudessem ser salvos. O arcebispo, então, fez uma alerta avisando que, para começo de estória, eu soubesse que, ao entrar no espaço dele, estava sendo filmado ou fotografado, não tenha dúvida sobre isso se você não tem medo dessa situação. Eu respondi a Dom Helder: que tinha medo, mas venho sim. Eu não vou mentir para o senhor, eu sinto medo, mas a necessidade de salvar esse jovens e de atuar a favor da vida humana me move a vir aqui¹⁵.

Apesar de nunca ter demonstrado medo diante das ameaças dos militares nem da ação violenta da organização terrorista que se intitulava Comando de Caça aos Comunistas (CCC), Dom Helder era comedido na hora de falar e agir, até mesmo em situações

¹⁴Manoel Lisboa de Moura morreu em 4 de setembro de 1973, junto a Emmanuel Bezerra dos Santos – seu companheiro no Partido Comunista Revolucionário (PCR) –, na cidade de São Paulo, em decorrência de tortura praticada por agentes do Estado. De acordo com a versão oficial, tanto Manoel quanto Emmanuel foram mortos em tiroteio com policiais. Conforme relatório constante do Inquérito Policial do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo, Manoel teria informado à polícia um encontro com Emmanuel, recém-chegado do Chile, no dia 4 de setembro de 1973, no Largo da Moema, em São Paulo. Os agentes da repressão teriam então montado uma emboscada e aguardado a chegada de Emmanuel. Logo após o avistarem, os agentes da repressão teriam dado voz de prisão a Emmanuel que reagiu. Manoel e Emmanuel teriam morrido quando estavam sendo levados para o Hospital de Clínicas. Tal versão é reproduzida na requisição do exame necroscópico de Manoel, assinada pelo delegado Edsel Magnotti, no laudo de exame de corpo de delito, assinado pelos médicos legistas Harry Shibata e Armando Cânger Rodrigues e, anos depois, no relatório do Ministério da Aeronáutica enviado ao Ministério da Justiça em 1993, conforme o qual os dois militantes teriam sido mortos em um suposto confronto com agentes dos órgãos de segurança. A referida versão oficial, porém, é contrariada por documentos dos próprios órgãos de informação. Documento do CISA de 7/1/1974 confirma que Manoel e Emmanuel foram presos pelo Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do IV Exército.

¹⁵Entrevista concedida ao autor desta tese.

extremas que viveu desde 1964, ao ter conhecimento de atos violentos que tiraram a vida de pessoas próximas. Amigos e funcionários da arquidiocese, constantemente, o alertava sobre os riscos, mas não sabiam os terroristas que atos de intimidação seriam contraproducentes se visassem a atingir o arcebispo. A cada sermão e ou entrevista, ele assumia seu desapego à vida terrena e, quando alguém mencionava possíveis ameaças de morte, o religioso lembrava sempre o significado de seu lema episcopal - In Manus Tuas. Segundo Pilletti e Praxedes (2008), para alguém que defendia a luta pela justiça por movimentos político-sociais de não violência, seria uma honra morrer como os líderes religiosos Mahatma Gandhi e Martin Luther King. O comportamento tranquilo e a atitude de não entrar em pânico diante de possíveis atentados fizeram surgir a mística reconhecida no Brasil e exterior em torno de seu nome e de sua coragem (PILETTI; PRAXEDES, 2008).

O encontro seguinte, entre Cajá e Helder, foi o mais formal e sincero que o estudante conta ter ocorrido ao entregar uma carta com os dados de cada estudante preso, origens familiares, locais onde foram sequestrados, em que circunstâncias e onde se encontravam nos momentos de terror. "Após a leitura, ele ficou um pouco em silêncio e me impressionou sua coragem, franqueza, sinceridade e desassombro mediante as ameaças que há muitos lhes chegavam contra ele e seus seguidores". Em vez de evitar problemas, Camara mandou que procurasse o advogado e ex-deputado Fernando Lyra que integrava a Comissão de Justiça e Paz para ver o que podia fazer em Brasília. De alguma forma, a Comissão poderia levantar alguns pontos da denúncia, evitando o pior que pudesse acontecer aos jovens sob torturas. Cajá se impressionou com a reação e relembra dos argumentos do arcebispo sobre os militares:

Nunca esqueço e nem consigo apagar da memória as palavras com as quais ele declarou, com toda calma e tristeza, dizendo que imaginava o sofrimento dos jovens e disse: "eles estão nas mãos desses carrascos da ditadura que são especialistas, fazem curso de treinamento de como obter informações sobre tortura". Na mesma hora, alertei Dom Helder sobre um companheiro visado na lista e que eles iriam matar muito em breve que era Manoel Lisboa porque os militares não iriam obter uma só informação dele, pois jamais entregaria alguém. Era um homem especial. Manoel Lisboa tem uma origem importante, veio de Alagoas, e tinha uma família esclarecida, não era filho de operário e era um estudante aplicado, politizado, e só aderiu à luta por libertação dos pobres.

O pressentimento ruim do que podia acontecer com o colega tornou-se realidade mais rápido do que Cajá esperava e, contudo, repercutiu na imprensa como mais uma morte em tiroteio. Desde então, Cajá vivia na expectativa angustiante sob o temor de ser uma próxima vítima. Não deu outra. No dia 12 de maio de 1978, foi sequestrado e preso.

Os companheiros dos movimentos de esquerda, que enfrentavam direta ou indiretamente o governo, sabiam que ele tinha todas as senhas para estar na mira dos militares: cursava ciências sociais na UFPE, participava ativamente do movimento estudantil e era integrante da Comissão de Justiça e Paz, organizada por Dom Helder Câmara.

Enquadrado na Lei de Segurança Nacional, Cajá foi acusado de organizar o PCR, um dos partidos políticos considerados pela ditadura, como uma ameaça à soberania nacional. Apesar das torturas, utilizadas como meio de obter informações que levassem à prisão de outras lideranças, nada revelou aos seus algozes. Sua prisão ganhou repercussão nacional, visibilidade na mídia e mobilizou vários setores da sociedade que se engajaram na luta pela sua liberdade. À época, o prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFPE foi um dos locais utilizados para as manifestações contra a prisão de Cajá.

Após sua prisão, se espalharam pela cidade diversas pichações. Nas manifestações tinham frases como "greve amanhã", "passeata amanhã" e "Cajá está preso, você vai a aula?". Os estudantes passaram o dia escrevendo e, no dia seguinte, foram notícia na capa do *Diário de Pernambuco*. A partir desse dia, os militares suspenderam a tortura e começou a greve estudantil. O movimento que os agentes da ditadura militar queriam frear surtiu efeito contrário. Na capital, estourou a primeira greve estudantil desde 1969. As manifestações pela liberdade de Cajá se espalharam pelo país e chegaram até a Universidade Federal do Paraná.

Juntamente com quatro bispos de municípios do interior de Pernambuco, Francisco Austregésilo da Silva, de Afogados da Ingazeira; Acácio Rodrigo Alves, de Palmares; Tiago Postman, de Garanhuns; e Mauro Morelli, da CNBB de São Paulo, na primeira semana de julho de 1978, Dom Helder fez uma visita a Edval Nunes que durou apenas 25 minutos, que ele definiu como "de caráter informal, mais para que meus colegas pudessem vê-lo". Os visitantes acharam curioso o arcebispo de Recife e Olinda, conhecido internacionalmente, mostrar seus documentos para identificação aos policiais. Ao sair da cela, na Polícia Federal, Dom Helder declarou à imprensa: "É impressionante a serenidade interior de Cajá, a sua segurança. Quem não tem culpa é sempre assim".

Para surpresa dos jornalistas e dos familiares do estudante paraibano, um novo desdobramento chegou a desafiar a ira do governo que foi o envolvimento da cantora Elis Regina, já visada pela censura por causa das críticas no Brasil e exterior ao governo. Naquele ano, Elis estava, coincidentemente, na capital para apresentação do show Transversal do Tempo, no Teatro Santa Isabel. Após desembarcar no aeroporto dos Guararapes, a cantora que no começo do ano impressionara Dom Helder por sua interpretação da canção Romaria, de Renato Teixeira, manifestou o desejo de conhecer e se encontrar com o arcebispo, "um homem forte e de grande caráter por sua atuação contra

as violações de direitos humanos no Brasil, em especial durante a ditadura". O encontro foi possível por intermédio da atriz e estudiosa em cultura popular Leda Alves. "Elis estava no Recife e disse que tinha o desejo grande de conhecer D. Helder. Coincidentemente, disse que ia encontrá-lo no mesmo dia, então ela foi junto. O encontro dos dois foi emocionante", lembrou Leda Alves em entrevista à revista *Continente*¹⁶ para a reportagem especial sobre os 30 anos da morte da cantora gaúcha ocorrida em 19 de janeiro de 1982.

A cantora se ofereceu para cantar na via-sacra celebrada na Matriz de São José, no Forte de Cinco Pontas, em favor de Cajá. "Elis entoou os cânticos, que foram sendo repetidos pelos fiéis. Todos ficaram sensibilizados com a coragem dela de cantar em favor de Cajá, pois ainda estávamos em um período de ditadura militar", contou Leda Alves.

Os jornais do Recife cobriram a via sacra que reuniu cerca de 1.500 pessoas entre estudantes e políticos, como deputados do MDB, e representantes do clero. Dom Helder iniciou a pregação pela libertação de Cajá, afirmando, como registrou o *Diário de Pernambuco*, de que "os que sofrem por amor à Justiça, suportam tortura acima de qualquer esforço humano e o vosso espírito ajuda a sustentar a verdade por mais traumatizantes que sejam os interrogatórios". Em suas palavras, ele condenava o uso da tortura para a obtenção de confissões e criticou o uso dessa prática pelas ditaduras, indagando a certa altura e em tom de oração: "Quantas vezes sofreis a aflição do terrível 'pau de arara'", referindo-se a uma das modalidades de torturas, aplicadas contra presos políticos.

Depois da celebração, houve a encenação das estações do martírio de Jesus Cristo, acompanhado de cânticos religiosos, orações e momentos de silêncio dos fiéis. Elis Regina acompanhou os cânticos da estação do martírio e pouco falou à imprensa. "Já basta eu estar aqui". Foram as únicas palavras que disse aos repórteres. No primeiro dia da apresentação do espetáculo Transversal do Tempo, a cantora abriu o repertório com a canção Fascinação (*Fascination*), de F.D Marchett/M. de Feraudy, com versão de Armando Louzada, que o arcebispo gostava muito pela beleza do arranjo e melodia, Elis dedicou seu show ao estudante preso, que naquele momento vivia momentos de tortura física e psicológica.

No segundo dia de sua apresentação, após ser repreendida pelos órgãos militares, a cantora driblou a censura fingindo chamar o baterista da sua banda que estava na plateia para subir ao palco: "Vem cá, já. Não posso começar o espetáculo sem você". Foi aplaudida de pé pelo público. O arcebispo também atuou nos bastidores da missa de 7º dia em homenagem à cantora, ocorrida no dia 26 de janeiro de 1982, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. O Recife foi a primeira capital no país a promover a

¹⁶Revista Continente, Ed.133, 2012. Acesso em 7 de Agosto de 2019. Disponível em <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/133/elis-regina--doces-marcas--da-pimentinha>

celebração. À Continente, a produtora Yeda Almeida, que trabalhava como assessora local da gravadora de Elis à época (Polygram/Universal Music) contou que foi cogitado com Dom Helder a possibilidade de ele rezar a missa, mas como ainda vivíamos uma época politicamente complicada e ele era muito visado, assim, preferiu ajudar mais reservadamente ao deixar a celebração para o pároco da igreja.

A mensagem do cartão de Natal de 1981, enviado pela cantora aos amigos, tinha uma citação do arcebispo: “O que há de apaixonante é que, desta vez, o esforço tem de ser de todos, por todos e para todos”. Elis Regina Carvalho Costa se inteirou dos acontecimentos sobre os rastros de tortura em Pernambuco, e declarou-se indignada, como já tinha feito no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, em várias entrevistas em que bateu de frente com os militares. Depois de cantar na via-sacra promovida pela libertação de Cajá, Elis revelou o desejo de conhecê-lo pessoalmente, mas como o estudante estava detido, lhe encaminhou uma carta escrita à mão, em um papel timbrado do hotel onde estava hospedada em Boa Viagem, com o seguinte conteúdo:

Cajá, estou por aqui, por sua terra forte e maravilhosa, sabidamente mais forte que eu. Me desculpe a ausência, embora ela seja somente física. E determinada por uma covardia estúpida bem sei: mas que, abrigada no meu interior, me impede gestos maiores e mais amplos. Isso tudo me faz sentir extremamente inferior perto de pessoa como você. Mas já lhe disse, a ausência é só física. Cada momento de sua vida eu acompanho num misto de admiração, respeito e sei lá mais que. Que Deus e sua força nunca estejam ausentes. Que ele sempre lhe proteja. Que ele sempre vele por seus minutos. Estou rezando por você e confio no futuro e na Justiça. Ainda iremos nos encontrar. Esteja certo. Perdoe minha fraqueza. Muita perseverança. Muita força e muita paciência meu irmão¹⁷.

Além da cantora, outros intelectuais que estavam distantes, geograficamente, da efervescência política que ocorria no Recife, mas acompanhavam os fatos através da imprensa se manifestaram em favor da liberdade do estudante. O jornalista e escritor mineiro Henrique de Souza Filho, o Henfil, atuou na imprensa alternativa, a exemplo do *O Pasquim* nos anos 1970, e usava a linguagem verbal e não verbal do humor para criticar o governo. Assim como seu irmão, o sociólogo Herbert José de Souza, o Betinho, ativista dos direitos humanos no Brasil, Henfil foi uma das personalidades da imprensa perseguidas pelos militares. Depois do golpe de 1964, seu irmão Betinho deixou o país e passou sete anos na clandestinidade e oito no exílio, mas regressou na onda da abertura

¹⁷Em depoimento ao autor, Cajá afirmou que a carta manuscrita por Elis foi recebida na mesma semana depois que a cantora retornou para São Paulo e foi entregue por um funcionário do hotel onde ela estava hospedada, no bairro Boa Viagem. No mesmo ano, Elis lhe fez um convite para que o estudante a visitasse quando estivesse em São Paulo

política, juntamente com outros intelectuais e políticos que foram banidos.

No seu retorno, o cartunista Henfil foi imortalizado nos versos da canção O bêbado e a Equilibrista, de João Bosco e Aldir Blanc, que se tornou na voz de Elis Regina, o hino da abertura política. O nome de Henfil surgiu entre os versos da letra escrita pelo jornalista e compositor Aldir Blanc que também foi seu colega no Pasquim: "Louco, o bêbado com chapéu-côco / Fazia irreverências mil pra noite do Brasil, meu Brasil, que sonha com a volta do irmão do Henfil/ Com tanta gente que partiu num rabo-de-foguete / Chora a nossa pátria, mãe gentil". A produção de Henfil reflete a luta pela democratização do país, pela anistia aos presos políticos e pelas *Diretas Já* em um misto de textos, poemas, crônicas, cartas e charges.

De São Paulo, em 1978, Henfil acompanhou a trajetória de Dom Helder e Cajá, e saiu em defesa dos dois. Em um dos textos da série Cartas da Mãe, escrita em 26 de Julho de 1978 para a genitora Maria da Conceição Figueredo Souza, saudou Cajá por meio de uma linguagem poética, com metáforas para denunciar os atos de tortura contra o jovem:

Mãe, a senhora já viu índio andando na floresta? É tão gentil, tão carinhoso, tão lindo o seu andar. Ele pisa cuidadoso pra não quebrar um ramo, ferir uma folha. Ele sabe: se magoar uma só folha, ela vai gritar sua surda dor, vai chorar lágrimas verdes e exalar o perfume do seu gemido, que o vento solidário, se encarregará de espalhar por toda a floresta, que indignada, clamará, por vingança. Ele sabe: se magoar uma só folha, a caça que o alimenta vai se ocultar e ficará alerta o inimigo onça, o inimigo homem. A natureza traída o renegará, retirará dele, a confiança de andar e vai condená-lo à insegurança, de ver em cada folha uma igual, uma amiga, retrato, imagem, irmã de folha que ele fez chorar. Ah a eterna insegurança do que mágoa. Agora veja o caso do Cajá, aquele estudante que está preso em Recife acusado de crime político. Deram-lhe socos, bolos nas mãos, e tentaram grampear-lhe os órgãos com um grampeador. Cajá levou tapas nos ouvidos, caiu no chão e foi levantado pelos cabelos. Em seguida mandaram que ele assobiasse. Acordai floresta brasileira! Parem suas refeições, suas discotecas, suas praias, seus empregos promissores, apaguem seus cigarros, interrompam a novela. Escutai o gemido que o vento nos traz. Atenção. Uma folha foi feira. Uma folha igual, amiga, imagem, retrato, irmã chamada Cajá; Passe adiante. Passe adiante. Passe adiante¹⁸.

Para lembrar os 40 anos da prisão de Cajá, a amizade e o companheirismo com Dom Helder Camara, em 2018, grupo de amigos se reuniu na comunidade de Aldeia, na

¹⁸Henfil foi retratado no média-metragem Cartas da Mãe - uma crônica sobre o Brasil dos últimos 30 anos. As cartas, publicadas em livros e jornais, são lidas pelo ator e diretor Antônio Abujamra enquanto desfilam imagens do Brasil contemporâneo. Política, cultura, amigos e amor são alguns dos temas que elas evocam, criando um diálogo entre o passado recente do Brasil e nossa situação atual. Animações inéditas de seus cartuns complementam o documentário dirigido por Fernando Kinas e Marina Willer.

região metropolitana do Recife, para prestar uma homenagem ao estudante e militante. Para um dos organizadores do encontro, Anacleto Julião, do Comitê da Verdade, Memória e Justiça de Pernambuco, a prisão de Cajá foi um momento importante da resistência brasileira, pois conquistou repercussão nacional e internacional. No início da prisão, cerca de 12 mil alunos da UFPE entraram em greve. Do Vaticano, o papa Paulo VI escreveu um telegrama pedindo a libertação do estudante. “Embora já se falasse em abertura e anistia dos presos políticos, havia muita repressão. Cajá é considerado o último preso político do período militar a ser libertado”.

O empenho de Dom Helder em sua defesa, segundo Cajá, foi determinante para que interrompessem com as sessões de tortura e concedessem sua libertação, um ano depois da prisão. Diante da pressão popular, Cajá foi solto, mas voltou a ser preso pouco tempo depois, sendo liberado definitivamente em 1 de junho de 1979. Aos 68 anos, o sociólogo Edvald Nunes continua na militância política no mesmo partido, o PCR. Presidente do Centro Cultural Manoel Lisboa (CCML) e coordenador do Comitê da Verdade, Memória e Justiça de Pernambuco, ele diz que o episódio do sequestro, tortura e isolamento no cárcere fortaleceu ainda mais as convicções socialistas. Ao analisar o tempo presente, ele se declara que “as pessoas estão abrindo os olhos e vendo que não há outro caminho que não o de uma sociedade socialista em que não haja opressor nem oprimido”. Para ele, “está mais do que provado, com a descrença que existe em torno das instituições que estão no poder, que o sistema capitalista não resolve os problemas das sociedades humanas¹⁹”.

3.2 Missa dos Quilombos: o protesto social de Dom Helder, Milton Nascimento e Pedro Calsadálga

A sensibilidade e envolvimento direto de Dom Helder para com o mundo das artes foi intensa e atravessou décadas ao longo de sua trajetória no Rio de Janeiro e Recife. O arcebispo circulava bem entre os artistas de diversas áreas que estavam em evidência. Sua preocupação com o belo e com o conhecimento se traduziu em movimentados encontros que ele promoveu no Palácio dos Manguinhos, no prédio da Avenida Rui Barbosa, onde morou. Ele batizou os encontros socioculturais de “noitadas”, ao reunir intelectuais para momentos de debates, apresentações artísticas e recitais com temas nos campos da filosofia, sociologia, teologia e letras. Por lá, passaram nomes como os poetas João Cabral de Melo Neto e Mauro Mota; além de juristas, a exemplo de Lourival Vilanova; padres, como José Comblin; e artistas plásticos, entre eles, Francisco Brennand, além de personalidades ligadas à música, ao teatro e ao ensino.

¹⁹Entrevista concedida ao autor.

Conselheira do Instituto Dom Helder Câmara (IDHeC), Bete Barbosa relembrou que, nas “noitadas”, discutia-se literatura, música, escultura, artes. “Em uma de suas frases, ele disse que os artistas são criadores de Deus que mostram a beleza do mundo. Dom Helder sempre achou que a arte podia ser um instrumento de evangelização²⁰”. Em julho de 1999, de passagem por Recife, na temporada de As Cidades, Chico Buarque fez uma breve visita ao amigo Dom Helder, que já se encontrava debilitado com problemas de saúde. Nesse dia, cantou sua alegre marchinha *A Banda*, que fez o religioso se emocionar. Aliás, uma das canções que Helder fez elogios em seu programa de rádio Um olhar sobre a cidade, na rádio Olinda. Quase 20 anos depois de sua morte, em fevereiro de 2019, durante a celebração dos 110 anos de nascimento do religioso, o compositor contou, em um vídeo gravado exclusivamente para o evento, que o Dom da Paz, como ele chamava, era um grande entusiasta das artes e que interpretava com grandeza a mensagem do que os artistas queriam dizer em qualquer linguagem.

A paixão pelo universo da criação artística era ilimitada para o arcebispo. No começo dos anos 1980, Dom Helder esboçou a ideia de se montar um espetáculo de cunho musical e religioso que levasse ao público a história da escravidão negra de forma que se corrigisse o silêncio teológico da questão a respeito do tema. Começava a nascer a proposta da Missa dos Quilombos que chegou a ser proibida pelo Vaticano e censurada pelo governo militar. Foi diante desse panorama que o projeto do espetáculo prosseguiu sob certa tensão aos olhos e ouvidos do regime militar.

Em 1981, o cantor e compositor mineiro-carioca Milton Nascimento percorreu o Brasil com a turnê de divulgação do seu álbum *Sentinela*²¹. Durante a temporada, Milton esteve em Goiânia para assistir à Missa da Terra sem males, em favor dos índios americanos escrita pelo bispo do Araguaia, Dom Pedro Calsadáliga, e pelo poeta Pedro Terra com trilha de Martin Coplas, descendente de indígenas. Na ocasião, Dom Helder um dos grandes pensadores religiosos da Igreja Católica e de esquerda no Brasil, perguntou quando os autores iriam fazer a missa dos negros. Logo, surgiu a ideia de trabalhar, a partir daquele momento, a montagem do que se chamaria a Missa dos Quilombos.

²⁰Depoimento ao portal do Jornal do Commercio (NE10), sobre as homenagens na Igreja das Fronteiras para lembrar os 110 anos de nascimento do arcebispo. Acesso em 8 de Fevereiro de 2019. Disponível : Endereço: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/02/08/musica-e-poesia-lembram-110-anos-de-nascimento-de-dom-helder-370853.php>

²¹*Sentinela* foi gravado em 1980 por Milton Nascimento, pela gravadora Ariola, produzido por Marco Mazzola. O disco marcou a estreia da gravadora alemã no país, junto de outros discos, como "A Arca de Noé", projeto infantil com poemas de Vinicius de Moraes. O disco traz participações especiais como a do conjunto Boca Livre nos vocais de "Canção da América", o parceiro Tavinho Moura em "Peixinhos do Mar", a argentina Mercedes Sosa na interpretação da música "Sueño con serpientes" composta pelo cubano Silvio Rodríguez, a cantora Nana Caymmi em "Sentinela", regravação de uma faixa originalmente lançada no álbum de 1969 e também o conjunto Uakti, fazendo percussões em faixas como "Sueño con serpientes". No encarte, um poema do poeta Pedro Terra.

O poeta Pedro Terra descreveu passo a passo como se deu a Missa dos Quilombos, considerando como o resultado de um processo de vivência e de aproximação com Pedro Casaldáliga:

A missa resulta dessa aproximação, desse contato, dos laços de confiança e de sensibilidade que foram nos aproximando; dois anos depois eu sai da prisão, nós sentamos e escrevemos uma missa que se chama *Missa da Terra sem males*. Naquela época, eu estava trabalhando com as populações indígenas [...] A Missa da Terra sem males foi apresentada na Catedral da Sé com a presença inclusive do Dom Helder e ele falou para o Pedro: porque você não faz uma missa pros negros? Desafiou ele, né? E esse desafio... Pedro chegou para mim e disse: vamos fazer a missa pros pretos? Ai, eu perguntei a ele: quem você acha que devia por a música? Ele disse: acho que devia ser o Milton Nascimento. Eu falei: Pedro, você não está na Catalunha, não acha um Milton Nascimento aqui na esquina. O Milton Nascimento estava naquele momento, talvez no momento mais forte do ponto de vista de criatividade da carreira dele. Ai, ele disse: isso não é problema meu, é problema seu, resolva. E ai eu fui procurar na discografia dele, que antes da Missa dos Quilombos, do "bolachão" da Missa dos Quilombos, você vai ter um outro que chama *Sentinela*, e nesse disco Milton pôs na capa, um verso do Pedro, ou seja, eles estavam se procurando. Bem, aí conseguimos amarrar um encontro que fico registrado na capa do disco, em Goiânia. E ali a gente começou a trabalhar a pesquisa sobre a Missa dos Quilombos (TIERRA apud CAMPOS, 2017, p.32-33)

Dom Helder Camara e Dom José Maria Pires, então arcebispo da Paraíba, ficaram com a tarefa de musicar a liturgia de uma “missa memorial” a ser realizada na capital. A criatividade coletiva se transformou em uma missa-concerto que reviveu, através de cânticos, orações e poesia, a diáspora negra e a penitência da Igreja Católica no trajeto do processo colonial e a escravidão negra.

A jornalista Maria Dolores, no livro *Travessia - a vida de Milton Nascimento*, conta que Bituca, como era chamado o músico por familiares e amigos próximos, em um intervalo de um show e outro da turnê *Sentinela*, recebeu os textos de Dom Pedro Casaldáliga, bispo em São Felix do Araguaia (MT) e do poeta Pedro Terra e ficou com a missão de fazer toda a produção musical do projeto. Nos primeiros dias após o convite, o cantor ficou olhando os papéis e buscando inspiração, mas não conseguia extrair uma só nota de música, como observou Dolores (2006), ao ressaltar o processo de criação do compositor:

Até que numa tarde em que estava na piscina da sua cobertura, cercado de amigos, saiu correndo, mal enxugou o corpo, pegou o violão, e compôs a primeira, a segunda, a terceira e outra mais: No fim da noite, tinha quase todas as músicas prontas e achou-se o máximo

dos máximos. No da seguinte ao tentar tocar as melodias as havia esquecido. Tomou aquilo como lição para não se gabar à toa. Aos poucos num processo intenso de trabalho, frase após frase, conseguiu recuperar na memória o material, registrando tudo num gravador cassete, seu fiel companheiro (DOLORES, 2008, p.240).

Entre os anos de 1981 e 1982, o governo militar ainda dava as cartas rumo a redemocratização, contudo, a censura já não era mais a mesma vilã do AI-5 que, ao longo da década anterior, passou a tesoura nas construções artísticas e carimbou a palavra CENSURADO, assim mesmo, em caixa alta, em letras de músicas, livros e filmes. No início dos anos 1980, os artistas começaram a expor seus pensamentos com certa liberdade. Mas ainda assim, dezenas de discos lançados nesse período tiveram pelo menos uma música proibida de ser veiculada nos meios de radiodifusão²².

A capital Recife foi escolhida para ser palco da Missa dos Quilombos. Inicialmente, a ideia era fazer em Quilombos dos Palmares, em Alagoas, mas, considerando fatores de infra-estrutura, a produção avaliou simbólico e viável realizar em Pernambuco, onde a cabeça de Zumbi havia sido exposta e enterrada²³. O intérprete da canção, Cálix Bento²⁴, cuja música ganhou a simpatia de Dom Helder, ficou tão emocionado com a apresentação pública em Recife que transformou a missa em disco, o que não estava nos planos iniciais do projeto. De imediato, convenceu os idealizadores, pois queria utilizar o discurso feito por Helder Camara. Para preservar a aura sacra, achou

²²Nos anos 1980, a juventude viveu a época da cultura pop, quando nasceu o movimento rock Brasil. Vários discos tiveram pelo menos uma ou duas músicas censuradas, a exemplo da “As Aventuras da Blitz”. O álbum, que deu o pontapé no rock nacional (com o hit “Você Não Soube Me Amar”), lançado em 1982, teve suas duas últimas canções proibidas pela censura, porém a primeira tiragem do vinil já estava prensada e a gravadora inutilizou as duas faixas vetadas. Cerca de 30 mil vinis foram riscados a mão para que o público não ouvisse a frase: “ela diz que eu ando bundando”, da música “Ela Quer Morar Comigo na Lua”, e o duplo sentido da palavra “peru”, além de um palavrão em “Cruel, Cruel Esquizofrênico Blues”. Hoje, liberadas, as duas canções integram a reedição do álbum em CD.

²³Zumbi nasceu no início de 1655, em uma das aldeias do Quilombo de Palmares. Com poucos dias de vida, foi capturado por tropas de Brás da Rocha Cardoso e entregue ao padre português Antônio Melo, que o batizou com o nome de Francisco. O padre ensinou Zumbi a ler e escrever em português e latim. Aos 15 anos, Zumbi fugiu para o Quilombo de Palmares, e usou seu nome africano Zumbi. Tornou-se um grande guerreiro e estrategista militar para defender Palmares contra os soldados portugueses. Porém, em 1678, Ganga-Zumba, então o chefe do quilombo, assinou um acordo de paz com o governo de Pernambuco. A decisão não foi aceita pelos quilombolas e Zumbi rompeu com Ganga-Zumba e se transformou no grande chefe. Durante os anos de 1680 a 1691, dirigiou todas as expedições enviadas contra o Quilombo dos Palmares. O guerreiro só foi capturado no dia 20 de novembro de 1695. Traído por um dos seus comandantes, Antônio Soares, Zumbi foi morto, esquartejado e teve a sua cabeça exposta em praça pública na cidade de Olinda, em Pernambuco.

²⁴Milton lançou Cálix Bento, em 1976 no álbum Geraes, escrita por Tavinho Moura, baseado no folclore católico de Minas Gerais. A música é usada nas celebrações de Folia de Reis (em Santa Catarina, Terno de Reis) e também da Bandeira do Divino, referência ao cristianismo, símbolos religiosos (cálix bento, hóstia, flor, etc) exaltando a fé na Virgem Maria e principalmente em Jesus Cristo, aquele que veio salvar o mundo do pecado e da destruição. O mais interessante dessa versão é que Milton Nascimento manteve o tom caipiresco da música, tanto no jeito de cantar e na parte instrumental, tornando-a canção folclórica de beleza única. Fonte: <http://www.miltonnascimento.com.br/>

por bem, com o aval da BMG/Ariola, gravadora da qual era contratado e fazia parte do seleto casting, registrar a gravação no interior de uma igreja.

Após estudos técnicos sobre ambientação e acústica, o artista conseguiu autorização para gravar no Santuário do Caraça, em Minas Gerais, onde fica o Parque Nacional do Caraça, composto por várias construções históricas, entre elas, o seminário, a Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, a primeira em estilo gótico erguida no Brasil²⁵ (DOLORES, 2006.p.245). Sobre o processo de produção, o espetáculo litúrgico foi gravado ao vivo. Foi montado um estúdio dentro da igreja, com caixas de sons, microfones, fios, instrumentos musicais, e mesas modernas de alta tecnologia com dezenas de canais. O registro dos áudios originais foi feito à época em Long Play (LP) pelo selo da BMG/Ariola.

Composta de maneira coletiva e gravada em 1981 e 1982, a missa tornou-se uma obra interartística tendo como temática a história da escravidão, a esperança do quilombo, a redenção da Igreja perante o negro e o racismo no país. Ela surgiu em um momento embrionário de abertura política no Brasil e da consolidação de movimentos sociais cristãos e não cristãos. A obra reuniu elementos das religiões católica e africana em suas melodias, letras e ritmos, reafirmando seu caráter sincretista, entretanto a missa apresenta o estilo de uma obra litúrgica tradicional, as canções seguem rigorosamente o rito de uma celebração (CAMPOS, 2017, p.13).

Considerando que, nessa década, ainda era tímida a expansão dos templos evangélicos no país, o catolicismo tinha maior destaque no horizonte das religiões, e sequer se falava com frequência sobre episódio de preconceito e agressões públicas contra o sincretismo religioso, muito menos manifestações de origem africana. De acordo com o IBGE, no ano de 1980, aproximadamente 88,96% da população brasileira se declarava Católica (NERI, 2011). Considerando este percentual tão expressivo da população, seria esperado que uma manifestação como a “Missa dos Quilombos” repercutisse bastante na sociedade, pois naquele momento ganhava literalidade o texto: “[nós, negros] Trancados na noite, milênios afora, forçamos agora as portas do dia” (TIERRA, 1995). Historicamente, a Igreja Católica foi protagonista da empreitada colonial no Brasil, tratando de impor seus ritos e dogmas às populações escravizadas, e que tal imposição não se deu sem resistências e negociações de ordem diversa.

A Missa, portanto, é inevitavelmente o resultado de hibridações (CANCLINI,

²⁵Em 1876, Padre Clavelin (1867-1885) derrubou a primitiva Ermida do Irmão Lourenço e planejou a edificação do atual Santuário, concluído no dia 27 de maio de 1883. Produzida em estilo arquitetônico francês, a Igreja do Caraça foi construída sem mão-de-obra escrava e com material regional: pedra sabão (retirada de perto da Cascatona), mármore (das proximidades de Mariana e Itabirito) e quartzito (da região do Caraça e vizinhanças), unidas com um produto a base de cal, pó de pedra e óleo. Fonte Santuário do Caraça. Acesso em 12 de outubro de 2019. Disponível em <http://www.santuariodocaraca.com.br/site/o-santuario-neogotico-de-nossa-senhora-mae-dos-homens/>.

1997) que se expressam em mestiçagens e sincretismos que são traços distintivos da cultura e da religiosidade brasileiras. Através de uma análise do contexto discursivo trabalhado na Missa dos Quilombos, a letra e a música comungam da mesma relevância, pois trabalham simultaneamente com um texto e com melodias que unem elementos de liturgia católica e das tradições afro-religiosas, onde “a fé e o evangelho são praticados de acordo com os dados da cultura de determinado local” (SENRA, 2009, p. 5).

Dom Helder Camara, apaixonado por MPB e música clássica, mergulhou com propriedade na concepção e construção poético-musical da missa, até porque gostava de trocar ideias e escrever, como fez em seu programa de rádio ao discutir temas relacionados às raízes da cultura brasileira. Para ele, através da tradição da música popular muito se tinha a aprender sobre nossa cultura e história brasileira. Segundo Cáurio (1989, p.11), “a nossa música popular se apóia no tripé, clássico índio-português-negro, de quem herdamos todo um instrumental, básico e um sistema harmônico, além de cantos, danças e representações”.

Por outro lado, a Igreja Católica ao longo dos séculos, sempre buscou traduzir na prática, as referências dessas raízes, como podemos pontuar, historicamente, o papel dos padres jesuítas que, em 1549, descobriram na música um eficiente meio de contato com os nossos índios. Ainda segundo Cáurio (1989), no seu trabalho de integração e catequese, destaca-se o nome do Padre José Anchieta, o apóstolo do Brasil, poeta e compositor. A música trazida pelos jesuítas se fazia presente nos autos (dramas religiosos, ricos em cantos, danças e acompanhamento instrumental, mas também nas procissões, missas e outras cerimônias.

Presente no imaginário coletivo e por transitar livremente em todas as camadas da sociedade, a música popular brasileira é portadora de elementos culturais compartilhados pelo conjunto da sociedade, podendo ser considerada uma fonte de cumplicidades culturais, dentre outros aspectos (BARBOSA, 2012, p.3). Na história da música brasileira e os discursos produzidos pelos compositores, verificamos que, principalmente, dos anos 1960 até início da década de 1980, muitas canções abordaram questões referentes à ditadura militar no Brasil, racismo, luta de classes, machismo, violência urbana, corrupção, violências contra as mulheres e sobre todas as classes de pessoas que vivem à margem de nossa sociedade.

Entre os compositores que se destacaram nesse campo e tiveram canções submetidas à lupa da censura, estão Milton Nascimento, Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gonzaguinha, Geraldo Vandré e Taigura. Já a Missa dos Quilombos, passou pelo o crivo não só dos militares e como vimos recebeu críticas de outros setores da sociedade, até mesmo da Igreja.

No artigo (RE)Percussões de Missa dos Quilombos (2018), escrita a quatro mãos

para a revista Orfeu²⁶, os professores Luiz Henrique Assis Garcia e Hudson Leonardo Lima Públio, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), destacam que a questão da terra, tão recorrente na história brasileira, remetendo à sua redistribuição inclusive no assentamento dos povos indígenas e quilombolas no Brasil, está também presente na liturgia da missa. Na canção Rito Penitencial (Kyriê), presente no texto de Pedro Casaldáliga, a terra prometida representaria a liberdade para muitos povos negros: Aruanda. Casaldáliga afirma em seu texto: “Vindos do fundo da terra, da carne do açoite, do exílio da vida, os negros resolveram forçar os novos Albores e reconquistar Palmares e voltar a Aruanda”,

Na fase do pré-lançamento do projeto através da imprensa e dos meios de comunicação ligados à Igreja, sob a organização da Arquidiocese de Olinda e Recife- esta última cidade onde foi dada a largada da curta turnê-, a missa sofreu uma série de retaliações que partiram de vários setores. Após sua estreia, no coração da avenida Dantas Barretos, em frente à Basílica de Nossa Senhora do Carmo, o *Jornal do Brasil* registrou a repercussão “tensa” do espetáculo:

“Abaixo a Missa Vermelha”, “Cristo sim, Casaldáliga não”, “Fora Casaldáliga” - estas foram algumas das frases registradas pelo Jornal do Brasil em 24 de Novembro de 1981 que estampavam a reação de parte dos moradores da cidade do Recife à apresentação da “Missa dos Quilombos” [...] que contou com a participação de sacerdotes, músicos, poetas, entre outras ligados às lutas democráticas e da comunidade negra no Brasil.[...] Quase 300 anos após este episódio da história da resistência dos escravos negros no Brasil, o mesmo pátio da basílica seria escolhido pelos organizadores da Missa para a primeira celebração da liturgia com forte conotação político-social²⁷.

No começo daquela década, a Igreja Católica no Brasil, respirava os ares da Teologia da Libertação e tinha como expoentes Dom Helder Camara e José Maria Pires, que, depois de tomar posse na arquidiocese da Paraíba, assumiu durante o seu episcopado a sua condição de negro. "O que não é pouco numa Igreja que pouco se preocupou com os negros. Em momentos da história, foi ela mesma escravista", ressaltou o professor da Universidade Federal de Sergipe, Romero Venâncio, em seu artigo Milton canta Zumbi²⁸. Contudo, o professor apontou que a obra musical pode ser considerada uma “ópera negra”,

²⁶Revista Orfeu, n.2, dezembro de 2018. Acesso em 11 de Agosto de 2019. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018164>

²⁷SOUZA, Tarik de. Milton Nascimento – A fé dos tempos de menino na Missa dos Quilombos. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 de Maio 1982. Caderno B, p. 4. Acesso em 12 de outubro de 2019. Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=Robusto,%20sem%20o%20bo n%C3%A9&pasta=ano%20198

²⁸Artigo publicado em 21 de setembro de 2016. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/MILTON-CANTA-ZUMBI-NOTAS>

pois se trata de "uma obra-prima da arte musical contemporânea no Brasil. Uma obra que une canto e religiosidade (essa união é uma espécie de ethos do ser brasileiro)".

Romero Venâncio avalia, ainda, que de todas "as tocantes e belas músicas do álbum", uma merece destaque pela sua beleza singular e pelo encontro mais que feliz na música popular brasileira: a canção *Invocação a Mariama*, na qual Milton vocaliza sobre uma declamação de Dom Helder Camara, que começou louvando a Nossa Senhora e termina com um forte discurso político a respeito da situação do povo negro. "Clamava o querido Bispo de Olinda e Recife: Não basta pedir perdão pelos erros de ontem. É preciso acertar o passo hoje, sem ligar ao que disserem. Claro que dirão, Mariama, que é política, que é subversão, que é comunismo. Mas é o Evangelho de Cristo, Mariama".

Assim, Venâncio destacou a censura imposta à missa pelo governo militar e pelo Vaticano:

A censura federal vetou quatro faixas do álbum, enquanto o Vaticano tratou de proibir a missa como um todo. Ela estaria fora dos padrões de liturgia solene praticada pelo catolicismo. Os bispos foram advertidos canonicamente e a polícia federal passou a notificar o restante dos organizadores da missa. Em nenhum momento da história do Brasil uma missa foi tão badalada pela imprensa e discutida em lugares públicos em acaloradas conversas. O conservadorismo católico brasileiro não suportaria uma celebração eucarística feita exclusivamente para celebrar a memória de um negro rebelde e de maneira bem aberta ao tratar de liturgia. Era toda uma África num palco/altar em pleno coração do Recife e num lugar onde a escravidão negra era comércio legal e abençoada pela Igreja Católica.

Como já se previa e foi cumprido ao longo do processo coletivo de criação, o caráter sincrético da Missa dos Quilombos foi um dos motivos que ajudaram a fomentar uma ideia de celebração subversiva, ainda mais em tempos de ditadura militar. O apoio da Teologia da Libertação não era algo muito favorável – na época, “um documento do departamento de estado americano considera a Teologia da Libertação mais perigosa que o comunismo” (TEIXEIRA, 1998, p.2).

Mesmo diante das críticas do Vaticano, a CNBB solicitou que a missa fosse adaptada à cultura popular, como noticiaram os jornais durante a cobertura do 1º Encontro Nacional da Liturgia que reuniu em Belo Horizonte bispos de 14 regionais da CNBB. Segundo a CNBB, a Igreja no Brasil estava empenhada em adaptar as celebrações religiosas à cultura popular de cada região, como ocorreu nas três missas celebradas por bispos brasileiros - a Missa dos Quilombos, a Missa da Terra sem males, e a Missa da Esperança.

No ano de 1981, com 22 anos, Marcelo Nassif Avellar, então estudante de jornalismo na Universidade Metodista do ABC, em São Paulo, onde participava do

movimento sindical, sociais e políticos, trabalhava no setor de exportação de uma indústria metalúrgica. Nesse ano, produzia uma pesquisa sobre a trajetória do bispo, Dom Pedro Casaldáliga, de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, quando leu a notícia que seria celebrada a Missa dos Quilombos, no Recife.

Ao criar seu portal de notícias, artigos e entrevistas, que batizou de *Jornal do Nassif*²⁹, em 2014, Marcelo Nassif, relembrou, em tom memorialístico, o clima de "aventura estudantil" à capital pernambucana para assistir ao espetáculo que celebraria os negros quilombolas do Brasil. Desembarcou na terra do frevo e do maracatu, ritmos musicais que ele admira, pegou um táxi para tentar encontrar com Helder Camara, como relatou:

Chegando lá logo de manhã peguei um táxi e disse ao motorista que precisa ir na casa de Dom Helder, então bispo de Olinda e Recife. Uma casa simples, nos fundos de igreja. Bati palmas, ele mesmo me atendeu, me apresentei, expliquei o motivo da visita - ele convidou para entrar, tomamos um café, conversamos rapidamente, ele informou que todos, Dom Pedro Casaldáliga, Milton Nascimento e equipe, estavam reunidos nas instalações de uma entidade chamada Cecosne que tinha vínculo com a Igreja e fazia um trabalho junto aos movimentos sociais. Fui lá, consegui ficar hospedado ali e conheci também a turma toda do Milton Nascimento.

No espaço da Fundação Cecosne, Nassif se viu realizado em conhecer ainda o letrista Fernando Brant, os músicos que trabalharam no espetáculo, além de Hamilton Pereira, Pedro Tierra e outras personalidades intelectuais como Joel Rulfinho dos Santos, escritor e historiador. Segundo Nassif, o grande momento foi assistir ao espetáculo pela beleza e papel social com que foi produzido a partir do roteiro, trilha sonora e textos. Ele recorda que havia um clima tenso no ar, diante das expectativas e boatos de que poderia haver pressão dos militares contrários à missa e poderiam boicotá-la. "A participação de Dom Helder na leitura de Mariama foi uma das coisas mais fantásticas que já vi e ouvi em celebrações, aquilo mexeu com minha alma e espírito. Dom Helder estava pleno em sua pregação em tom poético". A partir da primeira apresentação pública da Missa dos Quilombos, surgiu a proposta de celebrar o Dia da Consciência Negra³⁰.

Historicamente, sabe-se que, desde 1968, a relação entre Igreja e Estado se desenhou de maneira conflituosa, ficando mais difícil, a partir da implantação do AI-5. Os

²⁹Fonte: [https://www.blogdobruzo.com.br/page/noticia/missa-dos-quilombos-d-helder-camara-invocacao-a-mariama-](https://www.blogdobruzo.com.br/page/noticia/missa-dos-quilombos-d-helder-camara-invocacao-a-mariama)

³⁰Em 2003, foi incluída no calendário nacional escolar, e, em 2011, a Lei nº 12.519 instituiu oficialmente o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, data comemorada em 832 dos 5.570 municípios brasileiros. É o dia especial para os negros brasileiros que reverenciam Zumbi como um símbolo de liberdade. A data consta do calendário de santos da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

ativistas católicos assumiram uma oposição política no cenário vigente até a volta da democracia. Dom Helder Camara manteve um papel contínuo na defesa pela liberdade de expressão e dos direitos humanos, mas os militares quase não lhe davam trégua mesmo sendo uma liderança episcopal.

Os bispos, mesmo 20 anos após o golpe, continuavam sendo acusados de "simpatias comunistas e ações subversivas". Em qualquer ocasião de enfrentamento, Dom Helder, sempre com voz firme e aparente tranquilidade, respondia às acusações de envolvimento com o comunismo: "Quando eu dou comida aos pobres sou chamado de santo, quando pergunto porque são pobres, chamam-me de comunista", dizia. De forma lenta e gradual, ainda nos anos 1970, outros integrantes da igreja soltaram a voz contra as violações que amedrontavam a sociedade brasileira.

Na Missa dos Quilombos, não foi diferente. O contexto artístico e religioso do projeto se traduziu em uma manifestação social para denunciar a chamada escravidão moderna que, para o arcebispo, se fazia presente na vida do trabalhador brasileiro. Em várias ocasiões, ele observou de maneira crítica, em meio aos seus sermões, o emprego do trabalho escravo como um problema enfrentado na sociedade latino - americana, sendo que, no Brasil, ainda que a Lei Áurea tivesse sido promulgada em 1888, milhares de pessoas permaneciam sendo submetidas, no exercício de seu labor, às condições degradantes, que, associada à ausência de liberdade e constantes ameaças, configuram uma forma contemporânea de trabalho compulsório.

Em 1982, quando o espetáculo estava em cartaz, o historiador católico Eduardo Hoornaert descreveu que a Missa dos Quilombos recuperava naquele momento seu significado político e simbólico:

Em primeiro lugar, celebrar a Missa dos Quilombos não significa apenas comemorar o passado, significa antes de tudo intuir o presente. Quilombo no Brasil é atualidade, não passado. Pois os bairros populares das grandes metrópoles brasileiras são na verdade quilombos, onde os negros se sentem em casa (quilombo ou mocambo significa casa). O mundo do trabalho é adverso ao trabalhador, o mundo do bairro lhe é familiar. Ali ele se refaz, conversa, anda no meio da rua, transforma a rua em campo improvisado de futebol, distingue entre os "quilombolas" (os maloqueiros) e forasteiros, se sente aceito³¹.

Para Eduardo Hoornaert, a Missa dos Quilombos, à época, não brotou das bases negras do povo nem da prática eclesial das comunidades de base, mas da sensibilidade de

³¹Ver HOORNAERT, Eduardo. A missa dos quilombos chegou tarde demais? Tempo e Presença, n. 173, jan./fev.1982.

alguns intelectuais. "Qual pode ser sua funcionalidade no catolicismo histórico dentro do qual estamos inseridos? Há indícios de que podem ter desdobramentos no nível das práticas eclesiais na base? Quais seriam esses indícios?"

Certamente, as respostas são muitas e ainda hoje são analisadas por estudiosos dos assuntos que abordam a história de comunidades quilombolas e suas relações com cultura, religiosidade, trabalho, preconceito e oportunidades no mercado de trabalho. Voltando à contextualidade e roteiro do espetáculo, apesar dos pequenos entraves comuns a uma produção artística de grande porte, a celebração seguiu seu roteiro litúrgico mapeado pela produção artística, musical e direção geral com a seguinte sequência: 1. Entrada; 2. Rito Penitencial; 3. Glória; 4. Canto do Salmo; 5. Aleluia; 6. Ofertório; 7. O Senhor é o santo; 8. Rito da Paz; 9. Comunhão; 10. Canto final. O álbum gravado no formato LP, conta com onze canções gravadas, incluindo a prece escrita por Dom Helder "Invocação 'Mariama'". O roteiro musical foi montado na seguinte ordem: 1. A de Ó (estamos chegando), 2. Em nome de Deus, 3. Rito Penitencial (Kyrie); 4. Aleluia; 5. Ofertório; 6. O Senhor é Santo; 7. Rito da Paz; 8. Comunhão; 9. Ladainha; 10. Louvação à Mariana e 11. Marcha Final.

O projeto da gravadora BMG/Ariola incluiu um encarte com textos que contextualizavam o processo de criação, realização e gravação da missa. O álbum, com assinatura do produtor mais solicitado da época, Marco Mazzola, contou com cinco faixas de cada lado, gravado no Convento do Caraça, "onde se supunha que a sonoridade exterior não prejudicaria o ambiente de gravação" (MAZOLA apud NASCIMENTO; CASALDÁLIGA; TIERRA, 1982, p. 3). O produtor musical do LP assim descreveu o trabalho realizado para que se alcançasse o melhor som do ambiente da gravação:

[...] passamos todo o primeiro dia testando os sons naturais da Igreja e todos os equipamentos. No fim do dia a conclusão foi quase desanimadora. Colocamos 1 bateria, 4 atabaques, 1 percussão, 11 vozes, 1 guitarra, 1 contrabaixo e teclados, todos juntos tocando. A reverberação foi terrível, senti arrepios de calor e passou-me que a ideia estaria fracassando. [...] À noite, quase todos já dormiam, reunime com o pessoal técnico, começamos novas experiências acústicas e testamos de todas as maneiras o ambiente da Igreja. Subimos altares, pilastras, colocando microfones, fiação, etc. Pedimos ao padre Tobias que nos fornecesse 60 colchões de espuma e 80 cobertores. Teríamos que amortecer a reverberação dos instrumentos de percussão ou do contrário prejudicaríamos os outros instrumentos. [...] Foi muita batalha para equalizarmos e interligarmos toda aquela usina. A mesa de gravação foi colocada na sacristia, o melhor lugar que encontramos (MAZOLA apud NASCIMENTO; CASALDÁLIGA; TIERRA, 1982, p. 3)

A crítica especializada da década de 1980, em Música Popular Brasileira, elogiou o

projeto como "corajoso e inédito", diante da temática abordada e mobilização de uma equipe envolvendo profissionais do Rio de Janeiro, Recife, São Paulo e Pernambuco³². O arcebispo participou das apresentações marcando presença em vários números e clamava em favor dos negros a quem lhe perguntasse sobre a interpretação de Mariama: “Não basta pedir perdão pelos erros de ontem. É preciso acertar o passo hoje, sem ligar ao que disserem. Claro que dirão, Mariama, que é política, que é subversão, que é comunismo. Mas é o Evangelho de Cristo, Mariama”.

A homilia do religioso em sua Invocação à Mariama foi interpretada na parte final do espetáculo, cujo número foi originalmente, ornamentado pela trilha sonora dos músicos, através da mixagem entre tambores e cânticos instrumentais vocais, em clima de intensa emoção e reflexão, como se propõe o contexto da narrativa em forma de versos. A leitura provocou no público presente um sentimento de reflexão com referências à escravidão, miséria, fome e ganância, e, sobretudo, o fez refletir sobre a razão de viver o amor ao próximo, como interpretou o arcebispo nos versos escritos exclusivamente para a missa:

“Mariama, Nossa Senhora, mãe de Cristo e Mãe dos homens!
Mariama, Mãe dos homens de todas as raças, de todas as cores, de todos os cantos da Terra./ Pede ao teu filho que esta festa não termine aqui, a marcha final vai ser linda de viver./ Mas é importante, Mariama, que a Igreja de teu Filho não fique em palavra, não fique em aplauso./ Não basta pedir perdão pelos erros de ontem. É preciso acertar o passo de hoje sem ligar ao que disserem./ Claro que dirão, Mariama, que é política, que é subversão. É Evangelho de Cristo, Mariama./ Claro que seremos intolerados./ Mariama, Mãe querida, problema de negro acaba se ligando com todos os grande problemas humanos./ Com todos os absurdos contra a humanidade, com todas as injustiças e opressões./ Mariama, que se acabe, mas se acabe mesmo a maldita fabricação de armas. O mundo precisa fabricar é Paz./ Basta de injustiça! Basta de uns sem saber o que fazer com

³²Primeira Celebração em Recife(PE), celebrantes: D. Helder Câmara - Arcebispo de Olinda e Recife, D. José Maria Pires - Arcebispo de João Pessoa, D. Pedro Casaldáliga - Arcebispo de São Félix do Araguaia. Voz, direção artística, idealização, arranjo e regência: Milton Nascimento; Coro: Sérgio Santos, Edir Passos, Alexandrino Ducarmo (solo em “Aleluia”), Gil Amâncio (solo em “Rito da Paz”), Marquinho Preto, Olga Gomes, Enanci Gomes, Elisete Gomes, Elizabeth Gomes e Paula Vargas; Narrador: Paulo Cezar Botas Recitadores: Joselina, Chico, Sueli e Ricardo Brindeiro; Mestres-de-cerimônia: Assis e Chico; Piano e órgão: Flávio Venturini; Violão: Celsinho Moreira e Paulinho Carvalho; Baixo: Paulinho Carvalho; Bateria: Robertinho Silva; Percussão: Repôlho, Jorginho do Atabaque, Darcy Jongueira, Caboclinho e Robertinho Silva; Dança: Alcino Ferreira (coordenador), Denise, Graça, Dito, Dôra, Lêda, Zuleide, Nildes, Ramos, Lenildo, Neide, Emília, Solô, Iacy, Jacinete, Rubenilda, Nado, Bomfim, Gusmão, Anibal, Dalva, Zefinha, Julieta, Inaldete, Sidney, Irene, Adelaide, Maria do Socorro, Dôra, Caedé, Fátima, Cláudio, Edineide, Genésio e Clarício, (crianças) Mário, Marcelo e Gero. Equipe de produção: Márcio Ferreira (supervisão), Otávio Bretas (coordenação geral), Keller da Veiga e Souza (execução de altar e assistência de coordenação), Hildebrando Pontes Neto (assessoria jurídica), Paulinho Carvalho (coordenação musical) Assistentes: Pedro Tierra, Cláudio de Oliveira, Carmem Ribeiro, Ricardo Brindeiro, Alcino Ferreira e Solô Contra-regra: Ivan Cunha Iluminação: Flávio Prates e Márcio Prates (Luzazul) Som: Rogério Vianna, Sérgio Monteiro e Mário Coelho (Planart) Operadores de som: Victor e Drumond.

tanta terra e milhões sem um palmo de terra onde morar./ Basta de alguns tendo que vomitar para comer mais e 50 milhões morrendo de fome num só ano./ Basta de uns com empresas se derramando pelo mundo todo e milhões sem um canto onde ganhar o pão de cada dia./ Mariama, Senhora Nossa, Mãe querida, nem precisa ir tão longe, como no teu hino. Nem precisa que os ricos saiam de mãos vazias e o pobres de mãos cheias. Nem pobre nem rico./ Nada de escravo de hoje ser senhor de escravo de amanhã. Basta de escravos. Um mundo sem senhor e sem escravos. Um mundo de irmãos. De irmãos não só de nome e de mentira. De irmãos de verdade, Mariama.

Para o letrista Fernando Brant, parceiro de Milton Nascimento desde os festivais de música dos anos 1960, quando nasceu a antológica Travessia, a Missa dos Quilombos foi o projeto que melhor traduziu a natureza religiosa e poética, diante de um tema atual na sociedade brasileira. Para o encarte do LP da Missa dos Quilombos, Fernando Brant lembrou que, em 1981, estava no Recife, com "pele e pelos arrepiados", presenciando Dom Helder, Dom Pedro e Dom Zumbi denunciar os crimes cometidos contra os negros do Brasil. O poeta e letrista mineiro narrou o primeiro encontro com os religiosos e as discussões em torno da concepção do projeto:

No dia Nacional do Negro e aniversário da morte de Zumbi, brasileiros se uniam em torno de música, palavras, crenças e idéias. Éramos todos participantes de um acontecimento inesquecível. [...] Gente da cidade grande. Há muito tempo acompanhávamos com admiração o trabalho de Pedro. Assim ele quer que o chamemos. E ele, mistério e beleza da comunicação de energia entre as pessoas, também estava de olhos em nós. 'Quando lá em São Félix do Araguaia me sinto acuado, sem ânimo e ouvindo sua música que busco energia para continuar meu trabalho', confessou ele pro Milton. Tanto que já escrevera há anos um belo poema sobre a Canção do Sal. Arquitetura de passarinho, assim me expressei sobre aquela figura franzina, um contraste diante o vigor de suas atitudes, da energia em defesa da sua crença e de seus ideais de justiça. Tinha que ser um passarinho o nosso bispo. Em Goiânia, ele nos fez conhecer pessoas como Pedro Tierra, seu parceiro, poeta e homem de muita luta. E os jovens músicos gaúchos e paulistas que lá estavam para participar da Missa da Terra sem Males - espetáculo religioso, humano, poéticos e desesperado em favor de nossos índios. Ele nos fez conhecer um outro Brasil, nos pôs em contato com várias nações indígenas e nos envolveu num clima de paz e harmonia que eu chamaria de comunhão. Foi nesse ambiente que os dois Pedros nos falaram do projeto missa dos quilombos, ideia sugerida por Dom Helder Camara. Voltamos para casa certos de que qualquer dia a gente voltaria a se encontrar. Após um ano de muitas pesquisas, páginas e páginas escritas, uma infinidade de telefonemas, cartas e viagens, chegou-nos os textos dos Pedros, um grito revoltado, triste e consciente, contra a violência sofrida pelos negros em nosso país, ao

longo da história e nos dias de hoje, e um canto de esperança, uma convocação, a luta pela mudança. [...] Debaixo do abrigo carinhoso das irmãs Carvalhinho e Escobar convivemos três dias com gente que, do Brasil inteiro vinha assistir a missa e transmitir sua experiência de vida. Mais uma vez o clima de amizade e comunhão tomou conta de nós. E o resultado foi este que eu estava falando. O que se viu e ouviu foi de arrepiar. Celebrantes, músicos, coro, maestro e povo compuseram, juntos, um espetáculo que comoveu até as pedras da praça do Recife³³.

Para Minami (2009), a trajetória da Missa demonstra as transformações pelas quais Milton Nascimento, artista negro e censurado, o Brasil e a Igreja Católica Apostólica Romana passaram entre os anos 1970 e 1990. De várias formas, segundo Canton (2009, p.2) esse movimento eclesial realizou uma virada nos valores da Igreja Católica, o que a fez abandonar "uma eclesiologia do poder, centrada na hierarquia religiosa, para adotar uma eclesiologia da comunidade. A realização da missa no Recife, historicamente, ocorreu em um contexto eclesial pós-Concílio Vaticano II³⁴ que teve Dom Helder como um dos atores que ajudou a reformar a Igreja Católica por meio de documentos que recomendavam a unidade dos cristãos, o diálogo com as religiões não cristãs, a reforma da liturgia, a abertura da Igreja ao mundo moderno e sua atualização:

Essa abertura marcou a aproximação dos católicos com grupos encarados até então como inimigos: protestantes, ortodoxos gregos, judeus, muçulmanos e até umbandistas. Prova desses novos tempos é a trajetória do Secretariado Nacional de Defesa da Fé, órgão oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que publicou uma série de brochuras nas quais condenava o espiritismo kardecista e a umbanda. Após o Concílio, o Secretariado foi extinto e deu lugar à chamada Linha 5 - Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da CNBB (MINAMI, 2009, p. 112).

As condições eclesiais daquele momento histórico possibilitaram a realização de liturgias que traziam para as celebrações a vida dos perseguidos, dos marginalizados e dos mais pobres. Foi o caso da Missa dos Quilombos, em Recife, e da Missa da Terra sem males, celebrada, pela primeira vez, por quase 40 bispos, na Catedral da Sé, de São Paulo,

³³ Depoimento do letrista Ferrando Brant no encarte do disco Missa dos Quilombos.

³⁴ Dom Helder escreveu 297 cartas durante as quatro sessões do Concílio e durante a intersessão de 1963/64. O Concílio Vaticano II foi, para Dom Helder, a ocasião para ingressar numa série de articulações internacionais e grupos de trabalho, muitos das quais por ele sugeridos e animados. Dom Helder não chegou porém ao Concílio de mãos vazias. Sua atuação como Assistente Nacional da Ação Católica Brasileira e de todos os seus ramos especializados, colocara-o em contato estreito com o laicato, dera-lhe uma visão geral do Brasil e de sua igreja, com seus valores e problemas, por vezes, dramáticos. Fonte: <http://www.cefep.org.br/dom-helder-camara-e-o-concilio-vaticano-ii-2/#>

no dia 22 de abril de 1979. Se esse era o contexto eclesial, do ponto de vista da MPB e do contexto político brasileiro, a Missa dos Quilombos aparece em um momento igualmente movimentado e tenso. Minami (2009) destaca que o LP Missa dos Quilombos foi gestado em um momento de crise do modelo da MPB forjando toda uma geração que solidificou esse conceito dentro da ideia de engajamento político.

Para os jovens artistas surgidos a partir de 1968, a chamada Geração AI-5, incluindo os integrantes do Clube da Esquina (o círculo de músicos, compositores e amigos de Milton Nascimento), houve uma convivência forçada com a censura e a crescente mercadorização do mundo fonográfico (MINAMI, 2009, p. 114). Apesar da abertura política ser um assunto pertinente e presente nesse período, o cenário nacional e as primeiras mobilizações em favor das eleições diretas começavam a ganhar as ruas. Por outro lado, o quadro político da ditadura militar e da censura estabeleciam regras, em meio ao mercado cada vez mais predatório para classe artística com seus projetos culturais. Indignado com a situação de colegas de trabalho se propondo a desistir de produzir, Milton Nascimento pretendia “reagir aos arbítrios da censura, e dos Atos Institucionais, que tanto mal espalhavam pelo Brasil inteiro” (BORGES, 1996, p. 317).

No Recife, ligado aos movimentos que explodiam no país pelo fim dos militares no poder, Dom Helder Camara compartilhava do mesmo sentimento de Nascimento, buscando formas de continuar levando a resistência para as ruas, através da arte e de outros movimentos sociais. Artigo assinado por Silvério Pessoa, Péricles Andrade e Charlisson Silva de Andrade para o livro "Andar à voltas com o Belo, é andar às voltas com Deus: A relação de Dom Helder Camara com as artes", tendo como organizadores Newton Darwin de Andrade e Lucy Pena Neta (2018), a Missa dos Quilombos é analisada como uma produção musical engajada e associada à atuação de Dom Helder enquanto sacerdote católico, sobretudo pela propositura de articulação entre o cristianismo e as diversas linguagens artísticas:

Sua exortação é um apelo para um mundo sem pressão e preconceito. O termo Mariama deve-se ao fato de que no decorrer de cada ano, principalmente naquele período dos anos 1970 e 1980, eram realizados encontros de formação para os educadores dos Colégios Maristas, a partir da filosofia e espiritualidade maristas. Esses encontros eram chamado Mariamas. O termo é uma saudação a Maria, mãe de Jesus, feita por Dom Helder Camara, na Missa dos quilombos.

Nesse sentido, os autores observaram em suas considerações, como uma verdadeira "Ópera Negra", executada ao ar livre, que clamava por liberdade dos povos oprimidos e, ao mesmo tempo, apresentava um posicionamento não somente religioso, mas político dos líderes religiosos envolvidos e engajados com a proposta do projeto que de certa forma

chamou a atenção para as mazelas do preconceito a violência contra os negros na atualidade.

A Missa dos Quilombos foi questionada também, por setores do movimento negro, sobretudo por se tratar de uma missa católica que trazia no contexto geral um caráter de denúncia étnico-racial. Durante as primeiras apresentações, o movimento negro do país se posicionou contrário, pois seus integrantes consideravam uma contradição explícita por se tratar de uma missa para os negros e ser conduzida do começo ao fim por dois brancos e apenas um negro, no caso o cantor Milton Nascimento.

Os críticos mais ferrenhos, lembra Campos (2017), atacaram Milton Nascimento - um compositor versátil, que sempre produziu canções políticas em defesa de índios e negros em vários discos, ao longo da carreira, a exemplo de *Raça*³⁵ - de racista por estar ao lado dos brancos:

Embora haja questões controversas sobre a composição da obra, por ter sido composta por dois brancos e por ser uma liturgia essencialmente católica, a Missa dos Quilombos representa um ato político não só antirracista, mas também um passo da Igreja engajada que propunha questionar temas como a desigualdade social por meio do Evangelho de Cristo (CAMPOS, 2017, p.42)

Ao saber das críticas direcionadas a ele, Milton Nascimento, que estava em estado de euforia com o sucesso da temporada de *Sentinela*, da música *Canção da América*, com a idealização da missa e já envolvido em parcerias e novas composições para seu próximo disco que se chamaria *Caçador de Mim*, rebateu com sua aura de tranquilidade: "Isto não pode acontecer, o Brasil não pode ter esse tipo de comportamento. Sou negro, mas não é pelo fato de ser negro que só vou estar com pessoas negras", como narrou a autora do livro *Travessia - vida de Milton Nascimento*, Maria Dolores Pires do Rio Duarte (2006, p 244).

O artista lembrou que outros ataques vieram das alas conservadoras da sociedade e da própria Igreja. A missa foi denunciada como ato comunista, enfatizando o apoio de Dom Helder Camara. "O cartaz do evento e o rótulo do Long Play mostrava uma mão segurando uma cruz. [...] apareceram foices desenhadas ao lado da cruz nos cartazes espalhados pelas ruas do Recife, numa associação direta ao comunismo". O patrulhamento contra o artista, segundo os amigos mais próximos que acompanharam todo processo de construção do roteiro, também deixou Dom Helder apreensivo e chateado diante da situação.

O discurso de Dom Helder Camara, inserido no roteiro ou na forma de improviso

³⁵Segundo o jornalista Carlos Rennó, Milton Nascimento tem duas parcerias antológicas com Fernando Brant a respeito da situação do negro: "*Raça*", um tributo à etnia, e "*Maria Maria*", canto a uma verossímil figura popular de ficção. Em *Raça*, o autor homenageia personalidades negras como Clementina de Jesus, Grande Otelo, Monsueto e o percussionista Naná Vasconcelos

dentro da missa, pode ser comparado, em alguns pontos, com passagens da bíblia. Em diversos versículos do Novo Testamento é possível notar que o sentido de igualdade e distribuição dos bens para os pobres já estava presente no que é considerado por fiéis como as escrituras sagradas, como o milagre dos peixes e a cerimônia de lavagem de pés dos apóstolos por Jesus Cristo.

No contraponto com o racismo, ainda presente na sociedade, Dom Helder Câmara expõe a questão da luta negra no debate como essencial para se alcançar um sentido universal de direitos humanos. Seu posicionamento contrapõe-se às ideias de Rouanet (2001) que aponta como certas particularidades são criadas pelo próprio opressor, visto que a importância da afirmação da identidade do negro tratado na Missa dos Quilombos não o afasta de uma luta universal. Não só por ocasião do projeto, Helder sempre saiu em defesa dos povos tradicionais e dizia que “o problema de negro acaba se ligando com todos os grandes problemas humanos. Com todos os absurdos contra a humanidade, com todas as injustiças e opressões”.

Dom Helder expressou, ao longo de sua atuação na Arquidiocese de Olinda e Recife, a indignação com várias questões sociais. No de 1979, ele montou outro musical chamado A Sinfonia dos Dois Mundos em parceria com o padre suíço Pierre Kaelin, no período da Tutela Militar Brasileira e no horizonte da Guerra Fria (1955-1991). A ideia surgiu quando Dom Helder escreveu uma meditação em francês, na qual dizia que a miséria gera violência, mas que a esperança renascerá com as crianças. É famosa a sua frase que diz que “quanto mais negra é a noite, mais bela é a aurora”. A meditação se tornou o texto da Sinfonia dos Dois Mundos, obra para orquestra, solista e coro, com música de Kaelin, criada durante o Concílio Vaticano II.

Um anos depois, a Sinfonia teve a sua estreia no Collegium Academicum em Genebra, Suíça, com o texto de Dom Helder em francês. Recebida com sucesso de público, o espetáculo foi exibido 44 vezes em mais de 10 países e em cerca de 40 cidades. Através da Sinfonia, ele chegava aos ouvidos, corações e mente das pessoas³⁶

No Brasil, a peça foi apresentada pela primeira vez em 1985, em João Pessoa(PB). A coordenação dessas apresentações foi de responsabilidade primeiro violinista da Orquestra Sinfônica da Paraíba, Rafael Garcia, tendo Dom Helder como narrador, sob a regência do paulista Ayrton Escobar. Dois dias depois, a exibição foi no Centro de Convenções de Recife. Foi realizada nova redação ao texto de abertura: “Por uma segurança que se diz nacional, quantos povos esmagados por botas pesadas. Em nome da

³⁶O blog do Instituto Dom Helder Camara publicou no dia 29 de junho de 2017, matéria sob o título 'Atualidades: A Sinfonia que redime os mundos', abordando a trajetória da Sinfonia no exterior e no Brasil. Fonte: <http://institutodomhelder.blogspot.com/2017/06/atualidades-sinfonia-que-redime-os.html>

humanidade, exila-se, tortura-se, sob o peso das estruturas, sucumbes, Liberdade!”.

A obra começou a ser preparada no de 1984, durante um show da cantora Elizeth Cardoso, de quem Dom Helder era fã, no teatro Santa Isabel. Foi quando a pianista Ana Lúcia Altino perguntou ao arcebispo se já não estaria na hora de realizar o sonho de apresentar a Sinfonia no Recife. Dom respondeu: “Minha filha, você não conseguirá fazer. A censura não deixará”. Entretanto, ele concordou que ela tentasse a liberação. E, para sua surpresa, o texto foi liberado pela Polícia Federal no dia 3 de março de 1984. Assim como foi a Missa dos Quilombos, a Sinfonia é considerada um instrumento de exaltação à liberdade. Ela condena a tortura e o desrespeito aos direitos humanos. Defende uma vida mais justa e conduz, ao mesmo tempo, a esperança de um mundo melhor.

4 Arcebispo no centro das divergências entre militares, imprensa e igreja

O governo instalado pelos generais em 1964 conduzia há três anos o país, com a censura ampliando sua atuação contra a liberdade de expressão até o fortalecimento do AI-5, em 1968. O arcebispo Dom Helder Camara era visado pelo governo assim que tomou posse para dirigir a Arquidiocese de Olinda e Recife. Nesse período, seu nome circulava nos meios de comunicação tanto como personagem da ala progressista da Igreja Católica como intelectual que participava ativamente da imprensa. Uma das primeiras notícias a respeito da censura oficial as suas ideias, segundo o *Diário de Pernambuco*, ocorreu em setembro de 1967.

A pedido da revista *Realidade*¹, o arcebispo escreveu uma carta aos jovens do Brasil, dizendo quais deviam ser seus objetivos, metas e os caminhos a seguirem. Na carta, ele afirmou que "a juventude não podia viver somente estudando de casa para o colégio, do colégio para casa". Em outro trecho, ressaltou a participação popular em greves, passeatas, manifestações e congressos. Por decisão do conselho editorial da revista, a carta não foi publicada.

Mais antigo jornal da América Latina, o diário pernambucano reproduziu, na edição de 3 de setembro de 1967, com o título "Carta Proibida", parte do argumento do religioso: "muita gente só compreendia rapazes e moças com livros debaixo dos braços, aprendendo que Esparta e Atenas eram rivais, que Dom Pedro I pensou que tinha proclamado a independência e que revolução é um substantivo impróprio". Em outro trecho da carta, Helder abordou que "antes de chegarem indústrias no Nordeste, o número de desempregados era de aproximadamente 400 mil, e agora aumentou para quase 2 milhões também, o que são problemas para gente grande. Só que gente grande nunca resolve".

Apesar do veto pela direção da revista semanal, não se divulgou o motivo da censura, o que para Dom Helder se transformou em uma das primeiras barreiras contra suas ideias pela imprensa. Duas semanas depois, o *Diário* destacou que durante o 5º Congresso de Assembleias Legislativas, realizado no Teatro Santa Isabel, centro do Recife, o nome do arcebispo "ficou submerso numa onda de aplausos", ao ser citado na abertura da solenidade por seus posicionamentos democráticos.

Desde o golpe de 1964 o Centro de Inteligência do Exército (CIE) passou a coletar

¹ A primeira fase da revista *Realidade*, de 1966 a 1968, foi a mais notável, quando abordou temas polêmicos e adotou o estilo do *New Journalism*, de Tom Wolfe, Gay Talese e outros — que combinava eficientemente clareza e objetividade em uma estrutura com foco narrativo, o jornalismo literário. Nesse novo estilo, os jornalistas escreviam os textos em primeira pessoa, com diálogos, travessões e com descrições minuciosas de lugares, feições e objetos. Eles alternavam o foco da narrativa de observador onipresente para testemunha ou participante dos acontecimentos.

informações sobre a atuação da Igreja Católica em relação aos religiosos atuantes no campo das esquerdas. No Nordeste, o arcebispo era considerado o personagem principal no confronto com os militares. Documento confidencial, de origem do gabinete do ministro do Exército, de agosto de 1976, registrou que "o fenômeno da subversão de caráter religioso não era episódico, mas resultava de estratégia específica do Movimento Comunista Internacional (MCI)".

Na América Latina, de acordo com o documento, as atividades políticas dos ativistas esquerdistas do clero, recrudescentes a partir de 1968, depois da 2ª Conferência Episcopal Latino Americana, reunida em Medellín, na Colômbia. Os ativistas teriam radicalizados as resoluções do Concílio do Vaticano e se elaborou a chamada Teologia da Libertação, segundo a qual a atividade prevalente da Igreja Católica devia orientar-se no sentido da mudança das estruturas sociais e políticas existentes no continente.

O trabalho do arcebispo no Concílio Vaticano II - evento internacional marcado por uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965, consideradas o grande evento da Igreja Católica no século 20 no sentido da modernização da Igreja e para atrair os cristãos afastados da religião - teve tal profundidade que o jornalista americano Rocco Caporale classificou-o como um dos 18 nomes mais influentes entre os mais de 2 mil participantes. "Helder Camara, pequeno homem afável e sorridente, que surpreende os observadores não preparados pela sua simplicidade que esconde um dos mais importantes organizadores de todo o episcopado católico². O arcebispo ajudou a criar o grupo Igreja dos Pobres, reunindo cerca de 500 bispos que assinaram o pacto enviado ao Papa "Todos se comprometeram a dar prioridade à pobreza, inclusive como exemplo pessoal - não possuir patrimônio nem dinheiro em banco", relatou Caporale à revista *Continente*.

Assim que consumaram o golpe de 1964, os militares procuraram atuar a partir de uma "legalidade autoritária" por meio de um golpe civil-militar que destituiu o presidente João Goulart. Durante os 21 anos de ditadura, segundo Danilo Pereira Lima (2018), os generais contaram com o aparato jurídico para dar aparência de Estado de Direito e ao regime autoritário. Para combater qualquer um que contestasse o regime, mais diretamente os chamados "subversivos", não deveria haver limite jurídico, ético ou moral.

Para os militares, Dom Helder era no Brasil e na América Latina, o principal líder e "o mais agressivo executor do trabalho de conscientização que vinha sendo desenvolvido pela esquerda clerical". Dentre várias percepções colocadas sobre sua personalidade, observaram que sua caracterização como progressista constituiu também um eufemismo. "Esse bispo é, na realidade, um comunista convicto que orienta seu pensamento e pauta sua conduta pelos princípios doutrinários da ideologia marxista".

²Revista *Continente*- Especial 100 anos Dom Helder Camara - Um conspirador no Vaticano. Ano X, Nº 98, Fevereiro 2009. Ed, Companhia e Editora de Pernambuco (Cepe)

Diante das tensões recorrentes, com maior frequência, nos grandes centros, a Igreja Católica estabeleceu com as Forças Armadas um canal de conversação mantido em sigilo. De acordo com a reportagem “O diálogo secreto de bispos e generais nos anos da repressão”, publicada em 1997 pelo *O Estado de São Paulo*, em 24 reuniões secretas realizadas entre 1970 e 1974, o primeiro escalão do clero cobrou da cúpula militar, a investigação dos casos de violação dos direitos humanos e o fim do cerceamento da liberdade de expressão e da perseguição política a tortura.

Até então mantidos em sigilo durante todo o período do regime ditatorial, esses fatos só foram divulgados no final dos anos 1990, pelo professor da Universidade da Califórnia, em San Diego (EUA) o americano e brasilianista Kennet Serbim, autor do livro *Diálogos na sombra: Bispos e Militares, Tortura e Justiça Social*. Ele fez diversas viagens pelo Brasil, entrevistou inúmeros religiosos e militares de esquerda além de integrantes de movimentos sociais, e pontuou o papel dos jovens seminaristas que tinham os mesmos anseios dos estudantes por liberdades democráticas nos anos 1960.

Serbim teve acesso aos documentos que estavam em poder do general Antônio Carlos da Silva Muricy e em outros acervos que só posteriormente vieram a público, com os trabalhos da Comissão da Verdade e Memória. Na pesquisa, ele observou que uma ala da Igreja apoiou o golpe de 1964, mas foi alterando sua posição ao tomar conhecimento dos abusos praticados pelo regime. Durante as reuniões sistemáticas da Comissão Bipartite, a qual manteve por quatro anos encontros secretos – aprovados pelo então presidente Médici e pelo ministro do Exército, Orlando Geisel – visando discutir e resolver os principais conflitos surgidos entre a Igreja Católica e as Forças Armadas, os militares “tentavam cooptar a igreja, mas os bispos cada vez mais traziam para mesa denúncias de torturas e mortes”. A comissão era formada por membros da alta hierarquia católica a exemplo de Dom Eugênio Sales e Dom Paulo Evaristo Arns, representantes militares, como o general Antônio Carlos da Silva Muricy, chefe do Estado Maior do Exército.

Por meio desses diálogos, mortes foram evitadas e situações ocultas esclarecidas, confrontando os militares, segundo o pesquisador. Na avaliação de Kenneth Serbim, a mudança de posição pública da Igreja se tornou mais explícita não somente com a morte do jornalista Wladimir Herzog, em 1975, como muitos supõem, mas quando do assassinato do estudante da USP, Alexandre Vannuchi Leme, ocorrido dois anos antes. A igreja, de acordo com o historiador, começou a defender os direitos humanos antes, mas só o fazia através de documentos assinados por suas comissões. Contudo, tem importância histórica por ser a maior e primeira instituição responsável pelo movimento dos direitos humanos no país.

Do lado do clero, faziam parte o ex-deputado federal do Rio de Janeiro, Cândido

Antônio de Almeida Mendes, que se empenhou em lutar, ao lado de religiosos, na defesa de presos e perseguidos, buscando o fim dos crimes políticos e a manutenção do Estado de direito, além do cardeal e arcebispo católico do Rio, Dom Eugênio Sales, e o bispo auxiliar de Porto Alegre (RS), Dom Ivo Lorscheiter. Nesse cenário, o arcebispo de Olinda e Recife se tornou o maior representante dessa luta denunciando em seu país e no exterior, as consecutivas perseguições, torturas e mortes de cidadãos.

A ditadura militar criou entre 1964 e 1970, um sistema reticulado que abrigou o vasto dispositivo de coleta e análise de informações e de execução da repressão no Brasil. Historiadora, cientista política e professora da UFMG, Heloísa Starling, no artigo 'Órgãos de informações e repressão da ditadura'³, observou que o centro desse sistema era o Serviço Nacional de Informações (SNI), órgão de coleta de informações e de inteligência que funcionava de duas maneiras: como um organismo de formulação de diretrizes para elaboração de estratégias no âmbito da presidência da República e como o núcleo principal de uma rede de informações atuando dentro da sociedade e em todos os níveis da administração pública. Esse sistema armazenava documentação de natureza variada e graus diferenciados de sigilo, arquivos sigilosos, criados por órgãos de inteligência e repressão das Forças Armadas, códigos para cifragem e decifragem de comunicação de rádio em operações militares, planejamento e avaliação de ações e, por fim, operações de monitoramento.

O Centro de Informação do Exército (CIE) era um órgão do gabinete do ministro e o fluxo de suas informações passou a ser feito por outros canais que não o da convencional cadeia de comando. Soares, Castro e D'Araújo (1994, p.15-16), destacam que o CIE, agindo com autonomia frente aos demais órgãos de informações existentes e com quadros próprios, "propiciaria uma informação rápida ao ministro, seu cliente preferencial, e permitiria em decorrência, rapidez na decisão e na execução da mesma". Os autores observaram como transcorria o fluxo de informações no contexto da hierarquia militar:

Pelos organogramas existentes, o CIE deva mandar cópias de seus relatórios aos outros comandos e suas respectivas 2ª Seções, mas esse não era um aspecto essencial, ou seja, no que concernia a informações, a cadeia hierárquica era acompanhada por uma cadeia técnica paralela de informações devidamente institucionalizada. O mesmo ocorreu nas outras Forças com a criação dos centros de informação e neste novo formato, pode-se inferir que a primeira cadeia teria como objetivo cuidar dos interesses das Forças Armadas, enquanto a segunda trataria dos interesses do país. Admitindo-se este raciocínio, nota-se que muitas vezes, em face de uma escala de

³Heloiisa Starling coordena o Projeto República, que disponibiliza artigos e documentos. Texto acessado em 10 de novembro de 2019. Disponível em <https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/>

prioridades, esses centros se transformaram, efetivamente, no grande poder: a cadeia técnica, em muitos momentos suplantaria outros comandos formais, e este salto era compreendido, como parte do esforço, pelo zelo, com a segurança nacional (SOARES; CASTRO; D'ARAÚJO, 1994, p. 15 e 16).

Em Pernambuco, os meios à serviço do SNI funcionavam cerca de 24 horas por dia, incluindo finais de semana e feriados, investigando cidadãos que contrariavam a ordem nacional e agiam na linha da subversão. Qualquer assunto relacionado aos ideais de Dom Helder Camara, até mesmo suas atividades particulares, era checado pelos censores. Fichado no Dops de Pernambuco sob o número 16.906, o religioso teve um prontuário contendo informações de fatos ocorridos a partir de 1954, pouco tempo depois dele ter sido nomeado pelo papa Pio XII, bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro e dez anos antes da revolução forjada pelos militares em 1964.

Despachado pelo Departamento de Ordem Política e Social do Estado, com atraso de 20 anos, o documento, datado de 26 de fevereiro de 1975, atendeu a um pedido da diretoria do Centro de Informações, que se referia a "uma possível intentona comunista - também conhecida como Revolta Vermelha de 35 e Levante Comunista - tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas". O documento acrescentava que o ato teria sido ocorrido em 27 de novembro de 1935 por militares, em nome da Aliança Nacional Libertadora, com apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Uma justificativa foi expressa em negrito: "este arquivo não dispõe de nenhum documento oficial [...] e sim apenas um recorte do jornal *Diário de Pernambuco*, datado de 27 de novembro de 1954". Não há sequer uma citação envolvendo o arcebispo. Temas polêmicos e internos da Igreja, com mais ênfase na Arquidiocese de Olinda e Recife, também entraram no esboço das primeiras anotações, sem ordem cronológica.

Posicionamento crítico a um tema polêmico dentro da Igreja foi arquivado na íntegra, e refere-se a uma carta escrita em janeiro de 1970, ao bispo auxiliar de Olinda e Recife, Dom José Lamartine. De viagem ao exterior, o remetente mandou um comunicado para tratar a respeito da questão do celibato - o voto que obriga os padres a permanecerem castos. "Problema que chega mesmo a solapar os fundamentos da tradicional estrutura da Igreja não me deixou caminhar tranquilamente. Refiro-me à problemática atual que ameaça a destruir a honrosa condição de celibato", escreveu Dom Helder.

À época, segundo o arcebispo, o Brasil particularmente o Nordeste, "devido ao retardamento mental de grande parcela de sua população", não podia nem sequer entrar na apreciação do tema tão complexo e controvertido como é o caso do celibato dos ministros de Deus. "Por isso mesmo, imagino que a infausta atitude do clero brasileiro tenha deixado

nosso rebanho sobressaltado. Muito em breve estarei retornando ao convívio amável da nossa querida Diocese, onde nos entenderemos fraternalmente", escreveu.

Fichários organizados no Dops trazem uma série de informações sem ordem cronológica, dos anos 1972 a 1974. O VI Congresso Latino Americano de Trabalhadores, realizado em Caracas, na Venezuela, foi um dos registros repassados pela PF, destacando que o secretário geral do encontro havia proclamado a candidatura do arcebispo de Pernambuco ao Prêmio Nobel da Paz. Sobre o mesmo assunto, o SNI ressaltou que a Câmara de Vereadores de Feira de Santana, na Bahia, tinha aprovado por unanimidade, "uma moção de irrestrita solidariedade à candidatura de Helder ao prêmio internacional - concedido àqueles que fizeram o melhor trabalho pela fraternidade entre as nações, pela abolição ou redução de exércitos permanentes e pela realização e promoção de congressos de paz"

A partir de checagem diária de notícias dos jornais, as unidades de informações do governo também ampliavam o banco de dados com o resumo de matérias publicadas na capital que citassem o nome do religioso. Do jornal *O Globo*, edição de 8 de março de 1972, registrou-se que, no dia 5 de abril, Dom Helder faria pronunciamento durante a Conferência da Universidade Técnica Bindhoven, na Holanda. A conferência faria parte do movimento Violência dos Pacíficos sob a promoção do grupo A Igreja e o mundo.

Em Recife, a realização de uma missa na Igreja de Santa Izabel, localizada no bairro de Casa Amarela, celebrada pelo arcebispo, também foi documentada. Na ocorrência, além do sermão, destacou-se o lema utilizado "Somos todos irmãos, lutemos juntos, unidos e com fé", com detalhes para as alusões sobre a questão da fome e o desemprego no país. No interior da Igreja foram espalhados boletins arquidiocesanos, destacando nomes de estudantes e trabalhadores presos pela polícia, durante mobilizações ocorridas na semana na cidade e no campo.

Com letras maiúsculas datilografadas, outra ocorrência abordou um manifesto com o seguinte teor a respeito do "comunista de batina", que teria distribuído manifesto às igrejas acusando os órgãos de segurança de praticarem arbitrariedades contra estrangeiros em visita ao Brasil. "O engenho Taquarí, no município de Sirinhaém, no litoral sul de Pernambuco, em nome da Operação Esperança, é o espaço de acomodação de visitantes e seguidores. Lá, sempre há a presença de padres estrangeiros".

Nos meses de março e abril de 1972, duas solicitações feitas pelo arcebispo a uma delegacia do bairro da Boa Vista foram registradas contendo resposta objetiva: "até o momento não há antecedentes criminais envolvendo o nome e CPF de Helder Pessoa Camara". As andanças do arcebispo pelo exterior e contato com a imprensa internacional, na primeira metade da década de 1970, ganharam ocorrências vindos de países da América Latina, Europa e Estados Unidos. Em uma delas, a SSP registrou que o religioso concedeu

entrevista à revista norte-americana *Time*, destacando sua viagem ao exterior, onde teceu "sérias críticas" ao governo brasileiro. Em outra entrevista concedida para uma TV holandesa, "teceu comentários desastrosos sobre o país" e, na Itália, "Dom Helder foi recebido em extensa audiência pelo Papa".

4.1 Censura e perseguição aos padres estrangeiros no Brasil

Carta de duas laudas identificada como "Relatório dos acontecimentos de 24 de março de 1972" foi analisado pela Comissão da Memória e da Verdade Dom Helder Camara. O texto traz um relato pessoal datilografado e enviado da Europa pelo padre belga Joseph Comblin, amigo do arcebispo. No documento, há uma observação manuscrita, em 25 de abril do mesmo ano, quase um mês depois do envio, solicitando que fosse arquivado na pasta de Dom Helder, sem acrescentar nenhum comentário. Do início ao fim da carta, o pároco estrangeiro expôs sua indignação por ter sido expulso do país, sob ordens da Polícia Federal, assim que desembarcou no Aeroporto dos Guararapes, no Recife.

Os policiais tinham um telegrama informando sobre o decreto despachado de Brasília, impedindo-o de desembarcar em território nacional a partir daquela data. Comblin explicou que havia chegado ao Recife em voo da TAP às 7h30. Quando apresentou seu passaporte, um integrante da PF se aproximou com o comunicado oficial de Brasília. Os oficiais deliberaram entre si e resolveram mandar-lhe de volta ao Rio de Janeiro pelo mesmo avião. O padre não pode fazer nenhuma observação. Ainda no relato, Comblin prosseguiu com outros detalhes sobre a decisão tomada pelo governo brasileiro:

No Rio, policiais já me esperavam e logo me levaram para o departamento de polícia ao lado do aeroporto do Galeão, onde fiquei até a volta. Comunicaram que eu teria que voltar pelo mesmo avião da TAP para Europa. O representante da companhia veio perguntar se eu estava disposto a pagar a passagem. Disse que não tinha dinheiro suficiente para isso e, de qualquer modo, eu estava no avião como preso na cadeia, e que não tinha ouvido dizer que os presos deviam pagar. O homem não insistiu. Começaram a revista cuidadosamente da minha bagagem. Havia uns 25 livros, quase todos de psicologia religiosa ou de sociologia. Acharam que havia muita religião e que eu parecia gostar de religião. Não neguei. Contudo, tiraram dois opúsculos sobre algumas fitas cassetes de música. Experimentaram-nas para ver se eram mesmo de música, e acharam que era pura música sinfônica. não sei o que esperavam que fosse. Finalmente, levaram todas minhas notas manuscritas e as cartas que eu trazia. As notas eram as minhas de aula de Lovaina. As cartas eram as que recebera durante a minha permanência na Bélgica, assim como

algumas cartas que me foram entregues pela Ivone e pelo Zé Maria. Tudo isso será objeto de um exame cuidadoso em Brasília. Disseram-me que tudo me seria restituído mais tarde. Depois disto, um inspetor interrogar-me, perguntando-me primeiro se eu sabia do motivo do decreto de expulsão. Disse-lhe que não sabia. Então, ele me mostrou triunfalmente uma fotocópia de uma carta que eu tinha enviado a Dom Fragoso - Antônio Batista Fragoso, primeiro bispo de Crateús (Ceará) - em dezembro de 1971, e se referia a reunião do Conselho Pastoral da Diocese de Crateús, em novembro do mesmo ano. O inspetor disse-me que essa carteira prova de que eu tinha relações “íntimas” com Fragoso, e deu a entender que essas relações “íntimas” eram o motivo da minha expulsão. Disse-lhe que essas relações não eram assim tão “íntimas” e permaneciam dentro dos limites da moralidade. Depois disso, o inspetor percorreu a minha carta e afirmou que havia nela “palavras marxistas”. Contudo, todas as palavras citadas por ele como sendo marxistas pertencem ou à linguagem habitual ou à sociologia comum. Denunciou com muita força a palavra “conscientizar” que se encontrava uma vez no texto. Achava que essa palavra era marxista e eu lhe disse que, hoje em dia, essas palavras se usavam habitualmente em todas as línguas do mundo, notadamente em inglês e em francês fora de qualquer contexto comunista. A conversa ficou nisso. Não houve nenhuma outra acusação. O avião da TAP chegou às 5h30. Embarcaram-me. Na escala do Recife, não me deixaram descer do avião. Contudo, subiram no avião, embarcando para Lisboa, uma religiosa belga, um sacerdote chileno e um casal francês, todos conhecidos meu. Foi o primeiro contato com o mundo exterior. Assim, soube das iniciativas de Dom Helder, de Dom Ivo e do embaixador belga no rio. Um agente da polícia acompanhou-me discretamente até Lisboa, e tirou retrato das pessoas que conversaram comigo no avião. Em Lisboa, fui apreendido pela polícia (já tinha sido avisado pela tripulação que se mostrou muito amável). Levaram-me a um avião com destino a Madrid, na Espanha. Em Madrid, já não ouvi mais nada. Peguei um avião para Paris onde cheguei às 22h. Peguei o trem noturno para Bruxelas. Terminei esse período no Brasil com muitas saudades. Bem que eu queria permanecer até o fim da vida. Os nossos projetos foram cortados de modo imprevisto. Não sei escrever a todos os amigos para agradecer-lhes a simpatia a compreensão e o apoio. Se for possível, voltarei um dia para o Recife, porém, no momento essa possibilidade me parece bem remota. Sinto perder o contato com todas as iniciativas pastorais da diocese e da região. Um grande abraço para todos. Padre José Comblin.

A trajetória de Joseph Comblin no Brasil começou no final da década de 1950, quando desembarcou no Brasil para trabalhar. O padre estrangeiro adotou o nome José e, após o golpe de 1964, entrou na lista dos religiosos que se tornaram alvo dos militares por suas atividades e posições consideradas "comunistas". Nesse período, passou uma breve

temporada no Chile e voltou em 1965, a convite de Dom Helder Camara, para ser seu assessor. Em seu retorno, desembarcou em Campinas (SP), com o título de doutor em teologia, para dar aulas. Em 1968, através de uma campanha da Tradição, Família e Propriedade(TFP), assinaturas foram colhidas de Norte a Sul, pedindo sua expulsão⁴.

Considerado por alguns teólogos um padre radical em suas críticas, ele também redigiu um documento sobre a situação da América Latina. O texto trouxe mais problemas na relação conflituosa com os militares. Autor, entre outros livros, da Teologia da Enxada, trabalhou com camponeses na Paraíba, pondo em prática a ideia de que a formação teológica não deveria separar a pessoa do trabalho.

No mesmo dia do episódio ocorrido no aeroporto do Recife, o arcebispo foi informado do caso e mostrou-se, segundo seus assessores, "engasgado e indignado" com a expulsão que considerou humilhante em que viveu por algumas horas o amigo Comblin. Em 1º de maio de 1972, Dia do Trabalhador, ele despachou sua carta em tom indignado, considerando a atitude do governo militar como "grave e desrespeitosa contra cidadãos de bem". A carta foi direcionada à comunidade católica, ao episcopado e aos membros da Arquidiocese:

Recife, 1º de maio de 1972. Aos prezados irmãos no episcopado e ao querido povo de Deus da Arquidiocese de Olinda e Recife. Acontecimentos graves e tristes nos obrigam a voltar a escrever-vos pouco tempo depois da comunicação do banimento arbitrário do padre e injusto do nosso caríssimo colaborador padre Joseph Comblin. As autoridades parecem se terem convencido de que a subversão se deslocou do sul para o Nordeste e especialmente para Fortaleza e Recife. Em nossas cidades se vem multiplicando desaparecimentos, sequestros e prisões sobretudo de operários e estudantes, e aqui registramos um primeiro motivo da nossa intervenção e denúncias como pastores: Nem meso a Lei de Segurança Nacional e os próprios decretos de pós-atos AI-5, vem sendo respeitados. Só raramente há identificação dos encarregados das capturas. Jamais há apresentação de ordem de prisão devidamente datada e assinada por autoridades e com indicação de motivos. Ou se prendem nas residências ou no caso de operários ou operárias em pleno horário de trabalho como aconteceu em fábricas como as da Torre, Pilar e Santista, dando a impressão de tratar-se de terroristas e agitadores perigosos. O tratamento já é desnecessário e de extrema violência, havendo caso de depredação quando se trata de residências. Regra geral, se usam viaturas, sem identificação oficial. É fácil imaginar o pânico que ficam as famílias, sem a mais leve consideração. Por que estes dispositivos emanados do próprio governo? Por que não haver comunicado no prazo devido a auditoria militar e porque esta, ao menos aos familiares ou responsáveis, não dariam indicação do ocorrido,

⁴Somente em 2010, o Estado suspendeu simbolicamente a ordem de expulsão. Um ano depois, aos 88, morreu de infarto em Barra (BA). Já doente, pediu para ser enterrado na Paraíba, ao lado do padre cearense José Antônio Ibiapina, que nasceu em 1806 e, aos 60 anos, começou percorreu mais de 600 km pelas províncias do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Sempre de batina, a pé ou a cavalo, pregava, aconselhava e levava o conforto por meio da palavra para o povo sofrido do sertão nordestino. Fonte: Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=852:padre-ibiapina

para emitir, por exemplo, o envio de mudas de roupas, dados que as vítimas são sequestradas, como se acham, sem o direito de levar nada consigo? Como pastores e assumindo responsabilidades diante de Deus, de nossa própria consciência e de pessoas que em nós confiam, afirmando que a regra vem sendo a aplicação de torturas físicas e moras incríveis. Sente-se pressão crescente contra a ação católica operária, pois, há militantes e mesmo um dirigente nacional do movimento presos (...). Até quando o anticomunismo será utilizado como pretexto para manutenção de injustiças que bradam aos céus. Até quando a pretexto de combater o terrorismo, haverá em nome das autoridades policiais ou militares, a utilização de terrorismo, que além de ferir os mais elementares direitos humanos, deixa a vontade de pedir como fez, em tempos de Vargas(ex-presidente Getúlio Vargas), esta admirável figura humana que é o advogado Heráclito Sobral Pinto, que ao menos se aplique a Lei de Proteção dos Animais. Muito de propósito datamos esta carta, de 1º de maio. Não se trata apenas da circunstância de grande parte das vítimas serem trabalhadores e de a Igreja ter crescente preocupação com os operários:queremos também traduzir a nossa preocupação de pastores ao ver que o momento de crescimento econômico adotado em nosso país continua sendo permanentemente pago pelos pequenos, sem vez e sem voz. Tentem eles o mais legítimo e justo dos protestos e serão tratadas como subversivos e comunistas, o que aliás, importa em propaganda da subversão e do comunismo.

Esse não foi o único episódio de expulsão envolvendo religiosos estrangeiros. Registro de um comunicado escrito em nome da Pastoral do povo de Deus, emitido pela Arquidiocese, relatou o caso do padre suíço Romain Zufferey que, em abril de 1977, recebeu da Superintendência da PF notificação informando que o ministro da Justiça "determinou instauração de competente inquérito para efeito de sua expulsão do território brasileiro, referentes à infringência de dispositivos da Lei de Segurança Nacional, como líder da Ação Católica Operária(ACO)". Em sinal de protesto à instauração do inquérito, foi realizada, no Colégio Marista de Recife, vigília de solidariedade a Romain com a participação de freiras, padres, trabalhadores, estudantes, componentes de grupos de jovens de diversas Igrejas e do ex-senador pernambucano Marcos Freire⁵ do extinto MDB/PE.

Indignado com mais esse caso que chamou de "perseguição descabida" aos membros da igreja que vieram de outros países para trabalhar no Brasil, Helder disparou crítica ao tratamento burocrático da Justiça: "Dói ver nosso país continuando a adotar processos que ocorrem com total desconhecimento das vítimas e nos quais a instauração final de inquérito lembra a imposição da auto crítica dos processos comunistas". Referindo-se ao padre Romain Zufferey, "vem-me à mente a palavra de Cristo ao ser traído

⁵Pernambucano de Recife, o ex-senador Marcos Freire faleceu no dia 8 de setembro de 1987 em Carajás (PA), quando o avião em que viajava explodiu logo após decolar. Suspeitas de sabotagem foram compartilhadas por políticos de todas as correntes. O ministro, pouco antes do acidente, solicitou "grampeamento" do telefone de sua residência, porque recebia ameaças de morte. No dia 21 de outubro, após exaustivas inquirições, a Comissão de Investigação de Acidentes Aeronáuticos concluía que o avião havia caído por falha operacional, ou seja, erro do piloto..

e preso no Jardim das Oliveiras (João 18,8): 'Se é a mim que procurais, deixai os meus em paz'".

O Centro de Informações da SSP criou, ao longo do período de censura ao arcebispo, fichários denominados 'Antecedentes de Dom Helder', com informações registradas em forma de notas curtas. Percebe-se nos arquivos que a censura também identificava movimentos socioculturais onde o nome de Helder fosse inserido. Em 1973, relatório destacou que, durante o festival Vinícius de Moraes realizado no Teatro Santa Isabel, centro do Recife, "Dom Helder foi chamado ao palco, onde foi acaloradamente aplaudido pelos jovens". Também foi registrado no dia 17 de julho de 1973, pelo IV Exército detalhes sobre a apresentação do compositor Chico Buarque, realizada no Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, ocorrido em 1971, "onde por solicitação daquele cantor, Helder também foi citado e calorosamente aplaudido".

Vinte e cinco anos depois em uma entrevista, Chico rememorou o episódio e declarou que foi o maior aplauso que recebeu em toda sua vida artística. "Achei que o estádio viria abaixo com tanta euforia ao citar o nome dele". No ano da apresentação, o cantor cumpria turnê nacional de lançamento do disco e show Construção, composto em períodos entre seu exílio na Itália e sua volta ao Brasil. Para os colonistas da área de música, o álbum se apresentou com canções carregadas de críticas ao regime militar, com mais veemência no que concerne à censura imposta pelo governo, com destaque para canções como Cordão e Deus Ihe Pague, alusão ao estado indigno em que as condições individuais se encontravam no país.

Construção era uma das canções preferidas do arcebispo, além de outras obras mais clássicas e pessoais como Valsinha e Minha História que entraram no repertório do show. Em Samba de Orly, parceria com Toquinho e Vinícius de Moraes, Chico cantou abertamente sobre o exílio - o que fez com que a canção fosse parcialmente censurada.

Outra informação desse período apontou que o religioso havia remetido cópia de uma circular defendendo-se de acusações das quais seria alvo. "O nominado estava sentido-se frustrado em seus intentos, voltando a bater na tecla da existência de injustiças e falta de imprensa livre no Brasil". Os dez anos do retorno do arcebispo cearense ao Nordeste, para assumir a arquidiocese pernambucana, foram lembrados e comemorados com uma missa em Ação de Graças, celebrada na Igreja de São Pedro dos Clérigos, no bairro de Santo Antônio.

Ao ato religioso, compareceram mais de 2 mil pessoas. O celebrante relembrou sua chegada ao Recife, em 1964, e o discurso de posse nas imediações da Pracinha do Diário: "Todos são filhos de Deus, revolucionário ou contra-revolucionário, da direita ou da esquerda, minha porta estará sempre aberta a qualquer um, por mais alta que seja a autoridade e por mais humilde que seja a pessoa". Uma observação finaliza a ocorrência

apontando que "dois padres tiveram participação ativa na missa, sendo que um deles procurou elevar o arcebispo à condição de profeta".

Da 2ª Zona Aérea da capital, em abril de 1974, fato de cunho político e partidário foi destacado ao citar que o ex-governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos, uma das lideranças do antigo MDB, foi eleito deputado "com apoio da Coligação Partido Comunista e Dom Helder, financiado pelo empresário José Ermírio de Moraes (1900-1973), fundador do grupo Votorantim". O IV Exército documentou, por exemplo, no mês de junho, o envio de três cópias de fotografias de uma missa realizada na matriz do bairro da Boa Vista, pelo sexto aniversário da morte do padre Henrique. No sermão, Dom Helder se referiu à morte do jovem sacerdote dizendo que "a Igreja está cheia de mártires, mas nem por isso, para com a ação pastoral e hoje mais do que nunca está viva, e que talvez quem sabe, no próximo ano a missa seja de alegria".

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) também contribuiu com informações de rotina. Em envelope confidencial lacrado, enviou cópias xérox das páginas 26 e 27 da revista francesa *Informathion Cathóliques Internationales*, edição 482, com reportagem a respeito do padre Henrique, em que sublinhava novas acusações do arcebispo apontando os militares como responsáveis.

Dois meses depois, a mesma empresa repassou cópias de propagandas descritas como "adversas ao Brasil", procedente da França, entre elas, a proposição do líder da arquidiocese para a criação da Escola Superior da Paz, sem detalhar sobre o projeto. Enviado de Portugal, os militares receberam um recorte do *Diário de Notícias*, de 23 de agosto do mesmo ano, com entrevista concedida por ele ao veículo lusitano. A reportagem gerou ocorrência de uma página com destaque para abertura do texto classificando o religioso "como paladino dos pobres e crítico do governo brasileiro".

As informações seguintes do prontuário saltam para o ano de 1977, com informações sobre a Semana pela Liberdade Democrática, realizado pelo Diretório Central dos Estudantes(DCE/UFPE) entre os dias 21 a 27 de setembro, que abordou como tema central, Movimento estudantil e liberdades democráticas. De acordo com documento do IV Exército, pouco antes da abertura, "chegou ao local um forte contingente da polícia que foi interpretado pelos estudantes do DCE como medida para impedir a reunião". Diante o clima tenso, os alunos redigiram uma nota de repúdio quanto a atitude do reitor que chegou a responsabilizar representantes do diretório por qualquer anormalidade que acontecesse por conta da programação.

O estudante Edval Nunes da Silva, o Cajá, ligado ao PCR e citado em capítulo anterior, atuava como voluntário nos trabalhos sociais de Dom Helder, participou dos debates e teve seu discurso gravado por um militar à paisana. Ele falou sobre a miséria em que vivia o país, em benefício da classe que estava no poder e teceu várias acusações ao

governo, conforme o registro: "Um estudante da Universidade Católica, informou que sairá daquela universidade um abaixo assinado e no dia 12 de outubro de 1977, haveria uma concentração, a fim de que seja reaberto o DCE".

Formulário timbrado do Ministério do Exército repercutiu, na primeira semana de outubro, informação de uma revista de circulação nacional, mais uma vez encaminhada com a observação para que fosse arquivado "no prontuário de Dom". O assunto era "Subversão: os russos confessam tudo", a partir do recorte da revista *Fatos e Fotos*, número 836, edição de 28 de agosto de 1977. Enviado à SSP/PE, o documento detalhou alguns partes do artigo publicado na revista *Revista Internacional* que afirmava que os soviéticos declaram "a participação efetiva da hierarquia católica na conspiração contra o regime político qualificado, pelos dirigentes russos, como uma ditadura militar".

Apontamento ainda indicou que os comunistas soviéticos enaltecem a união entre membros da hierarquia católica brasileira e ativistas "como o meio de atingir o grande propósito da Rússia que é a conquista do Brasil para o comunismo e para sua área de influência". Também houve denúncias "sobre a participação ativa de padres e bispos católicos entre os quais Dom Pedro Calsadáliga, Tomás Balduino, arcebispo de Goiás; e ex- assessor da CPT - Comissão Pastoral da Terra, e Helder Camara". O arcebispo é caracterizado pelos soviéticos como "líder do movimento cristão-comunista e adversário do regime brasileiro".

O IV Exército destacou a conferência aberta a jornalistas, radialistas e estudantes que "reuniu os profissionais de imprensa da capital, João Batista e Ivan Maurício Monteiro, além de dois elementos não identificados, representantes do jornal *Movimento*, tendo este último se referindo às dificuldades que sofre a pequena imprensa". Principal conferencista, o jornalista João Batista abordou questões sobre a liberdade de imprensa naquele ano, fazendo análise crítica da situação econômica, política e social do país.

O termo "anistia", por várias vezes, foi assunto presente no prontuário. Em 26 de setembro de 1977, registrou que "houve a superlotação do auditório com aproximadamente 700 pessoas" e a mesa de debatedores foi composta por representantes sindicais, educadores, militantes de partidos de esquerda e representantes do Movimento Feminista pela Anistia da Paraíba e da Comissão de Justiça e Paz, entre eles, o arcebispo e o professor Sá Barreto. Um dos representantes do movimento, ao final do encontro, leu um documento no qual declarou que, até aquela data, no Brasil existiam cerca de 3 mil presos "políticos", 10 mil exilados, 30 mil cidadão fichados no Dops e outros órgãos de segurança. "O presidente do DCE, Constantino Pimentel, fez exaltação a Duque de Caxias, dizendo: "Se Caxias estivesse vivo e nesta mesa tivesse uma cadeira vazia, estou convicto de que ele estaria ao nosso lado". Dom Helder foi o primeiro a aplaudir o discurso do estudante.

Último a falar no encontro que se encerrou no início da madrugada, Helder Camara iniciou suas colocações dizendo que gostava de falar ao microfone "porque eles gravam e eu respondo por aquilo que digo e não por aquilo que dizem que eu digo". Ele declarou que o "Brasil estava perdido", mas reafirmava sua fé, quando via uma juventude como a que fala, grita e luta por seus direitos. "Os jovens não estão calados, pois já se vê uma luz ao longe, quando se faz um olhar sobre a cidade", pronunciou Dom Helder que estava acompanhado do padre estrangeiro Lawrence Edward Rosembaum.

Informe confidencial de número 205 do prontuário relatou que, no dia 21 de novembro de 1977, o DA da Faculdade de Direito da UFPE "requereu ao diretor acadêmico permissão para realizar no salão nobre, uma conferência, sobre direitos humanos". A conferência estava marcada para o dia 5 de dezembro de 1977, com a participação de Dom Evaristo Arns e Dom Helder Camara. Até a data do registro, a petição não havia sido despachada porque o diretor se encontrava ausente do Estado. No documento acrescentou-se que "caso a cessão do salão seja negada, o DA de direito iniciará no recinto da faculdade, uma série de protestos, agitações e possivelmente depredações, como represália". Não houve sequência de informações sobre esse evento envolvendo universitários.

O último registro deste ano inserido nos antecedentes informou sobre o envio de cópias de fotografias do folheto *Ação Solidarietà*, a respeito do problema social envolvendo a comunidade de moradores do Maruim. "Arquidiocese de Olinda e Recife tem realizado uma campanha pró-desabrigados, propondo-se alimentá-los e até a construir novas casas, e para tais fins, tem arrecadado donativos na igreja da Diocese".

A CMVDHC comprovou que hierarquias da segurança pública do Estado, a partir de 1964, passaram a dar suporte às várias formas de perseguição aos homens e mulheres visados pelo governo. A Polícia Militar do Estado contribuía, principalmente, nas cidades pólos do interior, com informações aos comandos do Exército, como comprova um dos telegramas arquivados no prontuário. Do município de Petrolina, no Sertão do Francisco, a 720 quilômetros do Recife, em 1975, foi enviado à SSP/PE, com "indicação de serviço urgentíssimo", dados referentes à posse do bispo Dom Gerardo de Andrade Pontes.

Para a solenidade, esperava-se a presença dos bispos Dom Miguel Fenelon Câmara, de Maceió (AL); Dom Joaquim do Rêgo, de Quixadá (CE); Dom Cândido Soares, de São Raimundo Nonato (PI); Dom Antônio Soares, de Natal (RN); Dom Lamartine Soares, de Olinda (PE); Dom Aluísio Loshaider, de Fortaleza (CE); além do arcebispo Dom Helder Camara, apontado como uma das personalidades católicas do evento. Ao final do telegrama, destacou-se que, no dia 18, após a solenidade religiosa, o comando do 5º BPM, mandaria relatório circunstanciado, com "detalhes minuciosos" sobre a cobertura do evento.

Acossado por conta das constantes perseguições, Dom Helder não dispensava os convites para fazer palestras em instituições, ser paraninfo de turmas de formandos e aderir a movimentos organizados por estudantes universitários. Muitos desses encontros tiveram a presença de militares, à paisana, para verificar a organização e até gravar, sem que ninguém percebesse, os discursos dos participantes. Nas solenidades de caráter sociopolítico, envolvendo instituições públicas, palestra de Dom Helder foi monitorada e os trechos transcritos para compor os arquivos do prontuário.

Com o carimbo “confidencial” de cor vermelha da SSP, os órgãos inseriram o discurso “Saudação fraterna aos parlamentares de Pernambuco e de todo Brasil”, datado de 31 de maio de 1973, proferido na Assembléia Legislativa de Pernambuco agradecendo a homenagem feita ao clero, durante a comemoração aos 150 anos de instalação do Poder Legislativo do Brasil. Nas entrelinhas do discurso, não poupou críticas ao governo militar: “É difícil e duro festejar século e meio da instalação do poder legislativo no Brasil, quando os parlamentares vivem dias terríveis de esvaziamento da missão política em nossa pátria”. Ele ressaltou ainda que o esvaziamento não atingia somente deputados e senadores. “Na medida em que são representantes do povo, é o povo inteiro que desta maneira, é mais atingido e mutilado”.

Antes de finalizar sua retórica, clamou ao público o envolvimento coletivo no sentido de combater injustiças, defendeu a liberdade de expressão, comparou as torturas recorrentes ao nazismo de Hitler e fez um mea-culpa em nome da Igreja sobre a Inquisição como um “grave erro”:

Velai para que a liberdade volte ao meio estudantil, sobretudo e evidente ao meio universitário. Como conceber Universidade sem liberdade? Ajudai a imprensa escrita e falada a reconquistar a liberdade. Como acreditar no autêntico desenvolvimento se a crítica é temida, combatida, tornada impossível.[...] Injustiças não a queremos nem exercidas sobre nós. Quando a Igreja fala em opressão seríamos indignos de Cristo, se silenciássemos de um lado, antes injustiças institucionalizadas, que mantêm em si ação indigna de condição humana 2/3 da população do país e do mundo; de outro lado, se não emprestássemos voz aos que barbaramente foram torturados, e, não raro, mortos por diversos dispositivos para-legais, que lembram tristemente, os dias hediondos de Stálin e Hitler. Infelizmente, neste particular de torturas, a Igreja tem que ter a lealdade de reconhecer através da fraqueza humana da Inquisição, é triste predecessora⁶.

⁶Trechos do discurso disponível na pasta de pronunciamentos do prontuário de Dom Helder Camara no portal do acervo Cepe da Comissão da Memória e Verdade. Acesso 5 de Agosto de 2019. Disponível em: <http://www.acervocepe.com.br/acervo/arquivos-da-comissao-estadual-da-memoria-e-da-verdade-dom-helder-camara>

4.2 Memórias do arcebispo e revelações da Comissão da Verdade em Pernambuco

Depois de quatro anos de trabalho, em 2017 a Comissão Estadual da Memória e Verdade, criada através da Lei nº 14.688, de 1º de junho de 2012, apresentou o relatório final a respeito das violações dos direitos humanos praticadas contra cidadãos entre os anos de 1946 e 1988. Denominada Comissão Estadual da Memória e da Verdade Dom Helder (CEMVDH), enfrentou uma série de dificuldades decorrentes do transcurso dos entre os fatos investigados e o início de suas atividades. No entanto, diante das circunstâncias em que a transição da ditadura para a democracia ocorreu no Brasil, a situação foi agravada no período em que os principais agentes da repressão, usando a estrutura do Estado, como se observa no relatório, atuaram livremente para destruir provas, ocultar a verdade, alterar cenários e tentar encobrir suas responsabilidades.

Não obstante, os trabalhos elucidaram casos emblemáticos como o sequestro e assassinato do padre Henrique Pereira da Silva Neto, ocorrido em 1969, quando a vítima atuava como coordenador da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Olinda e Recife - e boa parte das violações aos direitos humanos ocorridas em Pernambuco ou envolvendo pernambucanos fora do Estado no período de 1964 até o ano de 1988. O trabalho foi dividido em dois volumes e composto por cerca de 70 mil documentos, publicados pela Companhia e Editora de Pernambuco (CEPE). A equipe coletou 157 depoimentos de pessoas e o relatório apontou 51 mortos e desaparecidos políticos e a responsabilização pelos atos criminosos, indicando conclusões e recomendações.

O advogado Fernando Coelho⁷ ressaltou que alguns dos crimes deixaram de ser interpretados pelo decurso do tempo, pela forma como ocorreu a transição da ditadura para a democracia e por outras dificuldades. "Fizemos tudo que foi possível fazer. Fomos além do que esperávamos e aquém do que desejaríamos, porque não conseguimos esclarecer tudo", declarou. Em 2012, quando da posse dos nove membros da 1ª Comissão Estadual da Memória e da Verdade instituída por Lei, o governador do Estado, Eduardo Campos⁸, neto do ex-governador, Miguel Arraes, perseguido e deposto pelos militares, ressaltou o valor de memória dos documentos, recorrendo ao filósofo francês Voltaire: "As verdades são frutos que apenas devem ser colhidos quando bem maduros. Nós podemos afirmar aqui que já tarda a verdade a respeito da tenebrosa noite de escuridão que pesou sobre gerações de

⁷Ex-deputado federal e ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em Pernambuco, Fernando Coelho foi coordenador da Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara. Faleceu em 24 de abril de 2019, em João Pessoa (PB), vítima de AVC.

⁸Eduardo Henrique Accioly Campos, nascido no Recife, foi economista, político e exerceu cargo de secretário de estado, ministro no governo de Luiz Inácio Lula da Silva e governador de Pernambuco por dois mandatos. Eduardo desde cedo conviveu com nomes emblemáticos da política local e nacional. Foi presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e foi candidato à Presidência da República nas eleições presidenciais de 2014, quando faleceu em um acidente aéreo ocorrido na manhã de 13 de agosto de 2014. O jato em que viajava na maratona da campanha, caiu em um bairro residencial de Santos

brasileiros e brasileiras”. No seu discurso, Eduardo Campos afirmou a respeito do trabalho da Comissão: “ela irá nos iluminar. Não para avivar rancores, atizar ódios e acrescentar ressentimentos, mas para que todos nós tenhamos o entendimento dos fatos, o conhecimento dos nomes e possamos refletir sobre as contingências de cada tempo”.

A documentação faz parte do Memorial da Democracia de Pernambuco, disponível no Arquivo Público do Estado e nos sites da Comissão da Verdade e do acervo da CEPE. Os dois volumes trazem série de documentos administrativos, reprodução de audiências públicas e reservadas, processos de indenização aos ex-presos políticos, perfis dos mortos e desaparecidos, biografias de militantes partidários, prontuários de Dom Helder Camara e Miguel Arraes de Alencar, relatórios do caso Padre Henrique e histórico dos vários tipos de violações, inclusive dos direitos humanos no âmbito das religiões.

Na ficha de qualificação do Dops, o filho de João Eduardo Torres Camara e da professora Adelaide Rodrigues Pessoa Camara, brasileiro, solteiro, cearense de Fortaleza, nascido em 7 de fevereiro de 1909, foi registrado com a profissão de arcebispo. No questionamento sobre escolaridade, nenhuma resposta. Nos caracteres cromáticos, foi descrito como tendo cabelos castanhos lisos, barba e bigode raspados, olhos castanhos, estatura mediana, corpo franzino. Onde trabalha? Arquidiocese de Olinda e Recife. O formulário tinha duas fotografias de perfil, em preto e branco. No final da ficha, dois espaços ficaram sem preencher: dados sobre nome das pessoas que o conhecem, as respectivas residências e os nomes dos investigadores à época.

No acervo memorial de impressos, manuscritos e imagens fotográficas, em formato digital, há documentos coletados desde os anos 1960. O banco de dados da CEPE, que continua em construção com apoio do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC) e do Instituto Dom Helder Camara (IDHeC), dispõe de anotações, pronunciamentos, informações, declarações, fotos, boletins, escutas telefônicas, recorte de jornais e periódicos da Igreja catalogados.

A maior parte das ocorrências relevantes entre as décadas de 1970 e início dos anos 1980 foi registrada por vários órgãos a serviço do CIE, incluindo a Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco que atuou, constantemente, na espionagem a Dom Helder Camara em sua rotina entre Recife e Olinda, além de outras cidades do interior do Estado, para participar de compromissos social ou religioso. Abordaremos, adiante, parte dos documentos relevantes que constituem seu prontuário organizado pela Secretaria de

⁹O pernambucano Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo foi político, diplomata, historiador, jurista, orador e jornalista brasileiro formado pela Faculdade de Direito do Recife. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e foi considerado um dos grandes diplomatas do Império do Brasil (1822-1889), além de orador, poeta e memorialista. Uma de suas célebres frases foi “A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil”, a mesma que reforçou o discurso de Dom Helder Camara. Nabuco nasceu no Recife, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, a 17 de janeiro de 1910.

Segurança Pública, em 1967, mesmo ano em que Helder recebeu homenagem institucional, na Assembleia Legislativa, ao ser agraciado com o título de cidadão pernambucano.

Na solenidade, ele alinhou os ideais de liberdade ao tecer críticas sobre questões sociais do Nordeste e evocou o pensamento do abolicionista Joaquim Nabuco⁹ e os versos do poeta João Cabral de Melo Neto (nome não citado no registro), ao fazer analogia com uma de suas obras emblemáticas. Durante a homenagem, ressaltou que o estado pernambucano "não nasceu para adormecer sobre louros de ontem. O passado para nós é incentivo para o presente e futuro. Urge completar abolição e reviver Guararapes¹⁰ e sermos dignos de vocação democrática de Pernambuco". Mais, adiante, questionou: "Se Joaquim Nabuco aparecesse amanhã ao Recife e percorresse nossa zona canavieira, sentiria ou não a necessidade de reabrir a campanha abolicionista?". Sob aplausos dos parlamentares e integrantes da Igreja, Helder disse que "nem precisava imaginar a chegada de Castro Alves¹¹ porque a providência suscitou o poeta, não menor ajustado à inspiração dos nossos dias, e que outro legou Morte e Vida Severina¹²".

O arcebispo concluiu seu argumento fazendo uma breve interpretação sobre o desprezo da sociedade em relação aos nordestinos: "defrontamo-nos com os textos que tem muito das mensagens dos antigos profetas, emocionamo-nos com os quadros cujo realismo nos abala, guardamos nos ouvidos músicas que nos completam a grandeza". Contudo, não obstante a beleza do texto, "saímos impressionados até a primeira ou segunda esquina. Depois viramos a página, esquecidos de que no Nordeste, os severinos são legião, e se multiplicam e tendem a multiplicar-se ainda mais".

No prontuário, há uma série de anotações destacadas do ano de 1967, reunindo títulos de matérias que fizeram referências ao arcebispo. Entre os títulos e manchetes do *Jornal do Commercio*, estão "Dom Helder pede não confundir humanismo com

¹⁰ A "Batalha Dos Guararapes" foi um confronto armado envolvendo o Reino de Portugal, apoiado pelos luso-brasileiros defensores do Império e o exército invasor da República das Sete Províncias Unidas (Holanda), pelo domínio da região nordeste do Brasil, no Brasil Colônia. A luta durou de abril de 1648 a fevereiro de 1649 e teve como palco o Morro dos Guararapes, região do município de Jaboatão dos Guararapes, próximo à Recife, onde ocorreram as duas batalhas do conflito nas quais tropas coloniais da Coroa portuguesa sagraram-se vitoriosas. Esta batalha é considerada o marco simbólico para a origem do Exército Brasileiro, uma vez que o sentimento de patriotismo e nacionalismo brasileiro alinhou europeus, luso-brasileiros, negros e indígenas para expulsar os holandeses.

¹¹ Dom Helder era leitor voraz de poesias do baiano Castro Alves (1847-1871) e admirava mais ainda os versos de cunho social. Poeta dos Escravos, expressou em suas poesias a indignação aos graves problemas sociais de seu tempo. É patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras.

¹² O poema dramático "Morte e Vida Severina" é a obra-prima do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999) que encantou Dom Helder à primeira leitura. Escrito entre 1954 e 1955, trata-se de um auto de Natal de temática regionalista. Sem abrir mão do rigor imagético e da síntese expressiva, João Cabral retrata a trajetória de Severino, que deixa o sertão nordestino em direção ao litoral em busca de melhores condições de vida. Ele encontra no caminho outros nordestinos que passam pelas privações impostas ao sertão. A aridez da terra e as injustiças contra o povo são percebidas em medidas nada sutis do autor. Assim, ele retrata o enterro de um homem assassinado a mando de latifundiários.

comunismo”, “Ataques beneficiam pregação, diz bispo”, “Arcebispo responde: E daí?”, “Júri vai julgar Dom Helder Camara”, “Dom Helder usa telefone e pede casa popular”, “Presidente mostra seu entusiasmo com sermão favorável de D. Helder”.

Do *Diário de Pernambuco*, o serviço informação reproduziu entre outras chamadas “Frente ampla contra a miséria é proposta por arcebispo”, “Dom Helder e reformistas são acusados de comunismo” e “Dom Helder disse em Fortaleza que é perigoso prometer a Nordeste”. O *Diário da Noite*, que pertencia ao sistema de comunicações do *Jornal do Commercio* e saiu de circulação em 1985, também teve suas matérias selecionadas nos arquivos: “Façam justiça a Dom Helder”, “Dom Helder no banco dos réus”.

Quando esteve em Berna, na Suíça, em janeiro de 1970, o arcebispo concedeu entrevista à *Rádio Nacional da Suíça*, criticando a conduta atual do governo, com expressões consideradas de caráter subversivo, conforme ocorrência da secção de anotações do IV Exército. Segundo a imprensa, ele recebeu cartas de apoio assinadas por personalidades políticas de países como México, Suécia, França e Noruega, por "ter sido agracia", e não indicado, como seria o correto, ao Prêmio Nobel da Paz. Registros datilografados sem precisão de fontes, contendo vários erros de grafia, apontavam o "arcebispo vermelho". Reportagem publicada na revista *O Cruzeiro* repercutiu pela imprensa francesa, através do jornal *FigaroLitte*, com texto de autoria de Pierre Maurec.

Na descrição do SIE, havia uma organização de publicidade relacionada aos padres contestadores, que agiam na França, no intuito de transformar a igreja em um instrumento de subversão social. A exposição em torno do arcebispo do Recife era monitorada por parte da imprensa esquerdista e também da chamada burguesa que adotou a linha “sinistra”, como o francês *Le monde*. Para o jornal *France-Soir*, extinto em 2012, Dom Helder foi o pesadelo das classes possuidoras da América Latina, tendo diversas alcunhas: o "arcebispo vermelho, o “bispo dos pobres” ou o “arcebispo das favelas”. A ideia era propagar a crescente campanha de propaganda de esquerda infiltrada no catolicismo brasileiro.

Diante da proximidade do religioso com os movimentos sindicais da década, os arquivos trazem reportagens de veículos alternativos, vinculados às legendas partidárias e movimentos sindicais. Do dia 1º de outubro de 1970, foi informado que a revista *Víspera* fez elogios à publicação da *Fato Novo* - jornal de fachada legal do Comitê Central do PCB - que passou a circular a partir de abril daquele ano, em lugar do jornal clandestino *Resistência*. Artigo incluído na edição, sob o título "Torturas e torturadores: crítica e autocrítica", limitou-se a elogiar a figura do arcebispo transcrevendo trechos de suas entrevistas no exterior.

A *Víspera* tinha como slogan - um serviço para América Latina do Movimento

Internacional de Estudantes Católicos (MIEC) e da Juventude Estudantil Católica Internacional (JECI). Em caixa alta, o boletim de anotações frisou que "era na realidade e, sem sombra de dúvidas, conforme poderá concluir-se pelo teor dos artigos, um veículo à serviço do Movimento Comunista Internacional". No relato da Delegacia de Segurança Social da SSP, com data de 11 de dezembro de 1970, foi enfatizado o clima tenso das relações entre o arcebispo e o então governador do Estado de São Paulo, Abreu Sodré - o primeiro a ser eleito indiretamente, para o período de 1967 a 1971.

Em um texto de cinco laudas, Camara se defendeu dos ataques de Sodré que o acusou de ser financiado pelo Partido Comunista e reafirmou que, em suas conferências, atacou tanto os Estados Unidos, como potência imperialista, como a União Soviética e a China, "que praticam também um imperialismo desumano e anticristão". Nas denúncias que fez em Paris, em uma de suas últimas viagens, falou sobre torturas contra presos políticos, contudo enfatizou que as declarações "foram feitas antes por parte de uma missão de pleitos enviados por três organismos de juristas internacionais do Brasil".

"Prêmio Nobel da Paz' era um tema recorrente nesse período, a ponto de irritar os militares da linha dura em favor do AI-5. No Brasil, sempre rendia repercussão na imprensa e, de forma negativa, nos corredores dos batalhões, quando o nome do arcebispo era pautado no exterior, vinculando-o à possibilidade de premiações internacionais. Em 1970, o padre de origem nordestina, nascido no estado do Ceará e que virou arcebispo, recebeu o Prêmio Martins Luther King (EUA), pela defesa dos direitos humanos, o que já provocou rachaduras nas relações com o governo, porque aos americanos "Helder expôs suas farpas criticando o governo".

Notícias sobre homenagens e prêmios internacionais concedidos na Europa exigiram atenção dobrada diante das possibilidades do arcebispo continuar fazendo críticas e acusações contra o governo. Nesse período, ele iniciou em Paris uma série de denúncias contra a tortura a presos políticos, replicando a situação em outras viagens internacionais. Em entrevista à repórter italiana Oriana Fallaci¹³ para o *L'Europeo*, Dom Helder foi incisivo: "Considero crime contra a pátria não denunciar as torturas no meu país. É inútil tentar intimidar, pois no meu coração não há dúvidas e o que existe nele vai direito aos meus lábios. Eles não podem me afastar ou calar". E concluiu: "não conheço

¹³Oriana Fallaci (1929-2006) foi uma das mais célebres entrevistadoras da história do jornalismo. Durante sua longa carreira, esteve tête-à-tête com uma infinidade de personalidades, de Henry Kissinger a Muhammad Ali, de Yasser Arafat a Golda Meir, de Indira Gandhi a Deng Xiaoping. Estava no auge, em 1970, quando entrevistou Dom Helder Câmara, e não escondeu sua admiração por ele no decorrer do encontro. Publicada no *L'Europeo*, a entrevista foi republicada em dezenas de países. Curioso: o esquerdista Dom Helder teve um passado fascista na juventude, sobre o qual conversa abertamente com Fallaci. A jornalista, ao contrário, foi esquerdista até a idade madura, mas nos últimos anos de vida deu uma guinada à direita e publicou textos antiumanos. Informação disponível em <https://www.socialistamorena.com.br/entrevistas-historicas-oriانا-fallaci-entrevista-dom-helder-camara/>

nenhuma outra autoridade além do Papa”.

Quando teve seu nome indicado para o Prêmio Nobel por sugestão do episcopado alemão e da Confederação Latino-Americana Sindical Cristã, o assunto provocou satisfação entre admiradores e mal-estar no meio militar. O assunto ganhou as páginas dos boletins de ocorrência quando o então bispo de Münster, na Alemanha, Heinrich Tenhumberg, assinou uma carta propondo a candidatura do arcebispo. De imediato, os militares promoveram uma campanha contrária e agressiva no exterior.

O Ministério da Justiça determinou, oficialmente, em 1º de setembro de 1970, que estavam “proibidas em todos os órgãos de imprensa, rádios e televisão, publicações e divulgação de entrevistas, artigos e reportagens envolvendo Dom Helder Camara” A campanha ganhou efeito contrário perante a opinião pública que se perguntava se ele não podia defender-se. Isso aumentou, em todo país, a onda de admiração por sua personalidade e posições em defesa da liberdade de expressão e dos oprimidos. Dois dias depois, nova determinação do Ministério foi repassada à imprensa, acrescentando que “tal proibição era extensiva aos horários de televisão reservados à propaganda política”.

Na imprensa estrangeira, o arcebispo conquistou espaço naturalmente e posicionou-se diante das acusações que lhe eram dirigidas com frequência por jornalistas, intelectuais e representantes do governo. De acordo com a CEVMDHC, para se contrapor aos canais abertos e as influências que Helder tinha na Europa, “a ditadura promoveu campanha de difamação buscando relatos e informes produzidos por padres ditos inimigos do arcebispo”. Com isso, o foco era desmoralizá-lo em sua capacidade de gestor eclesiástico, mostrá-lo como uma pessoa rebelde e sem compromisso com a espiritualidade cristã, como está descrito no Caderno da Comissão da Memória e Verdade.

Um perfil detalhado sobre Dom Helder, feito pelo Dops, revelava as estratégias da campanha de difamação movida pelo regime contra ele. O clero conservador não colaborava com o Dops-GB (Estado da Guanabara) contra os progressistas porque também temia a repressão e tinha uma opinião negativa sobre a polícia. Segundo O Estado de S. Paulo, porém, o documento de Dom Helder foi escrito pelo padre conservador Álvaro Negromonte e descoberto entre seus pertences após sua morte em 1964. A evidência, no entanto, sugere que a polícia produziu o documento consultando clérigos inimigos de dom Helder, seguiu-o durante anos e depois deixou vazar. O tom íntimo e o conteúdo bem informado do relatório aludem às realizações de dom Helder antes do golpe e indicam que seus autores receberam ajuda de gente do interior da Igreja que pertencia ao grupo conservador de clérigos. Com o carimbo de “secreto”, o documento continha uma anotação não de autoria, mas sim de “apreciação do Pe. Negromonte”. Tinha também as iniciais “D.J.”, sugerindo que o próprio

¹⁴Depoimentos inseridos no Caderno da Comissão da Memória e Verdade, "Prêmio Nobel da Paz: A Atuação da Ditadura Militar contra a indicação de Dom Helder Camara". Volume IV. Editora Cepe.

Dom Jaime, que, por ciúmes profissionais, ajudara a forçar a partida de Dom Helder do Rio de Janeiro para o Nordeste em 1964, também dará sua opinião¹⁴.

No livro *O Caminho Espiritual de Dom Helder*, o professor, teólogo e filósofo Ivanir Antônio Rampon registrou que na época em que começou a se especular a possibilidade do brasileiro concorrer ao Prêmio Nobel - cuja distinção é entregue a pessoas ou organizações que trabalham por ações de fraternidade entre as nações e se esforçam para o fim das guerras -, o arcebispo perguntou a um jornalista do *The New York Times* o porquê de tanto assédio. Recebeu, de imediato, a resposta: a instrução que recebera de seu editor era que estivesse preparado para divulgar a eventualidade de Helder Camara ser agraciado com o prêmio Nobel da Paz ou sua eliminação?

Ressabiado em relação ao comportamento de alguns jornalistas e o papel dos veículos de comunicação que lhe censuravam através de articulistas, tomou satisfação, pessoalmente, junto à direção do *Jornal do Commercio*, no Recife, para esclarecer sobre uma matéria publicada com depoimento que não havia dado, ainda mais com informações contrárias ao seu pensamento. Com a *Rede Globo*, o primeiro embate ficou conhecido no Recife, entre os formadores de opinião, assessores e religiosos. O caso ocorreu em agosto de 1970 e culminou com a publicação de uma declaração de repúdio para emissora de Roberto Marinho, com o seguinte teor:

O público numeroso que acompanha as novelas pelo Canal 2 desta cidade viu, na 2ª feira 24 de agosto, a novela *Irmãos Coragem*, ser retardada para uma informação da maior importância e gravidade. Surgiu, então, um videotape, que a Cadeia Nacional da TV Globo difundiu por todo o País. Nele, o Sr. Amaral Neto conversa com um jovem que se identifica como Oficial do Exército e afirma ter sido torturado e, inclusive, suspenso em uma cruz; e declara que as torturas lhe foram infligidas pelo Exército Brasileiro, como exercício de Operação anti-guerrilhas. O entrevistador faz, então, declarações gravíssimas: diz que várias revistas estrangeiras divulgaram a fotografia do oficial torturado, como prova de que há torturas em nosso País e afirma que eu fiz o mesmo. Como prova, exibiu montagem fotográfica em que apareço paramentado para a missa e apontando na direção do oficial pregado na cruz. Como se trata de infâmia torpíssima, faço um apelo à dignidade da TV Globo para que me faculte – no mesmo horário, no mesmo programa, com igual espaço de tempo e em amplitude nacional – oportunidade de defesa. Explicarei, então, porque, em Paris, a 26 de maio, me decidi, em consciência e pela primeira vez, a denunciar torturas em nosso País: torturas, cuja existência, simultaneamente, eram denunciadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; torturas que infelizmente continuam, conforme denuncia de Bispos e Clero do Maranhão, quanto a um sacerdote de São Luís(MA). Claro que respondo, plenamente, pelas afirmações que fiz, mas tornarei patente o expediente vil, a calúnia grosseira,

assacada contra mim. Trata-se, aliás, de episódio dentro da Campanha nacional de tentativa de desmoralizar-me. Em breve, responderei, de modo objetivo, às principais acusações que me são feitas, inclusive quanto ao financiamento de minhas viagens ao exterior. Seria o caso, aliás, de perguntar: quem dirige e financia a investida difamatória, que cobre todos os grandes centros do País? E por que, se estamos em democracia, não assegurar ao acusado o direito natural de defesa, com oportunidades iguais? Atingindo o Canal 2, diretamente, a minha família espiritual, os meus diocesanos, encareço à direção da TV Jornal do Comércio que me seja facultada igual oportunidade de defesa e de esclarecimento. Seja-me permitido acrescentar que o Governo Colegiado e o Conselho Presbiterial são solidários 'com esta minha atitude de exigir o direito natural de defesa, em face de uma calúnia que, indiretamente, atinge, com sua infâmia, a arquidiocese inteira'¹⁵.

Ao longo da década, as atividades religiosas em diversas paróquias e pastorais espalhadas no Grande Recife e Olinda chamavam a atenção dos órgãos de segurança que investigavam a possibilidade de haver "balbúrdia que desrespeitasse a ordem nacional". No prontuário, registro apontou que, em dezembro de 1971, durante palestra "para um grande público com suspeitos infiltrados" na igreja do bairro Jardim São Paulo, cristãos e admiradores espalharam frases para recepcioná-lo: "Helder, uma curtição", "Helder suas palavras, nosso ideal" e "Helder, conte conosco".

Dois quadros foram fixados em suas paredes: no primeiro, a pintura artística trazia um casal de lavradores, com uma criança mal nutrida; no segundo, um operário carregando uma cruz; e sobre o símbolo religioso do cristianismo, um padre com uma bíblia; ao lado, dois rapazes caídos, um ferido cheio de ataduras, sendo vigiado por soldado empunhando um fuzil.

Abaixo da tela, a frase: "Jesus Cristo, eu estou aqui", baseado na letra da canção Jesus Cristo, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, lançada com sucesso radiofônico no mesmo ano. Helder tinha apreço pelo cantor e gostava de ouvir suas canções com mensagens de paz e religiosidade. Nessa letra, por exemplo, se sentia representado nos seguintes trechos: Em cada esquina vejo / O olhar perdido de um irmão / Em busca do mesmo bem/ Nessa direção caminhando vem.../ É meu desejo ver / Aumentando sempre/Essa procissão / Para que todos cantem / Na mesma voz essa oração. Por várias vezes, até o começo dos anos 1980, o arcebispo foi recebido pelo "rei" da Música Popular Brasileira, em seu camarim após os shows no ginásio do Geraldão.

Para a censura, os sermões e palavras de Dom Helder funcionavam como espécie de diálogo direcionado aos jovens para desfazer as inúmeras acusações que partiam de

¹⁵Texto disponível na íntegra no prontuário de Dom Helder Camara no site da Comissão da Memória e Verdade/ Cepe.

seus desafetos. Os anos seguintes se tornaram mais sombrios na rotina do religioso. Breve anotação registrou que o *Diário Popular*, de São Paulo, noticiou que Dom Helder Camara "descarregou, no dia 17 de janeiro de 1972, em Nova York, ataques contra as nações ricas e as superpotências tanto capitalistas como socialistas", e afirmou também que "a integração econômica é o único caminho que a América Latina poderia seguir para superar a pobreza. Junto com as superpotências capitalistas são corruptas com seus sistemas brutais".

Ocorrido em 1969, o episódio do assassinato do padre Henrique voltou à pauta dos militares três anos depois, por conta do sermão do arcebispo no colégio dos irmãos Maristas, na avenida Conde da Boa Vista, para celebrar missa de sétimo dia pela memória de José Henrique Pereira da Silva Neto, pai do padre torturado e morto pelo regime, conforme conclusão dos trabalhos da Comissão Estadual da Memória e Verdade. A celebração contou com o apoio de outros três párocos que lideravam movimentos de jovens no bairro do Ibura.

No momento da pregação do evangelho, "padre Helder", como muitos fiéis dos bairros da periferia costumavam chamá-lo, provocou os católicos para lembrar os motivos do episódio e, mais uma vez, confrontou, indiretamente, os militares. "O senhor José morreu devido a pressão e calúnias sofridas tanto ele, quanto o seu filho. Aqui devíamos todos nós cristãos dar o testemunho a Cristo lutando por um mundo novo". Na prelação acrescentou o desejo de um mundo em que "ímpere o amor, a paz e a justiça, por um mundo onde as classes reinem como no reino de Cristo".

A maioria dos documentos inseridos no prontuário recebeu carimbo de "confidencial". O Ministério da Marinha, em 16 de janeiro de 1973, descreveu que o arcebispo teria preparado um manifesto coletivo e distribuído para as igrejas que "comungam com suas ideias, acusando os órgãos de segurança de praticarem arbitrariedades contra estrangeiros em visita ao Brasil". Em um dos trechos, ele denunciou: "Mais uma vez concretizam-se ações criminosas em nosso país. Uma estrangeira chegada ao Brasil com o propósito de casar e constituir família, foi barbaramente assassinada e acusada de subversiva".

O nome da vítima não aparece nem nos escritos do manifesto nem no documento de informações do prontuário. Sobre o mesmo assunto, registro de número 007 ressaltou que o padre Severino (sem sobrenome), pertencente à Paróquia de São Sebastião, no bairro Vasco da Gama, periferia da cidade, teria sido encarregado da distribuição do manifesto. Abaixo do documento, a observação de que "o destinatário é responsável pela manutenção do sigilo das informações" e em caixa alta, "a revolução de 1964 é irreversível e consolidará a democracia no Brasil".

Do Departamento de Telecomunicações de Pernambuco (Detelpe), ligado à extinta Secretaria de Transportes e Comunicações, partiu um registro sucinto informando que

Helder havia requerido uma solicitação de antecedentes criminais e políticos em seu nome, com o objetivo de renovar seu passaporte para fazer novas viagens internacionais. O documento foi despachado pela SSP/PE ao então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid. No mesmo dia, de Brasília, o ministro enfatizou que fossem cumpridas as exigências burocráticas para que o documento fosse expedido dentro das normas legais.

O órgão oficializou, na semana seguinte, parecer de que não havia antecedentes criminais na delegacia que comprometessem o cidadão Helder Camara, em declaração assinada pelo delegado José Oliveira Silvestre. Com esse mesmo teor, foram emitidas, nos anos de 1971 e 1972, respostas semelhantes às solicitações protocoladas pelo religioso. Nessa época, era hostilizado por setores da imprensa e recebeu ameaças de morte através de telefonemas anônimos. Ainda assim, não baixou a cabeça, não interrompeu sua agenda de compromissos e muito menos abandonou seu afã de combater as mazelas com ações beneficentes voltadas para as comunidades pobres da periferia e das favelas da Região Metropolitana do Recife (RMR). Eram atividades sociais que fazia quando era bispo no Rio de Janeiro e ganhou reportagem de capa na extinta revista *Manchete* com o título: “Na favela, até os cachorros gostam de Dom Helder”, produzida e assinada pelo jornalista Thiago de Mello.

Outro registro, sob o número 229, de origem do CIE, de 13 de setembro de 1977, teve como assunto “Missa pelo povo da ilha de janeiro”. O episódio se referiu a uma celebração na igreja de Nossa Senhora do Bom Parto, conduzida pelo arcebispo em companhia de outros dois padres que integravam a pastoral da Arquidiocese. Segundo a ocorrência, o público havia ocupado todos os lugares da igreja durante a missa cujo sentido foi anunciado ao microfone “para pedir a Deus que ilumine as autoridades que ainda podem salvar os direitos do povo da ilha, para o ideal de ficar ou para que a indenização seja realmente justa”.

O trecho do evangelho foi o Sermão da Montanha¹⁶, especificamente, os versículos 20 e 22, os quais se referem aos pobres, aos que tem fome e que são perseguidos por causa de Cristo. Após a leitura, o arcebispo detalhou um abaixo assinado e, para destacá-lo melhor, o situara entre o evangelho e seu sermão. Contendo os pontos emergenciais das reivindicações, o documento foi lido pelo biscateiro Severino Salustiano, uma das lideranças da comunidade. Depois da explanação sobre o teor do abaixo assinado, Dom Helder abriu seu sermão dizendo que gostava de tudo bem explicado. “Somos filhos de Deus e Deus não fez homens enormes e homens pequeníssimos, nem super-homens e sub-homens. Não, são todos iguais e que tem os

¹⁶O Sermão da Montanha encontrado no Evangelho de Mateus (Caps. 5-7) e em Lucas (Fragmentado ao longo do livro). Nestes discursos, Jesus Cristo profere lições de conduta e moral, ditando os princípios que normatizam e orientam a vida cristã, e são considerados como um resumo dos ensinamentos de Jesus a respeito do Reino de Deus, do acesso ao Reino e da transformação que esse Reino produz.

mesmos direitos humanos”.

Em seguida, o arcebispo fez alusão ao que chamou de "grupinhos de privilegiados" e condenou o progresso de Olinda e Recife que "embelezavam a cidade, sacrificando os moradores dos locais", e conclamou os moradores da ilha a permanecerem unidos "em busca de seus objetivos, porque unidos seriam fortes, e divididos seriam fracos". Desconfiado de que havia "olheiros" presentes na celebração, esclareceu ainda que não pregava violência, mas os direitos da população: "Se a ilha for abandonada pelo povo que ali reside, será aterrada, saneada e terá luz e água. Com certeza construirão prédios públicos". E alertou os moradores a respeito do pagamento das indenizações: “não se iludissem com o dinheiro que teriam nas mãos, porque não comprariam uma nova casa”.

Último anexo da pasta dos arquivos identificada como documentos é uma charge, divulgada de forma alternativa, sem data e sem assinatura do autor. A caricatura focalizou um personagem simulando ser a figura do capeta ou satanás, usando o tridente - espécie de garfo gigante de três pontas -, enquanto dialoga com outras duas pessoas e mostra uma folha de papel nas mãos, com o lema: “Ação, justiça e paz”. Abaixo, o breve diálogo: "Quem é? É dom Helder cobrando pedágio para o inferno. Quá! quá! quá! quá! quá!"

4.3 1979: Bombas e explosões nos caminhos da abertura política

Pelo olhar de historiadores e da imprensa internacional, 1979 foi definido como o ano que mudou o mundo: foi o ano que fechou uma era de revoluções e abriu cena para uma era de embates pela democracia. Margaret Thatcher venceu as eleições gerais e se tornou a primeira mulher a ocupar o cargo de Primeira Ministra da Grã-Bretanha. Karol Wojtyła, o papa João Paulo II, foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX e teve papel fundamental para o fim do regime comunista em seu país de origem, a Polônia.

No Brasil, as notícias alimentavam o sonho por mudanças. Ao tomar posse em 15 de março de 1979, João Baptista Figueiredo afirmou que continuaria a abertura política e pronunciou uma célebre frase: "Eu prendo e arrebento", um recado a quem era contra a anistia. Com o avanço da mobilização popular reivindicando a transição democrática, foi assinada a Lei da Anistia Ampla, Geral e Irrestrita para todos aqueles que cometeram crimes políticos e tiveram seus direitos democráticos cassados durante o regime militar. Ainda assim, entre 1979 e 1980, foram registrados atentados contra bancas de jornal em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife. As explosões foram uma das armas utilizadas por uma ala do regime militar para combater a imprensa independente.

Exilados voltaram para o Brasil, entre eles Miguel Arraes, Luiz Carlos Prestes, Leonel Brizola, Vlamir Palmeira, Fernando Gabeira e o sociólogo Betinho. Além deles, os líderes do movimento estudantil de 1968 Vladimir Palmeira, José Dirceu e Luiz Travassos, o ex-deputado Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas, e centenas de militantes das organizações revolucionárias, sobreviventes da repressão, além de sindicalistas, artistas e intelectuais.

As emissoras de rádio tocavam com frequência três músicas emblemáticas da época: *Não chore mais*¹⁷, com Gilberto Gil; *O Bêbado e o equilibrista*¹⁸ com Elis Regina; e o samba *Tô Voltando*¹⁹, com a cantora Simone, cuja letra da canção era interpretada por muitos como uma apoteose para o fim do governo implantado pelos generais. Entusiasta de primeira hora na luta pela volta da democracia, o arcebispo se mostrava mais esperançoso e sorridente, até cantarolava em casa trechos de *Tô Voltando*.

Apesar das mudanças, as ordens de censura permaneciam sendo carimbadas como um "cala boca" na liberdade de expressão. Livre do "exílio nacional", imposto pela imprensa, as perseguições, difamações e execrações continuaram em cena por órgãos ligados aos serviços de informação e até membros da Igreja. O prontuário 16.906 do Dops permaneceu sendo abastecido, em 1979, com informações oficiais. O Ministério da Aeronáutica repassou detalhes sobre a rotina de viagens do arcebispo para o exterior. O II Comando Aéreo Regional, no Rio de Janeiro, encaminhou página de documento sigiloso com o seguinte teor: "Profeta de Olinda e Recife embarcou no aeroporto do Galeão/RJ, com destino à Paris, no dia último dia 5 de dezembro de 1979, com passaporte de número CA-250622".

De Campinas (SP), em 27 de novembro, o órgão usou o termo "sigiloso" e repassou pronunciamento do arcebispo durante reunião promovida pela Associação Brasileira de Reforma Agrária. Em seu discurso, instigou, sob aplausos, os trabalhadores a se unirem com a missão de proceder a reforma agrária. Para Camara, "se todos usassem a cabeça", a reforma sairia e viriam outras conquistas de direito, pois o momento estava propício. "O povo é a união de forças e não deve permitir que pisem em seus direitos, nem

¹⁷A canção foi uma versão da música original de Bob Marley, gravada pelo cantor e compositor baiano Gilberto Gil, no disco *Realce*, seu álbum de estúdio lançado em 1979.

Parceria de João Bosco & Aldir Blanc, a música foi um hino do Brasil na época da ditadura e da anistia. "Com ela, a música popular soube encarnar como absoluta perfeição o momento histórico", disse o pesquisador e escritor Geraldo Carneiro. Fonte: <https://jornalggn.com.br/noticia/conheca-a-historia-de-o-bebado-e-a-equilibrista/>

¹⁹Composição de Paulo César Pinheiro e Maurício Tapajós, foi gravada pela cantora Simone no disco *Pedaços* (1979). Segundo os autores, a letra da música é uma carta do homem para sua mulher. Ele está distante, viajou e pede ela prepare a casa para sua chegada. O ano era 1979, o Brasil estava na campanha de Anistia aos exilados políticos da ditadura. Quando os primeiros exilados chegaram ao Brasil cantaram o samba em solo nacional. Muitos radialistas a identificam como canção de combate à ditadura (LEYA, 2010).

²⁰O decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, foi baixado pelo então ditador general Artur da Costa e Silva para punir professores, alunos e funcionários de universidades acusados de subversão ao regime com expulsão.

o governo. Se Hitler tivesse lançado o 477²⁰ teria dançado de alegria quando Paris caiu. O Brasil não precisa de mentiras”. Na prelação, acrescentou: “no Brasil, a ordem social é uma farsa, até porque dois terços da população passam fome. Os órgãos de classe rural podem contar com a Igreja na luta pacífica pela reforma agrária”.

O arcebispo declarou que a Comissão da Pastoral e a Comissão de Justiça e Paz foram criadas pela CNBB para lutar junto com o povo. “O desenvolvimento atual tem fabricado mais miséria que riqueza. Eis a prova de que o povo unido jamais será vencido. Essa frase deveria ser cantada em coro no Brasil inteiro”.

Na primeira metade dos anos 1980, a censura ainda promovia a remoção de circulação pública de informação contrária ao governo, visando à proteção dos interesses de um estado, organização ou indivíduo. Com isso, impedia que se chegasse ao público consumidor de cultura, produções artísticas nas áreas da música, literatura, teatro e cinema, consideradas impróprias para determinados padrões sociais. O start se arrastava desde a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 1968, que criou a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP). Historicamente, a censura não era novidade na trajetória do Brasil. Nos anos de 1920, o governo federal também impôs regras de proibição na cena cultural e de entretenimento. A censura prévia aos espetáculos apareceu pela primeira vez na legislação republicana em 9 de dezembro de 1920, como abordou a jornalista Laura Mattos (2019), no livro *Herói Mutilado, Roque Santeiro e os bastidores da censura à TV na ditadura*.

O decreto 14529, do ex-presidente Epitácio Pessoa, também proibia corrida de touros, garraios (bezerros) e novilhos, além de brigas de galos e de canários; determinou regras detalhadas ao funcionamento de casas de espetáculos públicos, desde um vestiário privativo para as senhoras conservado com o máximo asseio, até a colocação de pelo menos três cabides fixos nos camarotes e frisas. Vetava a exibição de anúncios “ofensivos à moral e aos bons costumes ou que se refiram à moléstia ou incômodos secretos ou repugnante” e proibia o artista de acrescentar ou retirar parte do texto (MATTOS, 2019, pg.69).

A lei determinava que os textos das obras deveriam ser entregues ao segundo delegado auxiliar pelo menos trinta dias antes da estreia. Assegurava, assim, que a polícia não entraria na “apreciação do valor artístico”, mas trazia extensa lista de vetos previstos da moral e dos bons costumes à ofensas à religião, instituições nacionais e países estrangeiros.

Voltando aos últimos anos dos militares no poder, a partir de 1982 o cenário musical ganhava força com o movimento das bandas de rock com maior força em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. A censura manteve o bloqueio de diversas canções pop assinadas pelas bandas Blitz, Ultraje a Rigor, Inocentes, Camisa de Vênus, além de

compositores como Lobão, Lulu Santos e Léo Jaime, pelas letras consideradas impróprias. Na virada da década, o engajamento popular pelas *Diretas Já* ganhou adesistas, mobilizando, em maio de 1983, comícios e passeatas, integrando partidos políticos, representantes da sociedade civil, artistas e intelectuais de norte a sul do país. Dom Helder Camara era visto, no Nordeste, como o “cabeça” do time de fiéis defensores das eleições livres.

A partir de 1980, segundo a Fundação Getúlio Vargas, a instabilidade das relações entre a Igreja e o Estado se acentuou quando a CNBB se defendeu das acusações de que fazia política partidária. No mês de fevereiro deste ano, realizou-se a 8ª Assembléia Geral da CNBB, no Mosteiro de Itaici, município de Indaiatuba (SP), religiosos condenaram o modelo de desenvolvimento econômico brasileiro, assim como a campanha pela legalização do aborto, o controle da natalidade e a escalada da permissividade baseada na “mentalidade consumista que, erigindo o bem-estar em valor supremo, gerava a idolatria do dinheiro e do poder, causa da injustiça social”.

O documento "Igreja e problemas da terra", aprovado por ampla maioria ao tratar da questão fundiária, despertou discussões entre as alas conservadora e progressista. Na concepção de Souza (2004), desde meados do século XX, a Igreja Católica esteve diretamente envolvida no processo de formação de sindicatos rurais, buscando conter a difusão do comunismo ateu entre a população, especialmente, operários e camponeses:

A percepção da necessidade de oferecer uma alternativa à questão social no Brasil também esteve na origem da formação da Ação Católica Especializada (ACE), que iria desempenhar um papel importante de sensibilização da Igreja para os problemas sociais ao atrair jovens, ao organizar ações específicas para operários e outros grupos marginalizados no país. Por outro lado, nesse período também se organiza um dos movimentos conservadores mais importantes da Igreja Católica no Brasil, a Tradição, Família e Propriedade (TFP), que posteriormente vai organizar a “archa com Deus pela família e pela liberdade”, considerada um grande impulso para o golpe de Estado de 1964, que conduziu os militares ao poder. Em suma, Não há que esquecer que os conflitos sociais, que atravessam a sociedade, também dividem a Igreja e aí refratam seu espectro ideológico. Esta é uma instituição inserida na vida social e sujeita às pressões de interesses contraditórios (SOUZA, 2004, p.81).

Na primeira metade dos anos 1980, a Superintendência Regional do Departamento da PF, em Pernambuco, despachou documento “confidencial” apontando que Dom Helder e o advogado Pedro Eurico de Barros, da Comissão de Paz e Justiça (CPJ) estiveram em Propriá (SE) para prestar solidariedade às vítimas de violência no campo. Ao retornar ao Recife, o arcebispo celebrou uma missa e denunciou os atos de

terror ocorridos naquela semana. Para o arcebispo, seria difícil se chegar aos verdadeiros culpados, pois a violência era de origem de direita. Suas palavras foram endossadas pela CPJ da arquidiocese que divulgou nota sobre o assunto à população do Recife.

Os Movimentos Pastorais - Rurais e de Jovens - e demais órgãos de atuação ligados à arquidiocese continuaram desenvolvendo suas atividades na cidade e no interior. Houve debate voltado para o estatuto do estrangeiro, promovido pela CJP, Dom Helder Camara e a OAB, com a presença de juristas e voluntários que fizeram apreciações e críticas ao documento. O arcebispo também manifestou seu pensamento e criticou, veementemente, o estatuto dizendo ser "uma idolatria se acreditar em abertura, quando a ideologia da segurança nacional é o valor dos valores".

4.4 Aproximação com o governo, aposentadoria e a morte aos 90 anos

A imprensa começou a fazer novas leituras sobre o cenário da política, o papel da Igreja e o comportamento de Dom Helder Camara, em meio a condução da abertura prometida pelo presidente João Figueiredo. Com o título "A maldição revogada", uma das primeiras reportagens sobre o trajeto do clero desde o golpe de 1964, foi publicada pela revista *Veja* na edição de nº 628, de 17 de setembro de 1980, que abordou uma palestra do arcebispo a convite do PDS, sua aproximação com o governador de Pernambuco Marco Maciel, então aliado dos militares, e ainda apontou o religioso como personagem "combativo sendo assimilado pela abertura política".

Reportagem dos jornalistas José Maria de Andrade e Ricardo Noblat lembrou que "quem visse dom Helder Camara entrando num prédio público podia estar certo que iria depor em algum Inquérito Policial Militar. [...] quem visse um grupo de militares fardados entrando no Palácio de Manguinhos podia garantir: foram buscar o bispo". Um mês depois de ter oferecido um coquetel a um grupo de convidados incluindo oficiais do comando do IV Exército, segundo a reportagem, o arcebispo, de quem o regime militar não queria que a imprensa falasse nem contra nem a favor, sentou-se ao lado de Maciel em uma longa sessão de duas horas, na sede do Instituto Frei Caneca de Estudos Sociais, órgão ligado ao governo. Falou e foi aplaudido por 400 pessoas. Até o governador, sem constrangimento, bateu palmas.

Na palestra sob o tema o "O Trabalhador urbano e a Igreja", exibiu moderação. Fiel a antigas temáticas, o orador martelou as injustiças sociais que grassam no Brasil e no mundo. Mas, ao discorrer sobre as 60 favelas do Recife, apontou para Marco Maciel e seus companheiros de mesa e ressaltou, enfático: "A culpa não é só deles não, é de todos nós".

Uma semana antes do encontro, a paz não era completa entre o governo e a Igreja em Pernambuco. Dom Helder assumiu com brevidade o papel de mediador em um episódio

ocorrido no município de Ribeirão, a 80 quilômetros do Recife. O padre italiano Vito Miracapillo, então vigário da cidade, negou-se a celebrar duas missas encomendadas pela Prefeitura e pela Câmara por ocasião do Dia da Independência, e teve sua expulsão do país pedida por um deputado do PDS. Miracapillo se justificou dizendo “que não era efetiva a independência do povo, reduzido à condição de pedinte e desamparado em seus direitos”.

Por conta desse episódio, o padre Reginaldo Veloso, do Morro da Conceição, foi condenado com base na Lei de Segurança Nacional, após ter escrito e distribuído na comunidade o poema-canção Vito, Vito, Vitória com os seguintes versos: “Onze juízes, um tribunal/ O supremo, coito venal, vergonha nacional, pisam o direito, celebram o mal”. Diante do mal-estar, o governo não gostou do que disse o pároco Miracapillo e colocou o problema na mesa do arcebispo que convocou o padre para um diálogo apaziguador.

O entendimento entre o arcebispo e o Palácio foi sendo construído por Marco Maciel, mesmo sob o clima tenso, pois o padre americano Lourenço Rosenbaugh, que vivia na capital entre mendigos, foi preso e espancado por soldados da PM. À época, o governador o inocentou, puniu seus agressores e oficializou um pedido de desculpas à arquidiocese. Em abril do mesmo ano, Maciel caminhou ao lado do arcebispo na tradicional procissão do Senhor Morto. A visita do papa João Paulo II ao Recife, no ano de 1980, premiou Dom Helder com o mais caloroso dos abraços que distribuiu no Brasil e funcionou como uma espécie de passaporte para reabilitação pública do arcebispo de Olinda e Recife ao chamá-lo também de “irmão dos pobres e meu irmão”.

Em entrevista a Ricardo Noblat (2004), o comandante do IV Exército, general Floriano Campello, ressaltou que não existia qualquer reaproximação com a Igreja em Pernambuco: “Isso pelo simples fato de que de que, oficialmente, não ocorreu nenhum rompimento entre aquela instituição e o IV Exército”. Para a imprensa pernambucana, os sinais de novos tempos e de bonança nas relações Igreja-Militares começavam a se desenhar com uma foto de Helder Câmara na capa do *Diário Oficial do Estado*, ao lado de João Paulo II e do governador.

No território da política partidária, a revista apontou que, meses antes, o arcebispo contrariou lideranças da tendência popular do PMDB, ao impor uma pré-condição para participar de uma reunião oposicionista no seminário de Olinda. “Os comunistas vão? Se forem eu não vou”, adiantou Dom Helder, o que provocou a exclusão de dois deputados que ficaram de fora do encontro. Outra atitude incomodou a esquerda por ele ter vetado uma missa pelas vítimas da repressão. “Missa é uma coisa sagrada que não deve ser manipulada nem por um lado e nem por outro”.

Questionado sobre uma reaproximação entre Dom Helder e o governo, nesse período, o padre Reginaldo Veloso, respondeu: “não tenho percebido nenhum um

sintoma de esclerose de meu bispo”. Um dos assessores da arquidiocese declarou, em tom de lamento, aos repórteres da *Veja* que “Dom Helder sempre foi assim: quando a situação do país amolece, ele também e concilia”.

Sempre houve dois dom Helder: um dentro da burocracia da Igreja com suas atividades pastorais, outro na imprensa brasileira e internacional. Ao final da matéria, a *Veja* ressaltou que o arcebispo cearense não se recusava a apertar a mão estendida do Presidente João Figueiredo, mas estabeleceu premissas. “O compromisso do presidente deve ser com o povo, assim como o meu, e podemos até nos encontrar servindo a nossa gente”, disse. Mas, desconfiado da abertura política, criticou o PDS e duvidou de que Figueiredo pudesse restaurar integralmente a democracia.

Prestes a deixar a batina com o término de suas funções como arcebispo, ele se manteve presente em atividades sociais e foi prudente em suas declarações contrárias ao poder econômico mundial. Para Helder, “o veneno de massacre aos pobres do mundo”. Em 1984, uma das grandes alegrias do arcebispo foi assistir pela televisão, no dia 10 de abril, a cobertura do comício pelas eleições diretas, na Cinelândia, no Rio de Janeiro. No dia 16, foi a vez da Praça da Sé, em São Paulo, que reuniu um milhão de pessoas. Convidado em maio deste ano para uma palestra na OAB, no Recife, defendeu a eleição de uma Assembleia Constituinte, pediu que “fosse feita uma autêntica reforma agrária e que o pagamento da dívida externa não sacrificasse a população”. Para ele, o povo nunca foi consultado sobre o endividamento do país, mas recebera imposições da comunidade financeira internacional. “Saldemos nossa dívida, mas sem o esmagamento de nossa gente”, completou Helder, prometendo que iria denunciar “a agiotagem internacional”.

Aos 75 anos, idade limite para a função de arcebispo, Dom Helder Pessoa Camara se aposentou-se no dia 10 de abril de 1985, alternando alegria e tristeza entre seus admiradores. Após cumprir sua missão na arquidiocese durante 21 anos, Helder Camara colecionou no currículo três indicações ao Prêmio Nobel da Paz, porém não foi contemplado porque, segundo os relatórios da Comissão Estadual da Memória e Verdade, o governo Emílio Médici (1969-74) moveu, por meio da Embaixada do Brasil em Oslo, na Noruega, explícita campanha secreta contra sua candidatura. Assim, em 1972, uma das mais delicadas vitórias diplomáticas conquistadas pelo Itamaraty foi conseguir o bloqueio da candidatura do arcebispo, o que acabou abrindo caminhos para o vencedor Norman Borlaug, que pesquisava milhos híbridos. Ao longo da sua trajetória, Dom Helder foi agraciado com 40 doutorados *honoris causa*.

A posse de seu sucessor, José Cardoso Sobrinho, ocorreu em 15 de julho de 1985 no prédio da Arquidiocese de Olinda e Recife. Para aliados e admiradores de Helder, registrou-se, a partir do ano seguinte, desmonte do trabalho pastoral empreendido pelo cearense adotado por Pernambuco. Para o Frei Aloísio Fragoso, do Convento dos

Franciscanos, em Olinda, Dom Helder alimentava “o desejo de transformação do mundo, a ideia de que outro mundo era possível”. O ex- padre do bairro de Casa Amarela, Reginaldo Veloso, em entrevista para a edição especial da revista *Continente*, em 2009, sobre os 100 anos do arcebispo, declarou que “a grande militância de Camara não foi para a Igreja e os altares, mas para os problemas mundo”.

Ao completar 80 anos em 1989, Dom Helder, que nasceu em um domingo de carnaval, foi celebrado com uma missa na Igreja das Fronteiras, ao lado de sua residência. Fiéis e amigos festejaram ao som do badalar de sinos e de uma orquestra de frevo, depois de missa concelebrada por 35 padres e sete bispos brasileiros e estrangeiros. A *Rede Globo Nordeste*, emissora com a qual se desentendeu na década de 1970, cobriu as comemorações com uma reportagem para o *Jornal Hoje*. Na celebração festiva, Dom Marcelo Carvalheira, ex-arcebispo de Guarabyra (PB), declarou que Dom Helder era “a teimosia da esperança quando tudo parecia escuro”. Na saída da igreja, ao som da orquestra de frevo e abordagem de admiradores que queriam abraçá-lo, Dom Helder respondeu ao repórter sobre o que esperava do Brasil: “Quando vejo os jovens indo à luta, isso nos dá esperança. Sei que os adultos passam, naturalmente, e que os jovens amanhã estarão governando esse país, como posso ser pessimista”? Sorridente, concluiu: “confio primeiro em Deus, e depois na juventude”.

Até seus últimos anos de vida, o religioso recebeu em sua residência, na Boa Vista, religiosos de várias partes do país, jornalistas, pesquisadores, políticos, escritores e artistas a exemplo de Luiz Gonzaga, Ariano Suassuna, Chico Buarque, Maria Bethânia, o ator Marcos Frota, entre outros, que queriam conhecê-lo e dialogar sobre algum assunto. Em 1990, Dom Helder Pessoa Camara era surpreendido com homenagens e não escondia a emoção quando a dedicatória vinha das artes. Da lavra poética do cantor e compositor pernambucano Alceu Valença, que desde os anos 1970 alterna sua residência entre Rio de Janeiro e Olinda, saiu *Ateu comovido*, dedicada ao religioso. Na letra da canção, gravada no disco *Anda, Andar* (1990), Valença manifestou a admiração pelo arcebispo: “Eu vinha descendo a ladeira / E ouvi no sussurro do vento / Que a vida se dá por inteiro/Ao homem que é só sentimento/ Descendo a ladeira / Da Igreja da Sé em busca de fé / Fé em Deus, fé na terra, nos astros, nos riachos, nas matas e nos lagos / No trabalho, fé nos sindicatos/ Fé nos búzios, nas conchas do mar”.

Dois anos depois, em um show na praia da Boa Viagem, Helder assistiu à apresentação de um camarote. No meio do espetáculo, Valença provocou aplausos da multidão ao anunciar que presenciava “uma pessoa que é o eterno e sempre presente arcebispo das cidades de Olinda e Recife”. O cantor explicou que, certa vez, ouvia nas imediações da Igreja da Sé, em Olinda, os sermões de Dom Helder, o que lhe deu inspiração para compor *Ateu Comovido*. Com um semblante de alegria e sorriso no rosto,

Helder batia palmas no mesmo ritmo da música junto com o público.

Em fevereiro de 1999, *O Estado de São Paulo* publicou duas matérias a respeito da passagem dos 90 anos do arcebispo, com os seguintes títulos: “Aos 90, dom Helder Camara continua polêmico” e “Bispo provocou veneração e ódio”. Nesta última, apontava que sua vida foi marcada “pela ambiguidade de respeito às tradições religiosas, uma pastoral progressista e um estorvo para o governo militar”. Ao seu lado, encontrava-se uma geração de padres, freiras e leigos católicos que se inspiravam nele e o veneravam como símbolo de uma igreja voltava para os pobres.

De passagem por Recife, em julho de 1999, para a turnê de *As Cidades*, Chico Buarque aceitou o convite, feito pelo grupo progressista Igreja Nova e articulado por Frei Betto, para rever o amigo. Dom Helder, debilitado, recebeu o cantor na sala de visitas de sua residência, na Igreja das Fronteiras. Na ocasião, Chico Buarque conversou e cantou *A Banda*, canção preferida do religioso que emocionado o regeu como se fosse um maestro. Depois, o artista concedeu uma entrevista exclusiva ao jornal *Igreja Nova*²¹ a respeito da trajetória do arcebispo. “Dom Helder é um símbolo de luta pela justiça social. Se a gente se lembra dele no Rio de Janeiro, ainda no tempo da Favela do Pinto, nos anos 1960, a atividade dele lá deixou marcas²²”. Chico destacou ainda a resistência ao regime militar como uma das pessoas mais cerceadas e vigiadas. “Conheço Dom Helder pessoalmente, desta época e tenho uma admiração profunda por ele. Eu e todos os brasileiros temos uma dívida muito grande para com ele”.

Com vários problemas de saúde, o arcebispo morreu em sua casa, no dia 27 de agosto de 1999, por volta das 22h20, após parada cardiorrespiratória enquanto dormia. A morte de uma das personalidades mais marcantes no cenário da Igreja Católica brasileira, no século XX, aconteceu dias depois de ter se internado no hospital Português com sintomas de infecção urinária. No dia seguinte, pouco antes de dormir, aparentava cansaço e com falta de ar. Para a sua secretária, ele confidenciou a preocupação de que “um dia sua alma fosse embora e que seu corpo resistisse”.

Com chamada de capa, na edição de 28 de agosto, o *Estadão* noticiou a morte do arcebispo com matéria de meia página: “Coração de D. Helder Camara parou às 22h20”. O arcebispo emérito de São Paulo, Dom Evaristo Arns, deu o testemunho: “o traço mais importante da personalidade de Dom Helder foi sua fidelidade à Igreja, ao povo do Brasil e da América Latina”. Na edição de 29 de agosto, o jornal noticiou o velório com o título

Cobertura da visita de Chico Buarque à Dom Helder Camara e entrevista ao jornal *Igreja Nova*. Acesso em 5 de setembro de 2019. Disponível em <http://institutodomhelder.blogspot.com/2015/05/o-dom-e-eu-o-encontro-dos-dons.html>

Para conhecer a atuação do bispo junto a comunidade da Favela do Pinto, reportagem Basquete Comunitário, em 14 de Janeiro de 2014, ao Canal Futura, de autoria de Raphael Leal Rodrigues, demonstra a contribuição de Dom Helder na organização popular. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2HO7ndx--dA&feature=youtu.be>

“Dom Helder é lembrado como símbolo de lutas”. “Profeta”, “símbolo de lutas pelos direitos humanos” e “santo” foram expressões usadas na missa de corpo presente do religioso. De sua terra natal, o jornal de maior circulação *O Povo*, optou pela manchete: “Morre Dom Helder, o combatente da paz”.

Um mês após a morte do arcebispo, o escritor Ariano Suassuna, amigo pessoal de Dom Helder, publicou artigo para a página Opinião, da *Folha de São Paulo*, em 7 de setembro de 1999. No texto, o autor de *O Auto da Compadecida* argumentou que ficou profundamente comovido ao presenciar a imensa maioria de pessoas pobres e de condição humilde que desfilava diante do corpo do arcebispo de Olinda e Recife. Ariano e Dom Helder se conheceram no Rio de Janeiro, em 1957, durante o lançamento de *O Auto da Compadecida*, no Teatro Dulcina. A partir de 1964, tornaram-se amigos. Dom Helder chegou ao Recife nos primeiros dias do movimento militar e marcamos um encontro. “Ele queria abrir as portas do Palácio Arquiepiscopal para as pessoas ligadas à cultura e desejava que disso eu me encarregasse”.

Suassuna relembrou, no artigo, conferências, recitais de poesia e audições de música instrumental e canto que organizaram, à noite, uma vez por semana. Em uma dessas atividades culturais, foi organizado um programa dedicado ao compositor de frevos e marchinhas Lourenço da Fonseca Barbosa, o Capiba, autor de clássicos como Maria Bethânia e Madeira que cupim não rói. Entoaram canções que o compositor criou sobre poemas de Jorge de Lima, Ascenso Ferreira, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, entre outros escritores e poetas.

Após sair da igreja onde se despedia do amigo, Ariano Suassuna encontrou duas amigas que procuraram consolá-lo, pois ninguém deveria chorar por Dom Helder, para quem a morte nada significava, exceto aproximá-lo de Deus. “A segunda deu-me a honra de alinhar meu nome entre o de Paulo Freire e o de Dom Helder, colocando nós três em pé de igualdade na sua amizade e na sua admiração”. Mais confortado, disse o escritor, empreendeu a volta para casa, lembrando um dos momentos em que a carinhosa amizade do arcebispo o tocou mais particularmente. Ao completar 70 anos, o *Jornal do Commercio* publicou uma fotografia na qual o setuagenário aparecia assobiando. “No dia seguinte, recebi o seguinte telegrama: ‘Assobiando e cantando, surge o guerreiro, vigilante e imbatível na luta em defesa da cultura brasileira. Deus o abençoe e ilumine seu caminho. Dom Helder’”. []

Considerações finais

O estudo da trajetória do arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Pessoa Camara, no período entre a assunção ao cargo máximo da Diocese de Recife e Olinda, no estado pernambucano, até a primeira metade dos anos 1980 com sua aposentadoria, analisou seu papel na conjuntura da ala progressista da Igreja Católica colocando-o como um personagem importante, sobretudo, na luta para salvaguardar os direitos humanos, seja de presos políticos como de pessoas comuns, garantir a liberdade de expressão e pelo fim da censura institucionalizada aos meios de comunicação e as artes. A tese também teve objetivo recuperar aspectos da memória de Helder Camara relacionados à produção intelectual e como comunicador, possibilitando às novas gerações um reencontro com este passado em um período importante da história do Brasil.

A partir da inserção dos militares na cena política brasileira, através do que a historiografia reconhece como a ditadura civil-militar, interliga-se outros acontecimentos ocorridos ao longo dos 21 anos, seja o cerceamento às liberdades individuais, prisão de militantes de esquerda à participação de religiosos no transcurso do regime militar à transição democrática, com a abertura política, “lenta e gradual”. Nesse período, houve perseguições, torturas e mortes e o exílio de artistas e personagens da vida política nacional.

As narrativas e o recorte temático de cada capítulo dialogam entre si, contudo, construiu-se estrutura de um perfil biográfico em torno de um dos personagens mais importantes do século XX, que atuou no espaço institucional da hierarquia da igreja católica e na imprensa brasileira. No processo da pesquisa, a pesquisa qualitativa com entrevistas estruturadas e em profundidade com profissionais da imprensa que atuaram na cobertura do arcebispado de Pernambuco contribuíram para trazer novos fatos e abordagens a respeito da atuação de Dom Helder na sua passagem à frente da arquidiocese. As informações coletadas auxiliaram a construção desse perfil biográfico com novos olhares e pontos de vista crítico/analítico direcionado ao campo da pesquisa documental e histórica.

Verifica-se que, diante da reconstituição dos fatos históricos e aspectos da trajetória de vida de Dom Helder, a utilização dos documentos inéditos da Comissão Estadual de Memória e Verdade permitiu fazer análises a respeito do contexto social, político e cultural, tendo como arcabouço a construção de uma narrativa fundamentada nas práticas comunicacionais, nas quais o arcebispo interagiu e ganhou visibilidade midiática. Dessa forma, o material constituído por documentos oficiais, entrevistas, reportagens e artigos compartilhados pelos meios de comunicação, localizados no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, além de países da América Latina, Europa e Estados Unidos,

permitiram reconstituir o percurso de Dom Helder na instituição católica e na vida política nacional.

O arcebispo brasileiro e nordestino que atuou, majoritariamente, em grandes centros, teve notória presença como representante da igreja católica, considerado como um intelectual e cidadão combativo mesmo tendo sua rotina vigiada pelos aparelhos de segurança do governo militar. Ainda no processo da pesquisa bibliográfica, ressaltou-se as críticas que ele realizou relacionadas aos princípios e atuação da Igreja no mundo contemporâneo, com destaque para os desdobramentos do Concílio Vaticano II e nas Assembléias episcopais de Medellín, Puebla e Santo Domingo, nas quais demonstrou habilidade e visão profética da necessidade da construção de uma instituição clerical vocacionada para os pobres e os excluídos da sociedade.

Os dados bibliográficos, as entrevistas e os discursos analisados ao longo da pesquisa contribuem para que o leitor possa compreender o perfil como intelectual, bem como indicam os embates nos bastidores da imprensa e da Igreja, a partir de personalidades que reagiram contra suas posições na tentativa de remodelar uma imagem negativa sobre o arcebispo, tendo como ponto alto a campanha contrária para que ele recebesse o Prêmio Nobel da Paz.

Ao longo de sua vida, constata-se que Dom Helder transitou por diferentes fases, sempre de maneira intensa e engajada, desde sua formação como padre, sua passagem pelo Rio de Janeiro como bispo, onde deu-se o início das ações de cunho social, em favor dos pobres, a festejada posse no Recife à frente da arquidiocese, coincidindo com chegada dos militares, o embate com a censura sofrida pelo AI-5 e pela imprensa que por anos, sob determinação do Ministério da Justiça, acatou as ordens para não conceder espaços a sua opinião e pensamento.

Destaca-se, particularmente, a trajetória como comunicador ao assumir a função de cronista na Rádio Olinda, pertencente à instituição católica. Dom Helder - um homem com habilidades na língua pátria e estrangeiras e com vasto conhecimento intelectual - comunicava-se com propriedade com radialista, utilizando a linguagem simples, acessível às camadas populares, através das crônicas que chegavam aos ouvintes. Foram mensagens de um observador dos acontecimentos do dia a dia na convivência coletiva de sua época e no espaço que o fizeram pensar, analisar, agir e atuar de tal maneira que o tornou reconhecido respeitado pelo mundo afora. Exerceu a função de mediador comunicativo ao discutir o cenário cultural, demonstrando aspectos de sua subjetividade e gosto estético pela Música Popular Brasileira.

Na interpretação das crônicas, ressaltou-se que o “arcebispo cidadão” acompanhou os assuntos da atualidade, as relações econômicas e políticas, o desenvolvimento industrial e tecnológico e as novas idéias advindas do homem da sociedade

industrializada. Foi também um defensor dos direitos humanos e das causas dos trabalhadores rurais.

A cada acontecimento da história, ele expôs, publicamente, senso crítico de maneira direta e indireta. Leitor apaixonado por livros e “escritor” em suas madrugadas de vigília, manifestava a liberdade de expressão e opinião por meio das cartas, crônicas, artigos, poemas, entrevistas e livros de reflexões que escreveu e publicou em vida. Compreendemos que Helder Camara interagiu de maneira intensa em meio ao espaço público, tendo de um lado admiradores, por outros opositores que lhe atiravam “farpas”, opondo-se às suas ideias. Foi também um homem público que interagiu com músicos como a cantora Elis Regina, Chico Buarque de Hollanda, Milton Nascimento e escritores como Ariano Suassuna.

Na sua trajetória, delineia-se também o cidadão que sofreu a vigilância dos órgãos de segurança e informações, como comprova a documentação encontrada na Comissão da Memória e Verdade, em Pernambuco, que ganhou o nome Dom Helder Camara. Os diversos documentos das ocorrências registradas pelos serviços de informações trouxeram fatos novos a respeito da atuação pública e que só se tornaram públicas mais de 20 anos após a abertura política. Faz-se importante destacar que os arquivos de seu prontuário merecem estudo analítico e continuado, uma vez que outros documentos estão em processo de digitalização e recuperação.

Nesse aspecto, o valor documental e histórico sobre a trajetória de Helder Pessoa Camara ofereceu novas abordagens que servem de fonte de informação para compreender o regime militar e a cerceamento à liberdade de expressão e as restrições às atividades políticas e religiosas. Deve-se salientar que, após a entrega do relatório final dos trabalhos da Comissão Estadual da Memória e Verdade, novos fatos em torno do personagem foram retrabalhados na cobertura dos jornais, com comentários em programas de rádios, televisão e portais de notícias.

O governo federal anunciou o nome de Dom Helder Camara como o mais novo patrono brasileiro dos Direitos Humanos, cuja lei nº 13.581, de 26 de dezembro de 2017, foi publicada no Diário Oficial da União e sancionada em 26 de dezembro pelo ex-presidente Michel Temer. O título foi interpretado por religiosos como concessão em nome de uma paz social, quando, na atualidade, existe desrespeito aos direitos fundamentais e humanos, contrariando toda a luta social do arcebispo.

Assim, demonstrou-se a trajetória do arcebispo e suas interações sociais no campo religioso, político e cultura, desde o seu percurso como padre evangelizador a atuação como comunicador e intelectual da instituição católica que combateu o regime militar. O homem que chegou ao arcebispado atraiu opositores e admiradores, sendo respeitado e amado pelo mundo afora, sobretudo nos países mais pobres, nos quais as desigualdades

sociais se traduzem em exclusão social

Nas entrelinhas de cada capítulo deste biografia-perfil, Dom Helder Camara se expõe a partir dos posicionamento políticos e visão do mundo artístico e cultural. Combateu o regime militar no país e no exterior, reafirmando seu perfil de intelectual engajado na luta pela liberdade de expressão como elemento fundamental para o pleno regime da democracia. Nessa caminhada, mesmo no entorno das críticas em que foi chamado de “comunista de batina”, O Artesão da Paz Helder Camara deixou-nos a lição de que “se há de ser perseverante na dura batalha pelo ideal em que se acredita, e a certeza de que, mesmo na aridez do deserto, há espaço para semear e colher”. O Profeta da Paz nos deixou lição de coragem, fé e esperança.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Francisco A.S. Duarte. **Dom José Lamartine: o pastor do silêncio**. São Paulo: Paulinas, 1994.
- BALTAR, Abelardo; CHAGAS, Glauce. **Um furacão varre a esperança - O Caso D. Helder Camara**. Recife, Fundarpe, 1993.
- BAYANA, Ana Maria. **Almanaque 1964: Fatos histórias e curiosidades de um ano que mudou tudo(e nem sempre para melhor)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Comunicação e história: um entre-lugar**. In: BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs.). *Comunicação e história – partilhas teóricas*. Florianópolis: Insular, 2011.
- BORGES, Sheila. **O Repórter Amador - Uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum**. Recife: Cepe Editora, 2015.
- CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Tópicos para entender a atuação de Dom Helder Câmara como Arcebispo de Olinda e Recife**. In: II Semana de Integração Universidade- Sociedade, 2004, Recife. Anais da Mostra de Iniciação Científica da II Semana de Integração Universidade-Sociedade. Recife: FASA, 2004. p. 720-734.
- CONY, Carlos Heitor; VERÍSSIMO, Luiz Fernando; Scliar, MOacyr; Ventura Zuenir. **Vozes do Golpe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 4º ed. 2008.
- CAMARA, Helder. **Indagações sobre uma vida melhor**. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira:1986.
- CAMARA, Helder. **Mil razões para viver** (Meditações do Pe. José). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- CAMARA, Helder. **Evangelho com Dom Helder**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- CAMARA, Helder. **Circulares conciliares: de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964**. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria (Orgs.) Recife: CEPE, 2009a. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v. 1, t. 1.
- _____. **Circulares conciliares: de 12 de setembro a 22/23 de novembro de 1964**. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria (Orgs.) Recife: CEPE, 2009b. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v. 1, t. 2.
- _____. **Circulares interconciliares: de 23/24 de novembro de 1964 a 17/18 de abril de 1965**. Zildo Rocha (Org.) Recife: CEPE, 2009e. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.2, t. 2.
- _____. **Circulares pós-conciliares: de 09/10 de dezembro de 1965 a 30/31 de maio de 1966**. Zildo Rocha e Daniel Sigal (Orgs.) Recife: CEPE, 2012a. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.3, t.1.
- _____. **Circulares pó-conciliares: de 31 de dezembro de 1966/1º de janeiro de 1967 a 29/30 de julho de 1967**. Zildo Rocha e Daniel Sigal (Orgs.) Recife: CEPE, 2012c. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, v.3, t.3.
- CIRANO, Marcos. **Os caminhos de Dom Helder - Perseguições e Censura (1964-1980)**. Recife: Ed. Guararapes, 1983.
- CASTRO, Marcos de. **O Bispo da Esperança**. Rio de Janeiro:Edições Graal,1978.
- CONY, Caros Heitor; BARBEIRO, Heródoto; XEXÉO, Artur. **Liberdade de Expressão**. São Paulo: Futura, 2003.
- CORREIA JUNIOR, João Luiz Correia Júnior; MARQUES, Luiz Carlos Luz Marques; COSTA, Marcos Roberto Nunes Costa (Org.) **Dom Helder Câmara: profeta, cristão e padre da Igreja**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000. 65 – 78p.

- COSTA, Maria Cristina (Org). **Diálogos sobre Censura e Liberdade de Expressão (Brasil e Portugal)**. São Paulo: ECA/USP, 2014.
- CASTRO, Celso; D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon. Os anos de chumbo, a memória militar sob repressão. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1994.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo**: Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Ed. Summus, 2007.
- CORREIA, JUNIOR, João L; MARQUES, Luiz Carlos Luz; COSTA, Marcos Roberto Nunes(Org.). **Dom Helder Camara**: profeta, cristão e padre da Igreja. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000. 65 – 78p.
- FILHO, Félix. **Além das Ideias** - Histórias de vida de Dom Helder Câmara. Recife: Cepe Editora, 2012.
- HOORNAERT, Eduardo. **A Missa dos Quilombos Chegou Tarde Demais?** – Revista Tempo e Presença, nº 173. 1982.
- JORGE, Fernando. **Cale a boca, jornalista!** - o ódio e a fúria dos mandões contra a imprensa brasileira. Osasco, SP: Novo Mundo Editora, 2008.
- LEÃO, Jordana Gonçalves. **Fragments de um “diário”**: algumas considerações sobre a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara. Recife: Bagaço, 2012.
- LIMA, Danilo Pereira. **Legalidade e autoritarismo**: o papel dos juristas na consolidação da Ditadura Militar de 1964. Tese ao Programa de Pos-Graduação em Direito. Universidade Vale dos Rios dos Sinos (Unisinos), 2018. Acesso em 1 de dezembro de 2019. Disponível em www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7172.
- LORIGA, Sabina. **O Pequeno X da Biografia à História**. Tradução Fernando Sheibe. São Paulo: Autêntica Editora, 2011.
- MAIWARING, Scotti. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Braziliense, 2004.
- MATTOS, Laura. **Herói Mutilado, Roque Santeiro e os bastidores da censura à TV na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MIÊGE, Bernard. **A Sociedade tecida pela comunicação** - Técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social. São Paulo: Paulus, 2009.
- MORRIS, Fred. **A importância da vida e do ministério de Dom Helder Camara**. In: Rocha, Zildo (org.) Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999. 89-90p.
- MOTTA, Cezar. **Até a última Página**: Uma história do Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- NOBLAT, Ricardo. **O que é ser jornalista**. São Paulo: Record, 2004.
- NETO, Geneton Moraes. **Cartas ao Planeta Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1988.
- PAZ, Jailson Sousa da. **Cristãos e comunistas, uma só defesa**: história da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife (1977-1980). 2005. 151 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005
- PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Nelson. **Dom Helder Câmara** - O profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008.
- RAMPON, Ivanir Antônio. **O Caminho Espiritual de Dom Helder** - o professor, teólogo e filósofo. São Paulo: Editora Paulinas, 2013.
- REIMÃO, Sandra (org.). **Livros e Subversão** - Seis Estudos. Ateliê Editorial: São Paulo, 2016.
- ROCHA, Zildo (Org.). **Helder, o Dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ROZOWYKWIAT; Tereza(Org.). **As crônicas de Dom Helder Câmara**. Recife: Cepe Editora: 2016.
- SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na

ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 22.

SOARES, Glaucio Ary Dillon; D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso. **Os Anos de chumbo**: a memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

SOUZA, L. A. G. 2004. **As várias faces da Igreja Católica**. Estudos Avançados, v.18, n.52, p.77-95

VENTURA, Zuenir. **Minhas histórias dos outros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ARTIGOS DE PERIODICOS

BETTO, Frei. Foi um profeta na sua terra. In: **Folha de São Paulo**. 28 de Agosto de 2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc28089921.htm>>

Áudio e Vídeo.

CONTINENTE, especial: *100 anos: Dom Helder - Um conspirador no Vaticano* (Edição n° 98/2009).

REVISTA HISTÓRIA. Série Dossiê Brasil: Ditadura no Brasil - Regime militar de 1964 a 1985. Ed. Abril, 1985.

MINAMI, Edison. Milton Nascimento e o diálogo interreligioso na Missa dos Quilombos. In: **Revista Diversidade e Valores**. Acesso em 1 de outubro de 2019. Disponível em <[file:///C:/Users/Asus/Downloads/478-1448-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Asus/Downloads/478-1448-1-PB%20(2).pdf)>

MISSA DOS QUILOMBOS. Texto informativo, discursos e letras das músicas. Boletim do CIMI, n.º 76 – Dezembro/1981

NASCIMENTO, Milton. Missa dos Quilombos. BMG Ariola, 1982.

S U A S S U N A , A r i a n o . D o m H e l d e r , 1 9 9 9 .
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz07099907.htm>

TEIXEIRA, Selma Suely. **Missa dos Quilombos** - Um canto de Axé. 1998. Disponível em <<http://www.geocities.com/pwpercio/cantodeaxe.html>>.

ACERVOS DIGITAIS

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

BRASIL.Doc – Universidade Federal de Minas Gerais.
<<https://www.ufmg.br/brasildoc/>>

O ESTADO DE SÃO PAULO: Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/procura/>>

JORNAL DO COMERCIO: Disponível em <<https://jc.ne10.uol.com.br/busca/?q=acervo-digital>>

DIÁRIO DE PERNAMBUCO: <<https://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco>>

DOCUMENTÁRIO

MISSA DOS QUILOMBOS. Documentário. Direção: Liloye Boubli. Produção: Cláudia Rangel. TV Senado, 2006.

DOCUMENTOS OFICIAIS

RELATÓRIO FINAL: Volume 1/Fernando Vasconcelos Coelho; Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Camara - Recife: Cepe, 2017.

RELATÓRIO FINAL: Volume II/Fernando Vasconcelos Coelho; Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Camara - Recife: Cepe, 2017.

Anexos

ANEXO A

Reprodução do acervo do Idheec

[Elis Regina em encontro com Dom Helder e a atriz Leda Alves/1978]

Reprodução do acervo do Idheec

[Dom Helder e Luiz Gonzaga: admiração recíproca entre artista e arcebispo]

ANEXO A

Reprodução do acervo do Idhec

[Encontro com o amigo e teólogo Leonardo Boff]

Reprodução do acervo do Idhec

[Líder espiritual do Tibete, Dalai-lama cumprimenta D. Helder]

ANEXO A

Reprodução do acervo do Idhéc

[Maria Bethânia de passagem pelo Recife, anos 1990, visitou o admirador Dom Helder]

Reprodução do acervo do Idhéc

[Em 1999, Chico Buarque visitou Dom Helder na residência do arcebispo atrás da Igreja das Fronteiras]

ANEXO A

ANEXO A

Hélder: não sou comunista nem subversivo

ROMA (AP-DN) — "Não sou subversivo nem comunista", disse a uma publicação italiana o famoso arcebispo brasileiro. Não os considero almas nem paroquianos. Para mim são homens e minha obrigação é ajudá-los a conseguir um nível de vida humana.

Castelo Branco é o Presidente! Posse 4.ª-Feira (p.2)

DISVALDIRIO: 3 TIROS CONTRA MILTON CABRAL

Última Hora 50

Yassouba! Cr. 1 Milhão Por Uma Noite no Spillo

D. HÉLDER CHEGA PREGANDO A TODOS DIALOGO E PAZ

PINTOR VAI COMPRAR PALITO PARA SER DEPUTADO FEDERAL

27.9.68

Pistoleiro foi peitado para matar dom Hélder Câmara

Os motivos por que dom Hélder Câmara declarou, no Valicano, achar-se ameaçado de morte foram ontem revelados pelo *Hotelin Cambal*, no seguinte típico de primeira página:

"RESERVADO — Dom Hélder Câmara teria revelado a amigos antes de embarcar para a Europa que fôra procurado por um pistoleiro, no Recife, informando ter sido 'peitado' para matá-lo. Apesar de seu passado de crimes, o pistoleiro disse que não tinha coragem de matar um padre. Passaria na sua consciência. Habitualmente inquirido, teria revelado o nome da pessoa que pretendia contratar seus 'serviços' profissionais. Os responsáveis pela segurança do país, tão logo tomaram conhecimento das declarações feitas em Roma, após visita a Sua Santidade o Papa, iniciaram investigações na tentativa de procurar esclarecer a profundidade da denúncia."

ESPERADO HOJE

Dona Hélder Câmara embarca ontem, no aeroporto de Orly, em Paris, de regresso ao Brasil. É esperado hoje, no Recife.

27.9.68

Hélder diz que é pastor revoltado com situação subhumana do Nordeste

Dom Hélder Câmara, arcebispo brasileiro, declarou ontem, em uma entrevista dada a uma revista francesa, que se sente um pastor revoltado com a situação subhumana do Nordeste brasileiro. Ele afirmou que a situação é insuportável e que ele sente uma grande responsabilidade em relação ao povo daquela região. Ele também mencionou que ele se sente um pastor que não pode ficar indiferente à situação de pobreza e sofrimento que ele vê no Nordeste.

TERRORISTAS METRALHAM CASA DE HÉLDER DEPOIS DE ADVERTÊNCIA ANÔNIMA

Congresso derruba mais uma tentativa para a volta de eleição direta

BRASÍLIA (Interfusão) — O Congresso derrubou ontem uma tentativa de voltar uma eleição direta para a presidência da República.

Castelo Branco é o Presidente! Posse 4.ª-Feira (p.2)

DISVALDIRIO: 3 TIROS CONTRA MILTON CABRAL

Última Hora 50

Yassouba! Cr. 1 Milhão Por Uma Noite no Spillo

D. HÉLDER CHEGA PREGANDO A TODOS DIALOGO E PAZ

PINTOR VAI COMPRAR PALITO PARA SER DEPUTADO FEDERAL

30 de setembro de 1968

Casa de Dom Hélder voltou a ser alvejada por terroristas, desta vez em pleno dia

Dom Hélder Câmara, arcebispo brasileiro, foi alvo de um atentado terrorista em sua casa em Brasília, no dia 30 de setembro de 1968. O atentado ocorreu durante o dia e causou danos materiais à residência. Dom Hélder não sofreu ferimentos e foi resgatado sem problemas.

Gilberto Freire volta a atacar padre Hélder e diz que Igreja se acafajesta

Dom Hélder Câmara, arcebispo brasileiro, foi alvo de uma crítica contundente por parte de Gilberto Freire, escritor e intelectual brasileiro. Freire afirmou que a Igreja Católica se acafajesta e que ela não está preocupada com o bem-estar do povo brasileiro. Ele também afirmou que Dom Hélder Câmara é um homem que não está preocupado com a realidade brasileira.

Equívocos de Dom Hélder

Dom Hélder Câmara, arcebispo brasileiro, foi alvo de uma crítica contundente por parte de alguns intelectuais brasileiros. Eles afirmaram que Dom Hélder cometeu equívocos em suas declarações e que ele não está preocupado com a realidade brasileira. Eles também afirmaram que Dom Hélder é um homem que não está preocupado com o bem-estar do povo brasileiro.

ANEXO A

A16 - O ESTADO DE S. PAULO

DOMINGO, 7 DE FEVEREIRO DE 1999

RELIGIÃO

Aos 90, d. Helder Câmara continua polêmico

Comemoração do aniversário do bispo aposentado evidencia crise da Igreja no Recife

ANGELA LACERDA

RECIFE - Em 1965, quando o bispo d. Helder Câmara deixou a direção da Arquidiocese de Recife e Olinda, a Igreja Católica local mergulhou numa época de clima até hoje não superado. Grupos de religiosos e leigos tentaram em dar continuidade ao pensamento pastoral de d. Helder, ligado à ala progressista da Igreja, e recusaram a orientação de seu substituto, o franciscano d. José Cardoso Sobrinho, de perfil conservador. Essa divisão tornou a festa evidente, na semana passada, quando os admiradores do bispo aposentado organizaram uma série de celebrações para lembrar seu aniversário de 90 anos. Em outras coisas, inauguraram um centro de documentação dedicado a preservar a obra de d. Helder.

A resistência a d. José já não é inédita quanto ao fim dos anos 80 e início dos 90, quando o novo arcebispo se decidiu de maneira pouco hábil a demonstrar a estrutura deixada por d. Helder. Mas ainda é significativa: quase metade dos 140 padres da Arquidiocese não frequentou a Missa dos Santos

Óleos, na Semana Santa, que simboliza a união do clero com o bispo. Mensalmente em 23 de maio, os padres reúnem-se na Associação Pastoral Henrique para discutir a ação da Igreja.

"Nada temos de pessoal contra o arcebispo", explica padre Humberto Plummer, holandês radicado há 45 anos no Brasil, assessor da CNBB e várias vezes presidente da Conferência de Religiosos do Brasil (CRB). "Há divergências quanto às questões pastorais."

Os seguidores do pensamento de d. Helder defendem uma Igreja mais democrática, voltada para o povo e envolvida com movimentos sociais, enquanto

PADRES RECUSAM ORIENTAÇÃO DO SUCESSOR

d. José opta por uma linha tradicionalista e hierárquica. Durante sua gestão, comissões pastorais que eram controladas por leigos acabaram extintas. Então ele criou um Conselho de Justiça e Paz e a Pastoral Carcerária. Sem integrantes passaram a dedicar-se a atividades semelhantes em organizações não-governamentais.

Vivência da fé - "A ruptura criou-se com a chegada de d. José à diocese", avalia Luís Tenderini, ex-presidente da Comissão de Justiça e Paz e atual coordenador da Comunidade Emaús, movimento de atendimento aos pobres criado há três anos. "Motivo: novas formas de vi-

Seguidores de d. Helder Câmara defendem uma Igreja mais democrática e envolvida em movimentos sociais

visão da fé". Além do Emaús, também foi criado o Centro Dom Helder Câmara (CenHeld), que presta assis-

tência jurídica a pessoas carentes, e a entidade Obras de Frei Francisco (OFF), que mantém creches e auxilia comunidades assentadas

em terras da Igreja doadas pelo arcebispo aposentado. Apesar da percepção, o pensamento de d. Helder ainda é segui-

do por milhares de pessoas, para as quais ele não deixou de ser o "arcebispo", diz o deputado estadual Pedro Eustáquio (PSB).

"D. Helder transformou-se em símbolo de apoio aos marginalizados e é uma fonte de inspiração", afirma a teóloga Ivone Gebara.

Na Paróquia de Boa Viagem, um grupo criou há sete anos o jornal Igreja Nova. O mesmo grupo mantém um site na Internet e oferece cursos de teologia para leigos. Na paróquia de Maré da Conceição, um grupo de fé ligado ao ex-pároco Reginaldo Volos, ex-pároco do local pelo arcebispo, não aceita o novo padre, ao invés de à mínima, realiza uma cerimônia leiga em torno da eucaristia.

Teologia - D. Helder não se manifestou publicamente sobre o assunto (veja texto abaixo). D. José, um especialista em direito canônico, afirma desconhecer a crise e por isso não fala sobre ela. Até 1985, quando o papa o mandou para Recife, ele dirigiu a Diocese de Paracatu, no interior de Minas. Ao chegar, uma de suas primeiras providências foi desmantelar o Instituto de Teologia e o Seminário Regional do Nordeste. Fez isso seguindo orientação da Santa Sé, que via águas locais como da Teologia da Libertação - doutrina que perdeu prestígio durante o atual pontificado. A Santa Sé não aprova a manobra como item a Bíblia, resultando a luta entre opositores e apoiadores. Para eles, trata-se de uma perigosa proximidade com o marxismo. (Colaboração Roldão Arruda)

Bispo provocou veneração e ódio

Vida foi marcada pela ambiguidade do respeito às tradições religiosas e uma pastoral progressista

RODOLFO ARRUDA

Durante o período em que vigia a catedral de Olinda e Recife, d. Helder Câmara foi uma figura de destaque no cenário religioso e social. Mas o apelido mais divulgado, especialmente no exterior, era o de bispo vermelho.

Veneração - No lado oposto ao contrário, era uma geração de padres, freiras e leigos católicos que se inspiravam nele e o veneravam como um símbolo de uma Igreja voltada para os pobres.

A casa simples que escolheu para morar, nos fundos da basílica da Igreja das Freiras, em Recife, transformou-se numa espécie de centro de memória, onde se havia alguém à sua procura. Aos poucos d. Helder tornou-se uma espécie de patrono histórico da ala progressista da Igreja, vinculada à Teologia da Libertação. Curiosamente, porém, o bispo vermelho sempre esteve alheio desta doutrina em termos de radicalismo político. Em relação à doutrina da Igreja, sempre foi afluente aos seus valores. Enquanto esteve no aspecto visual. Enquanto esteve no aspecto visual, ele deixou de lado a batina nos anos 60 e 70, d. Helder

centrou-se no problema da arquidiocese. O dramaturgo Nelson Rodrigues repetia, aos artigos que publicava no jornal O Globo, que ele tinha um insaciável apetite pela auto-promoção. Lenildo Tabosa Pessoa, ex-seminarista e jornalista especializado em religião que escrevia para o jornal de Teologia, chamava de bispo itinerante. Mas o apelido mais divulgado, especialmente no exterior, era o de bispo vermelho.

Censurado - No lado oposto ao contrário, era uma geração de padres, freiras e leigos católicos que se inspiravam nele e o veneravam como um símbolo de uma Igreja voltada para os pobres.

A casa simples que escolheu para morar, nos fundos da basílica da Igreja das Freiras, em Recife, transformou-se numa espécie de centro de memória, onde se havia alguém à sua procura.

Aos poucos d. Helder tornou-se uma espécie de patrono histórico da ala progressista da Igreja, vinculada à Teologia da Libertação. Curiosamente, porém, o bispo vermelho sempre esteve alheio desta doutrina em termos de radicalismo político. Em relação à doutrina da Igreja, sempre foi afluente aos seus valores. Enquanto esteve no aspecto visual, ele deixou de lado a batina nos anos 60 e 70, d. Helder

não abandonou até hoje a sua. O padre Nelson Roque Ten Kate, autor do livro Uma Vida por um Povo - A Espiritualidade de d. Helder Câmara, observou os traços de respeito às tradições, como o gesto pela missa diária e pela oração. Ao se debruçar sobre os escritos do bispo, o padre Katen não encontrou um Emaús, nem teologia de povo. "Sua obra é sobretudo a de um pastor", diz.

"Em muitos inclusive textos místicos, mas não há nada que permita dizer que foi um homem de esquerda". O arcebispo da Paraíba, d. Marcelo Pinto Carneiro, que trabalhou 12 anos como auxiliar de d. Helder, também o vê sobretudo como um bom pastor, tradicionalista e próximo do povo. Para ele, os militares superestimaram a importância do bispo.

Toda a trajetória de d. Helder na Igreja é marcada por seu gosto pela articulação e pela cena pública. Nasceu em Fortaleza, no dia 7 de fevereiro de 1909. Quando estava no Seminário São José da Princesa encançou-se com a Ação Integralista Brasileira, versão brasileira do fascismo, criada em 1932. Tornou militante fervoroso desse movimento, mas se arrependeu muito tarde, dizendo: "Foi um pecado da juventude".

Ordemou-se padre com 22 anos e tornou-se bispo aos 43. Indicado

para trabalhar como bispo-auxiliar do Rio, no início desenvolveu atividades assistencialistas e religiosas. Também encontrou tempo para articulações políticas no interior da Igreja. Estudioso do catolicismo no Brasil, criou o padre Ivo José Oscar Bezzer, o apontou como um dos principais responsáveis pela criação, em 1952, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), da qual foi o primeiro secretário-geral.

No início dos anos 60, ele dedicou-se sobretudo aos trabalhos de preparação do Vaticano II - concílio que é considerado o mais representativo dos 21 já realizados pela Igreja. Quando assumiu a Arquidiocese de Recife, em 1964, já estava profundamente influenciado pela ideia de que a Igreja devia comprometer-se com os oprimidos.

No interior da Igreja, o prestígio de d. Helder começou a cair com a eleição do papa João Paulo II em 1978. Preocupado em corrigir os excessos dos Vaticanos II e temeroso de que o marxismo estivesse contaminando a doutrina da Igreja, o papa impôs uma linha conservadora ao episcopado de todo o mundo. O pontífice manteve relações apenas formais com o arcebispo. E quando chegou a hora de sua aposentadoria, em 1985, substituiu-o por um religioso de perfil conservador. Para não criar embaraços ao sucessor, d. Helder reduziu aos poucos suas aparições públicas. Hoje, com 90 anos, ele não dá mais entrevistas e altera momentos de lucidez com outros de adormecimento.

Genser Oliveira: "Empresas podem ser punidas em caso de desvio"

Aumento de material hospitalar será investigado

Cade poderá punir formação de cartel e empresas que não justificarem seus preços

ARNALDO GALVÃO

O governo federal vai tomar algumas medidas para tentar impedir aumentos abusivos dos preços de materiais hospitalares e a suspensão do fornecimento de produtos que já estavam contratados.

A assessoria do Ministério da Saúde informou que, em janeiro, os aumentos chegaram a 50% em alguns casos. Foi citado o exemplo da Cremer, que usou apenas material nacional e teria de-

possibilidade de reduzir as tarifas de importação de alguns produtos. O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) vai processar e punir as empresas que estão impondo preços abusivos (não justificados) e os concorrentes que estão atuando de maneira conflituosa e conflituosa, como um cartel.

O presidente do Cade, Genser Oliveira, informou que dois procuradores já estão colhendo documentos e informações para preparar as representações que darão início aos processos, que devem durar, em média, "A Lei de Defesa da Concorrência prevê, entre outras penalidades, multas de até 30% do faturamento bruto anual das empresas", disse Genser.

Os casos mais graves, segundo informou a assessoria do Ministério da Saúde, são os de suspensão do fornecimento de materiais a preços que já tinham sido contratados. Serão investigados as condutas das empresas.

Seis medidas foram anunciadas ontem, quando representantes de hospitais, públicos e privados, e autoridades federais reuniram-se no Hospital das Clínicas de São Paulo para avaliar as acusações.

Alguns hospitais privados já estão preparando centrais de compras, para racionalizar e baratear custos. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) vai facilitar a autorização para a alteração de insumos e equipamentos. Também serão superadas mudanças na Lei de Licitação para dar maior rapidez às compras de hospitais públicos. Os diretores das empresas que produzem insumos hospitalares serão convocados para explicar os aumentos ao ministro da Saúde, José Serra. O governo vai estudar a

sua Flex-Tip (cateter), Jaws North (conjugador para cateter/marcação), Baxter (cateteres para traqueostomia), Support (seringas) e Omnimix (compressor para cateterização).

O governo também informou que alguns aumentos de preços de insumos praticados em janeiro serão analisados pelo Cade. A Mallinckrodt, que aumentou em 57% seu produto para diagnóstico por imagem, Union Carbide e a Baxter também são acusadas de elevar em 50% suas reações plásticas para laboratórios. A 3M, segundo o governo federal, aumentou em até 30% os preços do gesso sintético, materiais cirúrgicos descartáveis e equipamentos ópticos.

CARNAVAL

APROVEITE O FERIADO... VIAJE COM A CVC.

• VOAGAMOS COM A MELHOR EMPRESA AEREA CONHECIDA • COM COMPROVADA QUALIDADE • E MELHORES DESEJOS DE HORAS COM EXCELENTE LOCALIZAÇÃO

• PASSAGENS DE MAIS COMPLETO • EQUIPE DE GUIAS ESPECIALIZADOS • TUDO COM A GARANTIA E A TRADIÇÃO DOS 23 ANOS DA CVC.

SALVADOR
O MELHOR E MAIS AGITADO CARNAVAL DE RUA DO BRASIL.

Você se diverte e se relaxa nos ruas de Salvador acompanhando os mais famosos e tradicionais blocos e trios-allegorias do Brasil.

5 DIAS - Saída 10h - Retorno 17h - 14 de fevereiro de 1999 - 15 de fevereiro de 1999 - 16 de fevereiro de 1999 - 17 de fevereiro de 1999 - 18 de fevereiro de 1999.

Preço por pessoa em dupla (com 12 anos de idade) - 3x R\$ 290,00 - R\$ 870,00.

MACAIO
COM PROJEÇÃO LITORAL, SOL, 8 DIAS - 7 NOITES.

Preço por pessoa em dupla (com 12 anos de idade) - 3x R\$ 280,00 - R\$ 840,00.

PORTO DE GALINHAS
COM JARDIM, PRAIA, PISCINA, 8 DIAS - 7 NOITES.

Preço por pessoa em dupla (com 12 anos de idade) - 3x R\$ 420,00 - R\$ 1.260,00.

FORTALEZA
COM PROJEÇÃO LITORAL, SOL, 8 DIAS - 7 NOITES.

Preço por pessoa em dupla (com 12 anos de idade) - 3x R\$ 293,33 - R\$ 880,00.

RECIFE
PRAIA, SOL, JARDIM, PISCINA, 8 DIAS - 7 NOITES.

Preço por pessoa em dupla (com 12 anos de idade) - 3x R\$ 356,00 - R\$ 1.068,00.

ORAMANDO CANELA
COM JARDIM, PRAIA, PISCINA, 8 DIAS - 7 NOITES.

Preço por pessoa em dupla (com 12 anos de idade) - 3x R\$ 282,00 - R\$ 846,00.

APENAS 4x R\$ 497,00

Preço por pessoa em dupla (com 12 anos de idade) - 4x R\$ 497,00 - R\$ 1.988,00.

TEMOS OPÇÃO RODOVIA
A partir de R\$ 234,00 - R\$ 702,00.

PLANTÃO NESTE DOMINGO

0800-080000 - 0800-080000 - 0800-080000

0800-080000 - 0800-080000 - 0800-080000

0800-080000 - 0800-080000 - 0800-080000

ANEXO A

A16 - O ESTADO DE S. PAULO

SÁBADO, 28 DE AGOSTO DE 1999

PERSONALIDADE

Coração de d. Hélder Câmara parou às 22h20

Arcebispo-emérito estava em casa e teve insuficiência respiratória, ontem, no Recife

ROLDÃO ABRUJO

O arcebispo-emérito do Brasil, d. Hélder Pessoa Câmara, morreu ontem às 22h20, de insuficiência respiratória. Ele estava se recuperando de uma infecção em sua casa, nos fundos da Igreja das Fronteiras. De acordo com sua vontade, será sepultado na St. de Olinda, ao lado de d. José Lamsarin, que foi seu bispo-auxiliar.

D. Hélder tinha 90 anos e era considerado uma das mais importantes figuras do processo de renovação que a Igreja Católica viveu no Brasil a partir dos anos 50. Era uma espécie de patrono da chamada ala progressista do clero. Ajudou a criar o Conselho Episcopal Latinoamericano (Cilep) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Cnbb), da qual foi secretário por longo tempo.

Na opinião de um de seus amigos e admiradores, o arcebispo-emérito de São Paulo, cardinal Paulo Evaristo Arns, o traço mais importante da personalidade de d. Hélder foi "sua fidelidade à Igreja e ao povo do Brasil e da América Latina". Para outro de seus admiradores, o bispo d. Amílcar São Paulo, de Marília, ele foi um homem "de extraordinária coerência, que dedicou sua vida aos pobres".

D. Hélder nasceu em Fortaleza em 7 de fevereiro de 1909. Ordenou-se padre aos 22 anos e foi indicado para trabalhar como bispo-auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro em 1952. Ao lado do cardeal d. Jaime de Barros Câmara, começou a ganhar notoriedade nacional por causa de seus programas radiofônicos e, mais tarde, pela sua atuação na Feira da Providência - que até hoje funciona como meio de arrecadar dinheiro para as campanhas sociais da Igreja no Rio.

Em 1964, no ano do movimento militar que depôs o presidente João Goulart, ele foi indicado para o cargo de arcebispo de Olinda e Recife. Nos anos seguintes deu-se ao trabalho com o regime, que nasceu a perseguir. Seu nome era sistematicamente comemorado pelos militares nos meios de comunicação.

D. Hélder viajava frequentemente para o exterior, a convite de universidades católicas, e de-

dicava boa parte de seu tempo a denunciar as arbitrariedades do regime. Essa fama internacional contribuiu para preservar o arcebispo. Embora censurasse nacional e respeito dele, oficialmente o regime nunca o proibiu de viajar nem de pregar.

Quem tentou intimidá-lo foram grupos paramilitares que agiram no Recife. Certa vez metralharam o muro de sua casa.

D. Hélder recebeu o título de doutor honoris causa em quase duas dezenas de escolas e foi premiado diversas vezes por organizações dedicadas à defesa dos direitos humanos. Também chegou a ser indicado em mais de uma ocasião para o Nobel da Paz.

Muito de seus escritos e pronunciamentos foram traduzidos e frequentemente lidos em público. Ele se tornou uma espécie de diva de muitos países. De um lado era censurado por viajar demais e deixar de lado os problemas da arquidiocese. O dramaturgo Nelson Rodrigues repetia, nos artigos que publicava no jornal O Globo, que ele tinha um insaciável apetite pela auto-promoção. Ele ganhou também o apelido de bispo vermelho.

Foi uma espécie de herói para uma geração de padres, leigos e leigos católicos que se inspiravam nele e veneravam como um modelo de uma igreja voltada para os pobres. A casa simples que escolheu para morar, nos fundos da histórica Igreja das Fronteiras, em Recife, transformou-se em uma espécie de centro de memória, onde sempre havia alguém à sua procura. Um dia que foram procurá-lo foi d. Amílcar, quando ainda era padre: "Sem me conhecer, sentiu-se a presença dele e me converti ao catolicismo durante uma hora, de maneira íntima, acolhedora".

Antes de morrer, d. Hélder tornou-se uma espécie de patrono histórico da ala progressista da Igreja, vinculada à luta pela Libertação. Curiosamente, porém, o bispo vermelho sempre esteve

aquele dessa doutrina em termos de radicalismo político. Em relação à doutrina da Igreja, sempre foi alinhado com as tradições. E acrescenta: "Uma das coisas que me mais atraíram foi a doutrina da Igreja, por mais simples que estivesse. Preferia isso a sair por aí em mangas de camisa".

O padre Nelson Roque Ten Kattien, autor do livro Uma Vida para os Pobres - A Espiritualidade de D. Hélder Câmara, observou outros sinais de respeito às tradições, como o gosto pela missa diária e pelas orações. Ao se debrigar sobre os escritos do bispo, o padre Kattien não encontrou um filósofo, nem teólogo de peso. "Sua obra é sobretudo a de um pastor", diz.

O arcebispo da Paraíba, d. Marcelo Pinto Carvalhina, que trabalhou 12 anos como auxiliar de d. Hélder, também o vê sobretudo como um bom pastor, tradicionalista e próximo do povo. Para ele, os militares supersti-

D. Hélder Câmara, arcebispo-emérito do Recife, foi indicado para o cargo de arcebispo de Olinda e Recife em 1964, se indignou com os militares e teve seu nome sistematicamente comemorado pelo regime que tomou o poder.

Progressista, ele era considerado um símbolo da renovação da Igreja.

O arcebispo foi premiado em diversas ocasiões no exterior.

EDUCAÇÃO

Segunda avaliação do Enem começa amanhã

Marcada para começar às 13 horas, prova será aplicada em 162 municípios do País

JULIANA JUNGUEIRA

Amanhã, 346.819 alunos que estão concluído o 1º ano já concluíram o ensino médio vão participar da segunda avaliação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A prova, marcada para começar às 13 horas, será aplicada em 162 municípios brasileiros. O exame foi criado no ano passado pelo Ministério da Educação (MEC) para avaliar as habilidades e competências adquiridas pelos estudantes no fim da educação básica. As universidades, no entanto, também podem usar o resultado da avaliação como um dos critérios de seleção dos candidatos.

Até agora 50 instituições já aderiram ao exame, entre elas a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade Estadual Paulista (Unesp). O objetivo do Enem é verificar se o aluno assimilou as informações repassadas na educação básica e se sabe utilizá-las no dia-a-dia. Para isso, o aluno terá de mostrar que domina diferentes linguagens; compreender fenômenos naturais e sociais; solucionar problemas simples e complexos; organi-

za informações e conhecimentos em situações concretas, para a construção de argumentos consistentes e elaborar propostas de intervenção na realidade.

Formação geral - A tendência atual da educação é proporcionar aos estudantes uma formação geral na educação básica (que inclui o ensino fundamental e o médio). O MEC já está revendo as atuais diretrizes e deve anunciar, em setembro, a reforma do modelo curricular do ensino médio. A nova proposta foi elaborada com base nas competências e habilidades exigidas no Enem.

"O Enem foi concebido pelos membros especialistas que estão fazendo a reforma do ensino médio", explica Maria Helena Guimarães de Castro, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). A avaliação será composta por uma prova de conhecimentos gerais (com 63 questões) e por uma redação. A característica principal do exame é a visão interdisciplinar, em que uma mesma questão pode envolver conhecimentos de duas ou mais matérias.

TESTE AVALIARÁ FORMAÇÃO GERAL

de uma resposta assinala a prova", explica Vera.

Vera explica que é muito importante que os candidatos façam a prova objetiva e a redação. "Como algumas universidades públicas vão usar somente a nota da prova de conhecimentos gerais, muitos alunos estão pensando em não fazer a redação", diz Vera. "É que a nota poderá ser usada mais tarde por outra instituição ou no mercado de trabalho", observa.

Horário
Chegada: 12 horas
Início da prova: 13 horas
Termino da prova: 17 horas
Permanência mínima em sala de aula: 1 hora

Componente de inscrição ou meio de pagamento, RG, cartão-resposta preenchido, caneta, lápis e borracha.

Headphone, celular, pager, calculadora ou similares.

Em todas as inscrições, haverá locais da prova com sala para atendimento especial a para os alunos que não constarem da lista de inscritos. É preciso chegar cedo e apresentar o RG e o boleto de inscrição.

Os endereços das bases de prova podem ser consultados pelo Internet (<http://www.inep.gov.br/enem/>) ou pelo Fala Brasil, da MEC, no telefone 0800-616161.

Haverá duas provas: conhecimentos gerais, com 63 questões de múltipla escolha, e redação. Cada uma vale 200 pontos.

Os resultados saem no primeiro quinzena de novembro. Todos os participantes receberão, em casa, um boleto com seu desempenho no exame, uma nota e sua interpretação para cada uma das cinco competências avaliadas. Os desempenhos são divididos por nota: 0 a 40 (insuficiente e regular), 41 a 70 (regular e bom) e 71 a 100 (bom e excelente).

Secretários querem salário-educação para ensino médio

GEMETHIO WEBER

BRASILIA - Ao mesmo tempo que tenta evitar perdas e garantir mais recursos para o ensino na discussão da reforma tributária, o Conselho Nacional de Secretários da Educação (Conep) quer destinar uma parcela do dinheiro do salário-educação para o ensino médio (antigo 1º grau). A proposta faz parte de documento divulgado ontem, após reunião de dois dias em Teresina (PI).

A verba do salário-educação só pode ser aplicada no ensino fundamental (antigo 1º grau). Mas, diante da expansão do ensino médio (1974 de 1994 a 1998) e do fato de que são responsáveis pela rede de 2º grau no País, os secretários estaduais buscam novas fontes de recursos para melhorar a qualidade e aumentar o número de vagas. Além disso, argumentam que o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef) já destina parte da arrecadação dos Estados para o 1º grau. Os secretários condenaram as ações judiciais movidas por empresas que questionam a cobrança do salário-educação (2,5% sobre a folha de pagamento).

ANEXO A

ANEXO A

Reprodução do acervo do Idheec

[Dom Helder Camara celebra o casamento de Edval Nunes Cajá]

ANEXO A

Carta de Elis Regina escrita em um hotel de Recife para Cajá

ANEXO A

AS CRIANÇAS, AO VEREM O BISPO, DIRIGEM-SE A ELE E PEDEM-LHE A NINHO.

O BISPO-GRUZO JÁ CONHECE TODO MUNDO NA FAVELA DO PINO E AGORA VIVE O PROBLEMA DE TODOS

LAVA, LIXO, H200

ANEXO A

[Capa da Revista Manchete com foto de Dom Helder com crianças]

ANEXO A

Reprodução do acervo do Idhéc

D. Helder com representantes do governo militar descerrando placa de Congresso Eucarístico

ANEXO B

CONTÚCIO Número 15.925

Nome: DOM HÉLDER PESSOA CÂMARA Vulgo: _____

QUALIFICAÇÃO	CARACTERES CROMÁTICOS, ETC.
Filho de <u>João Eduardo Torres Câmara Filho</u>	Cabelos: <u>Parda clara</u>
e de <u>Adelaide Rodrigues Pessoa Câmara</u>	Cabelos: <u>castanhos lisos</u>
Nacionalidade: <u>brasileiro</u>	Barba: <u>raspada</u>
Naturalidade: <u>coarense</u>	Bigode: <u>raspado</u>
Localidade: <u>Fortaleza</u>	Sobrancelhas: _____
Idade: <u>Nascido em 07.02.1909.</u> anos	Olhos: <u>castanhos</u>
Estado civil: <u>solteiro</u>	Estatura: <u>mediana</u>
Profissão atual: <u>Arcebispo de Olinda e Recife.</u>	Corpo: <u>franzino</u>
Sabe ler e escrever? <u>sim.</u>	Local onde trabalha: <u>Arquidiocese de Olinda e Recife.</u>

Residência atual: Rua Henrique Dias, anexa à Igreja das Freixas - Derby.

Residências anteriores: Palácio dos Mangueiros

Nome das pessoas que o conhecem e as respectivas residências: _____

Nome dos investigadores que o conhecem: _____

11. 379

ANEXO B

Estado de Pernambuco - Secretaria de Transportes e Comunicações Departamento de Telecomunicações DETELPE				Carimbo da Estação
Origem	Pla	DTG	Tarifa	
Prioridade	OSL			
CONFIDENCIAL				
Destinatário	EXMO. SR. PROF. ALFREDO BUZAID MINISTRO JUSTIÇA			
Endereço:-	BRASILIA			
Nº 71-63/700- 11.09.70.				
<p>INFORMO VOSSENCIA DOM HELDER PESSOA CAMARA REQUEBEU ESTA SECRETARIA CERTIDÃO NEGATIVA ANTECEDENTES CRIMINAIS ET POLITICOS FIM OBTER PASSAPORTE pt ENCAREÇO VOSSENCIA INSTRUÇÕES SOBRE EXPEDIÇÃO DOCUMENTOS pt CDS SDS PROFESSOR ARMANDO HERMES RIBEIRO SAMICO SECRETARIO SEGURANÇA PUBLICA PERNAMBUCO</p>
Órgão	Registro		Rubrica	
Expedidor				

JUSTICA BSBM
PAL GOV RCE

TELEX MJ BRASILIA DF EM 14 / 09 / 70 MSG NR 998 AAS 1815H

EXMO. SR.
PROF. ARMANDO HERMES RIBEIRO SAMICO
DO. SECRETARIO DA JUSTICA PUBLICA PE PERNAMBUCO

REF. CONFIDENCIAL NR 71-63/700- 11.09.70
VS DOCUMENTOS EXPEDIDOS DE C. P. D. AS
METICULOSAMENTE VS ENCARGOS S PT

CORDIAIS SAUDAÇÕES
ANGELO CORRALVES FERREIRA FILHO
MINISTRO DA JUSTICA VS INTERINO

TRANS POR SANTANA
REC POR @ DANILTON AAS 1821 14/09/70
PAL GOV RCE

JUSTICA BSB
PAL GOV RCE

Documento do Detelpe inserido no prontuário de D. Helder / Dops

ANEXO B

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESTADO DE PERNAMBUCO
SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

INFORME Nº 402/30-SI/SR/DPF/PE

402

DATA : 22.09.80
ASSUNTO : MOVIMENTOS PASTORAIS DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE
REFERÊNCIA : --
ORIGEM : SI/SR/DPF/PE
AVALIAÇÃO : A-1
ÁREA : --
DIFUSÃO ANTERIOR : --
DIFUSÃO : CI/DPF - ARE/SNI - IV EX - CP/PE - II COMAR - PMPE -
ANEXOS : CI/SSP/PE

Os movimentos pastorais (Rurais/Jovens) e demais órgãos de atuação da Arquidiocese de Olinda e Recife, continuam desenvolvendo suas atividades de maneira restrita a seus integrantes, havendo, entretanto, maior abertura nas atividades desenvolvidas no interior.

Houve grande destaque para o debate sobre o Estatuto dos Estrangeiros, promovido pela Comissão de Justiça e Paz (CJP), o Arcebispo Dom Hélder Câmara e o Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), onde vários juristas presentes fizeram suas apreciações, e críticas ao documento.

Dom Hélder Câmara também manifestou seu pensamento e contestou veementemente o estatuto dizendo: "É uma idolatria ao acreditar em abertura, quando a Ideologia da Segurança Nacional é o valor dos valores". Disse ainda que a palavra estrangeiro não tem nenhum sentido para ele, uma vez que só considera estrangeiros aqueles que se fecham no seu egoísmo.

No período de 15 a 23.09.80, houve grande movimentação por parte do clero da Arquidiocese de Olinda e Comissão de Justiça e Paz, nas pessoas do Arcebispo Dom Hélder Câmara e membros da citada comissão, no sentido de apoiarem o Dia do Religioso e Trabalhadores Rurais de Propriá/SE a respeito da violência ali ocorridas.

CONFIDENCIAL

CPF-132

ANEXO B

14/5

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
GABINETE DO DELEGADO
PERNAMBUCO

DELEGACIA DE SEGURANÇA SOCIAL.

Recife, 15 de maio de 1969.

Sr. Comissário-Chefe:

Apresento a V.S. o movimento do telefone sensurado por esta Delegacia durante o período de 18 horas do dia 14.5.69 às 17 horas do dia 15.5. do mesmo mês.

DEA 14.

18:35 - De: Don Batista - Para @ nº 81156 resid. de Galdêncio C V Leal. Rua Estrela, 123. O mesmo não estava.

19:15 - Da Academia Stª Gertrudes perguntando pelo horário das missas.

19:17 - Telefone de fora perguntando por Frei Conrado que se encontrava ausente.

19:34 - O telefone 21804 chama o Mosteiro porem não atendem

19:41 - Este telef. pertence a Creuza Mota Valença.

19:35 - Don Conrado no Mosteiro telefona para 41915 e fala de assuntos familiares. Este Telefone pertence a Osvaldo Francisco de Paula.

19:48 - Do Mosteiro ligam para 81583 em lingua alemã.

DIA 15 -

07:15 - O Mosteiro recebe telefonema da irmã de D. Gabriel assunto familiar.

07:30 - O Mosteiro liga para 90317 e pede a D. Crisóstomo para renovar uma documentação na Cáritas. Este telefone pertence ao Mosteiro de Nª Sª Monte.

(continua)

ANEXO B

MINISTERIO DA MARINHA
CCE
 ORGÃO SUPERIOR
ORGAO DO 3º DIA
 ORGÃO

CONFIDENCIAL
 GRADUACAO SIGILO

Data **16 01 73** N.º **007**
 Origem **3º Dia**
 Referência **IV-XX - 2º ZA - SNI/ARE - DPE/PE -**
 Disseminação **SSP/PE - Gpto.FM/Re - FAPF - ARQUIVO,**

URGENTE

INFORME/INFORMAÇÃO/PED-BUSCA

AVALIAÇÃO	
CONFIANÇA	B
VERACIDADE	3

ÍNDICE DE CLASSIFICAÇÃO
 (preenchido pelo receptor)

Disseminação Anterior **-X-X-**

PARA ADIDOS — País de origem **-X-X-** País/área a que se refere **-X-X-**

Consta que D. HELDER GOMARA, teria preparado um manifesto e distribuído as igrejas que comungam com suas ideias, acusando os Órgãos de Segurança de praticarem arbitrariedades contra estrangeiros em visita ao Brasil.

Num dos trechos diz o seguinte:

"Mais uma vez concretiza-se ações criminosas em nosso País, uma estrangeira chegada ao Brasil com o propósito de casar e constituir família foi barbaramente assassinada e acusada de subversiva.

Consta ainda que o Padre SEVERINO da Paróquia de São Sebastião, Vasco da Gama, teria sido encarregado da distribuição desse manifesto. -X-X-

meta

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento.
 (Art. 52-B do n.º 60.417-51 - Regulamento para Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

A Revolução de 64 é irreversível e consolidará a Democracia no Brasil.

DELEGACIA DE SEGURANÇA SOCIAL
 Estado de Pernambuco
PORTARIA
 N.º **185**
 Data **26 de 01** de **1973**
Boulin
 Encarregado

Protocolo Sigilos
 em 17/1 Janeiro 1973
 83-66151

CONFIDENCIAL
 GRADUACAO SIGILO

URGENTE

Documento da Ministério da Marinha inserido no prontuário de D. Helder / Dops

ANEXO B

 ICA
 SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
 REQUISIÇÃO

DELEGACIA DE SEGURANÇA SOCIAL
 (Secção de Imigração)

Informação nº 42.200

HUIJES PESSOA CÍVIL - Em 15.09.1970, foi dada informação Negativa em uma fôlha corria nº 88.081 de 04.09.70, nas seguintes termos: Informa, para o fim de obter passaporte, que o requerente não regista antecedentes nesta Delegacia. Ordem transmitida pelo Sr. José Oliveira Silvestre Delegado, conforme entendimento com o Dr. Armando Sampaio, Secretário da Segurança Pública. em

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1970

Armando Sampaio
 Chefe de Arquivo

Em 19.09.1970 foi dada a seguinte informação mencionada acima, conforme foi solicitada ao Del. Secretário e o Oficial de Gabinete, transmitida pelo Dr. Delegado.

Em 04.10.1970 foi dada a mesma informação mencionada acima, transmitida pelo Delegado, na uma fôlha corria para o fim de passaporte.

PAULO ERRAZI - D. Helder - Foto HILSON

2

2

3

Documento da Delegacia de Segurança Social inserido no prontuário de D. Helder / Dops

ANEXO B

MOINHO *RECIFE* ANO 50°

BEM-VINDO!

nome de nossa Empresa, de seus diretores e todos os seus auxiliares, damos as boas vindas a S. Excia. Revma. Arcebispo D. Helder Pessoa Câmara, almejando-lhe os melhores êxitos em sua nova grande missão.

Nas emoções do cinquentenário da fundação, que estamos comemorando neste ano, recordamos com saudade D. Sebastião Leme, inolvidável Arcebispo de Olinda e Recife, que por ocasião da inauguração de nossas instalações fabris, trouxe-nos a bênção à iniciativa e palavras de incentivo, consolidando, assim, também nesta Empresa, a presença da Igreja — "MAE E MESTRA".

50 ANOS
RECIFE

Anúncio publicitário veiculado em jornal do Recife para dar boas vindas ao novo arcebispo

ANEXO B

- Quem é?
- É D. Helder cobrando pedágio para o Inferno!!
- Qua! Qua! Qua! Qua! Qua!

ANEXO C

*Entrevista concedida à jornalista Divane Carvalho, publicada no Jornal do Brasil – 24 de abril de 1977.

“Quanto mais negra é a noite, mais carregada em si a madrugada”

Nunca me senti um pastor simplesmente de almas. Sou um pastor de homens, de criaturas humanas com a alma, corpo e todas as consequências. A mim interessam cada vez mais os grandes problemas humanos. Isto me parece, inclusive, uma obrigação evangélica – diz D. Helder Camara, Arcebispo de Olinda e Recife, ao completar 25 anos de consagração episcopal.

A diocese de D. Helder contém cerca de três milhões de católicos, espalhados nos oito municípios que compõem a Zona Metropolitana de Recife e outros municípios da “mata úmida”, na região Canavieira de Pernambuco - a maior concentração populacional do Nordeste. "Se nascesse mil vezes, mil vezes eu queria ser padre" – diz D. Helder, o que se considera político - "se entendermos como uma pessoa preocupada com os grandes problemas humanos". Nesta entrevista exclusiva, D. Helder Camara faz um balanço da sua vida política e pastoral, fala de suas viagens, pregações, pronunciamentos e da sua igreja:

“Não tenho receio quanto à marcha da Igreja porque, apesar de estar entregue a nossa fraqueza, ela é de Cristo. E é conduzida pelo Espírito Santo. Participar plenamente da visão de João XXIII: para mim, apesar de todas as fraquezas que ainda existem, a Igreja está vivendo uma hora de Primavera”.

SOBRE INTEGRALISMO, CAPITALISMO E COMUNISMO

Ordenei com 22 anos e meio, em 1931. Pouco tempo depois, Plínio Salgado começava a escrever no jornal de São Paulo chamado "Ação". No Ceará, ligamos aqueles artigos concerto avidez. Devo muito ao meu seminário. Devo muito, mas por isso mesmo me sinto à vontade para dizer que, do ponto de vista social, realmente sai pouco aparelhado.

ANEXO C

O aspecto social não era o forte dos meus mestres. tanto assim que a nossa visão era de que o mundo se dividiria, cada vez mais, entre direita e esquerda, entre capitalismo e comunismo. E nos sopravam, discretamente, naquele tempo, que dos males o menor. Então, quando surgiu a Ação Integralista Brasileira, que era de fato, o fascismo brasileiro, eu estava tão convicto de que o mundo realmente partiria para esse embate, para essa divisão, que consultei meu bispo, ao ser convidado para ingressar no movimento. O arcebispo de Fortaleza julgou que seria interessante e oportuno que entrasse porque – dizia ele - ao menos você estará com os jovens, com os trabalhadores e se aquilo tomar alguma errada demais, você pula fora, com o pessoal.

Devo dizer que essa experiência não durou muito tempo, por que pouco a pouco meus olhos se abriram e foi fácil ver que não era verdadeiro este embate capitalismo/comunismo – pelo qual tantos ainda hoje juram. Aquela visão que eu tinha em 1931 – com 22 anos e meio – infelizmente não falta quem tem ainda hoje. hora que não ver hoje que capitalismo e comunismo, ao menos no tocante às suas superpotências sabem explorar muito bem as mútuas divergências, mas sabem caminhar juntos quando os interesses falam mais alto. Não esqueço nunca o que se passou em Yalta, no final da segunda guerra mundial lá estava ao lado de Churchill, ao lado de Roosevelt, o próprio Stalin.

E depois disso, quantas vezes, quando os interesses falam mais alto, comunistas e capitalistas sabem caminhar juntos. O que foi Nixon fazer em Moscou quando de sua primeira visita? Realisticamente, a América do Norte sabia que, embora a Inglaterra estivesse ao lado dos vencedores na segunda guerra mundial, já não era mas a primeira força do mundo: a primeira eram os EUA. Mas os americanos sabiam que a segunda era esquadra russa e Nixon – a pretexto de trabalhar pela paz –foi dividir, não digo fraternalmente, mas de maneira muito pragmática, os portos do mediterrâneo entre a esquadra russa e a americana. A gente sabe disso pela própria imprensa Americana. Eu me recordo que a revista “Time”, na época, disse que o mediterrâneo Virara um lago russo-americano.

Como se está vendo, durou pouco tempo esta passagem pelo integralismo e que hoje é motivo de muitas críticas. Muita gente que descobre nesta passagem motivos de recalques, não sabe como agradecer a Deus perfeito esta experiência. Lembro-me sempre de Santo Agostinho que dava graças a Deus porque antes de descobrir a verdade ele atravessar a uma série de erros, e tudo é fecundo. É bom que a gente erre porque aprendi a ter um pouco mais de paciência com os que erram.

SOBRE IGREJA E ESTADO

Quanto a ressentimentos, não os tenho. Saí do erro do integralismo e caí em outro –

ANEXO C

julgar que, no Brasil, vivíamos uma situação quase ideal quanto ao relacionamento entre a Igreja e o Estado. Não tínhamos uma religião oficial –o que me parecia um bem muito grande – mas a mim me parecia que Igreja e Estado se respeitavam mutuamente e mantinha uma real colaboração. Não descobri que, agindo desta maneira, eu ajudava a igreja a manter a situação, o status quo. Sem verificar que deste modo nós estávamos contribuindo para manter terríveis injustiças, por que manter a chamada ordem social é, realmente, manter terríveis injustiças. Claro que, nesse tempo, o Estado e os grupos poderosos ficavam muito felizes com a colaboração da Igreja; a pretexto de salvar a autoridade e a ordem social, nós estávamos sustentando injustiças. Mas a situação do mundo, não apenas do nordeste não só do Brasil, não só da América Latina, foi se tornando cada vez mais crítica.

Depois da rápida passagem pelo integralismo, fiquei achando que o governo e a igreja vivia uma situação muito especial no Brasil. Durante o congresso eucarístico internacional, do qual fui secretário-geral (em 1936), obtivemos do Presidente Getúlio Vargas que ele destacasse um embaixador especial que seria o coordenador das atividades de todos os Ministérios, Departamentos e Autarquias para facilitar o Congresso.

Nunca fui getulista, nem anti-getulista. Naquele tempo eu olhava o Getúlio e via nele uma figura estranha; de um lado, sem dúvida, era um ditador. Houve abusos terríveis de poder. Eu não era tão ingênuo a ponto de não perceber que havia abusos de poder. Mas, de outro lado, era um ditador que, por motivos hoje conhecidos, porque já se escreveu muito sobre a sua época, resolveu doar aos trabalhadores uma legislação, sem dúvida avançada. É claro que o próprio fato de doar – e Getúlio não o percebia, e talvez não o pudesse entender - já era falha gravíssima, porque não é o ideal é que os trabalhadores recebam como favor o que devem conquistar por direito. Na igreja, hoje, insistimos muito em chamar a atenção para os direitos fundamentais do homem. Creio que é uma das tarefas mais importantes. E entre os direitos fundamentais está o direito ao trabalho (felizmente a Campanha da fraternidade de 1978 vai clamar por justiça e direito ao trabalho). Existia esse direito ao trabalho, como existe um direito à casa, à moradia. Ah, se levar sem conta ao menos os direitos fundamentais.

Mas, voltando a Getúlio. Eu não era getulista nem antes getulista. Aquele populismo nunca me enganou. Eu sempre achei que havia ali qualquer coisa de falho, nunca me empolguei por peronismos, getulismos. Mas, eu me recordo, por exemplo, que quando saímos – o Cardeal D. Jaime Câmara e todos os seus bispos auxiliares da Candelária, da missa em sufrágio do major da aeronáutica que tinha sido assassinado –quando estava protegendo Lacerda. Ali já era evidente o clima de revolução, a a revolução já estava praticamente na rua. Quando saímos lembro de ter dito ao cardeal: você me envia veio aos seus bispos auxiliares a esta missa, eu achei certo termos vindo. Vim de coração, mas acho

ANEXO C

que para revelar realmente imparcialidade, seria de conveniência uma visita ao Presidente Vargas que nesta altura é um homem acuado.

Carlos Lacerda estava no auge daquela campanha sobre o mar de lama. A guarda pessoal já tinha sido retirada, com Gregório à frente, e o palácio do Catete estava as moscas. Então – e era isso que o cardeal também estava pensando – D. Jaime me autorizou a pedir uma audiência e eu me articulei com o general Coelho Lisboa, que me havia sido o embaixador destacado por Getúlio para ser o elemento de ligação com o congresso eucarístico internacional. Getúlio estava tão só que disse podíamos ir imediatamente. E nós fomos. Getúlio nos recebeu onde não costumava receber, numa pequena biblioteca privada do Catete, de óculos escuros. O cardeal só teve tempo de dizer "Presidente, julguei de meu dever vir visitar a vossa excelência." E aquele homem casmurro, aquele caladão, falou, falou, falou, durante mais de meia hora sem parar. Eu me recordo que ele começou dizendo, "cardeal não sou um homem de ódio" e continuou a falar e a falar. Quando saímos eu disse: "cardeal esse é um homem a um palmo do suicídio". 4 dias depois, Getúlio dava um tiro no coração.

E daí por diante, vieram vários presidentes e, evidentemente, Juscelino Kubitschek aí foi o auge da colaboração. Ouvir inclusive os famosos encontros dos bispos do nordeste, dos prelados da Amazônia, dos prelados do São Francisco; foi a fase em que eu estava seguro, convicto de que o Brasil estava partindo para um grande desenvolvimento. Eu não percebi a quê estávamos longe, longe, daquela definição tão bela de Paulo VI: "desenvolvimento do homem todo e de todos os homens". Não percebia que o que nós estávamos fazendo, com as melhores intenções, era apenas promover o crescimento econômico de grupos privilegiados. Mas foi esta a fase.

SOBRE 1964, E DEPOIS

Agora, Será que o afastamento (entre igreja e Estado) se deu ao fato da chegada dos militares ao poder? Houve apenas uma coincidência.

Quem acompanhar o agravamento da situação do mundo, quem acompanhar a sucessão de cartas dos papas, quem levar em conta o concílio Vaticano II e Medellín, verificar a que tudo isso ajudou a eclosão de uma fase nova, de uma atitude nova da igreja no mundo, na América Latina e aqui no Brasil, onde houve coincidência com o movimento dos militares . Mas não havia, absolutamente, nenhuma prevenção particular contra os militares.

Eu me recordo que no tempo do congresso eucarístico, como eu precisasse, como secretário-geral do evento, de uma coordenação, um comando para encher e esvaziar a

ANEXO C

praça do congresso várias vezes por dia, pedir ajuda nada mais nada menos que os militares quem tendem de logística, são mestres em organização. Foi deles o comando da praça. E depois, quando organizamos a feira da providência, também o comando estava em mãos de militares. Eu sou grande oficial do exército, da Marinha e da aeronáutica. Não tenho nenhuma prevenção contra militares. Absolutamente.

O que houve, aconteceria mesmo se o presidente fosse meu querido Juscelino Kubitschek. Apenas eu teria tido a oportunidade de dialogar e chegar a ele e dizer: “Presidente, esse apoio que a gente vem dando a ordem social não pode continuar porque não existe ordem, existe uma pseudo-ordem social e nós temos de emprestar voz aos sem voz. Temos de procurar encorajar, ajudar as promoções”.

Um dia eu ainda consegui perguntar à uma autoridade militar porque é que eles me chamavam subversivo e comunista (Eu gosto muito de conhecer o ponto de vista daqueles que discordam de mim). Era o general Murici. No Rio de Janeiro cheguei a ficar muito ligado a família e o próprio general Murici. Ele me deu explicações: é muito fácil de explicar. Você sabe que é mais fácil e mais rápido abrir os olhos do povo do que fazer as reformas de base. Se, apesar de saber isso, insiste em abrir os olhos do povo, você é um agitador; você é um subversivo e está fazendo o jogo dos comunistas, por que no fim é ao comunismo que vai levar.

Eu disse: "general, agradeço porque realmente eu gosto de conhecer o ponto de vista daqueles que discordam de mim. Agora me permita que eu responda. Se o senhor pensa que estou andando depressa demais. América Latina já espera há quatro séculos e meio e a África e a Ásia esperam há milênios. O senhor está pensando que sou subversivo. Subversiva é a situação em que se acha o povo porque, não se iluda, o que está havendo é o crescimento econômico de uma minoria privilegiada, mas está ocorrendo uma proletarianização crescente. As massas estão cada vez, mas na fome e na miséria”.

Tive, também, oportunidade de lembrar a ele que até agora o nosso povo, graças a Deus, não sabe odiar. Eu pedi: “general vamos ver se é possível parar com tanta opressão ao povo para que a gente não chegue um dia a odiar”. É claro que enquanto depender da igreja tudo faremos para quê se obtém a justiça, porque sim justiça não haverá paz, mas evitando-se, cuidadosamente, o ódio. Eu tenho repugnância ao ódio; o ódio é anti-Deus; Deus é amor.

Quanto às reformas de agora, elas me afligem. A televisão francesa está me convidando para, na primeira semana de outubro, participar, em Atenas, de um grupo muito simpático para de bater, durante três noites, se ainda há vez para a democracia nos nossos tempos. Ah, meu Deus, quando penso que estava ainda com aquela ponta de esperança de que nós marchamos para uma distensão democrática, de repente há esta contra marcha

ANEXO C

terrível. É de apertar o coração.

Fico pensando sobretudo nos jovens, porque afinal de contas as crianças estão crescendo sem ter uma experiência diferente: sempre, sempre nessa situação de exceção. É uma exceção que se transforma em regra. Ora, os bispos do Brasil, no seu documento, já lembravam lixo. Nós podemos admitir e, é perfeitamente possível, mas o nome mesmo diz é uma exceção, não pode ser regra.

Então, o que me aflige? Me aflige de pensar no Brasil. Me aflige, pensar no exemplo que o Brasil dá aos países da América Latina, aos países do terceiro mundo, a América Latina que tem uma responsabilidade tão grande dentro do terceiro mundo. Será que a gente quer provar que não é possível caminhar? Afinal de contas ninguém é tão ingênua que não tenha percebido, apesar da explicação que foi apresentada pelo presidente da República; com todo o respeito para a sua excelência, ninguém é tão ingênua a ponto de não entender que foi apenas um pretexto aquele episódio da reforma judicial. Um pretexto, nada mais que isso. Porque afinal, de contas um projeto do governo, que tinha sido gravemente combatido é criticado por todos os grandes órgãos específicos que lidam com direito, todos os grandes órgãos fizeram restrições. O próprio partido do governo elaborou um substitutivo. No fim vem o presidente e apresenta a oposição como a ditadura. Afinal de contas o povo não é tão ingênuo assim. Isso me aflige por que o Brasil tem realmente responsabilidade imensa na América Latina e no terceiro mundo.

Quando viajo (e faço quatro as cinco viagens por ano) vejo como se olha para o nosso país. Sei como se tem esperança que da América Latina saia a solução nova, já que os sistemas que estão aí –ao menos no tocante às superintendências que os encarnam –não estão apresentando solução. Quando vejo o que se passa na África, aqueles jovens países africanos, jovens porque só agora tiveram a sua independência política, quantas vezes vendo aqueles jovens apaixonados chegando a ONU, tinha ímpeto eles dizer: não se iludam demais com a independência política. A América Latina tem uma experiência de século e meio. A independência política sozinha é apenas o começo do começo. Não tem um grandes ilusões. Quando agora nós vemos a África que olha buscando quem ajude, e enxerga sobretudo três impérios: América do Norte, a Rússia e a China –os três brigando para ajudar, mas nenhum dos três é capaz de ajudar sem meter a pata.

SOBRE O PAPEL DA IGREJA E DO PADRE

Fundamentalmente, a igreja é a mesma, por que no seu fundador ela é Divina. Agora, ela é entregue à nossa fraqueza humana. E o que houve de fundamental nesses anos, além das encíclicas papais que já vinham alertando, além das várias experiências que foram

ANEXO C

ocorrendo, como, por exemplo, o movimento litúrgico, o movimento da ação católica, foi a grande revolução – emprego esta palavra no seu melhor sentido - foi surpresa de Deus com a chegada de João XXIII e o Vaticano II. Em menos de cinco anos, o santo Papa João XXIII acelerou uma extraordinária mudança na igreja sobretudo nesta linha de fazer com que cada vez mais a igreja prefira servir a ser servida. Essa para mim é uma das marcas essenciais. É a igreja que pretende, que deseja ser, que precisa ser servidores de todos, mas especialmente dos pequenos, dos humildes, dos oprimidos que hoje são dois terços da humanidade.

Não tenho receio quanto a marcha da igreja porque, apesar de estar entregue as nossas fraquezas humanas, ela é de Cristo. E é conduzida pelo Espírito Santo. Participar plenamente da visão de João XXIII: para mim ficar ela a igreja está vivendo uma hora de primavera pronto e se tu vários exemplos:

Primeiro, pelo aspecto litúrgico, já pensou o que é a gente celebrar na língua do povo, o povo participando da missa? Isso é importantíssimo porque a eucaristia é o centro da vida. Então, vai haver consequência. Depois, sinto cada vez mais, e isto se acentuou particularmente no Vaticano II, esta é a visão de que Deus falou e a palavra que Deus disse que está na Bíblia. Por isso é que a bíblia, que durante muito tempo em frente ou uma atitude receosa da parte da igreja católica, por que os nossos irmãos evangélicos se abraçaram a ela. Hoje, cada vez mais nós amamos a Bíblia, mas para nós Deus é um Deus vivo, é um Deus que falou e continua falando. A palavra que ele disse está na Bíblia e a palavra que ele continua dizer está nos acontecimentos. Para citar um exemplo concreto: Lemos na Bíblia que, quando o seu povo era oprimido pelos faraós do Egito, Deus ouviu o seu clamor.

Ora nessa hora em que as nações unidas proclamam a necessidade de uma nova ordem econômica internacional, porque 3/4 partes da humanidade estão numa posição indigna de ser humano, nesta hora em que há tanto a pressão, tanto esmagamento no mundo inteiro, Deus vai deixar de ouvir o clamor do seu povo?

A criação por exemplo: seria tão fácil ao criador e pai realizar a criação de uma vez por todas; realizar um trabalho perfeito, acabado. Ele apenas começou a evolução criadora e quando surgiu o homem, faz com que ele participe da inteligência, da Liberdade, que são dons divinos. O homem participa da natureza Divina, o poder criador de Deus; o homem é co-criador, o homem está encarregado de vencer a natureza e completar a criação.

Também quando chega o Filho de Deus esse faz homem para libertar o homem do pecado e das consequências do pecado, do egoísmo e das consequências do egoísmo. Teria sido facilímo para Cristo libertar de uma vez os homens; mas apenas começou a libertá-lo. Ele nos quer como co-libertadores.

Isto é apaixonante, viver no tempo em que mais de ¾ partes da humanidade estão precisando de libertação. Quando era criança, sempre pensei que deveria ter sido

ANEXO C

apaixonante viver no tempo dos abolicionistas, no tempo de patrocínio, de Joaquim Nabuco e Castro Alves a escravidão ali pesando sobre os nossos irmãos negros, e aqueles abolicionista os loucos, se batendo para libertar os escravos.

Ora, só não existe escravidão oficial, mas de fato está aí a opressão caindo sobre o mundo – não só sobre o nosso país ou sobre a América Latina, mas sobre a humanidade. O trabalho que temos de empreender é ciclópico, primeiro porque não pode ser feito apenas no país, nem pode ser feito apenas pelos cristãos. Temos de contar com todos aqueles que creem em Deus, que temem a Deus, o pai de todos nós ficou e até mesmo com pessoas de boa vontade e, que de maneira sincera amem a criatura humana e deseja e realmente um mundo mais justo, mais humano, mais respirável.

Eu não me alarmo com o problema da vocação sacerdotal, porque nós padres abusamos muito do nosso papel de padre. Ouvir um clericalismo muito sério, a gente fazia de conta que confiava no leigo. Chamava o leigo, queria a colaboração do leigo, mas de fato o padre tinha a última palavra. Então, muitas funções que cabiam ao leigo, que os leigos sabiam desempenhar melhor que nós, ficávamos aí observando, absorvendo. Na medida em que, efetivamente, abrimos lugar para os leigos, um número muito menor de padres poderá dar conta de um trabalho muito maior, desde que conte efetivamente com os leigos. Depois, na medida em que nós padres realmente abraçamos a nossa missão de servir com entusiasmo, com alegria, não faltaram vocações. O que mais estraga, o que mais afasta os jovens do sacerdócio, é encontrar padres frustrados, pessimistas, desanimados, sem acreditar na sua missão, sem acreditar na sua própria vocação.

Se a juventude vir que a igreja, com sinceridade, abre mão cada vez mais da preocupação de prestígio, não se atrela aos poderes; se a igreja se tornar servidora com Cristo e procurar viver por exemplo o Vaticano II – as admiráveis conclusões do Vaticano II e, para nós da América Latina, admiráveis conclusões de Medellín, não tenho dúvida de que muitos jovens seguiram a igreja com maior simpatia. É claro que não vamos fazer isto por uma questão política, por querer arrebanhar novos adeptos.

Não. Fazemos, procuramos fazer, porque esse é o nosso dever. Apenas digo que, na medida em que os jovens virem na igreja não o que é Marx antevia no seu tempo, e desgraçadamente em parte ele tinha razão – a religião como uma força alienadora e alienante – se de repente eles vem uma força de libertação de Lula uma força de esperança, muitos jovens começaram a olhar a igreja com respeito, com simpatia, e quem sabe acabaram acompanhando e muitos chegaram talvez até ao sacerdócio.

Eu já conversei que participei daquela visão de que os dois poderes eram as duas espadas do poder temporal e do poder espiritual. Gostava de pensar que temos aqui uma situação quase ideal em matéria de relacionamento entre igreja e estado. hoje, com todo

ANEXO C

respeito para com as autoridades, acho que o compromisso da igreja é com o povo, como também o compromisso do governo é com o povo. Agora, Cid lado a lado formos fiéis aos nossos deveres, talvez até possamos nos encontrar no serviço do povo.

Acho que o padre já tem na sua missão de servir um campo maravilhoso. Na medida em que ele viver esta política de servir ao povo, de ajudar a orientar bem as consciências; tenho para mim que ele não sentirá com necessidade de engajar-se nenhum partido político.

SOBRE AS CRÍTICAS ÀS SUAS VIAGENS

Arcebispo de Olinda e Recife que se mantinha quase 10 anos sem conceder entrevista à imprensa brasileira, e no exterior era sempre solicitado a falar, resultando uma série de críticas, fala sobre esses episódios e particularmente sobre o silêncio que lhe foi imposto, no país.

Primeiro quero dizer que tudo isto é tão ingênua. Eu me recordo que, quando foi raptado e torturado o irmão D. Adriano Hipólito, em certo momento, na escuridão, ele sentiu que derramaram líquido sobre ele. Chegou a pensar que era gasolina e que iam atear-lhe fogo. E ele teve a graça Divina de aceitar, naquele instante, o sacrifício da vida. Ofereceu a vida naquele instante em que estava certo de que iam queimá-lo vivo mas era um líquido vermelho que estavam derramando sobre ele, para mostrar que era um bispo vermelho. Que coisas ridículas, coisas tão pequeninas.

No meu caso houve instantes assim, numa campanha muito generalizada, até parecia orquestrada, que havia algum maestro regendo por trás, senão financiando por trás de ponto mas quando amigos chegavam indignados, particularmente com alguns artigos que consideravam ofensivos, injuriosos e até contra a verdade, ficavam muito surpresos de não me encontrarem indignado e com raiva. E um dia até tentei explicar algum deles: reparem, a criatura humana é muito frágil. Acreditamos facilmente nos elogios que recebemos. Quando fazemos uma coisa bem feita e vem alguém elogiar-nos, pensando que é o primeiro que chega, em geral já é o segundo; quem primeiro se elogia é a própria criatura. Ora, é um perigo apenas receber elogios, porque se a criatura apenas recebe elogios acaba acreditando que vale alguma coisa, e aí de quem acredita no seu próprio valor, aí de quem se julga inteligente, culto, preparado – o santo – é um desastre. Então, no íntimo, até tem uma gratidão por aqueles que vivem me atacando, por que ajudam a equilibrar um pouco. Há tantos que elogiam que considero uma graça de Deus que de vez em quando venham furar o meu balão.

Se parti para o exterior foi porque me convence de que hoje de tal maneira os problemas humanos têm uma escala mundial que não adianta querer a mudança das estruturas injustas que esmagam quase três quartos da humanidade, trabalhando – apenas

ANEXO C

no Brasil. Temos hoje que está em contato com outras hierarquias e até com outras religiões, com pessoas de todos os credos, todos aqueles que creem em Deus e com todas as pessoas de boa vontade. São muito mais generosa do que a gente imagina.

SOBRE SUAS RELAÇÕES COM A IMPRENSA

É por isso que eu gosto de gravação. Porque eu respondo pelo que digo e não pelo que dizem que digo. Jamais ataquei meu Brasil. Combate às injustiças. Combato os absurdos. Agora, evidentemente, se combato, vou aos Estados Unidos, a Europa, ao Japão, viajo por aí afora e digo sempre que não me sinto um estrangeiro em nenhum país do mundo, que me sinto à vontade porque hoje não há mais problemas que se tranquem nas fronteiras de um país. Estamos vivendo a hora das multinacionais, o esquema é Mundial, isso sobretudo é verdade, eu tenho convicção profunda de que todos têm o mesmo pai, somos todos irmãos.

Eu posso me referir a problemas que rebentem, de modo particular na Europa ou nos Estados Unidos; quando combate às injustiças, se essas injustiças são com batidas no Brasil, não estou combatendo o Brasil: estou combatendo as injustiças das quais as primeiras vítimas são muitas vezes os brasileiros.

O meu silêncio dentro do Brasil, vocês sabem que não depende de mim. A pergunta deve ser feita a outros escalões. Por exemplo, se eu sair da televisão, não é porque eu deixasse de compreender a importância enorme da televisão, uma força imensa. O Vaticano nunca me mandou calar, pois se me deixa a frente de uma Arquidiocese é claro que não iria impedir. Ouvir um rumor de que talvez me fosse devolvido direito de falar na televisão, desde que me limitasse rigorosamente a evangelização, sem partir para a politização, para humanização. Essas separações eu não sei fazer. Nunca me senti um pastor simplesmente de almas. Sou um pastor de homens, de criaturas humanas com a alma, corpo e todas as suas consequências. E a mim me interessam cada vez mais os grandes problemas humanos isso me parece inclusive uma obrigação evangélica, de forma que o silêncio no Brasil não depende de mim.

Graças a Deus nós não somos obrigados ao êxito, Deus não exige vitórias. Ele exige trabalho, exige esforço. O êxito, a vitória, não depende de nós, graças a Deus. Reparem que muitas vezes quando a gente pensa que o fracasso é total, estamos às vésperas de uma vitória. Na sexta-feira Santa, depois de ter pregado como nunca homem nenhum pregou, depois de ter realizado prodígios admiráveis, quando o esbofetearam, escarraram-lhe no rosto, carregou aquela cruz pesada, caiu três vezes no caminho e ficou 3 horas na cruz recebendo insultos, nu diante da multidão, quando expira é colocado morto nos braços de

ANEXO C

ANEXO C

* Reprodução da entrevista de Dom Helder ao *Pasquim*, publicada na edição de 26/ a 1 de abril de 1970.

Negócio é o seguinte: poucas pessoas tem desempenhado na atual fase, papel tão importante quanto essa figura notável do padre Helder Camara. O PASQUIM se orgulha de apresentar a entrevista do Padre Helder que se constitui num documento que precisa ser analisado por tantos quantos se interessem pelo destino do homem e seu papel dentro de uma sociedade, como a nossa que enfrenta sua hora de opção. Assim, apresentamos a entrevista de Dom Helder, coordenada por Cristina Tavares Correia, Jeová Franklin e Frederico Vasconcelos, como a entrevista de um irmão da turma"

O PASQUIM - O Sr. tem conseguido dialogar com os jovens radicais?

DOM HELDER – Numa ocasião, há pouco tempo, no Canadá, quando aludia que alguns marxistas querem impor o materialismo dialético, então eu fui contestado por um jovem da linha chinesa, um maoísta, que me disse: “mas, que força moral tem você para reclamar contra uma interpretação dogmática de Marx? Você, que pertence a uma igreja que é incapaz de respirar fora do dogma?”

O PASQUIM - Resposta difícil para o Sr, não?

DOM HELDER - De maneira alguma. Eu agradei a objeção porque foi uma objeção que me dava margem para um esclarecimento necessário.

O PASQUIM - em outras palavras, o rapaz deu uma “deixa”.

DOM HELDER - Exato. Na ocasião, a sala transbordava de jovens. O auditório me era muito simpático. Com a pergunta do rapaz, eu senti que o auditório perdeu a respiração. E respondi: o mal não é ter dogma. Eu creio que qualquer um de nós tem seus dogmas. Porque aí daquele que não tem convicções. Convicções profundas. Então, que eu tenha dogmas na igreja, que vocês marxistas tem um dogmas, não é aí que está o mal. Agora o mal é para atender impor a força os seus próprios dogmas".

O PASQUIM - como a inquisição fazia, não é mesmo?

DOM HELDER - e eu posso falar de cadeira, porque eu pertenço a uma igreja que, desgraçadamente, durante séculos, fez a experiência dolorosa, através da inquisição, de pretender impor a força os seus dogmas religiosos. Era o “crê ou morre”. Assim como eu reconheço que muitos aparelhos de torturas de hoje são cópias dos aparelhos de torturas da velha inquisição. Hoje em dia, ah muita facilidade dos choques elétricos. Mas, eu dizia o rapaz: “agora que a igreja está, afinal, de fato preocupada com a liberdade religiosa, com respeito à religião –por que durante um certo tempo a igreja era mestra em querer a

ANEXO C

liberdade religiosa para ela, não para os outros - então eu digo que não seja na era das viagens espaciais, na era eletrônica, que vocês queiram repetir a experiência triste, dolorosa, da inquisição. Não emitem a tentativa de hoje, como a maior abertura, maior compreensão, maior respeito pela convicção dos outros. Inclusive a própria convicção dos não religiosos.

O PASQUIM – Mas, Dom Helder, parece que a igreja, hoje, não ameaça mais porque ela já não tem mais poder temporal. Mas, ainda ameaça com o castigo da vida eterna.

DOM HELDER – Esse problema de castigo da vida eterna é, na realidade, uma incompreensão. Não depende muito da maneira pela qual os problemas são apresentados. Durante muito tempo houve uma pedagogia do medo. Então, certos dogmas eram apresentados e desde a infância havia uma série de gravuras, cenas, que, por vezes, chegavam a criar perturbações psíquicas. Mas, hoje, leia-se a moderna literatura religiosa.. **O PASQUIM** – O catecismo holandeses, por exemplo.

DOM HELDER – Então, hoje, o que se pensa em ideal é aquele soneto tão / e mesmo sem ter inferno / eu Te amaria, Senhor.”

O PASQUIM – Mas existe ou não existe inferno hoje em dia?

DOM HELDER – O inferno continua. Mas, é preciso notar que a igreja sempre ensinou que a condenação exige persistência no pecado mortal. Ora, o que é o pecado mortal? O pecado mortal supõe reunidas três condições que não são fáceis de se realizar: matéria grave, quer dizer, não é qualquer tolice, qualquer falha; a plena advertência, e perfeito consentimento. Eu digo a vocês, eu estou com 61 anos de idade e eu não tenho assim muita certeza de sair encontrando pecados mortais no meio do caminho graças a Deus, é muito mais raro que se imagina. Durante um certo tempo, eu lembrei de Pascal que distingue os pecados entre os fracos e os pecados entre os fortes. Ele distingue entre os pecados da carne e os pecados de orgulho. Aí eu comecei com um profundo interesse humano a observar o orgulho. É mais fácil observar o orgulho dos outros. Eu verifiquei que quando o sujeito está se exibindo, está se pavoneando, ele se torna tão ridículo que eu fico com a esperança de que não é possível que ele esteja de plena advertência. Então um dia eu cheguei a pensar, quem sabe, houve pecado mortal daqueles que estavam no calvário. Afinal de contas, eu tenho certeza de que um dia me serão pedidas contas por que eu me encontrei em João XXIII. Imagine encontrar Cristo. De repente, aquele grupo viu, ouviu, assistiu a milagres. E depois fez pior que matar a Cristo. Deixaram-no despido, escarraram no rosto. E quando eu penso que ao menos aqueles vão ser castigadas, eu ouço Cristo dizer: “Pai, perdoai, eles não sabem o que fazem.” então eu digo, eu tenho muita esperança de que o dogma do inferno que existe para nós tenha um grande efeito pedagógico. Porque uma grande parte da humanidade caminha mesmo é pensando em recompensas, pensando em castigos. Afinal, eu tenho

ANEXO C

grandes esperanças de quê haja enormes surpresas na outra vida. Vamos descobrir um dia que Deus é muito mais humano que os homens.

O PASQUIM – Ficando aqui mesmo na vida terrena, aqui na terra, o Sr. acha que a confissão sobrevive?

DOM HELDER – A confissão é uma necessidade humana. Não conheço alguém que não se confesse. Não conheço ninguém que não tenha necessidade de abrir o seu íntimo ponto a diferença é que uns se confessam a um amigo. Outros, procura um sacerdote o que você pode indagar é se a confissão, como nós chamávamos, auricular, feita individualmente e, se ela persistirá. Devo dizer que o essencial é que haja arrependimento. E haja depois uma palavra de perdão transmitida em nome de Deus.

O PASQUIM – Dom Helder, o Sr. viu um filme ou leu o livro chamado *As Sandálias do Pescador*?

DOM HELDER – EU li o livro e vi o filme.

O PASQUIM – O Sr. Acha profética aquela figura do Papa no filme?

DOM HELDER – O que há é uma consubstanciação de um desejo que eu creio ser de todos. Todos desejam uma igreja servidora e pobre. uma igreja a serviço de todos e despojada de bens materiais. O grande drama é que nós estamos dentro de um sistema. Dentro de uma engrenagem capitalista, e é claro que dentro desta engrenagem chega um momento em que nada se faz sem se utilizar meios.

O PASQUIM – O Sr. Está justificando, de uma certa maneira, que a Igreja católica tem participação nos grandes monopólios?

DOM HELDER – Eu não estou propriamente justificando. Não me cabe justificar. Eu estou procurando entender.

O PASQUIM – No bom sentido, o sr. explica, mas não justifica...

DOM HELDER – Você, por exemplo, como jornalista, se bate por uma imprensa livre. Você sabe que é verdade que a imprensa é dolorosamente uma escrava do poder econômico. De maneira que são essas contingências. Nós estamos aqui nessa conversa, ela sairá ou não. Veremos até onde começam os interesses da imprensa, porque existe uma engrenagem.

O PASQUIM – Eu concordo. Apenas não sei se devemos receber como um elogio, ou como critica, o fato de o Pasquim já está sendo considerado uma empresa. Eu arrisco pelo segundo, pois não concordo muito com o chamado “espírito empresarial”. Mudando de assunto, o Sr. tem sido alvo de vários ataques. Qual é o seu método de defesa pessoal?

DOM HELDER – Eu, em geral, tenho cuidado através de amigos de acompanhar o que dizem de critica a meu respeito. Sobretudo o que há de essencial nas críticas. Porque todos somos falíveis e humanos. Devemos aproveitar o que há de positivo, o que há de construtivo nas críticas. Agora, eu, pessoalmente, adoto um sistema, certo ou errado: à medida que eu

ANEXO C

sei que há amigos que leem para mim, o que se escreve a meu respeito, adoto este sistema cada vez que aparece o meu nome numa Manchete: eu faço mais do que uma leitura dinâmica, superdinâmica. Apenas de raspão. Isso porque se for ataque, o fato de eu não ler de gota a gota me protege contra qualquer amargura. E uma das minhas riquezas, da qual eu não quero abrir mão, pois me dá saúde, me dá alegria interior, me dá paz, é não carregar nenhum travo dentro de mim. Agora, também evitando ler, caso seja elogio, eu estou me protegendo porque facilmente nós acreditamos nos elogios. E quando uma criatura acredita no próprio valor, está descendo de cabeça para baixo. É esse sistema que eu adoto.

O PASQUIM –Entre os detratores oficiais, o mais veemente é Nelson Rodrigues. O Sr. Absolveria as confissões de Nelson Rodrigues?

DOM HELDER –Nelson Rodrigues, quando eu estava no Rio, era amigo do dr. Alceu, que um dia me aproximou de Nelson. Então ficamos amigos muito chegados. De maneira que eu conhecia bem o pensamento, os livros a obra de Nelson. Agora, de repente, houve uma virada. Mas, a meu ver, Nelson, o que é um homem profundamente impulsivo, apaixonado, ele é incapaz de atacar com essa rudeza quando não existe uma amizade profunda. Ele no íntimo, no íntimo, tem uma amizade da qual ele não se cura. Uma amizade aqueles a quem ele ataca com mais rigor.

O PASQUIM –O Sr. Acha que ele é um mau-caráter?

DOM HELDER – É difícil julgar as criaturas. Eu acho quase impossível julgar as intenções dos homens; de qualquer maneira, eu tenho muito medo. Cristo disse que nós seremos julgados conforme julgamos. Eu prefiro dizer isso: acho que Nelson Rodrigues investe contra as criaturas com quanto mais rudeza quanto mais no íntimo ele tem amizade.

O PASQUIM – Mas a que o Sr. atribui essa virada de Nelson Rodrigues, de amigo para inimigo?

DOM HELDER –Talvez alguma decepção que tenha causado a ele. É tão difícil a gente saber em que medida, às vezes, se decepciona um amigo. Eu não penso tanto em culpabilidade dele, talvez tenha sido culpabilidade minha. Ele se chocou com alguma coisa minha. É claro que se ele tivesse tido a oportunidade de uma conversa, talvez se eu tivesse continuado no Rio, talvez eu mesmo tivesse reconhecido alguma falta ou algum equívoco que eu tivesse cometido.

O PASQUIM – Em nível de província, a qual atribui os ataques que lhe fez Gilberto Freyre?

DOM HELDER – De novo eu digo que é muito difícil a gente julgar as intenções. Um dia, eu sempre na minha adolescência, como os brasileiros de minha idade, andei lendo Gilberto Freyre. *Casa Grande & Senzala* foi um livro que toda geração leu. Então eu tinha uma natural admiração por Gilberto Freyre. Mas aquele Gilberto, humano, compreensivo,

ANEXO C

brasileiro. Então, de repente o que eu começo a ver é outro Gilberto Freyre, depois de 64. Meio odiento, farejador de pessoas comprometidas, anti-revolucionárias, sei lá o quê. Então, a princípio, eu tentei dizer isso, pessoalmente. Lembro-me muito bem que fiz mais de uma tentativa de dizer isso em termos pessoais. Um dia, fui obrigado a dizer numa carta aberta. Eu me lembro que eu dizia que entre o primeiro Gilberto e o segundo, eu ficava com o primeiro. Eu não deixo de admirar profundamente o primeiro Gilberto Freyre. O que eu espero é que um dia, mais hoje, mais amanhã, o primeiro, autêntico, jogue o segundo pela janela.

O PASQUIM – De que andar?

DOM HELDER – Eu digo, o Gilberto odiento. Porque de fato aquele não é o autêntico Gilberto.

O PASQUIM – Qual a crítica que mais lhe incomoda?

DOM HELDER – Para lhe ser verdadeiro, eu vou lhe dizer uma coisa que pode parecer cabotino. Mas é profundamente verdadeiro. Eu considero, dentro do plano espiritual em que eu me coloco, eu me considero devedor daqueles que me atacam.

O PASQUIM – Então o Sr. Deve estar com o passivo muito alto na praça.

DOM HELDER – E a razão é que nós somos fáceis demais de acreditar em elogios. Eu sou muito elogiado, principalmente porque há muita gente boa que exagera, sobretudo gente simples, humilde. Então eu considero uma graça de Deus que haja aqueles que contrabalançam os elogios com ataques. E ataques até às vezes duros, muito perigosos. Por que há ataques fáceis de serem aceitos pelo povo humilde. mas, Deus sabe que eu estou dizendo a verdade, uma verdade profunda quando estou dizendo que sou grato aqueles que contrabalançam o exagero dos corações amigos com ataques.

O PASQUIM – Os jornais publicaram que o *Osservatore Romano* lhe havia feito algumas críticas.

DOM HELDER – Quando eu estive recentemente com o Santo Padre, um jornal de Milão, no jornal altamente conservador, público ou que eu teria declarado que na minha conversa com o Santo Padre ele me teria autorizado a promover um entendimento entre a loreya e o governo. Evidente que é uma coisa profundamente ridícula sem sentido ponto e acerto jornais que adiantam colocações só para depois colherem os necessários desmentidos. É claro que todos nós, o *Osservatore Romano*, eu, temos que dizer que não era verdadeira, eu não trazia nenhuma missão. E para a qual eu era o menos indicado.

O PASQUIM – Foi a mesma coisa quando os jornais locais divulgaram que o Sr. Teria sido indicado para Catedral-primas. Publicaram que o Sr. seria o novo cardeal, somente para depois mandarem o desmentido.

DOM HELDER – É muito difícil julgar as intenções, mas às vezes a impressão que se tem

ANEXO C

é essa: é que uma boa maneira de "qualquer", é lançar. Lançou, encher o balão, só para ter em um gosto depois de furar.

O PASQUIM – E como vão as intenções Igreja x Jovens?

DOM HELDER – Bem, eu entendo de maneira mais ampla: Igreja e Jovens. Porque não penso só em termos de catolicismo ou cristianismo. Penso nas grandes religiões do mundo. No budismo, hinduísmo, judaísmo. Hoje, eu tenho a impressão que há da parte de todas as grandes religiões um grande desejo de, sem esquecer a vida eterna, levar em conta que vida eterna começa aqui neste chão dos homens. Então está sendo mais fácil, ao meu ver, o diálogo com os jovens. Por que o que marca a juventude de hoje é uma sede de autenticidade, ela exige autenticidade. Ela com muito mais facilidade entende fraquezas, fraquezas grandes. Agora, ela não aceita hipocrisia. Ela exige daqueles que se dizem religiosos, sobretudo os que se dizem ministérios, pastores, que sejam autênticos. E depois, a juventude de hoje, que eu encontro um pouco por toda a parte, sem fome e sede de justiça. Querem um mundo mais humano. Isto é, também hoje, uma preocupação de todos os homens que se filiam as igrejas. É claro que eu me refiro ao movimento inovador. E há um pouco deles em todas as religiões.

O PASQUIM – Alguns observadores dizem que este movimento renovador é minoritário dentro da igreja católica. Estaria havendo uma guerrilha Cardeal Suenens e Vaticano?

DOM HELDER – Não existe essa oposição Suenens/Papa. O que eu noto, quando viajo, é que há uma maioria que não se move muito. É comunista.

O PASQUIM – A maioria silenciosa que apoia Nixon?

DOM HELDER – Depois, há uma extrema-esquerda que muitas vezes se choca com a Extrema direita. E há – perdoe a propaganda – o que eu chamo de minorias abraâmicas ponto são minorias que querem um mundo mais humano, mas justo com condições e paz.

O PASQUIM – Estás minorias abraâmicas na América Latina ficaram chocados com as declarações de Paulo VI, em Medellín, diante de camponeses famintos? Disse Paulo VI: Nem só de pão vive o homem.

DOM HELDER – a imprensa muitas vezes, ou pela pressa quando o jornal é feito, ou às vezes por interesse do poderio econômico, que está por detrás da Boa vontade dos repórteres, dos jovens jornalistas, muitas vezes deforma os discursos e as declarações mais completas. Por exemplo, o Papa fez numerosas declarações em Bogotá. No mínimo, 18 discursos. Quando a gente lê os jornais, ou certo jornais, aparecem frases isoladas, pensamentos desfocados que davam uma impressão horrível. Quando se abriu a reunião da hierarquia latino-americana, em Medellín, o bispo brasileiro, Dom Avelar Brandão, presidente do Celan, fez um discurso, a meu ver, um modelo de interpretação. Ele estudou o conjunto dos discursos do Paulo VI, em Bogotá. E dentro do pensamento total de Paulo VI.

ANEXO C

Por que uma pessoa irresponsável pode fazer afirmações em 1969 e em 1970 dizer o contrário. Com o Papa, é claro que há uma sequência, uma linha de pensamento, de doutrina. Tanto que não se pode isolar o pensamento de um papa, dos outros. Há uma linha dentro da igreja então quando se ouve o conjunto das declarações de Paulo VI, em Bogotá, ah! Como elas nos ajudaram. É uma injustiça isolar aqui e acolá frases, e dá a impressão de que ele assumiu em Bogotá uma atitude diferente da sua *Encíclica Populorum Progressio*.

O PASQUIM – No seu entender, o sermão ainda comunica?

DOM HELDER – Depende do que você chama sermão. Porque hoje a da parte dos padres um desejo grande de renovar a pregação. Já não há mais aquela oratória solene, em que a mão ficava assim tremendo, já não há mais afirmações sonoras, solenes, redondas.

O PASQUIM – Porque Sr. Há de convir que existem sacerdotes que são bons oradores e sacerdotes nada brilhantes.

DOM HELDER – Evidente. Há muito mais, hoje, o tom de uma conversa. No bom sentido, é o estilo jornalístico que vence.

O PASQUIM – O Sr. Fez algum curso de oratória?

DOM HELDER – No seminário a sempre lições de retórica posso dizer mesmo a você que hoje cabe dentro da renovação litúrgica, dentro da liturgia da palavra, cabe uma meditação em que a palavra do sacerdote é completada pela palavra dos participantes do sacrifício. Muitas vezes o padre, após ler o trecho do evangelho, pede aos fiéis que querem fazer qualquer comentário, o façam com toda a liberdade. Em resumo: seu irmão é hoje uma preocupação de todos os que são obrigados a pregar. A um desejo sincero da parte dos bons, sobretudo dos jovens sacerdotes, de falar uma linguagem mais direta e atualizada em lugar de ficar empregando uma doutrina desligada da vida, partir da vida real. Você não alcançou o vírgula mas era costume se fazer citações nos sermões em latim, quando não, em grego.

O PASQUIM – A propósito Dom, o senhor, que sabe grego, lê Roberto Campos no original?

DOM HELDER – Ah, ah, ah.

O PASQUIM – Eu tenho duas perguntas passadas, que não ficaram bem Claras. A primeira, refere-se ainda as sandálias do pescador. O Sr. Acha um filme profético?

DOM HELDER – Para mim, o mais importante que o despojamento dos bens por parte da igreja, naquele filme é a posição em face da Paz. Porque eu creio que quando a gente vê no filme os primeiros-ministros da Rússia soviética e da China vermelha se encontrar em uma tentativa de salvar a paz... E lembre-se de que talvez a igreja pudesse fazer qualquer coisa com tu ao menos, é o pensamento do Premier Russo. No fim, é curioso a gente ver que, na hora em que o Papa está falando, o premier chinês também está acompanhando pela TV Então isso que eu acho que é profético. É profético que o mundo marchará em uma escala de

ANEXO C

violência. Chegará o momento em que teremos que apelar para a força moral. Eu não tirei só o cristianismo. Eu acho que as religiões todas se interessam pela paz, mas sabem que não haverá paz sem justiça, elas um dia tem que ajudar a união de todos os homens de boa vontade para impedir uma catástrofe para o mundo.

O PASQUIM – A outra pergunta que ficou perdida é sobre a exigência que o sr. falou dos jovens por um mundo mais humano. O Sr acha que sob o capitalismo se poderá conseguir um mundo mais humano?

DOM HELDER – Bem, dentro dos atuais regimes não é possível uma maior humanização. Nem do lado capitalista nem do lado socialista. Do lado capitalista, não, porque o regime é, a meu ver, criador de misérias. É fabricante de miséria e o pressão. Depois o que se quer fazer no neocapitalismo é somente ajuda sem coragem de ir à essência, de pensar em termos de justiça. Agora, infelizmente, dentro do mundo socialista, os modelos socialistas que estão aí são também muito desumanos nos outros aspectos. Porque eles se entendem na defensiva, então querem impor a força os seus dogmas. E eu já disse que, ao meu ver, o mal não é haver dogmas, mas querer impor a força os dogmas. Então existe todo este clima de ditadura. A gente sabe das pressões existentes no mundo capitalista, mas afinal de contas, apesar das forças ocultas do poderio econômico, eu ainda consigo ir às universidades Americanas e dizer verdades graves, gravíssimas, sobre os Estados Unidos. Eu vou ao Canadá, aos países do mercado comum europeu. Agora, quando é que eu poderia ir dizer estas verdades em Moscou, em Pequim?

O PASQUIM – O Sr. Já foi convidado a ir a Cuba?

DOM HELDER – Em Cuba também não haveria a menor margem para dizer a verdade. Não tenho a menor ilusão. Eu digo, por exemplo, suponhamos que eu chegasse em Havana e dissesse que a meu ver não foi solução simplesmente mudar de órbita, mudar de padrão. Eu poderia dizer isto em Havana?

O PASQUIM – O Sr. Em sua consciência acha que o único fenômeno ocorrido em Cuba, após a revolução, foi a mudança de padrão?

DOM HELDER – Eu não digo apenas isto, mas digo que o preço apagar é muito caro. Por exemplo, quando vejo o que está havendo no Vietnã. O que é o Vietnã? É um campo de batalha onde dois impérios se defrontam. Lá estão os Estados Unidos se chocando com a China vermelha que embora não tenha soldados propriamente é claro que há todo um poderio que está ajudando o heroísmo do povo do Vietnã. Mas amanhã, amanhã, é claro que a China vermelha vai cobrar seu preço à Frente Libertadora Nacional. De forma que digo a você, eu creio que o mundo marcha para uma socialização. Agora, o que é importante é que os homens de boa vontade do mundo inteiro, os homens que sonhamos com um mundo mais humano, tenhamos a coragem de sermos exigentes para com os dois blocos, os dois

ANEXO C

impérios. Porque eu acho tão desumano os impérios capitalistas como os impérios socialistas do momento. Não vejo nenhum modelo que me tranquilize. Acho que em todos eles há um clima de ditadura, de suspeição, que eu considero e respirável.

O PASQUIM – Um comentário que o Sr. fez há algum tempo sobre *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, de Plínio Marcos acabou a tradicional família nordestina. Hoje, a pornografia volta ao debate. O sr. podia explicar novamente?

DOM HELDER – Eu tenho a impressão de que há pessoas que, sinceramente, porque foram formadas assim, inclusive, formadas por sacerdotes, preocupam-se muito com a moral sexual. Ora, claro que a pureza tem seu sentido. Mas não vamos esquecer que a caridade é incomparavelmente maior que qualquer virtude. Nenhuma virtude vale sem o amor. Então, eu quando vejo decretos, medidas sobre pornografia, eu fico pensando se elas tem sentido enquanto não houver clima para salvaguardar o essencial que são, por exemplo, os direitos humanos que continuam pisados. Vamos primeiro zelar para que eles sejam respeitados, isto é que é moral profunda. Depois, então é que vamos nos preocupar com outros aspectos da moral.

O PASQUIM – Há também um elogio que o sr. fez aos Beatles que tem preocupado muito a Nelson Rodrigues.

DOM HELDER – Trata-se de um discurso que fiz para universitários ingleses em Manchester, em fevereiro de 1969. Aproveito para dizer a vocês que não respondo, não posso responder pelo que a imprensa diz que disse ponto nem sempre se trata de deformação proposital, mas, às vezes você sabe o que é jornalista: já apanhar notícia na pressa, uma língua diferente. Há todo um sofrimento do repórter que às vezes vê sua notícia deformada.

O PASQUIM – E muitas vezes nem vê a notícia.

DOM HELDER – O que foi que eu disse na Inglaterra? O que eu disse foi isto: a Inglaterra era o país dos Beatles, foi lá que começou a reação dos jovens e que era preciso entender o que havia de fundamental no protesto dos Beatles. Eu vejo, por exemplo, mesmo universidades nos Estados Unidos que diante da contestação dos jovens – porque os jovens por vezes vão longe – eu vejo que mesmo universidades que estão cheias de sociólogos, psicólogos, educadores, não encontram meios de dialogar com a juventude. E só encontra um meio: pedirem poderes extraordinários. E hoje a universidades que já podem declarar estado de emergência. Então, o que disse foi isto: tenhamos inteligência, tenhamos coragem, tenhamos amor diante do protesto dos jovens, porque na medida em que formos examinar as causas deste protesto, remediar as razões desta revolta, verificaremos que há muito de justo nesse protesto, embora a maneira de protestar seja errada, por vezes.

O PASQUIM – Nelson Motta certa vez publicou que talvez surgisse uma nova dupla de compositores: Hélder Câmara – Chico Buarque. O que é que existe de sim ou de não sobre o

ANEXO C

fato?

DOM HELDER – Cada um de nós tem sua maneira de pensar e meditar. A minha é de madrugada. É na madrugada que rezo. Rezar, para mim, é pensar em Deus, dar um balanço no dia que passou. É pensar no que houve na cidade, na região, no país, no mundo. Então muitas vezes eu resumo certos pensamentos naquilo que eu chamo meditações. Alguns amigos chamam poemas e andaram musicando ou quiseram musicar algumas delas. É isto talvez aqui esteja aludindo o Nelson Motta Filho, que é um jovem filho de um dos meus queridos eternos amigos: Nelson Motta, pai.

O PASQUIM – O Sr. Aceitaria se Chico quisesse musicar as suas meditações?

DOM HELDER – Chico não precisa de letra de ninguém. Chico é poesia viva, Chico não é só música. É poesia no olhar, nos gestos.

O PASQUIM – Então, nota 10 para Chico. E para Caetano Veloso?

DOM HELDER – Você já está me pedindo notas. Eu tenho muito medo de cair nesse julgamento dos homens.

O PASQUIM – Mas, não se trata de julgamento moral. Mas, da arte deles

DOM HELDER – Digo a você, eu tenho uma tal simpatia humana por tudo que a criatividade. De saída, tenho simpatia por todos os criadores, de todas as escolas, de todos os movimentos.

O PASQUIM – Por falar em movimento, que é que o Sr. está fazendo atualmente na arquidiocese? Vamos abrir agora uma pausa para o seu “comercial”.

DOM HELDER – Neste momento estamos com um trabalho de evangelização em uma linha que me dá uma enorme esperança. Cada segunda-feira tem um programa pela rádio Olinda, encontro de irmãos, que é escutado por grupos que se reúnem em torno de um monitor. Os grupos escutam o evangelho, o comentário do bispo e em seguida, ajudados por um boletim, eles debatem, levantam questões. Então, quando faço visitas pastorais, os monitores e os párocos preparam o programa. Puxam luzes, eu subo em um caminhão e faço a pregação. Eu vou ao alto do Pascoal, - lá há um pároco, o Padre João Muscatti, mas no alto de Santa Terezinha eu tenho ou Manoel de Almeida, um simples homem. Passo parte da tarde e da noite visitando cada casa, entrando em todos os lares, católicos ou protestantes. Eu sei que por volta das 7 horas, participo da ceia humilde preparada pelo monitor do lugar. Cada noite é um lugar diferente, ainda ontem estive na rua da Vitória, anteontem no córrego João Francisco. Hoje vou para o alto do Pascoal. Amanhã, para o córrego da Padaria. Então, são os humildes evangelizar anos humildes. Ontem, na rua da Vitória, foi o monitor João. É um analfabeto, mas tem um senso evangélico. Ele escuta a palavra de Deus e sabe comentá-la contar o espírito de fé que é um pregador admirável. No domingo de Ramos, vamos em procissão da paróquia da casa amarela para o morro da

ANEXO C

Conceição. Lá, entre as centenas de monitores da arquidiocese eu entregarei diplomas – aos sessenta monitores – que estão mais à frente, o que são apóstolos, não só com a palavra, mas com a vida...

O PASQUIM – Dom, tive uma ideia criadora. O senhor não quer dar nota ponto para conciliar, o senhor dará notas em suas próprias obras. Lá vai: feira da providência...

DOM HELDER – A feira é de providência não é minha, você mesmo está dizendo que é da providência.

O PASQUIM – Mas foi criação sua, que nota eu daria a ela?

DOM HELDER – A feira é de toda uma equipe admirável e ela continuou foi porque encontrou da parte do cardeal Câmara compreensão e apoio.

O PASQUIM – Ele não dá nota pra ninguém...

DOM HELDER – A feira da providência realiza um bem muito grande através do banco da providência, que vive o ano inteiro do resultado da feira. É uma coisa maravilhosa o resultado, em dois dias e meio, o ano passado, a feira obteve 2 milhões e meio de cruzeiros novos. Esse dinheiro é aplicado de maneira tão feliz pelo banco da providência que dá gosto colaborar na feira.

O PASQUIM – Então, nota 10. A mudança dos favelados para apartamentos na lagoa, que nota tem?

DOM HELDER – A meu ver, a intenção que se tinha em vista valeu. O que se pretendia era chamar a atenção para o problema. De fato, embora a Cruzada São Sebastião não tivesse sido a primeira a pensar no caso – mas a cruzada chamou atenção. Depois, o governo em grande parte assumiu a problemática da habitação popular, embora haja falhas na realização, sobretudo no sistema de pagamento. Não digo que a gente tenha criado, mas talvez ajuda colocar o problema.

O PASQUIM – Quero fazer aqui um registro a parte. é que os problemas de habitação popular em Pernambuco, por causa dos pagamentos e correções, falhou a tal ponto, que em cidades de turismo, as casas destinadas A famílias de salário-mínimo foram transformadas em casa de campo para turistas.

O PASQUIM – Nota para a Operação Esperança, em Pernambuco..

DOM HELDER – Ela hoje recebeu nota, não de minha parte, mas do governo do Estado que a reconheceu como de utilidade pública .

O PASQUIM – Para encerrar, Dom , como é a vida de um arcebispo?

DOM HELDER – Hoje, depois do Vaticano II, a vida de um arcebispo é bem diferente da vida dos arcebispos de antes de João XXIII. Não quero dizer que somos melhores, mais humanos, mais bispos que os nossos antecessores. Venceu no Concílio a ideia que é profundamente evangélica, de que autoridade na igreja deve significar serviço. Então, hoje

ANEXO C

há muita preocupação de o bispo não pensar nem por sombra em termos de autoridade. A toda uma aparência que caiu muito. Hoje, por exemplo, quando a gente assiste uma reunião de bispos, já se contam aqueles que aparecem de solidéu vermelho, e faz o vermelha, de Cruz de ouro cravejada de pedras, de anéis complicados. Tudo isso pode parecer muito simples demais, mas nós, criaturas humanas, vivemos muito em sinais. É verdade que esse sinais externos nada valem se não forem sinais de interioridade mais profunda. Mas, também os sinais ajudam. Ora, o próprio Papa foi de uma habilidade enorme, nos levando, a nós, bispos do mundo inteiro, a simplicidade.

O PASQUIM – O Sr. Quando diz “o próprio Papa” é o Papa João XXIII ou Paulo VI?

DOM HELDER – Os dois. Foi o Papa Paulo VI quem, um dia, com uma enorme habilidade, ofereceu aos bispos do mundo inteiro um novo anel. Um anel que não é de ouro. É uma lembrança do concílio. Ele fez a mesma coisa em Medellín com a cruz. Eu já tinha a minha, de madeira. Aliás, em uma ocasião, uma autoridade e estranhou que eu tivesse uma cruz de madeira. Foi uma autoridade governamental. Perguntou, com certo ar de zombaria, se agora as cruzes eram assim. Eu respondi no mesmo tom, perguntando se ele tinha certeza de que Cristo havia sido pregado numa cruz de madeira. Quem sabe, não teria sido numa de ouro? Bem, eu volto a dizer, esses são apenas sinais externos. Mas, hoje há da parte dos bispos o desejo de não impor a própria autoridade. Pelo contrário, ou vem cada vez mais o seu laicato, os seus leigos. Hoje, o número de bispos que pretende resolver tudo sozinho e agir com base no intimidamento e excomunhões e suspensões, tudo isso me parece coisa do passado. O bispo hoje tem que ser uma criatura que sabe que está a serviço do mundo inteiro deve ser um irmão dos seus irmãos, embora um irmão mais velho. Deve ser irmão do povo, deve estar aberto ecumenicamente aos irmãos protestantes e até esse ecumenismo tem um sentido mais largo, Porque a própria igreja que nos leva a dialogar com todos os homens de boa vontade inclusive com os ateus. []